

Luciano Teixeira

**A IDENTIDADE DAS VÍTIMAS NA REPRESENTAÇÃO
DA VIOLÊNCIA NO TELEJORNALISMO: A
COBERTURA DO JN E DO PROFISSÃO REPÓRTER NO
TERRITÓRIO DOS MORROS CARIOCAS**

**Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Juiz de Fora, 2013**

Luciano Teixeira

**A IDENTIDADE DAS VÍTIMAS NA REPRESENTAÇÃO
DA VIOLÊNCIA NO TELEJORNALISMO: A
COBERTURA DO JN E DO PROFISSÃO REPÓRTER NO
TERRITÓRIO DOS MORROS CARIOCAS**

Dissertação apresentada em cumprimento
parcial às exigências do Programa de Pós
Graduação em Comunicação Social da UFJF-
Universidade Federal de Juiz de Fora, para
obtenção do grau de Mestre.
Orientadora: Prof.^a Dra. Iluska Coutinho

**Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Juiz de Fora, 2013**

Teixeira, Luciano.

A identidade das vítimas na representação da violência no telejornalismo: A Cobertura do JN e do Profissão Repórter no território dos morros cariocas. / Luciano Teixeira. – 2013.

200 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

1. Comunicação. 2. Identidade. 3. Telejornalismo. 4. Cobertura.
5. Vítima. I. Título

Luciano Teixeira

**A IDENTIDADE DAS VÍTIMAS NA REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO
TELEJORNALISMO: A COBERTURA DO JN E DO PROFISSÃO REPÓRTER
NO TERRITÓRIO DOS MORROS CARIOCAS**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora, para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dra. Iluska Coutinho

Banca de dissertação de mestrado realizada em 28/02/2013, pela seguinte banca examinadora

Profa. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho (PPGCOM-UFJF) - Orientadora

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana (PPGCOM-UFJF) - Convidado

Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello(UFRGS) - Convidado

Resultado obtido: _____

Juiz de Fora
Fevereiro de 2013

A minha mãe Yolanda Teixeira (in memoriam) e ao meu pai Darcy Teixeira; pelos anos de dedicação e carinho.

A todos que como eu compartilham a paixão pelo jornalismo, especialmente o de televisão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - DELIMITAÇÃO DOS OBJETIVOS, METODOLOGIA E JUSTIFICATIVA	9
CAPÍTULO I. A CIDADE PARTIDA: O MORRO E A PRAIA NA CONFORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO CARIOCA	15
1.1 O Rio de Janeiro do Período Colonial	16
1.2 O Rio de Janeiro do Império, do início da República e o surgimento das favelas	18
1.3 João do Rio: a alma encantadora das ruas. Visões da malandragem e da cidade no século XX	20
1.4 O Rio de Janeiro do carnaval, das festas e das marchinhas	24
1.5 O Rio de Janeiro “idílico” das décadas de 40, 50 e a primeira parte da “Cidade Partida” de Zuenir Ventura	26
1.6 A cidade dos anos 60 e 70 e a Ditadura Militar	29
1.7. Os anos 80	32
1.8 O “Rio purgatório da beleza e do caos” e “a cidade partida dos anos 90”	34
1.9 O Rio do século XXI, um recomeço e uma história ainda a ser contada...	37
CAPÍTULO II . TELEVISÃO E SOCIEDADE	38
2.1 Televisão e sociedade	39
2.2 Laço social	44
2.3 Televisão, representação e identidade	47
2.4 Telejornalismo e real/reconhecimento	49
2.5 Telejornalismo no Brasil: Dramaturgia	57
CAPÍTULO III . O TELEJORNALISMO E (RE) CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS MORROS CARIOCAS	64
3.1 Narrativas e atores sociais	65
3.2 A construção de cidade e da cidade do Rio no “lócus midiático”	70

3.3 O lugar do “eu” e do “outro” no morro e no asfalto	75
3.4 O Jornal Nacional, o Profissão Repórter e a (re) construção da identidade dos morros cariocas.	80
3.4.1 O Profissão Repórter	80
3.4.2 O Jornal Nacional	84

CAPÍTULO IV . A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DAS VÍTIMAS NA NARRATIVA SOBRE PACIFICAÇÃO E VIOLÊNCIA POR ARMA DE FOGO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO

4.1 O A narrativa dos conflitos urbanos e a dramaturgia telejornalística presente nas matérias - análise do discurso informativo	94
4.2 Ações da narrativa telejornalística	102
4.3 O uso de entrevistas nos telejornais: diálogos presentes e ausentes	106
4.4 O espaço dado ao morador como personagem efetivo da trama e o discurso desses moradores versus a autoridades e especialistas	108
4.5 O papel do jornalista como espectador, personagem, e produtor de conteúdo na abordagem dos assuntos e as afirmações textuais presentes nas reportagens analisadas	124
4.6 A edição das matérias – “o dizer e o não dito” e a videoclipping	133
4.7 O processo de pacificação nos morros cariocas e o discurso presente por detrás dele nas matérias analisadas no JN	141

CONCLUSÕES

147 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

190

ANEXO: O TEXTO DAS REPORTAGENS ANALISADAS NO JORNAL NACIONAL E NO PROFISSÃO REPÓRTER

163

RESUMO

Nos telejornais e programas de reportagem a temática da violência nas grandes cidades está presente com grande frequência. Por meio de imagens e textos os noticiários televisivos ajudam a construir a imagem da sociedade sobre segurança, território, morros, áreas de risco, assim como dos personagens que habitam esses espaços. Nesse trabalho a proposta é analisar a representação dos morros cariocas em narrativas jornalísticas tomadas como referência para a construção do imaginário sobre os morros cariocas, e relacioná-las à recente cobertura midiática sobre os conflitos entre polícia e traficantes e o processo de reocupação, retomada ou pacificação do Morro do Alemão e da Favela da Rocinha no Rio de Janeiro. Como método de investigação empírica realizou-se a análise de edições de *Jornal Nacional* e *Profissão Repórter*, em busca da identidade das vítimas da violência que emergiu naquela dramaturgia do telejornalismo.

Palavras-chave: Comunicação, Identidade, Telejornalismo, Cobertura, Vítima

ABSTRACT

In TV news and reporting programs the issue of violence in large cities of Brazil is present with great frequency. Through images and texts the television news help build the image of society in different aspects: security, territory, hills, areas of risk, slums, as well as the characters that inhabit these places. In this work the proposal is analyze the representation of Rio hills and slums in journalistic narratives taken as a reference for the construction of the imaginary over these places, and relate them to recent media coverage about the conflicts between police and traffickers and the process of reoccupation or peacemaking in *Morro do Alemão* and *Rocinha* Slum in Rio de Janeiro. As a method of empirical investigation conducted to analyze issues of *Jornal Nacional* and *Profissão Reporter*, in search of the identity of victims of violence that emerged in this kind of television journalism drama.

Keywords: Communication, Identity, TV Journalism, Coverage, Victim

INTRODUÇÃO

DELIMITAÇÃO DOS OBJETIVOS, METODOLOGIA E JUSTIFICATIVA

Por que noticiamos tanto a tragédia? Por que esse tipo de notícia é prioridade em muitos telejornais que não tratam especificamente da violência? Como essas vítimas são retratadas no contexto da matéria jornalística? Como é a visão dada pelo telejornal ou programa jornalístico sobre essas comunidades? Temos clareza e tratamos de forma consensual o objeto da comunicação? Noticiar um fato é escolher palavras em detrimento de outras, mostrar uma visão de mundo apreendido que é própria de cada jornalista. Por isso, quando ouvimos a frase dita nos bancos da faculdade de comunicação – a de que as notícias e os jornalistas têm que ser imparciais – é preciso prática para nos darmos conta da complexidade desse processo. Talvez hoje esse entendimento seja um pouco diferente e a frase seja outra: a de que não há imparcialidade, mas sim, isenção! Todos esses ensinamentos e reflexões encontram diversos tons e “*degradês*” no cotidiano da cobertura nas ruas. A correria do dia-a-dia, a pressão do *deadline*, a visão dos editores, chefes e outras pressões exercidas dentro dos próprios veículos de comunicação transformam ainda mais o conteúdo do que é dito, do que vai ao ar.

A notícia que vai ao ar é um produto coletivo – de pauteiros, produtores, repórteres, editores de texto e imagem. Diferentes visões, muitas reflexões e um produto final. E o que é ser isento quando temos uma matéria a transmitir, quando somos a voz e a visão de um veículo de comunicação que nos paga para dar a versão dos fatos?

Para entendermos esse processo comunicativo recorreremos aos Estudos Culturais. Neles, a televisão é analisada a partir de seu conteúdo e suas diferentes formas de

recepção e apropriação cultural, processos inseridos no contexto social e cultural que nos cercam.

Uma reportagem é construída pela interação/interseção de vários fatores que estão em diversos níveis: dos indivíduos, do sistema social, da ideologia, da cultura, do meio físico e tecnológico e da história. E esses produtos feitos para a televisão marcam o ritmo da vida social. Com certeza, nós jornalistas, temos que estar atentos a esse processo e sua complexidade.

No caso do Rio de Janeiro, da “Cidade Maravilhosa”, essa complexidade nem sempre é fácil de ser entendida. É preciso viver a experiência desse dia-a-dia. Tanta beleza - que deslumbra moradores e turistas - veio acompanhada de uma ocupação urbana complicada, pouco planejada e que resultou no surgimento de inúmeras favelas. Hoje são quase mil catalogadas, de acordo com o IBGE. O resultado disso é uma cidade de contrastes: de um lado regiões de grande beleza urbana e natural. Porém, em muitas dessas regiões nobres, justo ao lado, apareceram essas áreas de ocupação irregular. E essa virou a cara do Rio, uma cidade onde os contrastes estão a olho nu!

E cabe um pouco a nós jornalistas retratar um cotidiano de tantos contrastes, muitas vezes também rico em fatos, novidades. Há dias que parece que uma guerra foi decretada na cidade, tudo é paralisado. Gente correndo, fugindo do tiroteio a caminho do trabalho e claro muitas vítimas desse confronto não declarado, mas que incomoda e muito os moradores da cidade.

Quando tudo está calmo a cidade oferece muitas opções para os visitantes e moradores. Por isso o Rio atrai os olhares de muitos brasileiros e estrangeiros que se encantam com esse pedaço do céu na terra. O problema é que para os meios de comunicação as notícias ruins acabam sobressaindo.

Daí, da cobertura midiática emerge uma separação comum, que vamos discutir ao longo dessa dissertação: o “nós” e o “eles”. A zona sul versus o morro: o território dos bárbaros, a ser conquistado. Uma conquista que em nossos dias tem um nome bastante usado: a pacificação. Uma palavra que já entrou para o imaginário dos brasileiros como o resgate dessas áreas periféricas pelo Estado. Localidades que segundo a própria imprensa estariam perdidas, alijadas dos serviços e alcance do governo.

A partir disso queremos analisar as notícias e as representações das vítimas de violência no Jornal Nacional e no Profissão Repórter. Buscamos construções teóricas sobre a notícia que ajudam a nortear uma investigação empírica do que foi divulgado nesses programas. Nossa intenção é submeter o material audiovisual às análises textual e do discurso para que, com o suporte técnico de autores dos Estudos Culturais e autores ligados ao telejornalismo e análise narrativa, entendermos como são usados recursos para atrair a atenção e emoção do telespectador na veiculação de notícias que retratam as vítimas de violência na periferia do Rio de Janeiro, especificamente em episódios que tratam dos conflitos entre polícia e traficantes e da pacificação dos morros cariocas.

Para dar conta desta tarefa, a princípio será realizada uma análise textual das notícias veiculadas pelo Jornal Nacional e pelo Profissão Repórter, dois dos principais programas de notícias da TV Globo. No caso do JN buscamos reportagens de oito edições que mostraram a pacificação do Morro do Alemão e também da Rocinha. O Profissão Repórter é analisado em outras duas reportagens: Hospital de Guerra e Na linha de Tiro. Numa busca no site g1.globo.com encontramos os dois programas na mesma categoria: telejornais. Mas é bom ressaltar que para muitos estudiosos o JN é um programa de notícias e o Profissão Repórter se encaixa em outra categoria: a de reportagem, o que evidenciaria um outro gênero jornalístico.

Busca-se por meio dessa análise de dois produtos de jornalismo audiovisual de grande audiência e prestígio popular contribuir para a compreensão de como se criam e se consolidam determinadas imagens públicas dessas vítimas de violência. Imagens que são importantes para entender o jornalismo atual.

O trabalho, um estudo sobre a relação mídia-violência, tem como objetivo principal analisar, dentro da linha de pesquisa “Comunicação e Identidades”, quais são os enquadramentos jornalísticos, os retratos de brasileiros vítimas dessa violência. Queremos questionar até que ponto as matérias são fiéis à realidade, o quanto os jornalistas analisam o contexto social dessa “guerra civil não declarada” e como os profissionais podem influenciar na mudança de atitude e da própria dinâmica desse processo, na perspectiva dos dois jornalísticos.

Queremos também debater os meios de comunicação como formas de acesso a visões de mundo e construção de identidades, e o seu papel na elaboração ou não de

estereótipos em relação à violência de uma das principais cidades do país, uma espécie de espelho da realidade nacional.

O trabalho quer elaborar uma análise da “vitimização” da violência, entendida como forma de representação que interfere potencialmente na construção do imaginário de cidadania numa região que é o retrato brasileiro. Por meio da análise textual e de discurso verificaremos como foi construída a imagem dos envolvidos nos conflitos urbanos no Rio de Janeiro. Analisaremos se há espaço suficiente para as declarações/opiniões envolvidas, se o tempo de uma matéria telejornalística e sua narração permitem representações plurais das vozes de cidadãos atingidos pela violência.

Quando optamos pela análise textual e do discurso pretendemos desvendar de que forma os telejornais e programas jornalísticos, como produtos da comunicação de massa, são fundamentais na reconstrução de identidades sociais no mundo atual, entendendo como são construídas essas práticas discursivas.

Por um lado, queremos identificar como esses programas ajudaram a construir a imagem das vítimas de violência e de que modo essa imagem poderia atuar como forma ou estratégia para identificação de uma fatia da população brasileira que dá audiência a esses programas. Além disso, pretende-se avaliar como essa imagem foi (ou não) reconfigurada com os últimos acontecimentos nas favelas cariocas, especificamente o processo de pacificação.

Trabalhamos com a hipótese de que os discursos adotados pelos dois programas abordam o ponto de vista testemunhal destas vítimas de violência sob uma ótica e modelos pré-determinados no telejornalismo brasileiro. Um modelo estabelecido e consolidado dentro da própria TV Globo e que serve como referencial para entendermos as construções de mundo feitas dentro do telejornalismo brasileiro.

E isso estaria presente não só nas sonoras. Dentro da lógica destes jornalísticos o cidadão comum só teria vez sob enquadramentos específicos. Um deles é o que nos interessa enquanto objeto de estudo é quando se torna uma vítima de violência (há outros, como o cidadão consumidor, por exemplo). Falas que em muitos casos são usadas meramente para confirmação dos pontos de vista dos jornalistas e veículos de comunicação dentro da lógica de entendimento dos meios e profissionais envolvidos. Uma lógica que na maioria dos casos estaria um pouco distanciada da realidade destas vítimas e que ao mesmo tempo confirmaria todo um discurso de exclusão destas

comunidades. Um mundo relacionado a toda uma ordem simbólica vigente na sociedade brasileira.

O trabalho foi dividido em quatro interfaces: comunicação/identidade, comunicação/cidadania, comunicação/violência e análise textual e do discurso das matérias.

No primeiro capítulo fizemos um breve histórico da origem dessa cidade: a fundação, as influências e os fatos que marcaram e deram a configuração do que ela é hoje. Também discutimos a geografia do Rio de Janeiro, o desenvolvimento ao longo do século, a tradição de capital cultural do país e os fenômenos que levaram ao aumento da violência na segunda maior metrópole brasileira, analisando como a escalada dos conflitos na cidade criou todo um imaginário do que é a periferia e as favelas cariocas hoje.

No segundo capítulo evidenciamos como os meios de comunicação colaboram para a construção identitária dos indivíduos e como o telejornalismo colabora na construção dos personagens vítimas de violência e as possíveis implicações desse processo. Analisamos questões relacionadas ao direito à informação e à comunicação, buscando compreender como eles são de vital importância para o exercício da cidadania. Trabalhamos com autores como José Marques de Melo, Bernardo Kucinski, Cicília Peruzzo, Murilo César Ramos, Iluska Coutinho, Christina Musse, Itânia Gomes entre outros. Pra falar sobre televisão e sociedade optamos pela abordagem de dois autores: o sociólogo francês Dominique Wolton e um autor dos Estudos Culturais: Edgard Morin.

No terceiro capítulo falamos sobre o telejornalismo e a (re) construção das identidades nos morros cariocas, a narrativa e os atores sociais envolvidos nesse processo. A partir disso abordamos como esse discurso do morro foi construído no “locus midiático” e a separação de dois mundos dentro desse espaço. Discutimos a questão do “eu” do asfalto versus “o outro” do morro e o que isso implica dentro desse discurso de cidade que se reflete na mídia e no material analisado. Depois disso abordamos os dois programas que fazem parte dessa dissertação: o Profissão Repórter e o Jornal Nacional, suas histórias e singularidades e como eles ajudam nessa configuração das identidades nos morros cariocas. Buscamos neste capítulo o suporte teórico de Coutinho e Mendonça pra falar um pouco dessa configuração de cidade e do

uso do drama como suporte dessas descrições. Também utilizamos Foucault, Wainberg, Batista, Bucci, Kehl, Vizeu, Abramo e Rezende entre outros.

No último capítulo, o da nossa confirmação empírica, buscamos identificar o discurso presente nas reportagens do JN e do PR. Fizemos uma análise textual e identificamos partes da construção desse discurso onde há a presença de elementos dramáticos e de justificativa da intervenção dessas áreas em dois momentos: quando o assunto é a pacificação e quando há o confronto entre policiais e traficantes. Procuramos entender as ações da narrativa telejornalística, o discurso na fala dos moradores neste contexto e os diálogos presentes e ausentes. Analisamos o espaço dado ao morador como personagem efetivo da trama e o discurso desses moradores versus autoridades e especialistas. Também discutimos o papel do jornalista como espectador, personagem, e produtor de conteúdo na abordagem dos assuntos. Outro detalhe importante foram as afirmações textuais presentes nas reportagens analisadas. O que justifica o discurso da classe média e dos donos do discurso sobre essas comunidades? Medimos ainda o tempo de fala dos entrevistados e fizemos comparações. Na parte da edição das matérias tentamos compreender a relação entre o dizer e o não dito. Outro aspecto importante foi um recurso que é muito utilizado hoje em dia: a videoclipping, um tipo de edição bastante presente nas reportagens do Profissão Repórter. Por fim discutimos o caso do processo de pacificação nos morros cariocas e o discurso presente por detrás dele nas matérias analisadas no JN. Com base nessa pesquisa encerramos nossa dissertação com as conclusões desse estudo, o que esperamos contribuir para o entendimento desse fenômeno nos nossos dias.

As coberturas jornalísticas constituem um instrumento de criação, consolidação ou modificação das identidades. E essas identidades são construídas e estão em constante mutação. O uso dos discursos jornalísticos como construtores de arquétipos sobre a violência urbana e influenciadores de identidades é um fenômeno mundial, que se manifesta também no caso brasileiro e carioca.

CAPÍTULO I

A CIDADE PARTIDA: O MORRO E A PRAIA NA CONFORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO CARIOCA

*Jamais se deve confundir uma cidade
com o discurso que a descreve.
Contudo, existe uma ligação entre eles.
(Ítalo Calvino. Cidades Invisíveis).*

Para contarmos um pouco da história do Rio de Janeiro e dessa relação entre moradores de regiões periféricas e de regiões nobres fomos buscar informações sobre a história da cidade no arquivo público e nos documentos disponibilizados na internet pela Prefeitura do Rio. Lá existe um espaço destinado à memória, desde a fundação da cidade. Também fomos atrás dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, para discutir o crescimento demográfico acelerado desde o fim do século XIX. Um crescimento que foi bastante acelerado a partir da década de 40 do século XX. Buscamos ainda alguns jornais do arquivo na internet da Folha de São Paulo, em matérias jornalísticas dos arquivos da Globo (incluindo os telejornais locais e de rede) e também um dos principais historiadores e memorialistas do município, o historiador Vivaldo Coaracy e seu livro “Memórias da Cidade do Rio de Janeiro”. Junto com essa base de dados procuramos também em artigos de jornais e matérias televisivas dados para que possamos dar um panorama resumido dos diferentes aspectos que vão ajudar a compor nossa dissertação.

Junto com estes dados também procuramos descrições históricas acerca da cidade para entender como as relações se processam e como é o carioca na descrição de autores renomados e como se dá essa relação entre regiões que ao mesmo tempo são próximas, mas se tornaram distantes no decorrer das décadas, principalmente quando comparamos favela e asfalto. No primeiro livro, “João do Rio”, fomos atrás da

descrição do malandro carioca do fim do século XIX e início do XX. Depois buscamos Zuenir Ventura e seu “Cidade Partida”, pra descobrir algumas histórias por detrás do choque entre a periferia e a zona sul da cidade. E aí dividimos o livro em duas partes, de acordo com a ordem cronológica: primeiro nos anos 40,50 e 60 para encontrar o Rio de Janeiro idílico descrito por quem viveu nessa época – e depois nos anos 90 do século XX – quando a “barbárie” estava instaurada de acordo com o próprio autor. Assim, neste primeiro capítulo, vamos começar a descobrir esse universo ao mesmo tempo bastante conhecido dos brasileiros, mas que guarda detalhes importantes para a nossa compreensão do que vamos analisar por aqui. É bom ressaltar que nossa descrição da história é particular. Não vamos cobrir todo esse período, mas sim pincelar alguns fatos que podem ser relevantes para essa dissertação.

1.1 O Rio de Janeiro do Período Colonial

O Rio de Janeiro foi fundado oficialmente em 1565, por Estácio de Sá, que teria na versão oficial expulsado os franceses que estabeleceram até então uma base na região. Em 1º de março, depois da vitória, a cidade foi batizada de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Em 1555, os franceses invadiram o Rio de Janeiro pretendendo aqui fundar uma colônia. Em 1564, os portugueses resolveram, enfim, organizar uma expedição para expulsá-los e fundar uma cidade fortificada com o objetivo de impedir para sempre outras investidas. Estácio de Sá, sobrinho do governador Mem de Sá, chegou em terras cariocas no dia 28 de fevereiro com alguns navios e soldados, desembarcando na praia entre o morro Cara de Cão e o Pão de Açúcar. No dia seguinte, 1º de março de 1565, fundou oficialmente a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em homenagem ao rei menino de Portugal e escolheu o santo de mesmo nome para padroeiro, a quem se presta homenagem no dia 20 de janeiro. (Portal da Prefeitura do Rio. Trecho disponível no site http://www0.rio.rj.gov.br/rio_memoria/ - consulta em 15/01/2013)

Já na segunda metade do século XVII a cidade era a mais populosa do país, com cerca de 30 mil habitantes. Mesmo assim até 1710 o Rio vivia sem luz. Segundo a descrição histórica do Arquivo Municipal os moradores eram iluminados apenas pelo luar. Em 19 de setembro de 1710, um lampião de azeite foi colocado no convento de Santo Antonio e era aceso todos os dias às 18h30 minutos.

Em 1763 uma data histórica: o Rio vira capital do país. Até então era Salvador na Bahia. De acordo com Coaracy foi “sobretudo a descoberta e exploração das minas, inaugurando o ciclo do ouro (...) que mais pesou na resolução da Coroa de transferir para o Rio de Janeiro a sede central do Brasil (...) com todas as repartições nela estabelecidas” (Coaracy, 1988, p. 390). Uma mudança que consolidou a ocupação do interior de Minas Gerais e Goiás¹. Outra data importante na história da cidade foi a chegada de Dom João VI, em 1808. Na época a cidade tinha 60 mil moradores e era o maior entreposto de comércio de escravos do Brasil². Na época dos duzentos anos da vinda da Família Real a jornalista Sandra Moreyra fez uma série de 3 reportagens, de onde extraímos este trecho que diz muito sobre o Rio na época, e/ou sobre o que está no imaginário popular sobre esse período.

Uma cidade que era um grande porto, com gente de todas as colônias e feitorias portuguesas na África e na Ásia. O Rio era uma cidade quase oriental em 1808. As mulheres se sentavam no chão, com as pernas cruzadas. À mesa, os homens usavam a mesma faca que traziam presa à cintura, para se defender de um inimigo, para descascar frutas ou partir a carne. Nas ruas o dinheiro corria no maior entreposto de escravos da colônia. Corriam também dejetos nas ruas e valas. Negros escravos ou libertos eram dois terços da população e se vestiam ainda de acordo com sua nação de origem. Não só pelo tipo físico bem diferente, como pelas roupas, era possível saber quem vinha do Congo, de Angola ou do Mali; quem era muçulmano, quem vinha da nobreza africana. Nesta cidade que já era plural, mas não tinha infraestrutura, onde havia assaltos e comércio ilegal nas ruas, chegou um aviso em janeiro de 1808. A corte estava em pleno mar, escapara de Napoleão e estava a caminho do Brasil. (Disponível em <http://g1.globo.com/noticias/brasil/0,mul196751-5598,00-rio+era+um+cidade+quase+oriental+em.html>)

A chegada da Família Real Portuguesa mudou o destino da cidade. Foi um marco que define muito do que o Rio é hoje, com todo o legado que essa vinda do imperador trouxe e a fundação de diversas instituições:

Fugindo da invasão francesa em Portugal, D. João VI chegou ao Brasil, mais especificamente a Salvador, onde decretou a Abertura dos Portos às Nações Amigas. Dias depois, aportou no Rio de Janeiro, e iniciou a sua obra de adaptação da cidade para receber a Corte e propiciar à elite portuguesa um pouco do conforto e da vida cultural a que estava habituada, bem como tomou as primeiras medidas para garantir o custeio de sua permanência. Com este objetivo, acabou por modificar profundamente os costumes vigentes e criou uma série de órgãos que dinamizaram a então pacata e rústica capital da Colônia, como o Banco do Brasil, a Fábrica de Pólvora, o Jardim Botânico, a Academia Imperial de Belas Artes, Academia de Medicina e Cirurgia, a Real Junta do Comércio, a Biblioteca Real, os Correios, a Academia Militar, a Casa da Moeda, o Observatório Astronômico, o Arsenal de Marinha, etc.

¹ Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2012/06/os-desafios-da-maturidade-para-o-brasil.html>

² Disponível em <http://g1.globo.com/noticias/brasil/0,mul196751-5598,00-rio+era+um+cidade+quase+oriental+em.html>

Além disso, criou impostos, como a Décima Urbana, liberou a indústria, criou a Imprensa Régia, o Teatro São João, construiu estradas, fez melhoramentos nos portos, dando ao Brasil as condições para postular posteriormente a sua Independência. (Disponível em http://www0.rio.rj.gov.br/rio_memoria/)

Instaurada a corte e com a abertura dos portos às nações amigas a cidade tornou-se um centro comercial forte.

1.2 O Rio de Janeiro do Império, do início da República e o surgimento das favelas

Após a independência em 1822 O Rio virou capital do Império e concentrava a vida político-partidária. Por causa disso foi cenário de movimentos abolicionistas e republicanos. Os grandes problemas sociais começariam no fim do século XIX, quando a cidade começa a crescer desordenadamente.

De acordo com o artigo “A favela e o Rio de Janeiro, uma história centenária”³ a área urbana do Rio estava localizada entre quatro morros. Nessa época a população teria dobrado de tamanho. Um dos principais motivos foi a chegada dos imigrantes de origem européia e de ex-escravos que saíram de fazendas do Vale do Paraíba, além dos soldados da Guerra do Paraguai. Entre 1872 e 1890 a população quase duplica, passando de 274 mil para 522 mil habitantes. Como não havia espaço adequado para receber os novos habitantes os cortiços proliferaram, junto com as doenças, já que a cidade que não tinha esgoto, nem saneamento.

Teria sido nessa época, no fim do século, que as favelas começaram a aparecer em consequência dos problemas de moradia da cidade, um problema que é uma marca desse espaço urbano até hoje. Também colaboraram para o aumento da população segundo os historiadores o retorno de soldados da Guerra de Canudos⁴. Eles teriam sido autorizados pelo governo a ocupar o morro da Providência, que originalmente é considerada a primeira favela do Rio, de acordo com os historiadores.

O século XX começou num Rio de Janeiro cheio de doenças, com a população espremida entre ruelas estreitas, sujas e inúmeros cortiços de acordo com descrições

³ disponível em <http://g1.globo.com/noticias/vestibular/0,,mul1391158-5604,00-a+favela+e+o+rio+de+janeiro+uma+historia+centenaria.html>

⁴ Para mais detalhes há o filme “Guerra de Canudos”, de Sérgio Rezende, de 1997.

históricas⁵. Em 1904 a Revolta da Vacina marcou uma época, causada por inúmeros fatores, como explica o texto da jornalista Célia Costa no site da Globo.com:

(...)a cidade enfrentava sérios problemas sanitários e a proliferação de doenças como peste bubônica, varíola e febre amarela. Em meados daquele ano, as internações decorrentes de varíola chegavam a 1.800 no Hospital São Sebastião, no Caju. Mesmo assim, as camadas populares se negavam a tomar a vacina. Alguns a rejeitavam por nojo, já que era feita com o líquido das pústulas de vacas doentes. Mas não foi o medo da agulha nem o nojo que provocou a Revolta da Vacina, um movimento que teve seis dias de quebra-quebra na cidade. Já naquela época, temia-se a violação do lar e até mesmo a exposição das mulheres, já que a vacina era aplicada nas nádegas. (Disponível em <http://extra.globo.com/noticias/rio/campanha-de-oswaldo-cruz-contra-insalubridade-desencadeou-revolta-da-vacina-em-1904-467744.html>)

Esse Rio de Janeiro era o reduto de monarquistas, republicanos, militares e operários. Gente em busca de poder e boa parte deles com um discurso contra o Governo da época, que adotou medidas para reordenar o espaço da cidade que causaram polêmica e muita confusão. Eram os tempos do engenheiro Pereira Passos, descritos na reportagem de Célia Costa, que retomamos:

Para mudar a péssima imagem que o Rio de Janeiro tinha no exterior, o presidente Rodrigues Alves determinou uma série de obras e nomeou o engenheiro Pereira Passos como prefeito da capital. O governo queria trazer mão-de-obra do exterior, mas esbarrava na rejeição. Com a missão de tornar a cidade uma "Paris tropical", Passos promoveu um bota-abaixo que demoliu cortiços e removeu a população pobre para a periferia e os morros - daí as primeiras favelas. Além de urbanizar, Passos criou posturas. Proibiu a criação de porcos dentro de casa, a passagem de gado pelas ruas, cuspir no chão e andar descalço.

Voltamos neste momento um pouco no tempo para explicar a história da ocupação da Zona Sul. Segundo o texto da matéria de “O Globo” intitulada “Copacabana, 120 anos: no início os cariocas resistiam à área isolada”⁶, ela teria começado em 6 de julho de 1892, com a abertura do hoje conhecido como Túnel Velho. A narrativa assinada pela jornalista Maria Elisa Alves explica que esse túnel foi o responsável pelo povoamento da área praiana que na época era isolada do resto da cidade. Mas no início houve resistência:

⁵ disponível em <http://extra.globo.com/noticias/rio/campanha-de-oswaldo-cruz-contra-insalubridade-desencadeou-revolta-da-vacina-em-1904-467744.html>

⁶ disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/copacabana-120-anos-no-inicio-cariocas-resistiam-area-isolada-5363149>

Mas não foi fácil convencer os cariocas a pagar a passagem e ir conhecer as terras até então isoladas. Para estimular o povoamento do bairro, a Companhia Jardim Botânico, concessionária responsável pelas linhas de bondes da Zona Sul e que construiu o túnel, promovia mensalmente festas com leilões e sorteios no bairro. Além disso, destacava as qualidades da região até nos bilhetes dos bondes, que pregavam “Pedem vossos pulmões ar salitrado/ Correi antes que a física os algeme/ Deixai do Rio o centro infeccioso/ Tomai um bonde que vai dar ao Leme”. Não se sabe se a propaganda deu certo ou se a paisagem foi pouco a pouco conquistando os moradores de outros bairros, mas, no início do século passado, já existiam cerca de 500 casas no bairro. (O GLOBO).

Em 1923 foi inaugurado o hotel Copacabana Palace, que consolidou o processo de ocupação e “glamourização” da zona sul carioca, incentivando turistas do mundo inteiro a virem conhecer essa região do Rio. O jornalista Jaime Ortega Carracal, em matéria para a Agencia EFE⁷ tenta explicar a mística do empreendimento:

Inaugurado em 1923 na mundialmente famosa Praia de Copacabana, que naquela época não passava de uma estreita faixa de areia e rochas, o luxuoso hotel de fachada branca e estilo neoclássico ganhou fama mundial dez anos depois da abertura com as cenas do filme 'Voando para o Rio', nas quais Fred Astaire dança com Gingers Rogers em suas instalações. Desde então, circularam por seus corredores de mármore branco diversos monarcas e nobres europeus, governantes de meio mundo e lendas do espetáculo como Marlene Dietrich, Ava Gardner, Rudolf Nureyev, Walt Disney, Ursula Andress, Orson Wells, Nat King Cole, Carmen Miranda, Alain Delon, Claudia Schiffer, Sting e Mick Jagger, entre muitos outros cujas fotografias adornam o segundo andar.

Daí foram surgindo os outros bairros da região. No começo como um prolongamento de Copacabana; depois ganharam seu charme próprio. Assim as classes mais abastadas da cidade foram aos poucos abandonando o centro e ocupando essa extensão litorânea. E também os mais pobres, que viram nos morros uma forma barata de moradia e proximidade das áreas de trabalho. Também é marco da época a inauguração do Cristo Redentor em 1931, hoje um dos principais símbolos da cidade e do país no mundo.

1.3. João do Rio: a alma encantadora das ruas. Visões da malandragem e da cidade no século XX

⁷ disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/06/copacabana-palace-se-renova-para-celebrar-seus-90-anos.html>

É nesse contexto de cidade do início do século XX que surge a figura mítica do malandro. Um personagem que em tese era “avesso” ao trabalho, que queria tirar vantagem a todo custo. Numa entrevista ao “Globo Universidade” o pesquisador Ruben Oliven fala um pouco do contexto histórico que fez surgir o malandro do imaginário. E que até hoje faz parte desse discurso de cidade:

Na década de 1920 e 1930, o Brasil estava começando a se urbanizar e industrializar, o que significou que as pessoas que saíam do campo, chegavam na cidade e iam trabalhar em fábricas. Em boa parte, essas pessoas eram descendentes de escravos. Diferentemente dos Estados Unidos, onde o trabalho sempre foi considerado um valor fundante do país que veio como os primeiros imigrantes, no Brasil o conceito de trabalho era algo relacionado ao escravo, o que tornou o trabalho manual uma coisa indigna por definição. E trabalho pesado no Brasil era sempre chamado de uma forma muito pejorativa, de “trabalho para negro”. Assim o trabalho manual não era valorizado e pagava-se e continua-se pagando-se pouco por ele – o Brasil, apesar das modificações que vêm ocorrendo, tem enormes diferenças de renda. Além disso, o trabalho fabril exige uma disciplina que é diferente no trabalho rural do campo. Essa disciplina implica controle rígido de horários, movimentos, cumprimento de metas, etc. Por isso, nessa época há uma profusão de músicas que falam contra o trabalho, que é visto como algo penoso e que não dá camisa pra ninguém. Dessa forma se cria a figura do malandro, que existia como tipo social, o indivíduo que na década de 1920 e 1930 usava terno branco, chapéu de palha e navalha no bolso e que era perseguido pela polícia. “O horror ao batente” (batente era a palavra que designava popularmente o trabalho) criou uma ética malandra que se opunha à ética do trabalho. (Disponível em <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2013/02/dinheiro-regionalismo-e-musica-sao-temas-de-pesquisas-de-ruben-oliven.html>)

É dessa época, de 1908, o livro “João do Rio, a alma encantadora das ruas”, importante para entender as relações sociais numa cidade em constante mudança, num contexto republicano. O autor, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, tinha 27 anos quando lançou a obra. Ele foi um jornalista, cronista, tradutor e autor de peças de teatro brasileiro e faleceu antes de completar 40 anos.

As crônicas mostram o significado e a própria essência da rua na modernidade. O homem é visto como um ser natural desse espaço urbano. Numa relação dupla, a sociedade faz a rua e esta faz o indivíduo: haveria vestígios de trabalho, de suor humano nas construções, no calçamento. E ele já descreve conflitos que moldam aquele Rio de Janeiro conhecido por muitos na época como “porto sujo”.

As ruas são tão humanas, vivem tanto e formam de tal maneira os seus habitantes, que há até ruas em conflito com outras. Os malandros e os garotos de uma olham para os de outra como para inimigos. (...) No tempo das eleições mais à navalha que à pena, o Largo do Machado e a Rua Pedro Américo eram inimigos irreconciliáveis. Atualmente a sugestão é tal que eles se intitulam *povo*. Há o *povo* da Rua do Senado, o *povo* da Travessa do mesmo nome, o *povo* de Catumbi. (p.8)

Em todas as crônicas vai surgindo aos poucos essa cidade onde as pessoas transitam e buscam maneiras de sobreviver, nunca esquecendo a paixão pela música, reflexo da riqueza do imaginário social e da espontaneidade da mistura cultural entre portugueses, negros, índios.

O Rio é o porto de mar, é cosmópolis num caleidoscópio, é a praia com a vaza que o oceano lhe traz. Há de tudo — vícios, horrores, gente de variados matizes, niilistas⁸, rumaicos⁹, professores russos na miséria, anarquistas espanhóis, ciganos debochados. Todas as raças trazem qualidades que aqui desabrocham numa seiva delirante. Porto de mar, meu caro! (p.15)

A publicação é de 1908, mas os textos já tinham sido publicados entre 1904 e 1907 no Jornal A Gazeta de Notícias e na Revista Kosmos. Nas crônicas o fio condutor é a cidade e sua à crescente divisão de classes, do Rio da realeza e do Rio dos mascates, vendedores e que ocupam profissões menos nobres. Uma cidade que conhece a vida dos nobres, mas anda em busca de uma identidade.

O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma. (p.16)

Tanto na abertura quanto no encerramento da edição o autor usa duas conferências proferidas em 1905: A rua e A musa das ruas. As outras três partes são bastante relevantes para essa dissertação como registro histórico, porque são em forma de narrativa. Reportagens da época sobre a cidade e um dos primeiros relatos conhecidos do estilo que hoje povoa nossa imprensa.

De maneira geral “João do Rio” é um relato da vida e de diversas profissões pouco descritas na época: tatuadores, vendedores de livros e orações, músicos ambulantes, cocheiros, pintores de tabuletas de lojas comerciais e paisagens de parede de botequim. Há também a descrição de várias festas populares: Missa do Galo, Dia de Reis e Carnaval... Dois desses textos (Visões d’ópio e Os cordões) são crônicas da época. O mesmo podemos dizer de “As mariposas do luxo”, que abre a terceira parte, intitulada Três aspectos da miséria. Nela o autor fala das condições de trabalho dos

⁸ Modalidade de anarquistas. Por extensão, pessoa descrente, pessimista incorrigível.

⁹ Romenos.

operários e da mendicância. As reportagens sobre o proletariado (Os trabalhadores da estiva e A fome negra) tocam em outro assunto até então pouco explorado. As seis reportagens da quarta parte, “Onde às vezes acaba a rua” entre os presos da Casa de Detenção, descrevem uma realidade que ainda é atual nos nossos dias: as péssimas condições da carceragem.

O grande mérito do livro na nossa análise é que nos relatos o Rio de Janeiro é o personagem principal, e é apresentado aos habitantes e a quem tem contato com a obra, referência também na história do Jornalismo. E é através desse primeiro relato histórico que podemos definir o cenário que foi se formando até chegar aos dias atuais. Vemos o João do Rio como o escritor que, reunindo as qualidades do *flâneur* e do *dandy*, se sente seduzido pelo mundo que as ruas lhe oferecem. Elas são como um atrativo para a aventura em uma cidade multifacetada.

Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem histórias, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, “*spleenéticas*”, “*snoobs*”, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem um pingão de sangue (p. 45)

Nesse Rio de Janeiro em contínua mutação se faz uma crítica social não só à cidade, mas uma nação em formação. Um microcosmo da realidade nacional.

— O problema social não tem razão de ser aqui? Os senhores não sabem que este país é rico, mas que se morre de fome? É mais fácil estourar um trabalhador que um larápio? O capital está nas mãos de grupo restrito e há gente demais absolutamente sem trabalho. (p. 69)

Uma descrição histórica onde os personagens e os diversos relatos nos permitem um passeio pela capital da República que acabara de se formar. Um relato importante por revelar também peculiaridades, como nessa passagem em que ele descreve as “mulheres mendigas”.

Vivem nas praças, no Campo da Aclamação; dormem nos morros, nos subúrbios, passam à beira dos quiosques, na Saúde, em S. Diogo, nos grandes centros de multidões baixas, apanhando as migalhas dos pobres e olhando com avidez o café das companheiras. Eu encheria tiras de papel sem conta, só com o nome dessas desgraças a quem ninguém pergunta o nome, senão nas estações, entre cachações de soldados e a *pose* pantafaçuda¹²⁵ dos inspetores; e seria um livro horrendo, aquele que contasse com a simples verdade todas as vidas anônimas desses fantásticos seres de agonia e de miséria! (p.79)

Daí a sua importância nessa descrição. “João do Rio” mostra um Rio de

conflitos e contrastes sociais, mas ainda ingênuo na sua essência. Uma cidade com problemas que depois vão se prolongar no resto do século XX, chegando aos nossos dias ainda dividida e cheia de contrastes que por muitas vezes são únicas desse espaço geográfico denominado “Cidade Maravilhosa”.

1.4. O Rio de Janeiro do carnaval, das festas e das marchinhas

Outro ponto importante para a identidade do Rio de Janeiro é o carnaval. De acordo com o site “Brasil Escola” a festa chegou por aqui no século XVII.

Em 1545, durante o Concílio de Trento, o carnaval voltou a ser uma festa popular. Em aproximadamente 1723 o carnaval chegou ao Brasil sob influência europeia. Ocorria através de desfiles de pessoas fantasiadas e mascaradas. Somente no século XIX que os blocos carnavalescos surgiram com carros decorados e pessoas fantasiadas de forma semelhante à de hoje. Disponível em <http://www.brasilecola.com/carnaval/historia-do-carnaval.htm>

E por aqui essa tradição se misturou às dos índios e africanos, dando origem à festa popular que conhecemos hoje. Uma popularização que se acentua nos anos 20 do século passado, de acordo com esse trecho retirado do Globo Cidadania:

Nos anos 20, a indústria fonográfica começa a distribuir os primeiros sambas gravados, tornando o ritmo popular em todo Brasil. Já na década de 30, escolas de samba começam a competir entre si na Praça Onze, no centro do Rio. Na competição, já estavam no samba Portela, fundada em 1923, Mangueira, em 1928 e Unidos da Tijuca, em 1931. A disputa era boa. A profissionalização das escolas seguia. Nos anos 40 e 50, surgiram, entre outras, a Império Serrano (1947), a Salgueiro (1953), a Estácio (1955). (Disponível em <http://redeglobo.globo.com/globocidadania/noticia/2013/02/quem-inventou-o-carnaval-e-livrou-folhoes-da-culpa-pelo-prazer.html>).

Com o surgimento da indústria fonográfica entram no auge também as marchinhas de carnaval, que atravessaram o século. Um registro importante porque muitas fazem referências à cidade, à situação econômica e aos dramas e vivências da população carioca. Uma das mais famosas deu um apelido que hoje define para muitos cidadãos brasileiros e do mundo o Rio de Janeiro de várias maneiras:

CIDADE MARAVILHOSA
(André Filho, 1934)

Cidade maravilhosa
Cheia de encantos mil

Cidade maravilhosa
 Coração do meu Brasil
 Cidade maravilhosa
 Cheia de encantos mil
 Cidade maravilhosa
 Coração do meu Brasil

Berço do samba e das lindas canções
 Que vivem n'alma da gente
 És o altar dos nossos corações
 Que cantam alegremente

Jardim florido de amor e saudade
 Terra que a todos seduz
 Que Deus te cubra de felicidade
 Ninho de sonho e de luz

Também havia espaço para discutir temas que afligiam a população – a forma bem humorada de como era feita a crítica social na época. Uma delas refere-se à crise da moradia, que já de longa data marcava esse Rio de Janeiro. Nessa marchinha dos anos 50 a referência era em relação aos inúmeros despejos que aconteciam por falta de pagamento.

Daqui não saio
 (Paquito e Romeu Gentil)
 Anos 50

"Daqui não saio
 Daqui ninguém me tira
 Onde é que eu vou morar
 O senhor tem paciência de esperar
 Ainda mais com quatro filhos
 Onde é que eu vou parar.

Sei que o senhor tem razão
 Pra querer a casa para morar
 Mas onde eu vou ficar
 No mundo ninguém perde por esperar.
 Mas, já dizem por aí
 Que a vida vai melhorar."

Mais tarde, como sabemos, o carnaval do Rio virou o ponto alto da festa em todo o Brasil. A cidade ditou padrões para o resto do país e não há como se falar na festa de Momo sem mencionar os desfiles das escolas de samba do grupo especial carioca, que atraem milhões de visitantes do país e do mundo. E muito da realidade dos moradores é cantada em verso e prosa nos sambas que povoam as mentes dos brasileiros. Um dos mais bonitos, significativos e de crítica social é o da Imperatriz Leopoldinense, por ocasião do centenário da Proclamação da República em 1989. Ele ressalta as contradições do país e da cidade que foi sede do Império e da República.

Liberdade liberdade abre as asas sobre nós
GRES Imperatriz Leopoldinense

Composição: Niltinho Tristeza / Preto Jóia / Vicentinho / Jurandir
1989

Vem, vem, vem reviver comigo amor
O centenário em poesia
Nesta pátria, mãe querida
O império decadente, muito rico, incoerente
Era fidalguia
Surtem os tamborins, vem emoção
A bateria vem no pique da canção
E a nobreza enfeita o luxo do salão
Vem viver o sonho que sonhei
Ao longe faz-se ouvir
Tem verde e branco por aí
Brilhando na Sapucaí
Da guerra nunca mais
Esqueceremos do patrono, o duque imortal
A imigração floriu de cultura o Brasil
A música encanta e o povo canta assim
Pra Isabel, a heroína
Que assinou a lei divina
Negro, dançou, comemorou o fim da sina
Na noite quinze reluzente
Com a bravura, finalmente
O marechal que proclamou
Foi presidente
Liberdade, liberdade!
Abra as asas sobre nós (bis)
E que a voz da igualdade
Seja sempre a nossa voz

1.5. O Rio de Janeiro “idílico” das décadas de 40, 50 e a primeira parte da “Cidade Partida” de Zuenir Ventura

Nos anos 40 e 50 e 60 do século XX o Rio de Janeiro ainda capital federal vivia um momento “idílico”. Era a sede do Governo, cheio de funcionários públicos e base da elite nacional. Um lugar e um período (principalmente anos 50) que foi recuperado no imaginário popular como dos “Anos Dourados”, onde se podia aproveitar as belas paisagens e caminhar tranquilo pelas ruas sem se preocupar com a “marginalidade”. É a partir desse pensamento que seguimos nossa análise falando de uma cidade descrita nos livros, na primeira parte da obra de Zuenir Ventura e seu “Cidade Partida”. A obra do jornalista e escritor é dividida em dois momentos. Aproveitamos esse trabalho de pesquisa e depois de vivência de Zuenir, que nos serve por aqui como tradução da

realidade dos dois contextos históricos de duas épocas: os anos 90 e os 50, de onde tiramos esta descrição.

O conjunto de recordações da época (anos 50) descreve um território edênico por onde se podia caminhar tranqüilamente a qualquer hora do dia ou da noite. João Gilberto e Roberto Menescal, dois jovens compositores, andavam quase todas as noites de Copacabana à Urca, conversando e tocando ao violão os primeiros acordes de Bossa Nova. "Fora um ou outro mendigo bêbado conhecido, nada tirava a nossa paz", lembra-se Menescal. Outro compositor, Ronaldo Bôscoli, ia namorar a musa do movimento, Nara Leão, na praia à noite e jamais teve qualquer sobressalto por isso. A atriz Lana Turner, na sua passagem por aqui, fugia do Copacabana Palace e dos seguranças para caçar namorado no calçadão, de madrugada, bêbada. Pode não ter arrumado muitos, mas nunca foi molestada. (VENTURA, 1994, p.16)

Essa era uma visão propagada anos mais tarde em entrevistas e declarações, mas que nem sempre traduzia a realidade. Como em outras épocas, já existia uma separação, duas cidades em universos paralelos a conviver diariamente: o mundo da elite e do povo, do asfalto e do morro. E como ressalta Ventura, “uma parte da cidade oculta já tinha ocupado os morros, mas as favelas de então, mais do que ameaça ou problema, eram vistas de longe como um acidente pitoresco” (VENTURA, 1994, p. 17). Mas de modo geral o livro descreve que nessa época os problemas políticos e econômicos preocupavam mais que a criminalidade, apesar de os jornais da época já destacarem o aumento da violência em algumas ocasiões, de acordo com o livro.

A partir de 1953, no entanto, a percepção da violência urbana começou a se fazer sentir com mais destaque na imprensa. No início desse ano, ela se surpreendeu com o "recorde excepcional" de tumultos e mortes no réveillon, quando a radiopatrulha teve que atender, em menos de doze horas, a mais de duzentos chamados. "Com efeito", assustava-se a revista Manchete, "1953 chegou à Cidade Maravilhosa encharcado de sangue: (VENTURA, 1994, p.19)

Com Juscelino Kubitschek eleito e a Bossa Nova no auge a cidade descrita pelo autor se enchia de euforia, mas estava com o orgulho ferido, porque ia deixar de ser a capital do país. Um alívio para muita gente, que teria um Rio mais tranquilo segundo o autor. Na descrição a seguir Ventura revela o espírito do carioca do início dos anos 60.

Ele andava - para flunar, flertar, olhar. Era-se observador direto e às vezes exclusivo das coisas e dos acontecimentos, que nem sempre iam parar nos jornais, muito menos na televisão, então incipiente. A cidade não havia sido devassada pela imprensa, que ainda não se chamava mídia. Era desvelada delicadamente pelo olhar carioca de Stanislaw Ponte Preta ou pelo olhar estrangeiro de cronistas como os capixabas Rubem Braga e José Carlos Oliveira, os pernambucanos Manuel Bandeira, Antonio Maria e Fernando Lobo, ou os mineiros Drummond, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos. Eles captavam a poesia escondida nos sons, nas cores e nas coisas

aparentemente sem importância daqueles tempos. Suas celebrações líricas e solares do cotidiano ajudaram a ressaltar a vocação epicurista da cidade. O contraponto dessa visão solar era dado pela visão noir de um genial cronista e dramaturgo: Nelson Rodrigues. Trazendo para os palcos e páginas dos jornais o distante universo da Zona Norte e do subúrbio, povoado de personagens trágicos e patéticos, "suados" de chocante vulgaridade, como ele dizia, esse ex-repórter de polícia que se orgulhava de ter conhecido "criminosos, vítimas, enforcados e incestuosos", revelava a ainda pouco conhecida "metade satânica" da cidade. (Ventura, 1994, pgs 28-29)

Vemos que o “*dandy*” e o “*flaneur*” de João do Rio ainda estava presente nas descrições de outro jornalista. E é nesse Rio de milhares de personagens principais, do paraíso na terra, da tranquilidade reinando quase que absoluta, que Zuenir Ventura vai elucidando as origens da violência, um possível começo de um processo que mais tarde iria assolar a cidade e estampar as manchetes dos telejornais e da imprensa em geral. Num retorno aos anos 50 ele descreve um dos precursores da corrupção policial.

O general Amauri Kruehl vai ficar na história dos anos dourados como um precursor. Não criou apenas o Esquadrão da Morte. Foi também pioneiro em outra arte moderna - a da corrupção policial. Em 1959, descobriu-se que o grande exterminador de bandidos, o severo chefe de polícia, estava envolvido com corrupção. Era o protagonista de um dos maiores escândalos da história do Rio de Janeiro. Numa série de reportagens para o Mundo Ilustrado, o repórter Edmar Morel revelava, a partir da denúncia de dois comerciantes, que o chefe de polícia beneficiava-se, junto com o oficial de gabinete, o seu filho Nei Kruehl, de nada menos que nove caixinhas: jogo do bicho, lenocínio, hotéis, ferro-velho, economia popular, cartomantes, aborto, drogas e cassinos clandestinos. (Ventura, 1994, p. 48)

Uma história que pode explicar o início de práticas policiais que ainda são descritas nessa cidade que atravessou o século XXI. É também dessa época que a televisão entra no ar em setembro de 1950, com transmissões praticamente em caráter experimental. Um novo meio de comunicação na sociedade brasileira ainda em busca de uma identidade, como registra Coutinho:

O início da produção noticiosa em televisão praticamente coincide com a chegada do veículo no Brasil, em 1950. O primeiro telejornal, *Imagens do Dia*, entra no ar em 19 de setembro de 1950, segundo dia de exibições da primeira emissora de televisão brasileira, a PRF-3 TV Difusora ou Tupi de São Paulo. Considerado o precursor dos telejornais, o programa, apresentado pelo jornalista Maurício Loureiro Gama, era diário. As imagens exibidas pelo telejornal, a despeito de seu nome, quase nunca eram registros audiovisuais realizados no dia de sua veiculação (...) Uma referência obrigatória nos estudos sobre a televisão e o telejornalismo que têm a questão histórica como aspecto central, é o *Repórter Esso*. O programa entrou no ar em junho de 1953 e trouxe para a televisão uma adaptação do noticiário radiofônico de nome idêntico, mantendo porém a mesma estrutura. (COUTINHO, 2012, p. 61)

1.6 A cidade dos anos 60 e 70 e a Ditadura Militar

O começo da Ditadura Militar também tem a ver com a cidade. As tropas que decretaram a revolução, do General Olympio de Mourão Filho, saíram de Juiz de Fora rumo à Cidade Maravilhosa para numa confluência de fatos instaurar o Regime no dia 31 de março. Buscamos relatos dessa época e encontramos no site cultural Brasil. Uma descrição de uma comemoração pelas ruas da cidade.

Enquanto isso no Rio de Janeiro – Copacabana e Ipanema – a classe média se confraternizava com a burguesia. Chuva de papel picado, toalhas nas janelas, buzinaço, banda e chope. Abraços, choro de alegria, alívio pelo fim da desordem. O Brasil estava salvo do comunismo! Os crioulos não invadiriam mais as casas das pessoas de bem. As empregadinhas voltariam a ficar de cabeça baixa. (Disponível em <http://www.culturabrasil.pro.br/ditadura.htm>)

Mas aos poucos foram se sucedendo relatos de tortura e de arbitrariedades. De acordo com reportagem publicada no site da globo.com “depois de assumirem o poder os militares foram atrás da esquerda brasileira. Os estudantes, políticos do antigo regime e líderes sindicais podiam ameaçar a então recém-empossada junta militar”¹⁰.

A partir daí sucedem inúmeros relatos de tortura, que há muito já existiam nas delegacias policiais cariocas. A imprensa é censurada e ao mesmo tempo emergem movimentos nas artes de combate ao Regime. Uma poesia de Drummond publicada em 1945 é evocada. E se encaixava perfeitamente na época.

Este é tempo de divisas, tempo de gente cortada... É tempo de meio silêncio, de boca gelada e murmúrio, palavra indireta, aviso na esquina. (ANDRADE, 1945, p.144)

Ao mesmo tempo Chico Buarque era um dos artistas mais censurados aos escrever “Cálice” e a dupla sonoridade com “Cale-se” para criticar os militares. Destacamos um trecho de outra música do cantor, compositor, “Vai Passar”, um retrato do período.

Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia

¹⁰ disponível em <http://201.76.44.25/editoria/video/2012/07/03/memorias-da-ditadura-ex-presos-politicos-falam-sobre-as-torturas-durante-o-regime-militar> -séried e reportagens de autoria do próprio pesquisador

A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações

Seus filhos
Erravam cegos pelo continente
Levavam pedras feito penitentes
Erguendo estranhas catedrais
E um dia, afinal
Tinham direito a uma alegria fugaz
Uma ofegante epidemia
Que se chamava carnaval
O carnaval, o carnaval

Outra das mais famosas é a de Geraldo Vandré, um dos primeiros artistas a serem censurados pela Ditadura e seu “Caminhando (Pra não dizer que falei das flores):

Pra não dizer que não falei das flores

(Geraldo Vandré)
1968
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição:
De morrer pela pátria
E viver sem razão

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções

Somos todos soldados
 Armados ou não
 Caminhando e cantando
 E seguindo a canção
 Somos todos iguais
 Braços dados ou não

Os amores na mente
 As flores no chão
 A certeza na frente
 A história na mão
 Caminhando e cantando
 E seguindo a canção
 Aprendendo e ensinando
 Uma nova lição

A Ditadura Militar deixou marcas na história da cidade e também de muitas famílias, como a de Zuzu Angel, que na busca pelo corpo de seu filho que presumidamente teria sido assassinado pelo Regime. A estilista famosa nos Estados Unidos acabou morta num acidente suspeito na Estada da Gávea na saída do Túnel Dois Irmãos. O caso virou filme de Sérgio Rezende em 2006.

É dessa época também que proliferaram alguns planos de remoção de favelas na Zona Sul, como a da Catacumba na região da Lagoa Rodrigo de Freitas, que chegou a ter dez mil moradores, mas que foi removida em 1970. Segundo informações do site “Soul Brasileiro”, em 1972 20% das favelas cariocas haviam sido removidas para áreas mais distantes em conjuntos habitacionais. Mas como essa política era cara e desfazia os laços sociais dos moradores ela foi abandonada na década de 70, permitindo o crescimento de novas a partir de então.

O fim dos anos 60 e a década de 70 também marcam a televisão brasileira como a época de consolidação da TV Globo como a principal emissora de tevê do país. A emissora carioca cria o Jornal Nacional em 1968 e consegue enorme sucesso popular com as suas telenovelas, como “Irmãos Coragem”, “Saramandaia”, “Selva de Pedra”, “Beto Rockfeller” e “Dancing Days”. Estava criado o padrão teledramatúrgico que dá base até hoje de sustentação do Padrão Globo, massificado e copiado pelas outras emissoras brasileiras como um modelo. Um sucesso que se baseou segundo muitos historiadores no apoio e consolidação à Ditadura Militar. Desde a sua criação a emissora é acusada de ter sido beneficiada pelo Regime, como registra Coutinho:

Apesar do grande investimento financeiro para interligar o país através de microondas. e de satélites ter sido público, com recursos do Estado brasileiro, a grande parceira dos militares nesse processo foi uma instituição privada, uma cadeia particular de emissoras de televisão, convertida em rede também a partir da propriedade de um satélite para transmissão de sua programação em todo o país. A Rede Globo de Televisão poderia ser apontada como uma, senão .a.,

grande beneficiária das decisões e ações governamentais de interligação do país via tecnologia de transmissão simultânea de imagens e sons. Esse raciocínio sobre as relações de proximidade entre a Rede Globo de Televisão e o Regime Militar era então corrente na sociedade brasileira, especialmente nos meios jornalísticos e nas universidades. (COUTINHO, 2012, pgs. 65 e 66)

1.7 Os anos 80

Os anos 80 são considerados por muitos historiadores como a “década perdida”, por causa da crise econômica e os ajustes da política econômica. É dessa época os planos “Cruzado”, “Bresser” e as tentativas do governo de conter a inflação alta. Por causa disso os trabalhadores perderam renda e as desigualdades sociais aumentaram em todo país. O reflexo imediato na cidade foi o crescimento das dualidades e aumento das favelas. Num estudo sobre a capital fluminense entre 1980 e 1991 Ribeiro verificou a tendência ao aumento das desigualdades sociais entre pobres e ricos:

De um lado a elite intelectual (...) teve forte crescimento. Com relação à renda houve forte diminuição da renda média do conjunto da população economicamente ativa (-18%). (...) Portanto cresceu a polarização social no que concerne às desigualdades na distribuição de renda, com especial incidência sobre a elite intelectual e a classe média. (RIBEIRO, 1999, p. 11)

O início dos 80 também marcam as ações criminosas do grupo “Comando Vermelho”, que dominava o tráfico de drogas nas favelas cariocas. Nos anos 70 boa parte dos líderes da facção dividiram as celas nas prisões com grupos guerrilheiros, que ensinaram táticas de guerrilha aos detentos. O resultado foi uma avalanche de assaltos a bancos e ações terroristas organizadas que assustaram o Governo carioca e mostraram a força desses grupos nesse novo cenário de cidade, o que ajudou a aumentar os índices de criminalidade consideravelmente no município.

Outros fatos marcaram a década como o processo que levou o fim da Ditadura em 1985, pelo atentado à bomba ao Rio Centro em 1981 e pela campanha pelas Diretas Já em 1984. Um dos 3 comícios realizados naquele ano na cidade levou segundo organizadores um milhão¹¹ de pessoas às ruas no Rio de Janeiro e marcou a tradição da cidade mais uma vez em prol das grandes manifestações populares.

¹¹ Dados do acervo da Folha de São Paulo da primeira página do dia 11/04/1984 no dia seguinte ao comício. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fsp/1984/04/11/2/>

Na música esse Rio de Janeiro revelava grupos de rock como o Barão Vermelho, Cazuza, Blitz, Kid Abelha e Paralamas do Sucesso. As canções revelavam uma juventude menos preocupada com as questões políticas como foi a geração dos 70. Mesmo assim o Circo Voador foi o palco de grandes bandas que com suas performances teatrais como a Blitz arrebataram milhões de fãs. Um dos pontos marcantes foi o Rock in Rio em 1985, que catapultou definitivamente ao sucesso a Blitz de Evandro Mesquita.

O jornalismo tentou nessa época uma outra identidade. De acordo com Kneipp as redações buscaram jornalistas de veículos impressos.

No telejornalismo, a década de 80 foi marcada pela chegada dos jornalistas originários do meio impresso nas redações de televisão. Isso se deveu à necessidade que o próprio veículo teve de começar a buscar uma identidade em termos de linguagem audiovisual e de texto apropriado. A adoção do modelo americano, na década anterior, segundo alguns pesquisadores e observadores, trouxe os cineastas para o telejornalismo. Mas estes cineastas eram rebeldes e provocavam um embate com os proprietários das emissoras, porque queriam mostrar as grandes mazelas da sociedade brasileira. Vale lembrar que cineastas como Gregório Bacic, Eduardo Coutinho, João Batista de Andrade, entre outros, foram chamados para fazer parte do time de telejornalistas de emissoras como a tevê Bandeirantes e a tevê Globo. (Kneipp, 2007, p. 3).

A luta pela maior emancipação feminina teve música e letra de Rita Lee e o seu “por isso não provoque, é cor de rosa choque”. Um história que começou com a aprovação do divórcio no Brasil em 1977, passou pela discussão dos direitos em “Malu Mulher” e que chegou no TV Mulher no início dos 80. Um programa que segundo Kneipp “estreu em 1981, como uma forma de acompanhar o movimento de liberação da mulher e o processo de redemocratização do país”.(Kneipp, 2007, p.3).

Na dramaturgia das telenovelas brasileiras da TV Globo destaque para Roque Santeiro e Vale Tudo. Essa última novela ambientado no Rio e que de acordo com o site “Memória Globo” falava da corrupção, falta de ética e inversão de valores no fim da década de 80. Os autores discutiram a honestidade e desonestidade centrada no antagonismo entre mãe e filha¹². Em uma das cenas do fim da novela um dos personagens corruptos foga do país e dá “uma banana” para o Brasil, espécie de gesto que caracteriza desprezo.

¹² Dados Memória Globo. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-224151,00.html>

1.8 O “Rio purgatório da beleza e do caos” e “a cidade partida dos anos 90”.

Rio 40 Graus

**Fernanda Abreu, Fausto Fawcett e Carlos Laufer
(1992)**

Rio 40 graus
 Cidade-maravilha, purgatório da beleza e do caos
 Capital do sangue quente do Brasil
 Capital do sangue quente, do melhor e do pior do Brasil
 Cidade sangue quente, maravilha mutante
 O Rio é uma cidade de cidades misturadas
 O Rio é uma cidade de cidades camufladas
 Com governos misturados, camuflados, paralelos, sorrateiros ocultando comandos
 Comando de comando submundo oficial
 Comando de comando submundo bandidaço
 Comando de comando submundo classe média
 Comando de comando submundo camelô
 Comando de comando submáfia manicure
 Comando de comando submáfia de boate
 Comando de comando submundo de madame
 Comando de comando submundo da TV
 Submundo deputado - submáfia aposentado
 Submundo de papai - submáfia da mamãe
 Submundo da vovó - submáfia criancinha
 Submundo dos filhinhos
 Na cidade sangue quente
 Na cidade maravilha mutante1

Quem é dono desse beco?
 Quem é dono dessa rua?
 De quem é esse edifício?
 De quem é esse lugar?
 É meu esse lugar
 Sou carioca, pô!
 Eu quero meu crachá!
 Sou carioca.

A novidade cultural da garotada favelada, suburbana, classe média marginal é informática metralha sub-azul equipadinha com cartucho musical de batucada digital
 [...] meio batuque inovação de marcação pra pagodeira curtição de falação de batucada com cartucho sub-uzi de batuque digital, metralhadora musical [...]

Rio 40 graus
 Cidade-maravilha, purgatório da beleza e do caos

O “Rio 40 graus” de Abreu, Fawcett e Laufer é uma síntese, uma forma como o olhar popular revela essa cidade dividida, com poderes paralelos, cheios de “donos”. essa capital “do melhor e do pior do Brasil” que vai reinar nessa década onde os índices de criminalidade são altos e onde se transita por dois mundos. Uma crítica feroz à ordem imposta, à realidade desse espaço. O carioca descrito na música tem que transitar por estes dois mundos, entender o funcionamento dessa “ordem” urbano e saber o seu espaço. Uma música que representa bem como a realidade está formatada no imaginário

dos moradores e do país. Oliveira ao analisar a conjuntura social através da música nessa década fala do processo de apropriação da cidade presente nas canções:

Esta luta está na propagação de uma outra fala sobre a cidade, que revela a visão do homem comum, não especialista, não acadêmico. A música – enquanto recurso operacional de uma apreensão da vida urbana - revela encontros e confrontos de diferentes modos de pensar e agir, além de contradições e hibridismos próprios da cidade. O processo subjetivo de apropriação da cidade evidencia-se na sua representação simbólica, em letras e sonoridades e, também, nos encontros festivos promovidos pela música. As letras permitem pensar a cidade como construção subjetiva e plural, mas o sujeito destas construções identifica-se com a crítica à racionalidade dominante e ao modo de vida centrado no consumo, no individualismo e na competição. Isto não significa negar as articulações existentes entre a racionalidade dominante e as racionalidades alternativas. A proposta desta reflexão sobre a vida urbana é articular a técnica do conhecimento científico à sensibilidade da arte para pensar a cidade de forma horizontal e coletiva. (OLIVEIRA, 2008, p.1)

E assim esse Rio de Janeiro é descrito como uma cidade em “tempos bárbaros”, a analogia de Zuenir Ventura ao abordar a segunda parte do livro “Cidade Partida”. Agora a cidade é o contraponto do “Rio idílico”. Um lugar acolhedor pela natureza e hostil pelo trato, pela articulação de seus espaços e moradores. *Lócus* de uma zona sul como uma ilha ameaçada pelo caos e de um subúrbio desconhecido pra muita gente e de também da comunidade de Vigário Geral, a da chacina, onde o autor aporta logo no início da segunda parte do livro:

Vigário Geral vivia o seu primeiro sábado alegre depois da chacina. Às cinco da tarde, suas ruas de terra batida fervilhavam de calor e de gente. Muitas coisas iriam me impressionar naquela primeira visita, além da presença ostensiva dos traficantes e suas armas medonhas, uma rotina com a qual eu teria que me acostumar nos dez meses seguintes, passado o susto inicial. A meia hora da Zona Sul, a trinta quilômetros do centro do Rio, eu estava entrando em outro mundo. (VENTURA, 1994, p. 54)

Esse Rio do subúrbio para o autor poderia ser a apenas 30 quilômetros, mas a distância com aquele das áreas nobres era bem maior. Uma cidade outra, desconhecida de milhares de cariocas e que foi observada em detalhes nas suas transcrições:

A todo instante, é preciso desviar de uma criança, dos cachorros ou mesmo de um porco enorme, lento, que resolve passar pela frente. (...) Grupos sentados nas portas se abanam e conversam. Em pelo menos duas esquinas tenho a impressão de ver vários jovens com fuzís a tiracolo, ou metralhadoras, não sei bem. Acho prudente ser discreto e não ficar olhando (VENTURA, 1994, Pgs 57 e 58)

A história conta o envolvimento do jornalista com essa comunidade, numa época em uma região dominada por esse “poder paralelo”, onde jovens e suas armas estabelecem as regras, onde é preciso ter um outro “código de conduta”, alheio, diferente, outro. A praia, referência para os cariocas, é descrita em alguns momentos como um local de conflitos, de constantes arrastões, como o que aconteceu em 1992, e de “Vietnãs”, zonas de exclusão onde quem passava estava sob a mira de grupos rivais, o que desenvolveu nos moradores dessa cidade uma “cultura do medo”.

Nesse começo dos anos 90, a violência tinha propagado sua nocividade pelo organismo social como se fosse um contágio biológico, contaminando atitudes e mentalidades. Não se sabia mais o que era causa, efeito ou sintoma. E 1993 parecia condensar, como um ano-marco, todas as formas agressivas de conduta: a violência pública, a doméstica e a do Estado. Assaltos, chacinas, seqüestros, arrastões, saques, linchamentos, estupros eram manifestações espetaculares dessa nova cultura, a Cultura da Violência, que já havia criado o que o antropólogo Luiz Eduardo Soares chamou de Cultura do Medo, um subproduto também perigoso. Não o medo natural, indispensável como legítima defesa da vida e do patrimônio, mas o "medo reativo", histórico, o medo transformado em paranóia e pânico, habitante de bunkers, condomínios fechados, cidadelas medievais. (VENTURA, 1994, p.137)

E é nesse contexto que Ventura vai desvendando a cidade, os projetos, a tentativa de moradores das duas cidades de torná-la um dia uma: o projeto de criação da “Viva Rio” de Betinho e Rubem César na tentativa de mobilizar o lado “civilizado” e o protesto dos moradores de Vigário Geral. O autor “flana” por estes mundos atento e observador e vai mostrando ao longo desses primeiros anos dos 90 tentativas de recuperar o tempo perdido, uma cidade tentando juntar os seus pedaços e novamente querendo ser uma.

E assim a década testemunhou o confisco da poupança dos brasileiros do Governo Collor, o seu impeachment, a era Itamar Franco e depois o Real e Fernando Henrique, além do fim dos altos índices de inflação, a conquista do tetracampeonato em 1994 e o ressurgimento do cinema nacional. O Rio via os índices de violência e assassinatos aumentarem, apesar das iniciativas de paz.

Nos anos 90 a TV Globo tenta diversificar a cobertura jornalística e perder a associação com a Ditadura Militar. A teledramaturgia continua sendo o carro chefe e o telejornalismo tenta encontrar outras propostas. Em 1996 o Jornal Nacional muda seus apresentadores. Saem Cid Moreira e Sérgio Chapelin e entram em cena William Bonner e Lilian Witte Fibe. Coutinho citando Porto analisa que essa mudança significou a transformação para um estilo mais interpretativo na apresentação. Junto com isso a

emissora investiu num conteúdo jornalístico internacional e tem priorizado desde então notícias no eixo Rio- São Paulo – Brasília.

1.9 O Rio do século XXI, um recomeço e uma história ainda a ser contada...

A passagem para o século XXI significou um recomeço em muitas áreas, principalmente na imagem do Rio de Janeiro do passado. A cidade assumiu sua vocação turística e buscou atrair grandes eventos. O primeiro foi os Jogos Panamericanos de 2007, que mostrou a capacidade de sediar jogos deste porte. Esse teste ajudou na consolidação da candidatura da Cidade Maravilhosa como sede das Olimpíadas em 2016, fato que foi confirmado em 2009.

O governo Lula prioriza os investimentos em infraestrutura como os programas de aceleração do crescimento, os Pacs, que colocam a possibilidade de intervenções urbanas nas favelas cariocas. A internet se massificou e influenciou a cidade e trouxe um novo tipo de interação: a virtual. Os índices de violência do Rio começaram a cair, depois de uma sequência de anos de alta. Hoje, de acordo com matéria do site Globo.com¹³ 1,7 milhões de pessoas vivem em áreas de favelas na cidade e região metropolitana. Isso representa 14,4% da população. O desafio agora com os grandes eventos é fazer com que a cidade partida tente se encontrar, de estreitar laços, apesar das diferenças. E nesse processo ganham especial destaque os processos de "retomada", "reocupação" ou "pacificação do morros". O uso de aspas justifica-se pela dificuldade em estabelecer uma denominação para os processos de transformação nos quais territórios nos quais não a polícia não agia, eram antes restritos a ação de milícias e do tráfico, começam a ser alvo de ações, inclusive das equipes de televisão.

¹³ Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/06/inclusao-e-a-chave-para-um-rio-sustentavel-dizem-especialistas-1.html>

CAPÍTULO II

TELEVISÃO E SOCIEDADE

Nesse segundo capítulo da dissertação alguns estudiosos da comunicação e dos Estudos Culturais oferecem o suporte teórico para analisarmos a importância e a influência da televisão no mundo atual. Para falarmos de televisão e sociedade usaremos como referência as contribuições de Dominique Wolton (1996) sobre a televisão e sociedade e especialmente o conceito de laço social. As postulações de Edgard Morin, acerca da necessidade de produção de conteúdos da indústria cultural que agreguem valores que abarquem o maior número de pessoas são associadas nesse trabalho aos estudos de Berger e Luckmann, Goffman e Skidmore sobre representação e identidades.

Para abordar o telejornalismo e os processos de narração do real/reconhecimento escolhemos o grupo de trabalho dos pesquisadores que voltam os olhos pra esse fenômeno na atualidade como Coutinho, Musse, Gomes, Melo, Vizeu, Goulart e Porcello. O telejornalismo brasileiro será tratado a partir da produção de Iluska Coutinho, quando propõe o conceito de dramaturgia do telejornalismo brasileiro ao analisar a organização das notícias em televisão e a sua edição nos telejornais nacionais de acordo com uma estrutura narrativa característica do drama. Acreditamos ser esse trabalho importante e central pra caracterizar a forma como os telejornais, mais especificamente o principal e o mais visto do país - o Jornal Nacional - exibido entre duas telenovelas, representam e narram a cada edição o real na tela da TV.

2.1. Estudos sobre a relação Televisão - sociedade

Ao falar sobre essa configuração da sociedade de massas em que vivemos Martin-Barbero (2003), propõe um pensamento pela diferenciação entre a comunidade e a sociedade. Na sociedade predomina a razão e a princípio não são estabelecidas identificação entre o grupo. Assim prevalece o individualismo. Já na comunidade há uma unidade de pensamento e compartilhamento da emoção. Isso acontece por conta dos vínculos de solidariedade, lealdade e identidade coletiva. A falta de laços que verdadeiramente unam os indivíduos será compensada pela competência e pelo controle de sistemas peritos, como aqueles que operariam via televisão. Para Barbero (2003), a sociedade de massa e os meios de comunicação massivos possibilitaram o surgimento de uma nova cultura.

Assim, podemos considerar que no curso da história moderna poucas vezes um aparelho eletrodoméstico teve tanta importância; a televisão veio pra dentro dos lares e o mundo ficou menor. As distâncias diminuíram e a sala de casa... o quarto... o escritório e até mesmo a cozinha viraram um espaço de interação na hora da novela, do telejornal, do programa de auditório, de entretenimento e de tantas outras atrações que esse aparelho trouxe pra vida das sociedades desde então. Mas por que será que essa revolução de um eletrodoméstico ganhou o gosto de tantos milhões de telespectadores mundo afora? É através da tevê que a sociedade se vê, uma espécie de nova praça pública do fim do século 20 e início do século 21 como afirma Coutinho (2002).

Na tela da televisão é possível ver o que acontece no mundo, ao menos aquele enquadrado pelas lentes e edições televisivas. A partir delas, sobretudo, será possível refletir sobre os dramas cotidianos, entender como está a economia, a política e se entreter. Um dos principais fatores que configuram o sucesso desse meio “geralista de massa” segundo Dominique Wolton (1996) é o fato de que cada telespectador torna-se capaz de identificar na narrativa televisiva algo que lhe é peculiar, algo que o torna humano e ao mesmo tempo parecido com outros que podem estar ao lado ou há milhares de quilômetros. Dessa forma, pela sua programação, a televisão constituiria segundo o autor um laço social tecido à distância.

Nessa perspectiva seria possível compreender a tevê também como o reflexo de cada sociedade. E em cada uma a programação põe à mostra os valores coletivos. É certo que desde o surgimento desse meio de comunicação de massa muita coisa mudou e ainda vai mudar, na tela e para além dela, no mundo cotidiano. A tecnologia agregou

conteúdos e informações. Público e o próprio meio vão se adaptando, um é o reflexo dessa sociedade em constante movimento. O outro um meio tecnológico que começa a “transmidar-se”, principalmente com a incorporação da internet no dia-a-dia da tevê. Mudanças que agregam conteúdos, que indicam caminhos.

A internet trouxe a possibilidade de que vários setores que nem sempre se sentem representados nos programas de maior audiência pudessem produzir seu próprio material, principalmente com a popularização recente de câmeras. Hoje é possível produzir conteúdo até com celulares. Por causa disso acreditamos que em pouco tempo essa tevê que se conhece atualmente passe por grandes transformações. Onde isso vai parar e o que fazer com esse meio ainda é mistério e também assunto para os que virão depois. Por enquanto a tevê é e ainda será por um bom tempo um veículo de comunicação de massas, importante pra analisar e entender a sociedade em que vivemos.

Wolton acredita que a televisão ocupa um lugar determinante na vida de cada um, tanto pela informação quanto pelo divertimento que proporciona, constituindo assim “a principal janela aberta para um outro mundo, diverso do da vida cotidiana” (1996, p. 45). Daí a importância de estudar as representações jornalísticas nessa mídia para entendermos como se articulam as relações sociais, como a sociedade que transita em torno dela se organiza e ainda quais são seus valores e costumes.

Nosso interesse aqui é exatamente analisar essa televisão geralista, voltada para um ideário de nação e formação e consolidação de padrões e costumes. Para Morin “a procura de um grande público implica a procura de um denominador comum” (2002, p. 35). E qual é esse ponto comum? A televisão contribui para mostrar e também modificar as representações que essa sociedade, que cada indivíduo tem do mundo.

Todavia, não é fácil determinar em que sentido ela o faz, a menos que se estabeleça unilateralmente o uso que os espectadores fazem das imagens recebidas (...) não é porque todo mundo vê a mesma coisa que a mesma coisa é vista por todo mundo. (WOLTON, 1996, p. 69)

Daí a necessidade de entender esse meio que ao mesmo tempo emite mensagens que são vistas de variadas formas e que por ser geral para Morin tende a homogeneizar os conteúdos para que sejam assimiláveis a um homem médio ideal. Acreditamos que quando analisamos essa relação entre a televisão e a sociedade, buscando a origem desse processo e as suas nuances, tentamos entender todo um processo social e identitário que delimita o mundo que nos cerca hoje em dia. Em sua análise, Wolton

defende que a televisão é também uma das formas mais preciosas de leitura da evolução das nossas sociedades. Ela simbolizaria “o grande movimento que, há um século, promoveu o indivíduo, a liberdade e a comunicação, mostrando os limites dessas mudanças” (WOLTON, 1996, p. 318)

E quem é esse indivíduo que ao mesmo tempo vive cercado, entrelaçado nessa teia social, e ao mesmo tempo necessita reafirmar-se como ser privilegiado nessa cultura de massa por ter opção de escolha? Morin acredita que “esse homem está fechado no mais estreito particularismo individual, mas seu espírito caseiro está aberto para os horizontes planetários” (2002, pg.180), e ao alcance dos sinais e transmissões televisivas.

Uma afirmação que pode ajudar a consolidar uma primeira visão desse universo onde cabe a influência poderosa de um meio de comunicação que entra na intimidade das casas e que ao mesmo tempo é tão abrangente, por aumentar os horizontes de quem vê a ponto de termos hoje uma consciência planetária. A partir dessa perspectiva ou promessa que a televisão ou os responsáveis pela emissão dos discursos nela veiculados estruturam as narrativas em uma lógica de contato: interação máquina/homem, tevê/telespectador, emissor/receptor. Uma relação que sob certo ponto de vista é de interação e participação.

A televisão... é, ao mesmo tempo, uma formidável abertura para o mundo, o principal instrumento de informação e de divertimento da maior parte da população e é, provavelmente, o mais igualitário e o mais democrático. Ela é também um instrumento de libertação, pois cada um se serve dela como quer, sem ter de prestar contas a ninguém: essa participação à distância, livre e sem restrições, reforça o sentimento de igualdade que ela busca e ilustra o seu papel de laço social. (WOLTON, 1996, p. 65)

Mas ao mesmo tempo em que amplia os horizontes a própria estrutura da cultura de massas e seus “vieses” e matizes também condicionam o público, que muitas vezes fica sentado no conforto do lar a receber esses conteúdos sem precisar exatamente se manifestar. Para Morin (2002) a cultura de massas seria o produto de um diálogo entre uma produção e um consumo, e essa relação é desigual: “a priori, é um diálogo entre um prolixo e um mudo” (p.46).

Wolton também alerta para uma diferença de escala nessa relação, que poderia ser entendida como uma certa passividade do público nessa interação.

O espectador é passivo diante da imagem; perde seu senso crítico e se torna influenciável; esse consumo individual debilita a sociabilidade e favorece uma adoção irrefletida dos modelos culturais dominantes. Em resumo, a televisão aliena. Quanto à cultura de massa, ela marginaliza toda produção que não corresponde a seus critérios e garante o triunfo das indústrias culturais que,

depois de haverem colonizado a Europa, conquistam hoje todo o mundo. (WOLTON, 1996, p. 58)

O mesmo autor analisa que os hábitos e obrigações da tevê geralista “para agradar a todo mundo, conduzem à reprodução de estereótipos, a uma oferta morna, um pouco como uma senha, reproduzindo sem nuances as receitas de sucesso” (WOLTON, 1996, p.105). E essa tevê como meio de massa se justifica pela difusão, pela regulamentação, pela questão política e de controle e também pela econômica.

Nesse cenário seria possível tratar de um jogo de realidades que nos são próprias e que ao mesmo tempo não nos pertencem, mas que podem pertencer por essa interação.

(...) participamos dos mundos à altura da mão, mas fora do alcance da mão. Assim, o espetáculo moderno é ao mesmo tempo a maior presença e a maior ausência. É insuficiência, passividade, errância televisual e, ao mesmo tempo, participação na multiplicidade do real e do imaginário. (MORIN, 2002, p. 71).

Mas afinal, que lugar devemos atribuir à televisão na nossa sociedade? Devemos limitá-la ou difundi-la? Wolton acredita que a televisão é “inseparável de um espaço público, e de um espaço público nacional, que junte a ideia de grande público à de coletividade nacional”(p. 149). Em uma perspectiva positiva, ou integrada para alguns, a televisão seria um possível instrumento de abertura a partir de um quadro fechado; nesse sentido a metáfora da janela oferece uma dada visão sobre o meio.

A televisão, hoje onipresente, assumirá amanhã ainda maior importância com o crescimento do setor da comunicação e a aparição de formas diferentes de televisões, tornando ainda mais necessária a resposta à questão: que lugar atribuir à televisão num espaço público consideravelmente tomado pela comunicação? (WOLTON, 1996, p.147)

E qual o papel dessa televisão geralista na sociedade brasileira? Nosso modelo de comunicação de massas tem especificidades únicas. A começar pela heterogeneidade de hábitos, costumes e grupos étnicos presentes no nosso país. A continentalidade brasileira é outro fator importante. Somos vários países dentro de um mesmo. Não dá pra falar em realidades parecidas num cotidiano em meio à Floresta Amazônica, onde a selva é “senhora” e as rotas são feitas pelos rios... ou no sertão nordestino... ou no centro-oeste agrícola... e compará-las com as realidades do sudeste e do sul dos país. Mas apesar de tantas diferenças, conseguimos identificar uma unidade relativamente padrão dentro desse processo na tevê nacional. E isso por causa de um fator específico segundo Wolton:

A despeito de suas profundas desigualdades sociais, de suas disparidades geográficas, das distâncias entre as grandes cidades do sul e do resto, a classe média parece uma espécie de referência comum no Brasil (WOLTON, 1996, p.161)

Para o sociólogo francês no caso particular brasileiro “encontramos, com efeito, o sucesso e o papel nacional de uma grande televisão, assistida por todos os meios sociais, e que pela diversidade de seus programas constitui um poderoso fator de integração nacional” (WOLTON, 1996, p.153). Ainda falando sobre o lugar da televisão na sociedade brasileira o autor acredita que ela representa uma unidade e referencial existente em poucos países do mundo. Seria um fator de identidade cultural e de integração social, o que é paradoxal neste caso, “tendo-se em conta as grandes distâncias sociais entre os mais pobres, analfabetos e os mais ricos, geralmente voltados para os modelos ocidentais” (WOLTON, 1996, p. 155)

E essa transformação, segundo muitos estudiosos da comunicação, aconteceu em apenas uma geração, notadamente a que veio junto com a ascensão e consolidação da maior emissora, a TVGlobo.

Criada em 1965, a Globo é um dos símbolos da identidade brasileira: gosto pela modernização, pelo desafio, influência norte-americana, vontade de se distinguir. Sua força (...) foi dirigir-se a todas as camadas da população. E sempre aos meios populares. (Wolton, 1996, p. 159).

Como emissora a TV Globo buscou narrar sua história como a de oferecer ou apresentar um espelho para analisar a sociedade brasileira, ser parte de todo um ideário nacional. É preciso porém ter o distanciamento de perceber as estratégias da emissora, cuja produção jornalística e de entretenimento se estrutura como indústria, cultural, que na realidade brasileira emerge como parte de uma política de modernização e integração nacional.

É certo que o monopólio tão forte de uma única emissora nem sempre é positivo, ainda mais no caso de um país tão grande, ainda mais no caso de uma tevê com características de instrumento de cultura de massa dentro de uma sociedade hierarquizada como a brasileira. O problema não seria o modelo, mas os reflexos disso na sociedade. A emissora carioca não encontra concorrência dentro do modelo de televisão no país. Outras que poderiam implantar uma nova proposta não o fazem. Pelo contrário: imitam o conteúdo da grade da Globo como modelo de sucesso a ser seguido e implantado na busca de uma audiência. O público televisivo foi constituído nas últimas cinco décadas e cresceu acompanhando esse veículo de comunicação. Um

primeiro desafio para a própria sociedade seria o de aceitar e entender novos modelos midiáticos que pudessem ser entendidos como alternativa, mas na atual conjuntura não há no horizonte algo que possa ser visto como um contraponto concreto.

2.2 Televisão e laço social

A televisão é hoje uma das principais formas de abertura para o mundo, de entendimento ao mesmo tempo do global e do local. E muitos estudiosos da comunicação defendem que esse meio seria uma das mais igualitárias e democráticas maneiras de informação e divertimento para a maioria da população. Isso porque segundo Wolton “cada um se serve dela como quer, sem ter que prestar contas a ninguém” (1996, p. 65); essa "participação" mesmo que à distância seria livre e sem restrições, o que reforçaria um certo sentimento de igualdade segundo o autor. Daí o seu papel de laço social nas sociedades modernas.

A imagem deixa uma via de acesso ao sentido, principalmente por intermédio do imaginário, mais igualitário, por exemplo, do que aquele permitido pela leitura, pois o acesso à imagem é mais fácil que o acesso ao texto. (WOLTON, 1996, p. 68).

Assim, considerada como principal instrumento de percepção do mundo de grande maioria da população, a televisão contribuiria diretamente para retratar e modificar as representações do mundo em que vivemos. Dessa forma ela se institui como ator social que veicula símbolos e promessas de significados, modificando visões e transformando ou consolidando estereótipos. Porém não é fácil determinar como ela o faz, a menos que se faça um estudo de recepção do uso que os telespectadores fazem das imagens recebidas, tarefa que ainda representa um desafio acadêmico. Há contudo autores que oferecem contribuições indiciais sobre o tema.

A TV capta, expressa e constantemente atualiza representações de uma comunidade nacional imaginária. (...)a TV sinaliza a possibilidade, ainda que sempre adiada, da integração plena. Ela como que alimenta cotidianamente uma disputa simbólica, uma corrida pelo domínio de informações necessárias, um jogo de inclusão e exclusão social. (HAMBURGUER, 1998, p.442).

E como tal a televisão não é um aparelho neutro na produção das imagens e mensagens. A forma como os enquadramentos são feitos, a condução do conteúdo mediado por um profissional que traz seus valores e questões já explicitam um certo ponto de vista desse fazer. Segundo Morin a racionalização corresponde a uma

padronização que impõe ao produto cultural moldes espaço-temporais. No caso de uma reportagem jornalística, por exemplo, ela não deve ultrapassar um certo limite de tempo para atrair a atenção de quem está assistindo e transmitir a mensagem que se quer de forma eficiente, dentro da lógica da indústria cultural. Para o autor “os grandes temas do imaginário...são eles mesmos, em certo sentido, arquétipos e estereótipos constituídos em padrão” (MORIN, 2002, p.31), uma fórmula que substitui a forma.

Assim, a televisão de massa assume “duas funções parcialmente contraditórias: manter o laço social numa sociedade estandardizada e oferecer esse laço num momento em que existem mais e mais contradições” (p.79). Uma lógica do geral contra a do particular, o que seria de acordo com Wolton “essencial da adesão do público à televisão: ele confia nela porque ela lhe oferece um pouco de tudo e ele faz, portanto, aquilo que quer” (p.78).

E dentro deste contexto a programação seria quase que um retrato da sociedade e participaria diretamente na “construção da realidade social”. O autor defende que a “a televisão geralista joga no certo, nos grandes fatores de identificação coletiva” (WOLTON, 1996, pg. 107). E por isso, para agradar todo mundo, essa tevê conduziria “à reprodução de estereótipos, a uma oferta morna, um pouco como uma senha, reproduzindo sem nuances as receitas de sucesso” (p.105).

Em que a televisão constitui um laço social? No fato de que o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo assim, como ele, uma espécie de laço invisível (WOLTON, 1996, p. 124)

Um laço que é oferecido exatamente porque ao fazer a sociedade refletir-se a televisão cria, segundo o autor, uma imagem e uma representação, permitindo que cada um tenha acesso a essas visões. E ao desenvolver essa visão exigiria que todos estivessem reunidos, ao alcance de seus olhares, imagens e sons.

Ao fim de tudo, o único espetáculo grande público de um país é a televisão, que é ao mesmo tempo uma das formas sutis dessa solidariedade diáfana que se instaura entre indivíduos que tudo separa, salvo terem visto, ao mesmo tempo, por razões diferentes e de maneiras diferentes, imagens a que aceitaram assistir, criando assim uma comunicação sem dúvida um pouco estranha, mas provavelmente típica da nossa sociedade individualista de massa. (WOLTON, 1996, p.127)

Uma comunicação que ao mesmo tempo perde particularidades, mas que ganha em integração, na manutenção do que o autor considera uma certa representação da

consciência coletiva de um país, alcançado pelas suas emissões. E assim é formado uma espécie de pacto: por um lado boa parte da sociedade confia na televisão pela sua capacidade de permitir acesso “às diferentes dimensões essenciais do jogo social” (WOLTON, 1996, p.134). Para sociólogo francês a televisão tem como base quatro características: o espetáculo, a identificação, a representação e a racionalização. Todas seriam essenciais na consolidação desse laço social.

O laço social significa duas coisas: o laço entre os indivíduos e o laço entre as diferentes comunidades constitutivas de uma sociedade. Se a comunicação consiste em estabelecer alguma coisa de comum entre as diversas pessoas, a televisão desempenha um papel nessa reafirmação cotidiana dos laços que juntam os cidadãos numa mesma comunidade. (WOLTON, 1996, p.135)

Muito do que se vê nos conteúdos programáticos são visões de mundo e de cotidiano relacionadas ao contexto social vividos nos grandes centros como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

Ao resto da nação fica a representação de certos fenômenos regionalizados: festas típicas, lugares “exóticos” a serem visitados, a tradição a costumes típicos de um Brasil que na visão dos produtores de conteúdo e donos do discurso televisivo está longe de ser vivenciada de forma massiva e que cabem ser expostos em momentos especiais, marcados e datados.

Mas como já dissemos a popularização dos meios de comunicação, o aparecimento e consolidação da internet têm permitido o acesso de novos protagonistas nesse discurso até então vigente na visão da cultura de massas. E essa aparição de formas diferentes para Wolton torna ainda mais necessária a resposta a uma questão: que lugar atribuir à televisão num espaço público consideravelmente tomado pela comunicação? Será preciso aumentar o papel da televisão ou, pelo contrário, tentar limitá-lo? O certo é que ao menos hoje, nesse início de século XXI, a televisão é inseparável de um espaço público e de um espaço público nacional.

Nela (a televisão) encontramos, com efeito, o sucesso e o papel nacional de uma grande televisão, assistida por todos os meios sociais, e que pela diversidade de seus programas constitui um poderoso fator de integração nacional. (Wolton, 1996, p. 153)

2.3. Televisão, representação e identidade

A mediação tecnológica configura um novo lugar. A transmissão televisiva por permitir a destinatários e destinatários compartilharem de uma mesma temporalidade é capaz de colocá-los em um mesmo lugar, num processo interacional. Ao colocar os participantes num mesmo agora esse meio eletrônico transforma todas as suas distintas posições espaciais físicas num mesmo aqui – como um todo que sente a mesma coisa ao mesmo tempo sem que se saiba.

É por meio dessas coberturas televisivas que o homem contemporâneo pode se sentir como participante da maioria dos grandes acontecimentos históricos e socioculturais - cada vez mais acontecimentos midiáticos.

Se por um lado esse meio de comunicação influencia, molda, redefine e re-apresenta valores e padrões de comportamento, por outro não podem ser meramente desconsiderados no processo social vigente nos dias atuais de formação de identidades formadas, segundo Hall, por processos sociais.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2000, p. 38).

Para Goffman, a identidade nesse ambiente social é outorgada, sustentada e transformada. O indivíduo constrói sua identidade a partir da cultura em que vive. (GOFFMAN, 2006). A mídia produz significados e representações da realidade. Por isso pode interferir nas relações sociais, representações e privilegiar determinados pontos de vista.

Segundo Woodward, as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2005, p. 8). Stuart Hall destaca a importância dos discursos para que indivíduos formam a sua percepção da realidade.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2005, p.109).

Goffman acredita que as pessoas constroem suas identidades pessoais a partir da cultura em que vivem (GOFFMAN, 1985). Os telejornais, como produtos da

comunicação de massa, são fundamentais na “re-construção” de identidades sociais no mundo atual, entendendo como são elaboradas suas práticas discursivas.

O papel da Comunicação Social na sociedade atual transformou os meios de comunicação numa referência a partir da qual o indivíduo se organiza e o mundo a sua volta.

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que estes sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (...)Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2005, p. 17).

Assim os meios de comunicação estariam dentro desse jogo de reorganizar a representação. Os fatos e as identidades então, sofrem importantes alterações numa sociabilidade midiática, já que as discussões são captadas pela câmera de tevê nas ruas sob determinado ângulo, ótica, ou ponto de vista de quem realiza o trabalho de contar a história e captar as imagens.

Por trás de uma câmera esta o olhar de um cinegrafista. A matéria jornalística é uma história contada pela ótica do repórter, com as imagens captadas pelo cinegrafista. Na edição o jornalista faz escolhas, optando uma e não por outra cena, por este e não por aquele trecho da resposta do entrevistado. A TV é edição, é corte, é fragmento. (PORCELLO, 2008, p. 51)

A tevê ao dar determinado enquadramento a um grupo ajuda a sustentar, ou não, uma determinada projeção pública sobre os significados das personalidades.

Uma cena corretamente representada conduz a plateia a atribuir uma personalidade ao personagem representado, mas esta atribuição – este “eu” – é um “produto” de uma cena que se verificou, e não uma “causa” dela. (GOFFMAN, 1985, p. 231).

Como “atores sociais” relevantes, os meios de comunicação por muitas vezes redefinem o cotidiano e a sociedade através dos estereótipos apresentados.

2.4. Telejornalismo e real/reconhecimento

Nesse início de século entender o funcionamento da sociedade está intimamente relacionado à visão que nos é oferecida pelos meios de comunicação. Eles são o reflexo da nossa realidade, da nossa percepção de mundo. E por isso o papel das mídias se torna a cada dia mais central, mais ligado e interligado ao processo de mediação de significados e definição de identidades. Esse é o panorama da maioria das sociedades contemporâneas atuais, principalmente as ocidentais. Onde isso vai parar? É fato que a nossa televisão está num intenso processo de transformação, está em interação com novos meios e é provável que se transforme bastante nas próximas décadas com o advento da internet na ressignificação das comunicações interpessoais. Nesse contexto onde o público e o privado se misturam o noticiário ganha mais importância.

O noticiário televisivo se converteu em um lugar onde se pratica, de uma forma simulada, o exercício democrático das grandes questões sociais. É a “Praça Pública” que converte o exercício da publicização dos fatos como possibilidade da prática da democracia. (VIZEU, 2005, p. 2).

A visibilidade alcançada por quem recebe destaque midiático é um instrumento fundamental para moldar identidades. Uma produção acadêmica na interface Comunicação – Identidades é fundamental para a compreensão dos espaços que pessoas, grupos ou comunidades ocupam no mundo atual e ocuparão num futuro próximo.

A televisão forma parte da medula de nossa vida cotidiana. Ela não chegou a ser o que é como resultado de uma política de imposição arbitrária de um meio sobre uma cultura que resistia a ele, mas sim ocupando progressivamente espaços e tempos particulares de um nível básico da realidade social.. (SILVERSTONE, 1994, p.48).

E como a Comunicação se intercambia na atualidade com o papel da mídia, especialmente a televisiva? Até que ponto os meios de comunicação são geradores de demandas sociais e até que ponto eles retratam a realidade dessas comunidades? Como a questão social se intercambia com esse processo de formação de identidades quando discutimos a identidade dessa sociedade? Como essas pessoas são “*re-a-presentadas*”, em que contexto e sob que ótica?

(...) estamos diante de uma mudança nos protocolos e processos de leitura, que não significa a simples substituição de um modo de ler por outro, mas a articulação complexa da leitura de textos e da de hipertextos, da dupla inserção de uns em outros, com tudo o que isso implica de continuidade e rupturas, de reconfiguração da leitura como conjunto de modos muito diversos de navegar pelos textos. Pois é por essa pluralidade de escritas que passa, hoje, a

construção de cidadãos, que saibam ler tanto jornais como noticiários de televisão, videogames, vídeos e hipertextos.. (MARTÍN-BARBERO & REY, 2001, p. 62).

Na tela da TV surgem cidadãos de fato ou apenas figurantes dos problemas narrados? Dentro dessa tevê geralista de massa é possível exercer o direito à comunicação, ou a cidadania eletrônica é limitada pelos formatos e vozes? Iluska Coutinho reflete sobre as limitações nessa representação audiovisual.

Marcada pela serialidade, e pelos contratos de visibilidade, a representação do mundo refletida pela televisão estaria longe de ser neutra ou independente. Limitadas pela visão instrumental do dispositivo televisivo, as imagens veiculadas na TV seriam conservadoras em relação às possibilidades oferecidas sob o ponto de vista técnico, oferecendo apenas uma visão funcional e política da realidade. (COUTINHO, 2012, p. 32)

Bernardo Kucinski também aborda a televisão e a situação social da população brasileira em uma perspectiva relevante para essa dissertação.

Devido ao grau ainda elevado de analfabetismo e ao baixo poder aquisitivo da maioria da população, a percepção popular da política e da sociedade provém principalmente dos meios eletrônicos de comunicação, o rádio e a TV (...) Examina-se o papel de cada um desses meios na formatação desse espaço, na criação do consenso e na definição da agenda nacional de discussões (...) Nas funções de determinação da agenda e produção do consenso atuam como usinas de uma ideologia atribuída às classes médias, inclusive no reforço de seus preconceitos. (KUCINSKI, 1998, p. 16-17).

E quais são os enquadramentos utilizados? Como eles servem para moldar, criar e redefinir identidades? Hoje os telejornais, as novelas e o programas típicos dessa tevê são importantes meios para “publicizar” realidades ou parte delas. São matéria prima para a compreensão de um mundo onde as distâncias diminuem. Portanto, os discursos são produzidos nesse ambiente social midiático, “uma esfera pública cada vez mais dependente dos meios de comunicação de massa para a exposição de eventos, idéias, programas” (ALDÉ, 2001, p. 6).

Os meios de comunicação se transformaram em local de atuação. E a televisão ocupou espaço, tomou conta. Num país como o Brasil, onde a influência da TV é enorme que as principais discussões sobre os acontecimentos fundamentais dos dias de hoje acontecem. Isso ajudou a redefinir seu valor: o de re-construir os significados do mundo à nossa volta, de contribuir para a formação de visões do mundo. Os fatos, as mensagens difundidas principalmente pelos veículos de massa, notadamente as TVs

abertas (mais destacadamente a TV Globo, nosso foco prioritário de análise) influenciarão em alguma medida as escolhas dos cidadãos, a formação de visões de mundo e a atribuição de determinados valores a pessoas, grupos e comunidades.

É indiscutível a influência da TV na formação de opinião por parte do público. Mais do que informar, ela forma conceitos e opiniões. E todos querem ter uma opinião formada sobre os assuntos do dia-a-dia. (PORCELLO, 2007, p 82)

Vários autores têm procurado demonstrar como os meios de comunicação de massa e, principalmente os telejornais, ocupam um lugar privilegiado como “formadores de opinião”.

O poder da imprensa é a influência que os jornais exercem na formação de opinião pública mobilizando a comunidade para a ação política. É óbvio que a imprensa tem sido por toda a parte um instrumento importante na formulação de progresso político e tem desempenhado um papel importante no processo político de várias maneiras e em vários estágios. (PARK, 2008, p.71).

Ao falar de temas comuns na vida dos telespectadores, a tevê acena com uma esfera de debate comum, com enfoques e enquadramentos que são condicionados pela lógica jornalística, pautada pela economia de tempo, objetividade, concisão de texto, jogo de interesses e visões de mundo que nem sempre traduzem a realidade dos fatos.

E como o telejornalismo narra e constrói esses retratos nacionais? Num primeiro momento parecem ser muitas as visões sobre o assunto. Afinal cada TV tem uma linha editorial, cada jornalista uma cabeça. Mas quando analisamos a fundo as notícias do dia-a-dia percebemos um certo padrão de conduta e de influência no cotidiano de milhões de expectadores. Algo que já tratamos por aqui e que voltaremos recorrentemente ao logo de todo esse trabalho.

Segundo Raboy “no atual contexto de globalização, a mídia pode tanto ser uma locomotiva do desenvolvimento humano como um instrumento de poder e dominação” (RABOY, 2005, p. 196). Há claro um certo padrão de conduta e de influência no cotidiano de milhões de expectadores. Interferências que vão meramente do nível subliminar ao explícito, já que um programa televisivo é algo descrito por pessoas, equipes de jornalistas (repórter, editor etc), um especialista, um entrevistado a retratar seu cotidiano. São testemunhas de uma série de fatos, de algo descrito pelos olhos e que, portanto, é passível de interpretação individual.

No caso do retrato das vítimas de violência, foco central dessa dissertação, nos períodos em que acontecem conflitos nas periferias cariocas, a cobertura feita pelos

meios de comunicação potencialmente tem influência na construção de imagens públicas para os moradores dessas regiões. Já que grande parte dos indivíduos usa os meios de comunicação como fonte de informações sobre a realidade, são estas imagens construídas principalmente pelos telejornais que serão traduzidas como “verdade” pelo imaginário coletivo, que por conta disso acaba reforçando estereótipos sobre a vida cotidiana dos moradores dessas periferias.

Acreditamos que a informação é um dos elementos chave na transformação social. Os enquadramentos adotados pelos veículos de comunicação fazem parte deste processo de interpretação e construção de sentidos. E basta ligar a TV para ver que a narrativa telejornalística se vale do excesso de dramaticidade, da “espetacularização” na construção dessa narrativa e se esquece de ampliar e incentivar a discussão na sociedade, em boa parte dos casos. E aí fica uma pergunta: qual a influência das imagens na formação de estereótipos na sociedade atual? Será que a TV usa essa violência para tirar vantagem e alavancar audiências, construir identidades e estereótipos? Em que medida o telejornalismo como serviço público fica limitado ao direito à informação e exclui da audiência, especialmente de quem é representado na tela, a possibilidade de exercício do direito à comunicação? “É por intermédio da TV que as classes B, C e D percebem os assuntos atuais, adquirem novos hábitos e desenvolvem uma linguagem comum” (KUCINSKI, 1998, p. 18). Segundo Ramos a inclusão de todos os atores sociais é um dilema da sociedade atual.

(...) um dos maiores desafios na luta por um Estado democrático contemporâneo é o de resgatar o espaço público como formador das políticas sociais mediante a inclusão crescente de todos os atores sociais relevantes. Justamente o espaço público que, no capitalismo, é quase inteiramente constituído pelos meios de comunicação dos quais a maioria desses atores sociais encontra-se hoje quase que totalmente excluída” (RAMOS, 2005, p. 251).

Sem a observação do contexto, de emissão inclusive, e uma percepção crítica da realidade, também na cobertura de conflitos urbanos, as histórias das vítimas de violência viram apenas espetáculo, entretenimento, ou, utilizando uma avaliação sobre as características da sociedade do espetáculo, “tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação” (DEBORD, 2003, p.13). Membro dessa sociedade, o telespectador criaria um distanciamento do fato: “as imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, de forma que a unidade da vida não mais pode ser restabelecida” (DEBORD, 2003, p. 14).

Se por um lado o jornalismo publiciza realidades em momentos especiais, de chamada “relevância jornalística”, como um conflito de gangues de traficantes por armas de fogo, em outros nega a afirmação de uma outra visão por parte do telespectador. Na maioria dos casos esses sujeitos sociais são retratados somente nestes momentos “especiais”. Quase nunca não lhes é dada outra forma de representação. As próprias falas, na maioria reduzidas a poucos segundos e muitas vezes sem crédito não permitem um certo protagonismo. Seriam eles massa de manobra, uma forma de confirmar a posição do jornalista e da própria emissora? Consideramos que em muitos casos o profissional já tem como pressuposto, antes de ir para a rua/apuração, a história que - acredita - deve contar.

E em consequência disso o atendimento de políticas públicas, o entendimento do fenômeno social, dos sujeitos, o questionamento da realidade vigente passa então a ter relação fundamental, a depender em grande parte das vezes dos enquadramentos dos veículos de comunicação, especialmente a televisão.

Na maioria dos casos, essa parcialidade em relação ao “real” não é explícita, fica subjetiva por trás dos discursos – mas ainda assim afeta a percepção que o indivíduo tem do mundo. É preciso estar atento a esse processo e sua complexidade, como ressalta Vera França.

(...)a comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos. (FRANÇA, 2001).

A mesma autora ressalta a complexidade do processo comunicacional quando fala em três processos relacionais fundamentais na transmissão da notícia: a relação dos interlocutores, as práticas discursivas e o contexto onde os fatos acontecem. Um lugar que para ela é “não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura” (FRANÇA, 2001, p. 14). Esse seria um lugar não somente onde essas pessoas dizem algo ou relatam o fato, mas também um veículo de comunicação onde eles se vêem e constroem suas identidades, um espaço de realização e renovação da cultura.

Uma das análises de estudiosos a respeito da construção noticiosa explica as escolhas dos jornalistas a partir das condições de acesso e consumo das mensagens pelos receptores. Segundo SOUSA (1999) como o homem só é capaz de processar uma pequena quantidade de informação, os jornalistas usam rotinas familiares para dizer um

fato e melhorar a condição de entendimento pelos receptores. Acrescenta-se a isso o fato de que os meios de comunicação ganham cada vez mais importância na vida e na construção do imaginário popular no século XXI. Eles ditam regras, estabelecem padrões e norteiam as sociedades a nível global, promovendo, como analisa HALL (2006), uma redefinição, uma “tradução” ou “transferência” das identidades locais, que “vá produzir simultaneamente novas identificações globais e novas identificações locais” (HALL, 2006, p. 78). E isso significa dizer que, na maioria dos casos, todos não serão mais os mesmos depois dessas mudanças.

No nosso país a mídia hegemônica tem o hábito de retratar as periferias como regiões à margem, condicionadas a um estereótipo determinado. Nos telejornais estes lugares são mostrados, de maneira geral, como naturais de uma determinada violência. Enfim, um lugar bárbaro. Mas já há uma mudança na tevê brasileira. Na teledramaturgia o seriado Cidade dos Homens começou a mostrar nos anos 2000 um ponto de vista dos moradores. E isso vem se ampliando desde então.

Beatriz Becker sugere uma abordagem que torne o telejornalismo mais próximo da pluralidade de conteúdos e diversidade de fontes e representações de grupos sociais.

Há pluralidade quando a cobertura jornalística de um jornal local ou nacional representa a pluralidade de interpretações e a multiplicidade de atores sociais. Para tal, na elaboração das pautas, é preciso estabelecer uma nova hierarquia de valores em sintonia com o interesse público, valorizando menos a agenda oficial e o próprio julgamento dos produtores sobre as demandas sociais, não temendo desmentidos, mantendo independência política e buscando fontes diversas. (BECKER, 2007, p.7)

Mas esse modelo ainda é uma promessa. Será que há espaço, por exemplo, para discutir questões típicas do jovem da periferia? É pouco provável que questões como falta de dinheiro, desemprego, dificuldade de frequentar uma escola, gravidez precoce, convívio com a criminalidade, preconceito ainda sejam assuntos pouco tratados no dia-a-dia de noticiários como o Jornal Nacional. E será que esse espaço é maior no Profissão Repórter? Será que esses programas conferem aos sujeitos representados um lugar fixo ou genérico de representação?

É fato que nosso país é marcado pela grande desigualdade social, pela distância entre a periferia e a classe média. Segundo Melo (2006) se por um lado a classe média se “sente ameaçada pela periferia demonstrando medo e buscando manter distância

desta os indivíduos marginalizados tem consciência de que os *outros* os olham como ameaça”.

Também é fato que favela e asfalto no caso do Rio de Janeiro são dois mundos, duas realidades distintas, dois países que ao mesmo tempo estão num mesmo espaço geográfico de uma cidade dividida.

A expansão territorial e a massificação da cidade, que reduziram as interações entre os bairros, ocorreram junto com a reinvenção de laços sociais e culturais que passam através do rádio e da televisão. Atualmente, são estes meios que, com sua lógica vertical e anônima, diagramam os novos vínculos invisíveis da cidade (CANCLINI, 1999, p.102).

De acordo com Kléber Mendonça em um cenário no qual o espaço produzido pelos meios de comunicação televisiva ocupa, ainda, um papel preponderante, é preciso delimitar as características específicas e os efeitos desse novo lugar midiático da contemporaneidade. Diante da constatação de que o telejornalismo desempenha, usualmente, o ambíguo papel de ator político e arena pública, é fundamental dimensionar as várias relações de força que emergem do encontro entre esse atípico espaço público e os múltiplos movimentos contestadores contemporâneos.

Segundo o pesquisador a questão que se coloca é dupla. Por um lado, é preciso mapear os modos de controle exercidos pela instância jornalística, fragmentada em veículos e meios distintos que acabam por contribuir para a emergência de uma espécie de consenso hegemônico (pela imagem e pelo discurso) acerca dos acontecimentos sociais, seus valores e suas interpretações. Na outra ponta da pesquisa, no entanto, é necessário entender as alterações provocadas nesse cenário pela emergência de novas práticas contestatórias e o entendimento, por parte desses atores políticos e sociais, da necessidade de desenvolver estratégias de comunicação, ampliando os embates políticos para o espaço de administração dos fluxos informativos.

Parte-se, portanto, da constatação de que as cidades, como os discursos, estão longe de possuir algo como uma essência concreta ou um sentido único. Como produtos (polissêmicos) de um processo complexo de apropriações simbólicas, espaços e discursos terão suas interpretações hegemônicas modificadas, gradualmente, em função das historicidades envolvidas no jogo de relações de poder que compõem a sociedade. (Conteúdo disponível em http://www.uff.br/ppgcom/?page_id=917 – acesso em 23/11/2011)

As representações são sempre processos de apreensão e elaboração simbólica que se exerce com e sobre a linguagem. E nesse sentido há o conflito entre as vozes hegemônicas, representadas pelas classes dominantes que sempre costumam dar pouca

visibilidade a este segmento na mídia. Isso geraria a aparente conformação da mídia com o cotidiano de violência, o que ajuda a influenciar a opinião pública.

(...)o espetáculo dos desastres apresentados nos meios de comunicação também sustenta e reforça de outra maneira a indiferença ética rotineira, cotidiana, além de descarregar as reservas acumuladas de sentimentos morais. (BAUMAN, 1999, p. 83)

E acrescenta-se a isso o fato de que na hora de construir a matéria muitos jornalistas não se lembram de responder e transmitir para o telespectador questionamentos básicos, que ajudam no entendimento crítico do fato. Qual é realmente o problema? Quais são as causas, origens? O que funciona para prevenir o problema? Como é possível implementar as estratégias de prevenção? Acreditamos que a imprensa precisa ter uma postura contextual e uma percepção crítica da realidade.

Como “atores sociais” relevantes, os meios de comunicação por muitas vezes redefinem a sociedade e a forma como determinados grupos são vistos. E a realidade de violência é mostrada em muitos casos como sendo uma característica do morador da periferia, negro, pobre e sem acesso aos serviços básicos do Estado. Um cidadão entre aspas, alguém à margem dentro da cidade e do país. Uma sombra da realidade brasileira e ao mesmo tempo um retrato, uma parte importante do que é a identidade nacional, apesar de ser essa realidade negada principalmente pelas elites e até a classe média brasileira. Ambas monopolizadoras dos veículos discursivos no país.

Em seu estudo “teorias da notícia, uma tentativa de construção”, apresentado no 7ª Conferência Brasileira de *Folkcomunicação*, DALTOÉ (2004) reitera a importância dos meios jornalísticos no nosso século, e especialmente de um novo papel que neles atuam.

Os meios jornalísticos contribuem ainda para que a esses fatos, idéias e temáticas sejam atribuídos determinados sentidos (embora a legitimação de sentido dependa, do receptor e das várias mediações sociais). Ainda que possam funcionar também como intermediadores de debates, já que, em alguns casos, permitem a interatividade ao receptor (por exemplo, através de emails e de enquetes que funcionam como fóruns de discussão), podemos dizer que os meios jornalísticos funcionam como agentes de vigilância e controle. Entendemos, portanto, que os meios jornalísticos são - no mínimo potencialmente - um instrumento vital de troca de informações e de estimulação da cidadania, em que o jornalista assume - ou deveria assumir - um papel essencial, também de mediador. (DALTOÉ, 2004).

Mas, por outro lado, o acesso aos grandes meios, como o principal telejornal do país - o Jornal Nacional - ainda é restrito e a representação desses grupos por muitas

vezes acaba caindo no estereótipo do “*favelado*”, vítima de índices de violência acima da média nacional, uma representação quase sempre estereotipada.

Outro motivo que gera dificuldade na decodificação das mensagens dos meios de comunicação de massa é a incompatibilidade da realidade que estes meios passam com a realidade em que estas pessoas vivem, gerando desta forma uma interpretação própria, adequando-se à sua realidade e vivência. Realidade esta que está baseada em pobreza, violência, repressão, fome, preconceito. Enfim, um pacote de situações que estão presentes no dia a dia em um subúrbio. (CORNIANI, Fábio. **Afinal, o que é Folkcomunicação**. São Paulo: WWW.folkcomunicação.com.br, 2008).

2.5 Telejornalismo no Brasil: Dramaturgia

Telejornais e telenovelas se propõem a apresentar, respectivamente, a realidade e a ficção na tevê. Mas essa noção não é rígida nem fechada e assim os formatos se intercambiam, como vamos debater por aqui. Seja por meio da presença da ficção da telenovela no telejornalismo ou da inserção de temas reais, noticiados pelos jornais, nos capítulos da obra de ficção. A diferenciação e as fronteiras entre esse real e esse fictício ainda estão inseridos numa sociedade em constante transformação, numa tevê que muda a cada dia dentro da lógica da inovação tecnológica.

E em nosso caso de estudo, o Jornal Nacional e o Profissão Repórter, os dois estão entremeados e rodeados por esse formato. Um, como é o caso do JN, faz o rito de passagem da novela da sete para a das nove. O outro, mais tarde no horário noturno, também se beneficia desse formato, criando o jornalista como personagem da trama, assimilando assim elementos de dramaturgia e exibindo uma tendência que começa a virar padrão e formato de muitos programas jornalísticos, incluindo os de maior audiência.

E assim há toda uma complementaridade que legitima essa indústria cultural. O produto jornalístico criado para falar da realidade e que relata fatos considerados de interesse do público acaba se apropriando de histórias e relatos abordados primeiramente por programas de ficção. Da mesma forma as telenovelas inserem em suas narrativas assuntos em pauta nos noticiários. Um fenômeno que existe há décadas na tevê brasileira que alavanca e que acabou virando uma prática recorrente na produção televisiva nacional.

Um bom exemplo disso são os temas abordados nas telenovelas da Rede Globo nessa passagem de 2012 para 2013. A questão do tráfico de mulheres e do tráfico de

bebês abordada pela telenovela “Salve Jorge” foi e é pauta e matéria jornalística de praticamente todos os telejornais brasileiros como um problema a ser superado. Outras questões que também intercambiam a realidade do telejornalismo e a ficção da telenovela estão em “Lado a lado” e “Guerra dos sexos”: a igualdade entre brancos e negros – um problema histórico na sociedade brasileira – e a luta pela igualdade entre homens e mulheres – uma situação que ainda é pauta jornalística, mas que parece a cada dia ser um problema do passado. Ambas questões que ainda estão presentes numa série de discussões e que já foram abordadas inclusive nos dois objetos de nosso estudo.

São exemplos desse paralelismo tão presente na nossa realidade da dramaturgia do telejornalismo. Assim, a abordagem do noticiário é acrescida do tratamento explícito e interpretativo dos fatos noticiados durante os capítulos da telenovela, o que suscita questionamentos sobre a presença dos elementos de ficção nos relatos de fatos reais, e da realidade nas histórias de ficção. E a telenovela, mesmo apresentando-se como um gênero de ficção, manifesta-se como uma continuidade da experiência de vida de seus telespectadores, uma vez que ela exhibe em suas narrativas os acontecimentos da forma como o público está acostumado a presenciar.

Como na telenovela, o noticiário para a televisão parte da premissa de que existe um real objetivo que pauta o fazer jornalístico. A missão do telejornal é buscar o fato, que é a matéria-prima do jornalismo. No fim é preciso apresentar esse fato ao público da forma mais isenta possível. Esta transposição temática entre telejornal e telenovela marca-se discursivamente, nos sentidos produzidos a partir do funcionamento da linguagem jornalística e da telenovela.

Feitas as primeiras considerações sobre telejornalismo e telenovela notadamente nesse capítulo vamos nos basear numa das principais fontes desta dissertação: o trabalho da nossa orientadora de mestrado, Iluska Coutinho, no seu estudo de doutorado, e recém lançado livro “A Dramaturgia do Telejornalismo”. De acordo com Coutinho falar em drama é associar uma imagem normalmente “carregada de peso negativo, da sensação e/ou pressuposição de excesso”; seria como assumir “que os limites foram cruzados, ultrapassados, com altas doses de emoção” (COUTINHO, 2012, p. 9).

O problema é que, segundo a autora, o que chamamos de jornalismo ideal “implicaria o (re) conhecimento da primazia do interesse comum sobre o privado, do direito à informação da sociedade como superior ao sigilo individual” (COUTINHO,

2012, p. 9). Ao mesmo tempo o que vemos nesse lócus televisivo, nesse vital espaço de representação identitária onde cabem as notícias diárias, é um movimento em outro sentido:

(...) noticiário de televisão é espaço para que experimentemos os pequenos e grandes dilemas cotidianos, emoções de anônimos e autoridades, editadas segundo uma série de características que as aproximam das narrativas de ficção, do terreno da (tele) dramaturgia” (COUTINHO, 2012, p. 10).

E assim a dramaturgia se impõe segundo a autora como modelo adotado para a apresentação de notícias e este seria uma característica comum ao modelo de jornalismo praticado no Brasil. Isso ganha maior importância na medida em que telejornais como o JN são uma das fontes mais importantes de informação de construção do conhecimento e senso comum.

Ainda que não disponha dos instrumentos de acesso ao jornal impresso, o telespectador entra em contato, por meio dos telejornais, com os fatos mais importantes, segundo os critérios de avaliação jornalísticos. É fundamentalmente ao assistir aos noticiários televisivos que significativa parcela da população entra em contato com o mundo e abastece seu repertório com informações e notícias capazes de possibilitar sua inserção nas conversas cotidianas e mesmo sua orientação no tempo presente. (COUTINHO, 2012, pgs. 43 e 44).

Em 1988, 90% dos telespectadores da TV sintonizavam o *Jornal Nacional* da Rede Globo justamente porque achavam fácil entendê-lo. (SQUIRRA, 1993: 14). Por isso, analisar como se forma a apreensão do conhecimento nesse telejornal é importante pra entender o comportamento de grande parte da sociedade brasileira, mesmo que as interpretações sejam distintas.

(...)todo mundo assiste às mesmas imagens, mas ninguém vê a mesma coisa! Quer dizer que o quadro de referências é ao mesmo tempo dado e produzido pelo meio de massa. A escala de difusão esboça o cenário no qual as imagens ganham sentido, mas a recepção de massa traz modificações que permitirão a essas imagens encontrarem o seu quadro de referências. (WOLTON, 1996, p.77).

O material exibido dentro de um telejornal é de interesse público. É necessário entender a relação entre esse interesse e os chamados valores notícia. A dramatização no telejornalismo enfatiza como as pessoas ou atores sociais aparecem ou são narrados em função do texto. Curado (2002) entende que a encenação dos fatos em noticiários passa a fazer parte da realidade e classifica a seleção de imagens espetaculares como clipe jornalístico:

Quando o fio condutor de uma reportagem é a seleção de imagens espetaculares, o material que resulta daí é o clipe jornalístico. Narrar histórias a partir de uma sequência de efeitos visuais é uma leitura inconsistente e juvenil da realidade, (...). Se uma falsa estética da edição prevalece para a construção da narrativa noticiosa, a informação passa para segundo plano. (Curado, 2002, p. 171).

E como se encadeia esse processo que relaciona telejornalismo, dramaturgia e os profissionais que fazem parte desse sistema especificamente no caso brasileiro? Para Coutinho “ao jornalista de televisão caberia o papel de mediador, enquanto a câmera se converteria nos olhos do telespectador, o olho eletrônico de McLuhan” (p.54). Por isso, a reportagem em si precisaria de componentes humanos que tragam aos telespectadores, algo geral, que atraia a atenção. Ao repórter caberia o ponto de equilíbrio, a objetividade para que a história fosse contada de forma eficaz e isenta.

Esse seria o ideal. Mas na contramão dessa linha muito comum e difundida no fim do século passado e início desse começamos a ver uma mudança. A personalidade nessa relação com o telespectador se torna mais comum, mas não menos dramática. Aliás percebemos uma intensificação e valorização desse formato. Desde telejornais locais onde os comentários pessoais de vivência de repórteres e apresentadores estão mais comuns, até programas nacionais, onde o repórter e ou apresentador são personagens ativos.

Uma prova disso foi o quadro “Medida Certa” do dominical “Fantástico” em que os apresentadores Zeca Camargo e Renata Ciribelli passaram por um programa de emagrecimento e aprenderam a ter hábitos mais saudáveis. O mesmo aconteceu com o jogador de futebol Ronaldo, que seguiu o exemplo. Eles foram acompanhados pela audiência, que viveu junto seus dramas e dificuldades no dia-a-dia para se adaptarem à nova rotina. Outro exemplo é “Planeta Extremo” do jornalista Clayton Conservani, no mesmo jornalístico. No quadro as situações são narradas como uma história dramática de desafio e superação, onde o repórter/personagem principal põe sua vida em risco pra superar desafios inimagináveis para que o telespectador/homem comum vivencie essa aventura no conforto do lar, sem maiores riscos.

Padrão que começa a ser vivido também por outros jornalísticos da casa, como o “Profissão Repórter”, que também é objeto empírico de nosso estudo e que falaremos em capítulo posterior. As narrativas emocionais presentes nos telejornais e que em muito foram herdadas da linguagem cinematográfica, seriam marca de noticiários

moldados por uma estratégia de mercado e que são um misto de informação e entretenimento para conquistar audiência.

(...)constituído de diferentes construções: a construção (redação) do texto em si, a construção da imagem ou seqüência de imagens e a própria construção da fala, na medida em que a entonação dada a cada matéria, a cada frase, oferece diferentes possibilidades de interpretação. Cada matéria passa pelo tratamento pessoal ou personalizado (ainda que sempre obedecendo a um padrão de qualidade) do repórter, que vai até o fato e conta uma história ou a sua versão do fato.(TEMER, 2002, p.229).

Histórias que segundo Coutinho seriam contadas no telejornal e que “reconstruía o movimento do mundo no âmbito, seguro e familiar, da casa, em forma de espetáculo” e que seriam como uma espécie de “dimensão essencial da ilusão da realidade” (2012, p. 59). E que para Bucci é bastante presente na televisão brasileira.

(...) ao jornalismo, seja ele de rádio ou de jornal, não basta informar. Ele precisa chamar a atenção, precisa surpreender, assustar. Os produtos jornalísticos são produtos culturais e, nessa condição, fazem o seu próprio espetáculo para a platéia. Como se fossem produtos de puro entretenimento, buscam um vínculo afetivo com o freguês. Mas o que se dá na televisão é mais que isso e na televisão brasileira é duas vezes mais (BUCCI, 1997, p.29).

Existiria aí um “que” de veracidade na medida em que os jornalistas seriam uma espécie de testemunhas da realidade e teriam uma “aura” de isenção e de credibilidade para o telespectador, que poderia acreditar nos fatos/entretenimento sem se preocupar com um possível questionamento sobre a realidade dos fatos. Tudo costurado por uma fórmula baseada numa espécie de vínculo afetivo, o que segundo Coutinho atribuiria o sucesso desse formato televisivo.

Outro fator relevante na construção do drama cotidiano no telejornalismo brasileiro é o uso do personagem nas notícias, que tornaria a narrativa mais real para os telespectadores e por isso “os telejornais acabam por se apresentar como mediação entre a experiência vivida pelo outro, cuja fala aparece na tela e mundo, a vida particular de cada telespectador e suas relações com a sociedade” (Coutinho, 2012, p 152).

Então o drama vivido por “Dona Maria” por exemplo tornaria a história assimilável, por tratar de problemas cotidianos, que poderiam acontecer com quem assiste. Daí a identificação. Um exemplo claro dessa associação está nessa passagem do JN presente numa reportagem sobre a ocupação do Morro do Alemão no Rio no fim de 2010.

O passado violento mantém suas marcas em um dos pontos mais altos da favela, que agora ostenta a bandeira do Brasil, um dos símbolos da ocupação. Do alto de um penhasco, a construção mais antiga do bairro recebe mais turistas. E cariocas, como Telma, registram a primeira visita à Igreja da Penha.

“Antes a gente ficava com medo de vir”, admite um carioca. (JORNAL NACIONAL, 28/12/2010 em matéria exibida <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/12/um-mes-apos-ocupacao-moradores-do-alemao-reclamam-de-pouco-policciamento.html> - consulta em 09/01/2011).

É certo que numa passagem como essa do JN identificamos elementos dramáticos, como a oposição entre o bem e o mal, entremeados pelo que Coutinho considera “uma grande narrativa do mundo moderno” (2012, p.110), outro fator presente na dramaturgia do telejornalismo brasileiro. E nele também está presente o conflito, um fator preponderante nessa análise:

Assim, a presença de um conflito social, explícito ou implícito, poderia ser considerada uma das características de noticiabilidade de um fato, um dos valores-notícia para sua inclusão no noticiário televisivo. Além de orientar a seleção dos assuntos a serem transformados em matéria no telejornal, seria preferencialmente em torno desses conflitos sociais que se organizaria a cobertura, a notícia em televisão, convertida na tela também em conflito narrativo. (Coutinho, 2012, p.133).

Um conflito que faz parte do cotidiano de quem assiste e que é um convite para transpor toda a questão da teledramaturgia – forte e consolidada na tv brasileira - para a vida real.

Uma das alternativas é a manutenção do problema, com o acirramento das questões o desenho de um *impasse*, também narrativo, a partir do relato de uma situação do cotidiano. A solução final caberia ao telespectador que é, em alguns momentos, convidado a participar de forma mais direta. (Coutinho, 2012, p. 162)

Uma participação mediada dentro de limites pré-estabelecidos, de forma a criar uma interação calculada. Uma forma de reafirmar e impor a ideologia presente nesse discurso criado a partir do modelo americano de telejornalismo e que foi amplamente aceito por aqui.

Seria então a partir desse conflito narrativo que seria estruturado todo o processo de texto narrativo, edição e tempo das matérias. Uma narração que tem preferência ainda segundo Coutinho pelos chamados factuais, em que a noção do ‘Fato’ se enquadraria

(...)à existência de mudanças, alterações e/ou distúrbios na rotina de indivíduos e/ou comunidades. Assim, na medida em que o sair da rotina possui caráter de critério de noticiabilidade, os personagens têm suas ações descritas como um acontecimento, uma narrativa organizada a partir de intrigas de ação, preferencialmente. (Coutinho, 2012, p.136).

Aliado a isso há ainda a questão da chamada “lição de moral”, uma espécie de “mensagem educativa” acrescida de um “juízo de valor”, o que para a autora serviria para reafirmar “os papéis de mocinhos e heróis, enquanto a presumível punição dos

personagens identificados como maus ou vilões seria justificada” (Coutinho, 2012, p 145).

Tudo isso é oferecido ao telespectador num pacote pré-determinado, em que as escolhas e os processos mentais e interacionais já foram previamente analisados pelos emissores do discurso de forma que todo esse encadeamento de ações e reações já foi amplamente acordado entre audiência e donos do discurso.

Desta forma, a noção de dramaturgia do telejornalismo compreende, para além dos aspectos de encenação e do caráter espetacular da atuação de seus profissionais, a organização das matérias editadas, em texto e imagem, de forma a oferecer ao telespectador o desenrolar das ações, vividas e experimentadas por meio da atuação de diferentes personagens colocados em cena. (Coutinho, 2012, p. 187)

Mas nossa análise da dramaturgia do telejornalismo não se encerra por aqui. Nos próximo capítulo vamos mostrar como dentro dessa lógica o telejornalismo mostra uma realidade presente dentro dos morros cariocas.

CAPÍTULO III

TELEJORNALISMO E (RE) CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS MORROS CARIOCAS

O rio que tudo arrasta se diz violento,
mas ninguém diz violentas as
margens que o comprimem.
Bertold Brecht

Todas as cidades são a construção que fazemos delas: memória, discurso, imaginário... Definir o que cada uma é e representa depende das lembranças e das vivências de cada pessoa que interage e é impactada por ela. É algo mutável e em constante movimento exatamente porque essa compreensão não é algo exato – e ainda bem que nunca virá a ser! Perceber o que ela representa pelo material que é divulgado na mídia - especialmente a mídia televisiva, suas imagens e silêncios - é também uma das formas de apreender a própria cidade. Isso sem deixar de levar em conta que esse é tão e somente um lado das cidades possíveis que experimentamos ou viermos a vivenciar.

Nesse capítulo vamos discutir como as notícias veiculadas nesses telejornais ofereceram produções simbólicas para construção de todo um imaginário da periferia do Rio de Janeiro nas mentes de milhões de brasileiros. Para isso vamos nos basear nas análises de especialistas em violência e teremos como fio condutor o trabalho desenvolvido pelo pesquisador Kleber Mendonça, que estuda entre outras coisas como a imprensa (re) significa a imagem dos morros cariocas, face ao que convencionou-se denominar de pacificação. Também voltaremos aqui e no último capítulo à questão da dramaturgia do telejornalismo – essencial no contexto desse trabalho - com as análises de Coutinho, que aborda ainda o espaço dado às vítimas nesse processo.

3.1 Narrativas e atores sociais

Os meios de comunicação constroem narrativas e discursos muitas vezes opostos quando falamos de Rio de Janeiro: de um lado os conflitos urbanos, e de outro, as possibilidades de lazer e entretenimento que essa cidade oferece. Em uma perspectiva a cidade tem as cicatrizes das balas perdidas, dos conflitos entre traficantes e policiais, da vitimização dos moradores das periferias. Outra reforça o ideário cultural da corte, das belas paisagens, da cidade maravilhosa – principal destino turístico a ser visitado no país. Essas narrativas multifacetadas das diferenças expõem exatamente o lugar dessas contradições na narrativa jornalística exposta diariamente em cada telejornal.

A narratividade – e aí vale pensar a discursividade em seu sentido ampliado – busca conhecer as falas, inclusive nas suas dissonâncias, com suas respectivas personagens, naquilo que ela também apresenta de contraditório. Ela busca reconhecer, além de tudo, o contexto em que os fatos se dão, sempre no intuito de redimensionar os acontecimentos. Na perspectiva de uma análise da narrativa, por exemplo, podemos perceber o quanto de verdade também se revela nos interditos e nos espaços aparentemente menores. (RESENDE, 2007, p.89)

Por isso é importante analisar cada elemento das reportagens para entender a dinâmica desse processo. Assim, o jornalismo e seus profissionais como foro “institucionalizado” da produção de um discurso, da veiculação de “verdades”, colaboram para a sedimentação de versões “autorizadas” sobre as cidades, entre elas o Rio de Janeiro. Visões que não são a tradução desse espaço – se é que há uma – mas que também fazem parte dele.

As leituras da cidade não correspondem a uma simples atualização, nos indivíduos, dos aspectos concretos de cada localidade. Cada discurso pode (e muitas das vezes quer) propor reconfigurações do espaço urbano. (...) No caso do discurso jornalístico, entretanto, no lugar de perturbarem a estabilidade das representações usuais, as visões veiculadas - por se converterem em lugar autorizado da produção e circulação da “verdade” – acabam colaborando para a sedimentação de algumas representações “oficiais” da cidade. (MENDONÇA, 2012, pp.215-216)

A guerra pela posse do domínio da venda de drogas nos morros cariocas é material rico para os telejornais. Tanto que costuma na maioria dos dias em que há conflito entre facções ou entre policiais e traficantes ser o principal fato do dia, com

inserção de imagens na abertura do telejornal, frases que antecipam o drama e que mostram o cotidiano presente nessa realidade recortada pelos profissionais de tevê.

(...) a sucessão de cenas, vozes, personagens na narração da notícia acabam impondo um ritmo veloz também à recepção e à apreensão do produto informativo em TV que, por meio do texto e da seleção temática, buscam uma aproximação constante com o cotidiano dos telespectadores, este também marcado, em tese, pela velocidade. (Coutinho, 2012, p. 159)

E como a questão social se intercambia com esse processo de formação de identidades quando discutimos a realidade dos cidadãos que são vítimas de violência no Rio de Janeiro? Como essas pessoas são “*re-a-presentadas*”, em que contexto e sob que ótica? Na tela da TV surgem cidadãos de fato ou apenas figurantes dos problemas narrados? Nas edições do JN e do *Profissão Repórter* eles podem exercer seu direito à comunicação, ou sua cidadania eletrônica é limitada pelos formatos e vozes globais? Quem são e o que fazem esses cidadãos que convivem com vários tipos de violência, muitas vezes no meio do fogo cruzado e das guerras constantes entre traficantes e a polícia? Esse é um tema importante no cotidiano do jornalismo brasileiro.

Ao falar de temas cotidianos, presentes na vida diária dos telespectadores, a tevê ajuda criar e consolidar uma esfera de debate comum dos brasileiros. Um debate que nasce marcado pela forma como a notícia é veiculada, pelos enquadramentos que formam imagens públicas e pela lógica jornalística, pautada pela economia de tempo, objetividade, concisão de texto, jogo de interesses e visões de mundo que nem sempre traduzem a realidade dos fatos.

Na ilha de edição, laboratório em que se processa a alquimia de reunir texto-som-imagem em uma reportagem de TV, o telejornalista lida com a necessidade de ordenar o aparente caos da fita bruta, em que imagens, entrevistas, passagens e o áudio do off são gravados de forma cuja lógica está ligada ao momento de captação dos registros e não à sua estrutura narrativa. Alia-se a isso a questão do tempo disponível, a possibilidade de alteração das informações até o momento de exibição, as diferenças em qualidade e adequação das entrevistas/depoimentos coletados e ainda a linha editorial do telejornal, e mesmo a marca ou padrão estilístico e/ou político da emissora em que aquele programa está inserido. (Coutinho, 2012, p. 157)

O espaço dado aos conflitos urbanos nos dias atuais é imenso e atrai enormes audiências. Nesse tipo de cobertura, como o telejornalismo narra e constrói o retrato das vítimas? Quando analisamos a fundo as notícias do dia-a-dia desse conflito não declarado há um padrão de conduta e de influência no cotidiano de milhões de espectadores? Não vamos antecipar nossas análises, que estarão presentes no capítulo

quatro dessa dissertação, mas de uma maneira geral as interferências vão, claro, do nível subliminar ao explícito, descritas pelos jornalistas, via texto ou edição, ou pelo(s) entrevistado(s). Ambos testemunhas de um fato, de algo descrito pelos olhos e que, portanto, é passível de interpretação individual. Coutinho ao propor o modelo de análise da dramaturgia do telejornalismo aborda de um padrão narrativo bem definido nesse processo.

O modelo mais recorrente (...) segue o modelo ou estrutura narrativa clássica em um drama. Nesses casos, a matéria começa com uma *Apresentação*, de cenário, personagens ou do tema, problema abordado. A partir dessa espécie de introdução há a *Apresentação do Conflito*, e aqui nos referimos ao conflito narrativo, como devemos lembrar. Passamos em seguida ao *Desenvolvimento do Conflito*, e da criação da expectativa, perspectiva de resolução. (Coutinho, 2012, p. 162)

Uma narração que em muitos casos tem suas preferências quando falamos em possíveis atores sociais escalados para o papel de vítima: a do morador da periferia, negro, pobre e sem acesso aos serviços básicos do Estado. Um cidadão entre aspas, alguém à margem dentro da cidade e do país. Para Mendonça “a figura do morador permanece, quase sempre, relegada a uma representação anônima nesses acontecimentos” (MENDONÇA, 2012, p.10). Uma sombra da realidade brasileira e ao mesmo tempo um retrato, uma parte importante do que é a identidade nacional, apesar de ser essa realidade negada principalmente pelas elites e até a classe média brasileira. Essas últimas seriam hegemônicas em relação ao tom dos discursos veiculados, e constituiriam o locus de onde saem a maioria dos profissionais que ali trabalham.

Em sua tese de doutorado Abreu nos dá uma pista de como a violência da periferia da cidade do Rio e dos morros começou a pautar a mídia carioca e nacional.

(...) com a disputa pelos pontos de venda da droga nas favelas, a violência saiu da periferia e começou a repercutir na Zona Sul da cidade. Começaram a aparecer na mídia matérias sobre tiroteios e confrontos entre policiais e traficantes. (ABREU, 2009, p. 111)

Se por um lado o jornalismo expõe essa violência em alguns momentos, como um conflito de gangues de traficantes que afeta a Zona Sul, por exemplo, de outro tem negado ou simulado a afirmação de uma outra visão por parte do telespectador. Ainda hoje na maioria dos casos esses sujeitos sociais são retratados em momentos “especiais”.

Este mito de uma oposição entre 'legítimos brasileiros', vítimas de um mal exterior resultado da prática de sujeitos-outros, 'por essência' violentos, será

justamente o terreno a partir do qual serão construídos os conteúdos informativos que ampliarão sua ênfase nos 'atos de violência', possibilitando a emergência dos argumentos que legitimem e autorizem a 'violência de estado' nos processos de (re)urbanização da cidade. (MENDONÇA, 2012, p.5)

As próprias falas, na maioria das vezes reduzidas a poucos segundos e muitas vezes sem crédito, não permitem o protagonismo do cidadão comum, salvo algumas exceções que confirmam inclusive a regra. Essa tem sido a tendência das últimas décadas, com uma perspectiva de possível mudança nos últimos dois anos. Mas esse fenômeno é relativamente novo e ainda cabe uma análise mais aprofundada, num espaço de tempo que inclua o período pré e pós Copa do Mundo e Olimpíadas. O atual momento histórico da cidade parece demandar atenção para as políticas públicas desenvolvidas, e a cobertura da mídia televisiva acerca delas.

Vale ressaltar, nesse aspecto que a forma de representação da realidade, e nela das situações de violência e exclusão social, depende em grande parte das vezes dos enquadramentos noticiosos dos veículos de comunicação, especialmente a televisão. Para Wainberg, “a imprensa produz certamente algum efeito no clima de opinião pública e certamente por isso é visto como objeto em disputa pelos atores envolvidos em conflitos políticos”. (WAINBERG, 2005, p. 69). Cláudio Abramo destaca o assujeitamento do público na compreensão da a partir dos discursos produzidos e veiculados no telejornal:

Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e freqüentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. Como o público é fragmentado no leitor ou no telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela de realidade da qual ele é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. A imensa parte da realidade, ele a capta por meio da imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é, justamente, a parte da realidade que ele não percebe diretamente, mas aprende por conhecimento (ABRAMO, 2003, p.24).

Nesse sentido, a análise dos discursos apresentados pelos telejornais da principal emissora de televisão do país sobre violência no Rio de Janeiro pode ajudar a entender a forma de representação da violência e insegurança nos grandes centros urbanos do país nos meios de comunicação hegemônicos e, em consequência, avaliar como esses meios ajudam na personalização das vítimas e dão forma às percepções que os indivíduos têm da realidade.

Batista faz uma crítica acirrada a esse modelo de narração jornalística feito pelos meios de comunicação, notadamente o Jornal Nacional.

Podem-se ler (ou ver), todos os dias, notícias sobre crimes, assassinatos, seqüestros. No monopólio dos meios de comunicação, toda a culpa pelos tormentos sofridos pela população recai sobre a tal criminalidade. O pânico, institucionalizado, prepara o terreno para um “clima de guerra”: moeda legitimadora da ação repressiva (...) É só olhar o Jornal Nacional. Os meios de comunicação pautam a polícia hoje. Eles criam a demanda por repressão e a legitimação dos excessos. Você apresenta, por exemplo, três matérias com o Fernandinho Beira-Mar e depois entra na favela matando dez pessoas. De vez em quando, tem de botar um colarinho branco na fogueira para legitimar o sistema penal. (BATISTA, 22/07/2009 em entrevista no site www.anovademocracia.com.br – consulta em 13/06/2012).

Esse debate é um primeiro passo na compreensão acerca das representações veiculadas na cobertura da violência nas comunidades e morros cariocas, nos conflitos entre grupos e facções rivais, entre a polícia e traficantes, milícias e traficantes. A abordagem midiática desse fenômeno se complexifica quando há o rebatimento ou repercussão das temáticas antes mencionadas junto à população, principalmente as pessoas com problemas de moradia e num contexto de exclusão social e pobreza. São elas que ficam no meio desse “conflito” urbano. Problemas que, na concepção de Batista (2012), são agravados dentro da sociedade brasileira pelo padrão de televisão em vigor, com a concentração da audiência em uma única emissora e a tentativa das outras em reproduzir esse padrão.

... a mídia não permite um aprofundamento do problema, faz questão de deixar num nível superficial apenas. E nós temos a Globo, com o monopólio da opinião pública. Os outros disputam, mas mais ou menos todos reproduzem o padrão da Globo. Então essa discussão de violência no Brasil não avança. A imprensa é estimuladora do medo. Ao ficar na superfície, as razões maiores do aumento da violência não são discutidas, então a gente não caminha pra frente. Nós estamos nos agarrando a um modelo que só vai gerar mais violência, um modelo de segurança pública, um modelo prisional. (...) A mídia faz parte, sim, do problema, mais forte do que há quinze ou vinte anos. (BATISTA, 07/08/2006 em entrevista no site www.fazendomedia.com – consulta em 13/06/2012).

Esses problemas, presentes na mídia e na avaliação sobre sua cobertura, fazem parte do repertório cotidiano de conversas dos cariocas e dos brasileiros e que são importantes no contexto atual. A mídia torna os acontecimentos públicos em termos de uma cidade partida ou em uma dimensão nacional, visíveis para toda a nação, tornada comunidade pelo laço social da TV. Nesse processo, haveria a transformação da cobertura, segundo Wainberg, em um espetáculo televisivo, consumido à distância.

A teoria da sociedade-espetáculo de Guy Debord tem sido utilizada também para explicar as duas características do terror: a da ação cênico-teatral e espetacular. Para ele, a espetacularidade “não é simplesmente um conjunto de imagens, mas um conjunto de relações humanas mediadas por imagens”, ou seja, o fato de a humanidade viver crescentemente em megalópoles fez com que os indivíduos perdessem a intimidade comunal que antes o contato direto com os fatos permitia. Hoje, a mediação tecnológica da informação nos tornou mais dependentes dos meios. Os atores sociais, ao compreenderem a nova realidade, tornaram nossa contingência crescentemente representacional. Essas personagens da burocracia estatal e civil e do protesto antiestablishment passaram a atuar cenicamente com mais habilidade e desenvoltura. (WAINBERG, 2005, p. 81)

3.2 A construção da cidade do Rio no “locus midiático”.

De acordo com Coutinho e Mata “os sentidos - e os efeitos que os discursos produzem nos sujeitos – ganham matéria a partir dos múltiplos textos que circulam em uma sociedade”. E dentro do telejornalismo seria “constante o esforço para manter uma ilusão de unidade de sentido, por meio de representações”. (Coutinho e Mata, 2010). Retratos do cotidiano, os telejornais enquadram as práticas sociais, priorizando e/ou descartando certos personagens.

Dentro do discurso sobre a violência nos morros e na periferia carioca presente no telejornalismo brasileiro é possível identificar dois momentos de uma mesma história quando falamos da Cidade Maravilhosa. Primeiro a barbárie versus asfalto, onde os atos de violência praticados nas favelas ganham destaque nas manchetes com ares até mórbidos por vezes. Num segundo momento, a partir do processo de “pacificação”, há um discurso inclusivo, em que essas comunidades passam a fazer parte desses “locus midiático”, do qual até então elas eram relegadas. Características que para Kleber Mendonça traduzem “diferentes *visões* sobre os *espaços da cidade*, sugeridas pelo *espaço discursivo* da “verdade” jornalística. (MENDONÇA, 2010, p.4)

E quando falamos de cidade hoje em dia, a que nos referimos? Que lugar é esse nesse início de século? Essa visão mudou bastante com o advento da tecnologia que hoje nos cerca. Para Fechine “quando eliminaram as distâncias, suprimiram os deslocamentos e dispensaram a proximidade física, as telecomunicações definiram uma outra natureza para a cidade” (FECHINE, 2006, p. 37). A mediação tecnológica configura um novo lugar. A transmissão televisiva por permitir a destinatários compartilhar de uma mesma temporalidade é capaz de colocá-los em um mesmo lugar, num processo interacional. Ao colocar os participantes num mesmo agora a televisão transforma todas as suas distintas posições espaciais físicas num

mesmo aqui – como um todo que sente a mesma coisa ao mesmo tempo sem que se saiba.

Com isso por meio dessas coberturas televisivas que o homem contemporâneo pode se sentir como participante da maioria dos grandes acontecimentos históricos e socioculturais e cada vez mais acontecimentos midiáticos. E a TV acaba por construir “um simulacro do ambiente privado propício às interações interpessoais” (FECHINE, 2006, p.52).

No Brasil, em muitos casos, principalmente na cobertura de meios hegemônicos, a violência nestes lugares é vista como cotidiana, como um traço inerente a estas comunidades.

O capitalismo tardio...precisa do medo para levar a cabo suas políticas de controle social: nas favelas ou nas prisões. Os que sobraram, os novos impuros, têm de ser neutralizados ou aniquilados (se não for no corpo, pelo menos na alma). (...) O olhar cotidiano indiferente à miséria e às torturas e mortes violentas dos pobres (de tão negros, ou tão negros de tão pobres) precisa de um discurso que explique e naturalize o macabro espetáculo global. É por isso que esses discursos do medo se difundem pelas telas, pelas bancas. (BATISTA, 2003).

Ressalta-se que as representações são sempre processos de apreensão e elaboração simbólica que se exerce com e sobre a linguagem. E nesse sentido há o conflito entre as vozes hegemônicas, representadas pelas classes dominantes que sempre costumam dar pouca visibilidade aos segmentos periféricos da sociedade, também na mídia.

Para muitos especialistas em violência a relação da mídia com a barbárie é quase simbiótica para atrair audiências. Nessa passagem de Wainberg fica clara a relevância da violência para o mundo do jornalismo e do entretenimento.

O que perdurou inalterável ao longo desse tempo, em especial no século XXI, é o fato de que o terror foi e permanece sendo um instrumento de comunicação simbólica efetivo e competente, uma fala rebelde que se expressa por meio de um ato violento, comovente, capaz de furar o bloqueio da pauta jornalística. (WAINBERG, 2005, p. 80)

A cobertura da violência em casos de confronto é mais efetiva, e frequente do que naqueles em que ela ocorre simbolicamente. Nestes casos há uma espécie de reprodução da condição de falta de acesso aos bens e direitos sociais com as quais os cidadãos de áreas periféricas lidam cotidianamente; esse tipo de matéria em geral fica à

margem da pauta televisiva. Para Mendonça é preciso compreender o processo de marginalização espacial nas grandes cidades como um fenômeno de mobilidade que alimenta e produz uma “inclusão precária” efetivada pelo jogo das relações de poder. (Mendonça, 2012, p. 217)

Um bom exemplo dessas relações de "pseudo inclusão" ou participação, também no discurso telejornalístico, são os casos de remoção de pessoas nos morros das favelas cariocas. Um argumento veiculado pela imprensa é a preservação ambiental, a redução das áreas de risco e possibilidades de deslizamentos, o que mais de uma centena de vezes já causou mortes nessas áreas (e quando isso acontece as tevês mostram esses relatos à exaustão). Segundo Mendonça a combinação entre os discursos jornalísticos sobre a cidade e as intervenções urbanísticas acabam por tentar impedir as possibilidades de outros relatos e possibilidades pelos habitantes desses espaços.

De certa forma, podemos pensar que as favelas (neste momento de embaralhamento de relatos e sentidos) como espaços de contestação, não só da normalidade das ocupações urbanas, como da legitimidade do ‘projeto espacializante’ capitalista, promovendo diversas formas de ruptura da ordem histórica. Esta “violência simbólica” será, justamente, o alvo das intervenções de Estado (e dos discursos jornalísticos). (Mendonça, 2012, p. 218)

Devemos acrescentar que, pelas lentes da televisão, seria possível perceber uma aparente paralisia da população diante das notícias veiculadas em relação à violência nos morros cariocas. Com a escalada dos crimes e o aumento do número de mortes por armas de fogo, principalmente entre os anos 80 do século passado e 2000, criou-se todo um imaginário de que esses crimes, de que essa situação era algo corriqueiro, "normal" em determinadas áreas e sem solução. Nesse sentido contribuiriam para uma reação de indiferença dos espectadores em relação àqueles com quem guardam relações de alteridade. Esse tipo de procedimento foi objeto de estudo da sociologia.

...o espetáculo dos desastres apresentados nos meios de comunicação também sustenta e reforça de outra maneira a indiferença ética rotineira, cotidiana, além de descarregar as reservas acumuladas de sentimentos morais. (BAUMAN, 1999, p. 83)

Merece registro que nos últimos anos apareceram vários programas que oferecem uma outra alternativa à descrição da periferia. Um deles é o programa "Esquenta", apresentado por Regina Casé. Inicialmente restrito a programação especial de férias, é outra produção que parece ampliar o "território televisivo" das periferias, sobretudo cariocas.

Um pouco mais adiante nessa história, com a ratificação do Rio como sede de grandes eventos internacionais, o telejornalismo começa a incorporar essa mudança. Nos noticiários o espaço normalmente de violência dado à periferia e aos morros cariocas ganha outras abordagens além da tradicional. E assim começamos a ver uma outra nuance, que também emerge na avaliação de Mendonça acerca da cobertura.

No caso específico do Rio de Janeiro, entretanto, a tradição começa a ser quebrada. A partir de 2009, devido às ações de intervenção do poder público – “expulsão” de traficantes, instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) -, é cada vez mais cotidiana a presença dessas regiões no noticiário. (MENDONÇA, 2012. p.214)

Essas regiões passaram a ser incorporadas na cartografia da cidade. E, pelas lentes e enquadramentos ofertados no telejornalismo, outros valores são incorporados aos personagens que habitam aqueles territórios, "pacificados; às descrições da reportagens. Assim, matéria exibida pelo Jornal Nacional em 2010 quando da chamada “pacificação” do Complexo do Alemão, enfatiza a imagem de patriotismo, de símbolos da comunidade:

O passado violento mantém suas marcas em um dos pontos mais altos da favela, que agora ostenta a bandeira do Brasil, um dos símbolos da ocupação. Do alto de um penhasco, a construção mais antiga do bairro recebe mais turistas. E cariocas, como Telma, registram a primeira visita à Igreja da Penha. “Antes a gente ficava com medo de vir”, admite um carioca. (JORNAL NACIONAL, 28/12/2010 em matéria exibida <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/12/um-mes-apos-ocupacao-moradores-do-alemao-reclamam-de-pouco-policiamento.html> - consulta em 09/01/2011)

Essa retomada é revestida de um certo ar de esperança, de volta ao cotidiano. Cotidiano que é traço mais comum nas notícias que tradicionalmente são o lócus da classe média. Tem-se aí uma primeira evidência de que a distância entre esses dois mundos – morro e asfalto – parecer ter diminuído, ao menos na paginação¹⁴ dos telejornais (ou será que essa abordagem será válida somente nesse período?). Esse recorte específico é objeto dessa dissertação, embora a realização de estudos de longa duração, incorporando coberturas depois da realização dessas ações policiais permaneça um desafio. Mas o fato é que já há espaço para uma outra favela, que se utiliza do mesmo jargão feito pela imprensa carioca em outras regiões da cidade: o apelo ao

¹⁴ Ordem de exibição dos conteúdos, matérias e notas, em um noticiário. Refere-se ao posicionamento das folhas do script, indicando de certa forma também semelhanças com as "editorias" na mídia impressa.

turismo. Uma amostra disso é o caso do Morro do Alemão, mostrado em diversas cenas – principalmente com o teleférico ao fundo - na telenovela “Salve Jorge”. Mas esse ainda é um começo de um caminho longo a ser percorrido e analisado dentro dos media.

(...)se as notícias que retratam a violência urbana no Rio, assim como as que exaltam suas maravilhas abrem um leque amplo de sentidos, faz-se necessário compreender como essas articulações introduzem novas possibilidades interpretativas que se estendam para além do próprio acontecimento. Justamente porque seus efeitos se alongam, primeiro, a lugares outros que o próprio Rio de Janeiro e, segundo, porque os sentidos gerados estão tanto no futuro – com seus efeitos, suas conseqüências e suas situações veladas e reveladas – quanto no passado – daquilo que surge a partir do acontecimento presente que traz à tona novos recursos interpretativos desse passado. Compreender, portanto, de que maneira se imbricam esses opostos de “caos/maravilha” e como passado e futuro de cada leitura se inserem simultaneamente pode nos levar a melhor apreender a dinâmica de produção de sentido e construção de representações no universo narrativo e discursivo da cidade. (SOUSA, 2011, p.8)

De acordo com Kléber Mendonça em um cenário no qual o espaço produzido pelos meios de comunicação televisiva ocupa, ainda, um papel preponderante, “torna-se cada vez mais urgente delimitar as características específicas e os múltiplos efeitos do novo lócus midiático da contemporaneidade”.¹⁵ Diante da constatação de que o telejornalismo desempenha, usualmente, o ambíguo papel de ator político e arena pública, é fundamental dimensionar as várias relações de força que emergem do encontro entre esse atípico espaço público e os múltiplos movimentos contestadores contemporâneos.

Segundo o pesquisador a questão que se coloca é dupla. Por um lado, é preciso mapear os modos de controle exercidos pela instância jornalística, fragmentada em veículos e meios distintos que acabam por contribuir para a emergência de uma espécie de consenso hegemônico (pela imagem e pelo discurso) acerca dos acontecimentos sociais, seus valores e suas interpretações. Na outra ponta da pesquisa, no entanto, é necessário entender as alterações provocadas nesse cenário pela emergência de novas práticas contestatórias e o entendimento, por parte desses atores políticos e sociais, da necessidade de desenvolver estratégias de comunicação, ampliando os embates políticos para o espaço de administração dos fluxos informativos.

A transformação discursiva dos significados que a favela “propõe” para a cidade, no entanto, não extinguiu a representação tradicional das favelas como “espaços da violência”. A criminalização discursiva de alguns trajetos terá, também, como conseqüência, a legitimação implícita de outros. (MENDONÇA, 2010, p. 9)

¹⁵ Página pessoal de Mendonça na UFF- disponível em http://www.uff.br/ppgcom/?page_id=917.

Essa transformação dos sentidos, dos discursos vai permitir a convivência de dois modelos, duas instâncias nesse imaginário periférico.

A tradicional figuração da favela, cuja (sub)urbanização anárquica permitia a “proliferação” das classes perigosas, convertendo-se em “espaço da violência”, não será mais a única maneira de representação discursiva de tais localidades. Diante dessa proposta de (re)significação - instrumento discursivo para conferir legitimidade à intervenção promovida pelo Estado – seus habitantes se deparam com duas tentativas de “espacialização” opostas: a violência ou a pacificação. O maniqueísmo implícito no discurso das reportagens mostra como se trata, na verdade, de uma falsa possibilidade de escolha, uma vez que o mapa simbólico da cidade pretendido, pela imprensa e pelo Estado, oferece uma única leitura do Rio de Janeiro. (MENDONÇA, 2010, p. 14)

Uma lógica que tem sentido dentro de um projeto de expansão de áreas numa cidade já bastante ocupada pela expansão imobiliária e que agora encontra um novo nicho de mercado, das novas classes que ganham poder de consumo.

De certa forma, podemos pensar que as favelas (neste momento de embaralhamento de relatos e sentidos) podem possuir também essa mesma capacidade de estabelecer um espaço num lugar que de fato é real, mas que passa a ser uma contestação não só da normalidade dos espaços urbanos ocupados, como da legitimidade do projeto espacializante capitalista. (MENDONÇA, 2010, p. 11)

3.3 O lugar do “eu” e do “outro” no morro e no asfalto

Por conta do problema histórico da ocupação dos morros – sempre alternativa mais barata e ao mesmo tempo excludente da realidade de cidade – por causa da fragilidade dos vínculos, há a promessa de que a presença da polícia nos morros corresponderia a uma comunidade livre do tráfico e dos traficantes. E é aí que o Estado entra com seu discurso por muitas vezes utópico (será que é possível uma cidade sem drogas?). E exatamente essa promessa de pacificação, de melhorias das condições de vida que seduzem a maioria dos moradores. E também constitui-se em discurso fortemente propagado na edição dos telejornais.

Assim o discurso se adéqua a uma nova realidade. Mesmo com essas mudanças, será que no geral há espaço, por exemplo, para discutir questões típicas do jovem da periferia? Quais são os anseios dessas comunidades, como pensa, como vive o morador periférico no cotidiano? O que é passível de ser mostrado e ocultado pelos telejornais? É possível traçar o perfil do morador dos morros através das notícias veiculadas no JN? Há espaço suficiente? E será que esse espaço é maior no Profissão Repórter? Será que esses programas conferem aos sujeitos representados um lugar fixo ou genérico de representação?

Não é novidade a constatação de que áreas pobres das grandes cidades recebem pouca atenção dos noticiários. Um silêncio enfático, quebrado apenas pelos relatos acerca da violência urbana ou nos momentos de manifestação da cultura popular (como o carnaval). (MENDONÇA. 2012. p.214)

É fato que nosso país é marcado pela grande desigualdade social, pela distância entre a periferia e a classe média. Segundo Melo se por um lado a classe média se “sente ameaçada pela periferia demonstrando medo e buscando manter distância desta os indivíduos marginalizados tem consciência de que os *outros* os olham como ameaça”.

Também é fato que favela e asfalto no caso do Rio de Janeiro são encarados pela mídia como dois mundos, duas realidades distintas, dois países que ao mesmo tempo estão num mesmo espaço geográfico de uma cidade dividida. Esse tipo de relação centro-periferia é descrita em outras realidades latinoamericanas.

A expansão territorial e a massificação da cidade, que reduziram as interações entre os bairros, ocorreram junto com a reinvenção de laços sociais e culturais que passam através do rádio e da televisão. Atualmente, são estes meios que, com sua lógica vertical e anônima, diagramam os novos vínculos invisíveis da cidade (CANCLINI, 1999,p.102).

Desde o início do século XX as favelas são construídas no imaginário dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro como um lugar outro. Não há novidade em pensar que a cidade é partida como já abordamos por aqui no capítulo 1, “o que mudou recentemente foi o modo como se concebe haver a divisão e as formas de se lidar com ela” (Cavalcanti, 2001).

A mudança histórica na imagem da favela será constituída a partir das diferenças no noticiário do crime e acerca da questão do tráfico de drogas que hoje ordena o imaginário dessa cidade dividida.

Segundo Vaz, Sá-Carvalho e Pombo (2006) há o caráter de separação entre o próximo e o longínquo, que costuma sobrepor-se às diferenças entre o centro e a periferia, o conhecido e o desconhecido, o controlável e o aventureiro. No caso das favelas a criminalidade – e a diferença histórica no modo como esta é concebida – de seus moradores, estará associada a diversas outras marcas, geográficas ou não, na construção de uma alteridade.

Os mesmos autores afirmam que primeiro a precariedade das moradias e sua posição na encosta dos morros durante muito tempo foram relevantes na construção da diferença, como é o caso dessa passagem da obra de Beltrão, para ressaltar o caráter mítico presente nessa descrição.

A habitação, em si, também gera doenças e incapacidade para o trabalho e para a integração/ascensão social de tais indivíduos: em geral tem um só cômodo, construindo-se um prolongamento (puxado) para o fogão e o ‘quartinho’, em que se banham e atendem às suas necessidades fisiológicas. A água para beber e para a serventia vem às vezes de chafarizes públicos e, de outras, de poços cavados pelos próprios moradores, sem qualquer tratamento, diariamente recolhida em latas de querosene pelas mulheres (...) (BELTRÃO, 1980, p. 56).

É claro que essa é uma definição que tem mais de 30 anos. Mas que ainda reflete a realidade de muitas periferias brasileiras e até hoje serve de padrão para muitos telespectadores. Comumente são memórias que remetem ao imaginário brasileiro das classes médias e altas sobre a cultura popular. Habitações que, na visão propagada pela citação, remeteriam ao *animalesco*, à condições impossíveis de se viver por atrair uma série de malefícios, o que, na visão do autor, impediria esses moradores de serem tratados como iguais e merecedores das mesmas oportunidades pelas classes dominantes. Uma noção que ainda é forte no imaginário.

Somando-se a isso se costumava dizer que esses grupos tinham pouco ou quase nenhum acesso aos meios de comunicação, por conta da falta de condições no entendimento dessas mensagens. Tudo isso está em transformação com a multiplicação das formas de acesso e experimentação de diversos veículos comunicacionais: a internet, os celulares com suas câmeras que registram tudo e testemunham muitos fatos que o “*mainstream*” não consegue cobrir o tempo todo. Sem falar nas rádios e Tvs

comunitárias, cujos enfoques em tese estariam alinhados aos anseios e aspirações da comunidade.

Mas, por outro lado, o acesso aos grandes meios, como o principal telejornal do país – o Jornal Nacional - ainda é restrito e a representação desses grupos por muitas vezes acaba reforçando o estereótipo do *favelado*, escalado nessa dramaturgia quase sempre como vítima de índices de violência acima da média nacional.

E aí reativam-se continuamente jogos de relações e associações de cidades, bairros, comunidades... A favela na visão de muitos brasileiros ainda é sinônimo de lugar onde há a organização criminosa própria ao varejo do tráfico de drogas, em espaço interdito, como aquelas áreas de exclusão descritas por Foucault: “(...) aquelas nas quais os indivíduos, cujos comportamentos são desviantes em relação às normas, são colocados.” (FOUCAULT, 2006, p. 757). E isso transparece claramente nos noticiários. Coutinho e Musse fazem uma reflexão interessante dessas subjetividades.

O telejornalismo seleciona as informações e cria uma cartografia da Nação, levando em consideração critérios altamente subjetivos. Existem Estados/Cidades/Bairros associados ao bem-estar, normalmente apresentados em matérias que seriam pertencentes às editorias de política, economia, cultura, esportes. Outros espaços urbanos, como aqueles das favelas, costumam aparecer com frequência em matérias de abordagens policiais ou então naquelas que poderiam ser classificadas como da editoria de “Cidade”, que privilegia problemas e reclamações dos moradores. (COUTINHO, Iluska; MUSSE, Christina Ferraz. **Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 5., Aracaju. Anais. Aracaju: SBPJor, 2007)

As notícias que integram os telejornais, como já dissemos por aqui, são veiculadas por um grupo hegemônico que muitas vezes faz a separação entre o “nós” e o “eles”. Aqueles são personagens de relatos de crime, narrativas de sofrimento nas quais tem um papel coadjuvante, passivo. De acordo com Vaz, Sá-Carvalho e Pombo o relato de um crime dentro de uma narração jornalística segue um padrão discursivo definido. A princípio seria preciso uma estratégia de generalização do evento, a proposição de um nexos entre a audiência e o criminoso ou a vítima.

Assim, o público, espectador, de classe média é convidado a se pensar como uma vítima virtual do evento, na medida em que “foi por mero acaso que não estava passando por ali naquela hora”. Isso ajuda a criar a crença de que as favelas são lugares de criminosos e que em última instância os moradores do asfalto são vítimas. Por isso

seria necessário mobilizar-se politicamente para levar a “civilização” às favelas e assim impedir que elas continuem a provocar sofrimento no asfalto. Uma lógica de "reocupação" que está sendo empregada atualmente no projeto de pacificação em curso, ainda que como sub-texto de retomada, com as promessas de melhoria.

(...)em relação às 'comunidades pacificadas', a violência é usada, nas reportagens, como operador discursivo que legitima as intervenções do Poder Público nestes espaços e que pretende oferecer evidências simbólicas que garantam o consenso em torno do modo como tais ações são colocadas em prática. (MENDONÇA, 2011, p.3)

A própria palavra pacificação nos remete a uma espécie de novo colonialismo, da imposição da ideologia do asfalto sobre essas comunidades. Assim, as favelas serão lugares de uma outra ordem, bárbara, a ameaçar a cidade, e que deve ser contida. A alteridade desse lugar depende da caracterização desses moradores. De novo os discursos de interdição, do espaço, encontram analogia com as proposições de Foucault.

São algo como contra-lugares, espécie de utopias realizadas nas quais todos ou outros lugares reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Esse tipo de lugar está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade (FOUCAULT, 2006, p. 756).

A chegada do desenvolvimento, da “lógica do asfalto” e a superação das adversidades seria o argumento, o pano de fundo do discurso jornalístico que daria base e legitimaria essas intervenções do Estado.

Nas matérias dos programas jornalísticos com frequência figura a vítima do morro como exemplo extremo da ausência de poder público na cidade ou da ousadia dos criminosos. Assim, “é característico destas narrativas o fato de a vítima não ser individualizada e o motivo do crime ser menos importante, já que essa vitimização prenuncia um futuro catastrófico para os cariocas” (Vaz, Sá-Carvalho, Pombo, 2006). Esse tipo de enquadramento midiático é percebido em outros estudos, sobre a forma dos populares serem representados nos telejornais, quando percebeu-se a “necessidade de dar conta [...] de que modo os cidadãos se tornam visíveis no espaço midiático, de analisar quais são as representações que os meios constroem da cidadania, e como se auto-representam os espaços de exercício da cidadania”. (MATA, 2006, p. 8).

Ao cobrir a pacificação dos morros, dando acesso midiático aos moradores, ainda que sob um enquadramento tradicional ou na condição de coadjuvantes, “a

instância jornalística acaba cumprindo uma função complementar à ocupação policial: a de produzir evidências simbólicas da importância das ações adotadas pelo governo do Estado”(MENDONÇA, 2011, p.3).

3.4 O Jornal Nacional, o Profissão Repórter e a (re) construção da identidade dos morros cariocas.

Pra terminar esse capítulo é importante discutirmos os dois programas alvo da nossa análise. Algo que seja como uma espécie de introdução ao capítulo IV. Cabe aqui então contarmos um pouco da história desses programas e a relação deles com nosso tema proposto, incluindo um pouco do objeto de nossa análise no capítulo posterior, uma espécie de introdução. Mas antes vamos entender a história e o desenrolar desses dois formatos.

3.4.1 O Profissão Repórter

O Profissão Repórter nasceu com a proposta de ser um programa diferenciado dentro da TV Globo. Como destaca o próprio nome, a idéia é dar um panorama de como é a vida e a execução da pauta jornalística. Por isso, os episódios que vão ao ar são focados em um assunto. A proposta do jornalista Caco Barcellos, uma espécie de diretor do programa e tutor de uma equipe de jovens repórteres, é ir às ruas para mostrar diferentes ângulos do mesmo fato, da mesma notícia. Tanto que logo no início do programa, na vinheta de abertura, a frase: “Os bastidores da notícia. Os desafios da reportagem”, afirma Barcellos, antes da sucessão de imagens, indicando que estes são os objetivos do programa.

Cada repórter tem sempre uma missão a cumprir, o que envolve tarefas tanto na realização da reportagem ao vivo quanto na finalização da matéria. Iniciado em 2006 como um projeto no Globo Repórter e depois como um quadro do Fantástico, tornou-se fixo na grade da Globo a partir de 3 junho de 2008. Uma proposta inicial onde já se tem uma diferenciação de outros programas de notícias da grade da emissora carioca. O Jornal Nacional e outros jornalísticos de rede têm em média entre 30 minutos e uma hora, mas o enfoque é generalista, com várias reportagens e diversos assuntos.

O Profissão Repórter é dividido em dois blocos, totalizando aproximadamente 25 minutos. A primeira parte da atração tem em média 18 minutos e a segunda sete minutos. As sonoras são mais longas e há mais tempo pra acompanhar a vida dos personagens. Em muitos casos os repórteres fazem um apanhado de vários dias da vida dos retratados.

Quando discutimos o formato encontramos semelhanças do *Profissão Repórter* dentro da grade da emissora com o *Globo Repórter*. Só que no programa liderado por Caco Barcellos os envolvidos na reportagem também são personagens. E estas histórias se confundem com a das pessoas mostradas em cena. Existe um paralelismo de acontecimentos. E isso virou a marca da atração.

Barcellos exerce várias funções dentro desse esquema narrativo: ele é apresentador, editor, professor, repórter e narrador principal. Ele pode estar ou não na cena, coordena o que será mostrado pelos outros jornalistas. Santos analisa a retórica do programa e a sua relação com os Estudos Culturais.

Mostrar os bastidores, na retórica do programa, serve para mostrar o desenvolvimento das histórias, colocando os jornalistas como personagens delas. O programa aproxima o jornalismo da sensibilidade, alterando a imagem defendida por certa tradição teórica que pensa que o jornalista tem que ser observador imparcial da realidade. É uma mudança na concepção do que é jornalismo, aproximando-se muito mais à concepção defendida por autores dos estudos culturais. (SANTOS, Thiago. *Infotainment na TV: as estratégias de endereçamento do Profissão Repórter*. Salvador, 2011 – consulta no site www.jornalismo.org em 31 de janeiro de 2012)

Para o espectador esse paralelismo permite ver duas histórias: a reportagem que está sendo mostrada e a maneira como o tema proposto é abordado por estes jovens repórteres. Aí aparecem as dificuldades, a forma particular como cada um lida com elas e a relação com os entrevistados/retratados. A estes jovens cabe o papel do profissional com pouca experiência, do “foca”, usando o jargão jornalístico. Isso tudo permite mostrar para quem assiste um outro lado, que até então era pouco mostrado, que é exatamente a forma de construir uma matéria de televisão.

O formato do programa privilegia uma nova forma de tratar o telespectador. Ele é testemunha das histórias mostradas, uma forma de naturalizar a informação. Um dos aspectos que mostram isso é a maneira como a edição é feita, a forma como os fatos são entremeados dentro da narrativa, em todas as etapas da produção. Quem assiste também é convidado a participar do programa pela internet. No fim Caco Barcellos repete o

mesmo jargão, o de que o programa não termina naquele momento, continua na internet. O apresentador olha para a câmera e utiliza o “você”.

Ele simplesmente funciona como um mediador entre a notícia e o público, reportando os acontecimentos. (...) Sua originalidade reside, sobretudo na sua capacidade de mesclar diferentes gêneros, que convivem entre si de forma harmônica. E o resultado final é esse programa “híbrido” que inaugura uma nova maneira de transmitir a informação. (ARANTES, 2010, p. 13)

A história de Caco Barcellos é singular no jornalismo brasileiro. Ele se especializou em jornalismo investigativo, documentários e grandes reportagens sobre injustiça social e violência no país. Ele escreveu 3 livros, o mais importante é o seu *Rota 66*. Foram oito anos de pesquisa sobre a polícia que mata em São Paulo e o resultado foi à identificação de 4.200 vítimas assassinadas pela Polícia Militar de São Paulo. Por causa disso o jornalista teve que ficar um tempo fora do país, pra não correr risco de morte.

O jornalista escreveu ainda *Nicarágua: a Revolução das Crianças*. Foi o primeiro livro de Barcellos e fala sobre o movimento sandinista na Nicarágua. Ele foi cobrir a guerra como *free-lancer* e acabou na mão dos sandinistas como refém.

Para efeito da nossa análise nos interessa a narrativa de seu terceiro livro: *Abusado, o dono do morro Dona Marta*. Um relato do tráfico nos morros cariocas, de como "nascem" os traficantes e do relacionamento entre eles e a comunidade. O livro é uma reportagem escrita em forma de romance. Assim como *Rota 66*, o *Abusado* é referência para várias escolas da periferia de grandes cidades brasileiras, e mesmo nos cursos universitários de Jornalismo. Considerado um livro reportagem algumas passagens do texto mostram exatamente o lado da denúncia das condições precárias e da falta de atenção do Poder Público.

Os homens que podiam mudar a vida miserável dos moradores da Santa Marta naquele ano de 1987 eram seus vizinhos mais próximos. Os muros do Palácio da Cidade faziam divisa com a favela. Os barracos de alvenaria e madeira, que cobriam o morro de cima a baixo, eram a única vista do gabinete do prefeito, que podia vê-los a toda hora, mas que parecia nunca lembrar de trabalhar por eles. Ao lado da Prefeitura estavam as duas ruas de acesso ao morro pelo bairro de Botafogo. Os servidores poderiam levar a pé ou de carro algum benefício aos favelados. Mas o morro sempre pareceu longe demais para os homens e as máquinas do município. Escondidos no coração da região mais rica da cidade, a zona sul, os moradores da Santa Marta viviam há 53 anos sem uma única escola ou hospital e sem ter nenhum dos 84 becos pavimentado pela Prefeitura. (BARCELLOS, 2003. p.66)

Ao descrever aqueles territórios o jornalista também abre espaço em sua narrativa para que surjam relatos sobre os moradores da periferia nesse contexto de violência que se instaurou nas últimas décadas do século XX.

Já nas primeiras trocas de confidências, Luz e Juliano descobriram que tinham muita coisa em comum, além de cigarros de maconha. No ano de 1986 os dois buscavam nas ruas uma alternativa aos caminhos que a família esperava que seguissem. Embora suas histórias fossem diferentes, ambos romperam a habitual trajetória de pais trabalhadores pelo envolvimento com grupos de adolescentes infratores e jovens criminosos. Os dois eram de famílias migrantes, vindas do Nordeste, e foram criados num ambiente familiar abalado pelo alcoolismo. (BARCELOS, 2003, p.29)

E é por conta dessa intimidade com assuntos ligados à violência – com destaque para seu posicionamento recorrente ao lado das vítimas – e uma visão por vezes fora dos padrões da “classe média jornalística” que o repórter imprime seu ritmo por vezes fora do padrão do telejornalismo brasileiro no programa que ele comanda. Apesar dessa facilidade de descrição das vítimas, o assunto violência nos morros cariocas foi discutido em apenas duas reportagens no Profissão Repórter: “Vida na Linha de tiro” e “Hospital de Guerra”, ambas em 2008.

Durante o programa as vítimas são mostradas dentro de um contexto mais pormenorizado, com mais tempo que nos telejornais da TV Globo. Isso é evidenciado através do depoimento das famílias, que descrevem de forma mais detalhada a vida das vítimas antes de chegarem até o hospital em sonoras mais longas que nos telejornais que retratam o mesmo assunto. Por isso, em uma primeira análise ou levantamento preliminar, já é possível identificar uma diferenciação na identificação dessas vítimas. Seja através do conflito dos jovens repórteres com esse mundo, ou através de descrições, evidenciam-se enquadramentos pouco usuais num telejornal mais generalista, em que uma matéria considerada já longa deve ter dois minutos e meio.

Através da observação dos operadores de análise, dos modos de comunicação e do uso da internet pelo *Profissão Repórter*, entendemos que o programa se endereça aos seus telespectadores como um programa que fala sobre jornalismo, tendo em Caco Barcellos o seu principal elemento configurador e cuja posição, construída em contraposição aos jovens repórteres, é utilizada para explicar o processo de construção das reportagens. O argumento de que ali são mostrados os bastidores da notícia e os desafios da reportagem se articula com esta função adotada por Barcellos e a equipe de reportagem do programa. A sua trajetória no jornalismo investigativo influencia o programa através da utilização do termo “frentes de reportagem”, a busca dos dois lados da história mesmo quando elas não querem depor. (SANTOS, 2011, p.193)

Não se trata de aqui estender a análise, mas tão somente apresentar parte do enfoque que será aprofundado no capítulo seguinte.

3.4.2 O Jornal Nacional

No dia 1º de setembro de 1969 o Jornal Nacional entrava no ar com uma proposta inovadora na época: ser o primeiro telejornal a cobrir todo o território nacional. Com a apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira o JN foi o primeiro programa gerado no Rio de Janeiro para todo Brasil. O nome foi dado por causa do seu primeiro patrocinador, o Banco Nacional.

Os apresentadores abriram a primeira edição do JN anunciando: "O Jornal Nacional, da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o país". E no fim Cid Moreira encerrou: "É o Brasil ao vivo aí na sua casa. Boa noite".

Na época, o telejornal era único programa da recém-criada TV Globo exibido em via satélite entre 19h45 até 20h15. No fim dos anos 60 a Globo já se concentrava na produção de novelas e séries, mas eram poucas as afiliadas (que exibiam a programações gravadas por até uma semana de atraso em relação à rede), que só exibiam o telejornal ao vivo.

O crescimento do telejornal foi rápido: em poucos anos o JN se tornou o mais importante e famoso noticiário brasileiro, alcançando altos índices de audiência. De acordo com Coutinho a proposta era mostrar a realidade como ela acontecia, mas nessa época a "estreita ligação entre o conteúdo oferecido pelo telejornal e os fatos da História sofria então a mediação, as restrições impostas pelos órgãos de censura, então militar"(COUTINHO, 2012, p.67).

Durante a década de 1970 o telejornal deu ênfase à cobertura internacional e aos esportes. De acordo com Rezende no começo o JN enfrentava o descrédito de parte da população por causa da afinidade com o Regime Militar.

Como contrapeso de suas virtudes técnicas, o Jornal Nacional, logo no início, teve de enfrentar o estigma que perseguiria a TV Globo por muitos anos: a afinidade ideológica com o regime militar. (.) A integração nacional pela notícia, via Jornal Nacional, e o endurecimento da ação do governo militar começavam no mesmo dia. (REZENDE, p.110).

Coutinho ressalta que nesse mesmo período não era hábito do brasileiro se informar através dos telejornais. Por isso, para ganhar audiência, a direção da emissora se valia de uma estratégia bem definida.

Nos primeiros anos de exibição do programa, sua posição na programação da emissora, entre duas telenovelas, fazia parte da estratégia da Rede Globo, já que a procura por notícias na televisão era reduzida, especialmente pela certa desconfiança em relação ao telejornalismo no Brasil. (COUTINHO, 2012, p. 68)

Em 1972 o jornal testemunhou a chegada da TV em cores e dois anos mais tarde foi introduzido o teleprompter¹⁶. Em 1977, Glória Maria foi a primeira repórter do Brasil a entrar no ar ao vivo. Na ocasião, foram inaugurados equipamentos portáteis para geração de imagens. Em 1978, o filme 16 mm começa a ser substituído com a instalação da ENG (Eletronic News Gathering), que permite a edição eletrônica de videoteipe, e a edição em VT aumentou a velocidade do telejornalismo. Foi ainda no fim dos anos 70 que a relação de desconfiança com o público começa a mudar, segundo Coutinho, com a cobertura de uma enchente no Rio.

A postura da emissora no episódio, com uma cobertura jornalística diferenciada, quase toda em direto, aliada a uma campanha de solidariedade desenvolvida via telinha, fizeram com que a TV Globo estabelecesse um “pacto com a sociedade carioca”, como já definiram profissionais da emissora em textos de caráter histórico. Mais que isso, os índices de audiência e aceitação popular que a Globo colheu no episódio demonstraram, já em finais da década de 70, que a mistura telejornalismo+emoção poderia ser garantia de sucesso. (COUTINHO, 2012, p.68)

Em 1983 houve novas mudanças: o Jornal Nacional ganhou a sua primeira vinheta eletrônica. A dupla de apresentadores também mudou: no lugar de Sérgio Chapellin, que ancorava o JN com Cid Moreira, entrou Celso Freitas, que já apresentava eventualmente o Jornal. Cid e Celso ficaram juntos no JN até 1989.

Em 1989, o JN estreia abertura e cenário novos, onde os símbolos do programa deixam de ter molduras e passam a tomar todo o fundo do cenário. Na década de 1990 o Jornal Nacional passou a apresentar grandes furos de reportagem, como a violência policial na Favela Naval em Diadema, a entrevista com Paulo César Farias - no período em que se encontrava foragido - a apuração de casos de fraudes na previdência social com a prisão de Jorgina de Freitas, o escândalo dos precatórios... consolidando a audiência e a confiança do público do telejornal. Já em 1991, pela primeira vez uma

¹⁶. Equipamento que permite ao locutor ler a notícia olhando para o telespectador.

guerra foi transmitida ao vivo, a Guerra do Golfo. Em 1994 uma cobertura de Copa do Mundo é ancorada ao vivo do país-sede, os Estados Unidos. Também em 1994, o Jornal Nacional completa 25 anos. Em 1996, Cid Moreira (que apresentava o telejornal desde sua estreia) e Sérgio Chapelin passam a bancada para William Bonner e Lillian Witte Fibe, e, em 1998, Fátima Bernardes substitui Lillian Witte Fibe e formou a dupla que esteve no ar até 2011.

Em 2000, o JN muda o cenário de estúdio e começa a ser apresentado de dentro da própria redação, o que dá a sensação de interação. Em 2001, O JN foi indicado ao Emmy devido à cobertura dos atentados de 11 de setembro; o programa conquista o Prêmio Esso de Jornalismo, na estreia da categoria telejornalismo, com o trabalho "Feira de Drogas".

Nas eleições presidenciais de 2002, o JN realiza entrevistas ao vivo no próprio cenário, com quatro candidatos à Presidência. Em 2006, num link direto com a Estação Espacial Internacional, William Bonner entrevistou o astronauta Marcos Pontes, primeiro brasileiro a viajar no espaço. No mesmo ano, Pedro Bial apresentou a Caravana JN, que, durante dois meses fez reportagens sobre as eleições por todo o Brasil. A cada duas semanas, o JN foi apresentado, ao vivo, por William Bonner e Fátima Bernardes, de uma cidade representativa de sua região.

Em 2009 o JN completou 40 anos, cobriu a recuperação econômica mundial, a queda do voo da Air-France, a gripe H1N1 e a morte de Michael Jackson. Em agosto de 2010, o jornal inicia seu projeto das eleições, com o JN no Ar, que através de um avião visitou cidades dos 26 estados e do Distrito Federal. No ano seguinte, o projeto se tornou fixo.

Em 6 de agosto de 2011, o apresentador William Bonner e a então titular Fátima Bernardes, leram, no último bloco do *Jornal Nacional* deste dia, um resumo de um documento com princípios editoriais das Organizações Globo. O texto descreve as normas e condutas que os veículos do grupo devem seguir para que seja cumprido o compromisso de oferecer jornalismo de qualidade.

Em 1º de dezembro de 2011, a Rede Globo anunciou em uma coletiva de imprensa mudanças importantes na apresentação do *Jornal Nacional*. Após quase 14 anos, Fátima Bernardes deixou a bancada do telejornal para apresentar o Encontro com Fátima nas manhãs da emissora. Quem entra no *JN* para dividir a apresentação com William Bonner é Patrícia Poeta que estava à cinco anos no *Fantástico*. Patrícia

assumiu todas as funções de Fátima no *JN*: além de apresentadora, é editora-executiva do telejornal.

Hoje, segundo a própria direção da Globo, de acordo com o site da Emissora, são mais de 25 milhões de telespectadores em média a cada edição, o que corresponde a quatro vezes o total de telespectadores atingidos pelo principal telejornal concorrente.

Em quase quatro décadas, o jornal coleciona histórias de pioneirismo, inovação, furos de reportagem, prêmios e se incorpora ao rol dos mais respeitados e duradouros telejornais do mundo. Nenhum outro telejornal do Brasil atingiu o status do Jornal Nacional, que reúne uma das equipes de jornalismo mais premiadas da TV brasileira, que trabalha com dinamismo, agilidade e objetividade para produzir muito mais do que um jornal: um dos programas de maior audiência da TV no Brasil. Em cada uma das mais de 300 edições anuais do Jornal Nacional, é possível destacar um aspecto que o torna o telejornal preferido e o ponto de referência da informação para milhões de pessoas em todo o país. (http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_jornalismo/jnac5_intro.php - acesso em 18/12/2012)

Ao longo de sua história, o JN não reservava inicialmente muito espaço para a cobertura de atos violentos nos morros. É a partir dos anos 90, com a ascensão de programas policiais nas outras emissoras, que a cobertura começa a ser intensificada, de acordo com Bucci e Kehl.

O chamado jornalismo convencional, como o próprio Jornal Nacional, não ficou imune à proliferação do sensacionalismo. Nem poderia ficar. Depois da estreia do *Aqui Agora*, o Jornal Nacional passou a fazer concessões à cobertura de crimes violentos, carregando nas tintas das reconstituições de homicídios e sequestros, usando atores contratados para aumentar a dramaticidade do fato. À sua maneira, o telejornalismo convencional participou a aprofundou a banalização da violência e abriu mais espaços para assuntos policiais. Guardadas as proporções, também entrou na onda. (BUCCI & KEHL, 2004, p. 113)

No fim de 2010 o telejornal acompanha em suas edições de novembro e dezembro a pacificação da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão. Em 25 de novembro de 2010, a Polícia Militar carioca, com apoio da Marinha, fez uma operação especial para tomar o controle da Vila Cruzeiro. Os traficantes fugiram para o Complexo do Alemão e, no dia 26 de Novembro, a PM, a Polícia Federal, a Polícia Civil e as Forças Armadas se posicionaram nos arredores do Complexo do Alemão, buscando tirar o controle do tráfico nesta região, como foi feito na Vila Cruzeiro no dia anterior. Houve intensa troca de tiros entre traficantes e policiais, "acompanhada" de perto pelos espectadores do JN.

O trabalho de transmissão desse conflito envolve toda a equipe da Globo Rio. A cobertura especial começou desde o fim de semana anterior a ocupação, com imagens e matérias da invasão da polícia nestas comunidades. No dia 26 de novembro, uma sexta-feira, os telejornais – principalmente o RJTV - deram grande importância, inclusive flashes ao vivo. Também aconteceram edições e programas especiais no fim de semana, como o que foi ancorado no domingo.

Durante os dias do confronto foram inúmeras as transmissões ao vivo na programação. Parte disso se devia à novidade do fato: a expulsão de traficantes dos morros para começar o processo de pacificação, numa operação envolvendo várias forças, como Marinha, Polícia Militar, Polícia Civil e Exército. Isso também foi destaque em todos os telejornais da TV Globo. E o JN como principal noticiário não podia ficar de fora. Três edições deram grande destaque a ocupação do morro: as dos dias 26, 27 e 29 de novembro. Nesses dias boa parte do tempo do telejornal ficou centrado nesse conflito.

E a notícia veiculada logo no início do telejornal dava conta de uma invasão iminente, que poderia acontecer a qualquer momento. Mas antes a polícia deu um prazo para os traficantes se entregarem num ponto marcado do lado de fora. Foi diante desses fatos que a repórter entrou ao vivo, narrando o que estava acontecendo na hora e chamando para a matéria que entrou falando do cerco à região dominada pelos traficantes e do corre-corre dos moradores. No dia da invasão além da transmissão ao vivo no JN a cobertura ficou no ar por mais de 7 horas ininterruptas na Globo Rio, num programa apresentado pela jornalista Ana Paula Araújo.

Quase um ano depois, em 26 de setembro de 2011, o telejornal ganhou o prêmio *Emmy International* na categoria "notícia" devido a essa cobertura de expulsão dos traficantes e a ocupação policial do Complexo do Alemão. Foi a sétima vez em nove anos que o telejornal foi indicado; e sua primeira vitória. Foi nessa época que alguns diretores da Casa se manifestaram sobre a cobertura, que é objeto de nossa análise nessa dissertação.

"Durante aquela semana, foi muito importante separar o que era fato do que era boato, do que era especulação. E o trabalho dos nossos jornalistas foi muito importante, porque graças à apuração rigorosa, à apuração isenta das notícias, nós conseguimos transmitir para a população o que de fato estava acontecendo. Eu acho que a gente prestou um grande serviço para a população do Rio de Janeiro", relembra o diretor regional de jornalismo, Erick Brêtas. (Entrevista ao portal imprensa. Acesso em 17/12/2012 pelo site

<http://portalimprensa.uol.com.br/noticias/brasil/44786/jornalistas+da+globo+comentam+cobertura+vencedora+do+emmy+e+citam+tim+lopes/>

A morte do jornalista Tim Lopes em 2002 na Vila Cruzeiro também foi lembrada pela direção da emissora carioca nessa ocasião da premiação.

Em 2002, o Tim Lopes, nosso colega, foi assassinado ali na Vila Cruzeiro, denunciando o tráfico. Na ocasião, a gente prometeu continuar denunciando o tráfico e completar a história que o Tim não pôde. Quando recebemos o Emmy, os jurados sequer imaginavam que essa premiação teria ainda mais esse simbolismo. A conclusão de uma história que Tim começou em 2002., comenta o diretor da Central Globo de Jornalismo, Ali Kamel. (Idem)

Esse foi o tom da celebração da cobertura pela direção da TV Globo. Coutinho faz uma crítica aos discursos veiculados nas edições do telejornal, na identidade dos falantes e na forma como eles seriam aproveitados ao longo do telejornal.

uma análise da identidade dos falantes, dos entrevistados e do tempo e tratamento dispensado a eles na edição do programa nos revela que, para além de funcionar como um espaço efetivamente pluralista, como uma democracia eletrônica, o Jornal Nacional constitui arena audiovisual para confirmação do poder de um grupo social, de sua ideologia e cultura; para a reafirmação da hegemonia dos empresários, da propriedade e da iniciativa privada no Brasil. As demais falas, grosso modo, exceção aqui feita aos depoimentos de experts, são apresentadas como forma de confirmar o discurso do jornalista, de lhe conferir mais credibilidade ou ainda para despertar as emoções da audiência. (Coutinho, 2012, p. 153)

O mesmo tom de crítica é assumido por Bucci e Kehl.

A Globo impôs o modelo brasileiro de televisão: aquela que informa, entretém e, acima de tudo, pacifica onde há tensões e une onde há desigualdades. (BUCCI & KEHL, 2004, p. 223)

De maneira geral para muitos pesquisadores esse é o retrato das vítimas de regiões de conflito no Rio de Janeiro, especialmente nos morros cariocas. E, por conta disso, suas vozes não seriam completamente ouvidas e respeitadas ao longo das edições do JN. Essa é a hipótese que vamos avaliar no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DAS VÍTIMAS NA NARRATIVA SOBRE PACIFICAÇÃO E VIOLÊNCIA POR ARMA DE FOGO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO

Até agora já contamos um pouco da história do Rio de Janeiro para entendermos o panorama atual; segundo o Censo 2010 do IBGE¹⁷ a cidade tem 1,3 milhão de moradores nessas áreas. Como acontece na maior parte do país, as ocupações irregulares cresceram perto de regiões com maior oferta de trabalho. O desafio tem sido garantir o acesso aos serviços públicos. Também falamos sobre televisão, representação, identidade, o real, a construção da cidade no imaginário, o eu e o outro e abordamos a relação entre a dramaturgia e o telejornalismo, outro ponto central de discussão. Chegou a hora de abordar nosso objeto de estudo: a busca da confirmação empírica sobre a representação das vítimas de violência, a identidade do cidadão comum que habita os morros cariocas no Jornal Nacional (JN) e Profissão Repórter (PR).

Não queremos necessariamente comparar os dois programas porque, apesar de eles estarem elencados na grade de telejornais no próprio site da emissora¹⁸, possuem abordagens diferenciadas como já falamos por aqui. O JN é generalista e o PR aprofunda a cada edição semanal um tema. Mas isso de uma maneira ou outra vai acabar acontecendo ao longo desse trabalho.

Para fazermos a análise dos discursos veiculados nesses dois telejornalísticos da TV Globo buscamos referencial teórico nas obras de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Márcia Benetti, a partir dos quais observamos usos da chamada Análise

¹⁷ Jornal Nacional. IBGE afirma que 6% da população brasileira vive em favelas. Conteúdo no site: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/12/ibge-afirma-que-6-da-populacao-brasileira-vive-em-favelas.html>

¹⁸ <http://g1.globo.com>

do Discurso. Será a partir dessa perspectiva que faremos a análise sobre a representação das vítimas de armas de fogo no Rio em duas edições do Profissão Repórter: “Hospital de Guerra” e “A vida na linha de tiro” (nessa segunda reportagem nos concentraremos especificamente na abordagem do Rio, já que o programa fala também de outras regiões do país). No caso do Jornal Nacional tomamos como objeto empírico a cobertura da Pacificação dos morros cariocas em oito reportagens: três exibidas no fim de novembro e uma em dezembro de 2010 - quando da Pacificação do Complexo do Alemão na Zona Oeste do Rio – e outras quatro sobre a pacificação da Rocinha: três veiculadas em novembro de 2011 e uma em setembro de 2012. Prioritariamente essas matérias têm o foco nos moradores dessas regiões. Esperamos com isso contribuir para a discussão de como essa população é retratada na mídia nacional.

Na primeira parte deste capítulo queremos mostrar como é desenvolvida a narrativa desses conflitos urbanos através da dramaturgia telejornalística presente nas matérias. Pretendemos mostrar que a notícia veiculada nestes dois programas é estruturada como um drama cotidiano. Um encadeamento que será feito através do conflito narrativo das 11 reportagens que são objeto de estudo. Seria através desses conflitos, que na maioria das vezes começam nas chamadas antes do jornais, na cabeça lida pelos apresentadores e na história e desenrolar das matérias que toda essa narrativa dos dois programas se organizaria. Isso é importante pra mostrar a aproximação entre o universo da dramaturgia e uma gramática de produção de notícias que aborde os moradores das comunidades cariocas e a organização desses relatos como discurso informativo.

Em seguida vamos falar da estruturação do noticiário televisivo em torno de problemas, ações e disputas, além da maneira de contar essas histórias. Acreditamos que há um padrão bem estruturado para a construção de uma reportagem com textos, sons e imagens. E assim abordaremos os esquemas mais comuns utilizados nos telejornais e que são modelos de obras dramáticas e ficcionais.

Num segunda momento voltaremos o olhar sobre as entrevistas feitas nessas reportagens. Quais são os diálogos implícitos e explícitos nas matérias que nos dão margem para analisarmos o dito e o não dito no discurso dessas matérias? Queremos identificar as vozes que fazem parte do telejornal, do tempo e modo de apresentação dos participantes. Isso nos dá suporte para classificar o tipo de narrativa construída nesses noticiários. Nesse momento mapearemos também as funções exercidas pelos diferentes personagens que compõem a narrativa, com ou sem direito a edição de voz/ sonora.

Após identificarmos os participantes dessas reportagens vamos centrar nosso foco em cima do espaço dado ao morador como personagem efetivo da trama. Quem é ele no discurso telejornalístico e qual a função comumente exercida. Nosso objetivo, portanto, neste ponto, é entender se há a inserção desses moradores como núcleo fundamental das matérias exibidas nos dois telejornais. Junto com essa análise é importante medirmos esse espaço na comparação com outros personagens, especialmente as autoridades e especialistas. Estes dois últimos são “atores” bastante recorrentes nas matérias jornalísticas analisadas dentro da formula comumente usada pelos programas analisados.

Continuamos nessa segunda parte analisando o papel exercido pelo jornalista: quem é esse personagem e como ele se materializa nesse processo. A princípio ele é o produtor desse discurso/conteúdo televisivo, mas ele também é espectador desse processo na medida em que está inserido no “lôcus midiático” da cidade, tem uma origem e formação, segue determinações e regras de onde trabalha e por isso mesmo não está isento nesse processo. Por isso ele também é personagem dessas histórias, porque é testemunha e emite seu juízo de valor que irá influenciar, moldar e impactar milhões de telespectadores. A simples escolha de uma palavra o torna parte integrante do processo. E numa cidade marcada pela desigualdade como o Rio, onde boa parte dos donos do discurso vêm da zona sul da cidade, há um certo estranhamento. É quando aflora, mesmo que de forma implícita nas matérias, o discurso do “eu” versus o “outro”. Queremos mostrar quais são as afirmações textuais que traduzem isso e estão presentes nas reportagens analisadas.

A edição é outro ponto importante para analisarmos a estrutura narrativa das reportagens exibidas nos dois programas. Um assunto que encerra essa segunda parte. Na maioria dos casos o texto se articula em função do tempo e o noticiário televisivo é encadeado de forma hierárquica ao tratar dos assuntos e informações. Nossa proposta é entender as mensagens e a lógica de cada matéria ou reportagem veiculada, através do que é dito e também do que a princípio é ocultado, mas está ali presente passando sua mensagem, principalmente quando diz respeito à identidade dos moradores das comunidades retratadas. Entre outros aspectos um dos pontos que mereceu ênfase foi o recurso da “videoclipagem”, especialmente nos VTs do Profissão Repórter .

Na terceira parte deste capítulo abordaremos o processo de pacificação em andamento nos morros cariocas, especialmente nos episódios relatados nessa dissertação na Favela da Rocinha e no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro. O que essa

“pacificação” significa, o porquê desse nome, e todo o processo de identificação que ele remete dentro desse contexto de “retomada” dos espaços do morro/favela/comunidade. Em nome de quê essa guerra foi declarada? Tentamos entender o que justificaria a ação policial nesses locais e esse processo de retomada do Estado. Estado que desempenharia de certo modo uma ação neo-colonialista, no sentido de levar a civilização à barbárie. O que vem a partir desse “confronto”? Qual a justificativa nesse momento histórico? Procuramos elementos que nos ajudem a responder essas questões nas reportagens sobre essas regiões.

Também faz parte dessa análise uma pesquisa de títulos na internet e de como a Rocinha e o Complexo do Alemão são mostrados no site do JN: antes e depois do processo de pacificação. Analisamos especificamente nesse caso os títulos e subtítulos, elencamos os assuntos por editorias e descobrimos que a principal abordagem do telejornal é sobre a violência.

Encerramos o capítulo analisando a ordem de apresentação das reportagens no conjunto do telejornal, o chamado espelho. Como esse encadeamento é feito em dias de grandes factuais, como os da invasão dessas comunidades. E como fica o Jornal Nacional, o principal telejornalístico do país, no meio do conflito. Que relatos de uma guerra declarada são e o que eles evidenciam sobre nós mesmos e sobre o país em que vivemos nesse programa que monopoliza as atenções dos brasileiros? Em seguida relacionamos esse processo identitário com o Profissão Repórter. E quais foram os enfoques parecidos e quais foram as outras possibilidades oferecidas por esse programa, que centra os seus repórteres como parte da trama. O que é possível apreender com esse formato e como ele pode contribuir para um possível novo lugar do telejornalismo brasileiro quando mostramos os moradores da periferia como foco das atenções? E por fim, além de todas as análises, uma breve conclusão do trabalho desenvolvido.

4.1 O A narrativa dos conflitos urbanos e a dramaturgia telejornalística presente nas matérias - análise do discurso informativo

Os discursos são definidos socialmente segundo Foucault a partir de uma origem comum. São produzidos num mesmo contexto de uma instituição ou comunidade, para circulação interna ou externa e que interagem não apenas entre eles, mas também com textos de outras ordens discursivas, que chamamos de intertextualidade.

Todo discurso é uma construção social e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social e suas condições de produção. Significa ainda que o discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à dos seus autores e à sociedade em que vivem.

De maneira geral o que se diz hoje sobre esses conflitos urbanos nasce de um processo que é consequência da desigualdade social no nosso país. Disparidade que produz um discurso que pra muita gente é corrente e socialmente aceito: o de que a violência é inerente a essas comunidades. Uma história que como já vimos começou lá no século XIX com o desenvolvimento da cidade e urbanização com pouco planejamento.

Foi a partir daí que começou a surgir esse discurso informativo da violência na periferia, traduzido em obras como João do Rio. Hoje a guerra entre os narcotraficantes e a Polícia Militar para o morador da cidade é algo corriqueiro, porque já dura quase 40 anos, desde a segunda metade dos anos 70¹⁹, desde quando esse embate começou a atingir as regiões mais prósperas da cidade. Hoje essa é uma história que faz parte do imaginário carioca. A imprensa ao longo das últimas décadas se acostumou a noticiar esse tipo de fato, a dramatizar de forma padronizada esses acontecimentos que fazem parte da rotina, o que de certa forma ajudou a viciar o olhar da sociedade e da própria imprensa.

(...) o primeiro cuidado que tomamos é reconhecer que ao dizermos de algo que ele é violento nós não estamos apenas descrevendo um evento, mas intervindo nele. Dizer que alguém é violento é agir sobre essa pessoa, é demandar algo como uma outra violência para interromper a violência dessa pessoa. (MISSE, 2008, p.9)

E a partir do pressuposto da televisão de hoje, considerada aqui como “uma grande narrativa do mundo moderno” (COUTINHO, 2012), podemos entender a construção desse arquétipo em torno dessas comunidades a partir da dramaturgia de telejornalismo. A existência de um conflito com a eventual identificação de seus personagens é um dos principais argumentos que permite a conversão do tema em narrativa. E isso é uma abordagem destacada e significativa das matérias veiculadas nos dois programas objetos dessa dissertação. Afirmativa se baseia na análise do que é exibido nos dois programas.

A forma como as matérias foram construídas em cada um dos programas, a maneira de abordar os assuntos em rede nacional durante o período de análise

¹⁹ O Globo - A guerra de drogas já dura mais de 20 anos - 12/09/2002

possibilitou confirmar a tendência de enfatizar assuntos que tenham características dramáticas: a instauração da crise/conflito e o desenrolar da situação no sentido de estabelecer tentativas de solução. Por isso, baseados na categorização feita por Coutinho (2012) para confirmar essa tendência à dramatização. Agrupamos o conteúdo das reportagens dos programas analisados nas categorias: Crise/ Ação e Celebração/ Informação. E aí começa uma separação entre os dois programas. No JN todas as matérias se encaixaram nesse perfil. No caso da Pacificação geralmente a primeira categoria se refere ao momento antes da ocupação do Estado, quando as tropas se preparam para invadir ou a ação do momento da invasão. Temos assim a descrição da crise, como no caso da favela da Rocinha:

A partir dos anos 70, traficantes armados estabeleceram uma dominação violenta, com exibição do poder de fogo e sem limites para a crueldade. A Rocinha virou um ponto fundamental para o negócio da droga na Zona Sul carioca. Um dos poucos lugares no Brasil onde se encontrou um laboratório de refino de cocaína tão equipado. Várias vezes, tiroteios deixaram em pânico os motoristas presos no túnel que passa embaixo da favela. (JN, 10/11/2011 – disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/rj-governador-diz-que-ocupacao-da-rocinha-sera-concluida-ate-domingo.html>)

Um tipo de afirmação que faz uma espécie de alerta ao telespectador, que justifica a possibilidade da ação. Uma forma de mostrar e confirmar no discurso a necessidade da ação, de combater o mal, de intervir e “pacificar”.

(...) em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOULCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola. 1996. P. 8 e 9).

Em consequência da crise então vem na lógica discursiva dramática a demonstração da ação, como foi o caso da invasão da Vila Cruzeiro, que faz parte do Complexo do Alemão.

Rio vive dia histórico no combate aos traficantes de drogas. Mais de 170 homens do Bope usaram sete veículos blindados e ainda carros de assalto da Marinha para ocupar a Vila Cruzeiro, uma área estratégica no conjunto de favelas da Penha. (JN, 25/11/2010 – disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/rio-vive-dia-historico-no-combate-aos-trafficantes-de-drogas.html>)

Ou antes da invasão definitiva do Complexo:

Esse, desde o começo da operação, é o dia mais tenso de todos. A equipe se encontrava exatamente no ponto marcado pela polícia para que os bandidos se rendessem. Então, havia uma grande movimentação o tempo todo no local. Carros blindados do Exército e viaturas da polícia se concentram e depois saem correndo para subir o morro. (JN, 27/11/2010 – disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/moradores-do-complexo-do-alemao-vivem-de-dia-de-terror.html>)

Parece evidente a analogia com os procedimentos de formação do discurso que para Foucault “pode integrar, sob certas condições e até certo ponto, os procedimentos do controle (...) e, inversamente, as figuras do controle podem tomar corpo no interior de uma formação discursiva” (Foucault, 1996, p. 66).

Num segundo momento, depois da pacificação, há tipicamente o tom da Celebração/Informação, ressaltado no texto do repórter e também nas entrevistas dos moradores na matéria produzida/ veiculada após um mês da ocupação.

No Rio de Janeiro, os moradores do Conjunto de Favelas do Alemão estão completando o primeiro mês de uma vida diferente, sem a ameaça de criminosos em cada esquina. A mudança existe nas pequenas conquistas. Liberdade para brincar e também na hora de comprar o gás direto do caminhão, que agora, como muitos outros serviços, entra na favela. “Ainda está mais barato”, diz um morador. (JN, 28/12/2010 – disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/12/um-mes-apos-ocupacao-moradores-do-alemao-reclamam-de-pouco-policimento.html>)

A partir das leituras das contribuições de Benetti poderíamos associar esse tipo de representação ao momento da vitória, no qual seria permitida uma espécie de comemoração, associada a um sentido que “sempre vem representar aquilo que poderia ser dito, naquela conjuntura específica, por aqueles sujeitos em particular, instados ideologicamente a dizer uma coisa, e não outra” (Benetti, 2007. p. 112).

No caso do JN, a abordagem da cobertura e a edição das matérias relacionadas à pacificação da Rocinha e do Complexo do Alemão trouxe uma cobertura dos fatos típica de filme de guerra ou novela exibida em horário nobre, com o uso de diferentes recursos, motolinks, helicóptero, ao vivo na entrada da favela e depois dentro dela. Foram usados inclusive novos recursos, como o uso de celulares para fazer a transmissão direto do Complexo do Alemão. Uma cobertura que mobilizou toda a equipe de jornalismo. Recursos tecnológicos cuja mobilização acaba por reforçar o tom dramático.

Assim, o que os telespectadores acompanham nos telejornais é uma soma de pequenas tentativas de repetição de alguns fatos, amarrados pelos textos de repórteres e apresentadores, uma imitação da ação. ou das ações humanas, tal como a definição de Aristóteles para a palavra drama (...) O sentido de imitação tal como proposto pelo filósofo abrange o de representação, no caso, de um conflito que se desenvolveria, sempre com a busca de sua resolução,

através das ações dos personagens da estória, da narrativa. (COUTINHO, 2012, p. 108)

Durante o período pré e pós invasões, entre 10 e 15 de novembro de 2011 e de 25 a 29 de novembro de 2010, onde se concentram 75% das matérias analisadas ao longo da pesquisa que ofereceu suporte a essa dissertação, o Jornal Nacional dedicou 24 matérias, mais de 53 minutos ao registro desse conflito social, convertido no programa também em conflito narrativo organizado quase que em capítulos, apresentados em dez edições do telejornal.

Já no caso do Profissão Repórter esse tipo de abordagem ou fórmula é mesclada; um misto de realismo traduzido no cotidiano de violência experimentado por cidadãos anônimos, transformados em personagens principais das matérias, na medida em que os repórteres acompanham a rotina deles por um período mais longo que um telejornal geral como o JN. Há tempo de conhecer essa realidade mais a fundo, de ir na casa dos entrevistados, de apreender um pouco mais dessa realidade que, ao final, mostra diferentes tons da notícia padronizada dos telejornais, restritas ao acontecimento midiático. Aqui a notícia está por detrás dessa realidade. A tradução/mediação fica menos na mão do repórter e um pouco mais nas conclusões de quem assiste, numa linguagem bem mais documental, menos impositiva sob o ponto de vista do discurso, o que permite até uma certa naturalização da notícia, como se o telespectador mais vivesse o acontecimento do que assistisse. Uma superposição de perspectivas que foge da representação do mundo muitas vezes presente nos telejornais.

A representação deixa escapar o mundo afirmado da diferença. A representação tem apenas um centro, uma perspectiva única e fugidia e, portanto, uma falsa profundidade; ela mediatiza tudo, mas não mobiliza nem move nada. O movimento, por sua vez, implica uma pluralidade de centros, uma superposição de perspectivas, uma imbricação de pontos de vista, uma coexistência de momentos que deformam essencialmente a representação. (DELEUZE, 2000, pgs. 62 e 63)

Essa certa descentralização permite que a câmera se movimente mais, fale ou represente imagetivamente mais através de um discurso do que não é dito ou traduzido. Mas isso não significa eliminar o drama da narrativa. Ele está presente, na própria escolha dos temas abordados, como é o caso das duas matérias analisadas.

No primeiro programa analisado, “Hospital de Guerra”, a reportagem retrata o local considerado como um dos que mais atende vítimas de armas de fogo no país, por

estar numa região de 21 favelas. Isso faz com que ele receba uma grande quantidade de feridos. Os repórteres acompanham a rotina do local durante 24 horas. E depois voltam em mais duas ocasiões de confrontos entre a polícia e traficantes. E aí começa a narrativa entremeada pelo drama: eles relatam os casos que chegam na emergência e a realidade dos personagens. Destaque para a abertura: um corredor vazio e o som de choros. A repórter é personagem, vive o acontecimento: caminha e escuta o choro de parentes que logo depois são mostrados de longe. Essa é a introdução do acontecimento. Não há texto, só sobe som e gestual, como o desnordeio da repórter que faz parte da cena. Há aí o estabelecimento do conflito dramático, traduzido na realidade/crise. E é exatamente essa a categoria que se segue ao longo dos primeiros 14 minutos do programa. Um prato cheio pra entender a realidade das vítimas dos confrontos nos morros cariocas.

Esse enquadramento é evidenciado também através do depoimento das famílias, que descrevem de forma mais detalhada a vida das vítimas antes de chegarem até o hospital em sonoras mais longas que nos telejornais que retratam o mesmo assunto. As entrevistas se parecem mais com diálogos documentais do que com a narrativa de um telejornal, como é o caso dessa passagem em “Hospital de Guerra” em que os espectadores tornam-se testemunhas de um diálogo entre a repórter e a irmã de um rapaz vítima de arma de fogo.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Tentamos nos aproximar da família do rapaz morto

Sobe som de choro

Voz em off “não vai falar nada não”

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Depois de algum tempo a Irma aceita gravar uma entrevista

IRMÃ DA VÍTIMA

Falaram que ele estava na casa de um amigo dele que é envolvido e que ele estava lá e a polícia invadiu e saiu metendo tiro em cima dele e do outro.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Leonardo Pinho tinha 22 anos. Era soldado da aeronáutica

IRMÃ DA VÍTIMA

- Eu falei pro meu irmão. Se afasta disso porque ele tinha uma carreira linda na aeronáutica

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

O que que ele era?

IRMÃ DA VÍTIMA

Ele ia ser sargento

Sobe som choro

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Ele tá deixando filhos, ele...

Sobe som

IRMÃ DA VÍTIMA

Ele tem dois filhos

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Pequenos?

IRMÃ DA VÍTIMA

É...

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Ele era novo né eu vi.

IRMÃ DA VÍTIMA

Ele vai fazer 23 anos em dezembro

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

23 anos?

IRMÃ DA VÍTIMA

Agora eu to passando na pele o que eu vejo na televisão

Sobe som de sirenes

A reportagem também mostra o cotidiano dos profissionais que trabalham no local e tem um olhar diferenciado ao mostrar a realidade de enfermeiros, pessoal da cozinha e também dos maqueiros. São personagens que raras vezes entram na pauta da cobertura jornalística cotidiana. E a partir desse olhar a reportagem consegue encontrar elementos dramáticos que servem à proposta do programa:

CACO BARCELOS

No hospital de guerra a função do maqueiro vai muito além de empurrar os feridos.

MAQUEIRO ROGÉRIO

- Todo mundo aqui te ajudando

CACO BARCELOS

Na madrugada do nosso plantão no Getúlio Vargas Rogério faz o papel de psicólogo para acalmar Fábio, aquele rapaz que não queria tomar injeção.

Sobe som do choro do rapaz

CACO BARCELOS ANDANDO NO CORREDOR COM O MAQUEIRO

Você sabe que esse aqui é o hospital que mais recebe baleados.

MAQUEIRO ROGÉRIO

É recebe baleado, atropelado, esfaqueado, veneno, cai da ponte, tudo o que o Sr imagina cai aqui dentro

CACO BARCELOS

O maqueiro é sempre o primeiro a saber da notícia ruim. Você já percebe se quando chega se tá vivo ou morto?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Não já chega morto porque não é por exemplo assim tá um burquinho e quando você vira as costas...aquele panelão, aquele buraco.

CACO BARCELOS

AQUELE TIRO DE FUZIL

MAQUEIRO ROGÉRIO

Aquele tiro de fuzil, de 762, de pistola...

CACO BARCELOS

Perdeu algum amigo?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Já perdi muito

CACO BARCELOS

Quantos amigos?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Uns dez

CACO BARCELOS em off

Um dia a notícia ruim chegou perto demais de Rogério.

MAQUEIRO ROGÉRIO

Eu peguei o meu próprio sobrinho

CACO BARCELOS

De que jeito foi?
 MAQUEIRO ROGÉRIO
 Baleado
 CACO BARCELOS
 Onde estava o...
 MAQUEIRO ROGÉRIO
 Dentro do caveirão. Quando eu puxei era ele. A gente não esperava que a gente ia pegar um próprio familiar da gente...tomar aquele choque.
 CACO BARCELOS
 Rogério mora em uma das favelas do complexo do alemão. Por isso quase sempre é ele quem leva notícia ruim pra comunidade.
 MAQUEIRO ROGÉRIO
 Eu fui lá e falei com a minha irmã.
 CACO BARCELOS
 Sua irmã?
 MAQUEIRO ROGÉRIO
 É. Fabiano acabou de falecer agora.
 CACO BARCELOS
 Voltou pro trabalho?
 MAQUEIRO ROGÉRIO
 Voltei pro trabalho.
 CACO BARCELOS
 Vc conseguiu trabalhar mesmo assim?
 MAQUEIRO ROGÉRIO
 Tem que trabalhar, fazer o que?
 CACO BARCELOS EM OFF
 Comunicador, psicólogo, maqueiro. Em troca de um salário de 300 reais.
 Sobe som de corte

“Vida na linha de tiro”, outro episódio do programa objeto de análise nessa dissertação, também busca relação com a situação das escolas em áreas de risco, uma delas localizada no Complexo do Alemão. Alunos, professores e a diretora - que mostra os projéteis colhidos dentro do colégio – reforçam o cotidiano de um local que fica sitiado durante os conflitos armados. Em um deles 17 crianças foram baleadas. O programa busca também o reforço audiovisual em matérias já exibidas dentro dos telejornais da emissora.

CACO BARCELOS em off
 Rio de Janeiro. Inocentes mortos em operações policiais.
 Sobe som
 Sobe som Reportagens da Globo Sandra Passarinho
 “Luiz Carlos foi atingido por 3 disparos”
 Sobe som vítima na reportagem
 Eles vieram pra executar a gente, que polícia é essa?
 Outra reportagem, de Bete Lucchese
 E um motoboy que descia a rua para comprar doces para as filhas caiu morto.
 CACO BARCELOS em off
 Policiais mortos no trabalho
 Outra reportagem, de Fabiano Vilela
 Os vizinhos ouviram mais de 15 disparos
 CACO BARCELOS em off
 Nas salas de aula alunos e professores com medo de morrer
 REPÓRTER DO PROGRAMA, JULIA BANDEIRA
 Vocês tem medo

ALUNO 1
 Porra tem né
 ALUNO 2
 Deram uns tiro todo mundo ficou assustado assim apavorado gritando

Um elemento importante e que reforça a narrativa do drama é o depoimento dos repórteres, disponível no blog do programa.

Parece que existem somente dois tipos de reação diante de um tiroteio acontecendo a 200 metros de onde você está: medo e indiferença. Quando os rojões avisaram a presença dos blindados da polícia no Alemão, já dava pra perceber como o público diante do hospital Getúlio Vargas se dividiria. Os que vinham de longe para visitar parentes e amigos estavam no mesmo grupo em que eu e a Julia entramos involuntariamente: o das pessoas que olham para todos os lados sem entender onde as coisas acontecem, que olham para os outros para verificar se a aflição é coletiva ou simples excesso de preocupação, que procuram uma parede para se proteger. Nesse grupo, a única diferença é que, como jornalistas, tínhamos também de tentar registrar alguma coisa, mesmo à distância e sem saber para onde ir. (Blog do Profissão Repórter. Acesso pelo site <http://g1.globo.com/platb/programaprofissaoreporter/?s=hospital+guerra>)

São histórias que parecem reforçar a análise de Foucault, quando diz que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1996, p. 26). Como tem mais espaço de tempo, a estrutura narrativa e o discurso informativo do programa nesse caso tendem a ser mais plurais na abordagem; há mais tempo audiovisual para escutar (e mostrar), para confrontar realidades, principalmente entre o repórter que vivencia e a situação em si. Nesse sentido poderíamos retomar o alerta de Deleuze de que a diferença nem sempre vem carregada da negatividade:

(...)trata-se de saber se é possível contentar-se em pluralizar a oposição ou em sobredeterminar a contradição, distribuí-las em figuras diversas que ainda conservam, apesar de tudo, a forma do negativo. Parece-nos que o pluralismo é um pensamento mais perigoso e mais arbatador: não se esmigalha sem se reverter. A descoberta de uma pluralidade de oposições coexistentes, em qualquer domínio, é inseparável de uma descoberta mais profunda, a da diferença, que denuncia o negativo e a própria oposição como aparências em relação ao campo problemático de uma multiplicidade positiva. (DELEUZE, 2000, p. 192)

4.2 Ações da narrativa telejornalística

Para analisarmos as ações dos personagens na narrativa jornalística buscamos a categorização dramática feita por Coutinho em sua tese de doutorado que ressalta o conflito narrativo/social e a ação no desenrolar da reportagem jornalística. Em nosso estudo adaptamos esse modelo de análise de conflitos, narrativo e social, e a ação

desenvolvida no drama telejornalístico ao objeto do trabalho: o discurso presente na fala dos moradores.

De maneira geral quando falamos em matérias de pacificação nas comunidades até então dominadas pelo tráfico é possível evidenciar dois momentos desse discurso jornalístico: o antes e o depois da pacificação. No antes predominam as matérias que falam da preparação da invasão, no ultimato aos traficantes e as promessas do Estado de melhoria de serviços que até então eram difíceis para os moradores dessas regiões. É interessante ressaltar que o discurso dos moradores na maioria dos casos vem exatamente confirmar esse tipo de ação, descrita pelos repórteres e edição de imagens. Um discurso que nas matérias analisadas quase nunca entra em desacordo com esse conflito narrativo/ação dramática apresentada no texto telejornalístico.

Outro momento importante, talvez o mais interessante dentro dessa análise, é o depois da invasão dessas comunidades. Há uma espécie de exaltação dos moradores dessas regiões sob o ponto de vista da fala jornalística. Num primeiro momento destaca-se o que eles passarão a ter acesso com essa “pacificação”: serviços públicos, culturais, assessoria jurídica; há uma exaltação das vantagens do novo colonizador, no caso o Estado Brasileiro. E aí se fazem as comparações evidentes com a mudança do tráfico para o domínio policial. Num segundo momento, sob a ótica capitalista, se destaca uma espécie de “inclusão” desse cidadão no mercado consumidor, a partir da pacificação. Assim há a ênfase na economia informal, no comércio que abre as portas, no potencial econômico da região e nas possibilidades de um futuro de oportunidades dos moradores agora “incluídos”.

Também entram em foco as análises que falam da guerra vencida pela polícia, com uma espécie de exaltação desse trabalho. No discurso telejornalístico há um tom de apoio. Mas por vezes resta uma pequena dúvida, ressaltada na fala do morador ao usar o verbo condicional, o que deixa uma ponta de incerteza e uma crítica possível, à forma de presença do Estado e à repressão policial.

Ainda há relatos na narrativa das ações pós-invasão para garantir o domínio, como a apreensão de armas que foram escondidas pelo tráfico e o patrulhamento para evitar a volta da violência. No fim as reportagens que constituem o recorte empírico do trabalho oferecem um panorama mesmo que breve das consequências enfrentadas/vividas por esses moradores, colocando em cena a possibilidade de apreensão do olhar de quem muitas vezes está de fora e nem sempre vivenciou ou compreendeu o discurso real e as necessidades desses moradores.

JORNAL NACIONAL – ANTES DA PACIFICAÇÃO		
Conflito narrativo/social	Ação	Discurso na fala dos moradores
Domínio de décadas da Rocinha pelo tráfico	Promessa de retomada pelo Governo do Estado. Forma como a invasão será feita	Reforço da melhoria da situação com a invasão Torcida para que a polícia realmente ajude os moradores
Moradores da Rocinha estocam comida para evitar sair durante os confrontos entre polícia e traficantes	População evita correr riscos Ações policiais que acontecem	Torcida para que a invasão dê certo. Reforço de ficar em casa Torcida para que a mudança seja para o bem
Domínio da Vila Cruzeiro pelo tráfico	Invasão da favela pela polícia Luta com traficantes Fuga dos bandidos	Dificuldade de transitar por conta do domínio do tráfico Expectativa de que mude de verdade dessa vez
Briga pela “retomada” do Complexo do Alemão pela polícia e saída dos traficantes Dia de tensão dos moradores	Ultimato aos traficantes Preparação para invasão Prisão de traficantes	Confirmação da melhoria na Vila Cruzeiro Moradora convence filho a se entregar Aqui as reações dos moradores são muito citadas, mas na fala da repórter. No rosto dos moradores que deixaram a região, desespero e medo.
JORNAL NACIONAL – DEPOIS DA PACIFICAÇÃO		
Celebração	Informação	Discurso na fala dos moradores
Retomada da Rocinha dá “esperança” a milhares de moradores	Anúncio da chegada dos serviços públicos, culturais, de justiça. Economia que cresce, apesar da informalidade Enquadramento na “lógica capitalista”	Relatos do potencial econômico da Rocinha e histórias de sucesso Expectativa de chance de valorização dos imóveis Expectativa da vinda de serviços básicos como em outras partes do Rio
Polícia comemora resgate de armas e denúncias dos moradores da Rocinha Mudança de cenário da favela	Mais de 200 armas apreendidas Mais de 600 denúncias de moradores Resultado das UPPs e panorama da situação no Rio	Esperança de não ver mais bandidos na comunidade Tranquilidade para as gerações futuras Volta ao local depois do abandono
Comemoração pela volta da tranquilidade e fim do tráfico no Complexo do Alemão	Volta às aulas Comércio que abre as portas Trabalho da polícia e preocupação com segurança dos moradores	Esperança num futuro melhor Tranquilidade apesar das revistas da polícia Vingança contra traficantes mediada na fala da repórter e da autoridade
Comemoração pela libertação do tráfico no C.Alemão	O que mudou no dia-a-dia Volta dos moradores e turistas na Igreja da Penha Futuro de oportunidades	Esperança de oportunidades profissionais Esperança de serviços básicos Fim do medo de circular Produtos mais baratos

Quando tomamos como objeto da análise empírica o Profissão Repórter o conflito narrativo tem como foco a realidade vivenciada por esses moradores, parte do

cotidiano apresentado via narrativa dramática. Diferente do discurso do JN a fala dos moradores é usada para reforçar esse conflito, aqui também social, de oposição concreta, muitas vezes às versões propagadas pela autoridade presente. E isso motiva em vários momentos o desenrolar da ação. O telespectador é confrontado pelas visões desses lados para estabelecer uma conclusão que pode ser própria ou induzida pela visão do repórter/personagem. De maneira diversa à edição do JN, em que tudo é entregue pronto para o telespectador, aqui ele é convidado a experimentar as percepções da realidade junto com a jovem equipe de jornalistas; tudo mediado pela experiência/orientação de Caco Barcelos, que atua como editor em cena.

Outro ponto importante para revelar a realidade é o depoimento dos funcionários do hospital (Hospital de Guerra) e dos professores e direção das escolas próximas aos conflitos entre policiais e traficantes (A vida na linha de tiro). Ao mostrar a rotina, os dramas pessoais enfrentados por esses profissionais o discurso do Profissão Repórter pluraliza esses conflitos/narrativas e oferece uma gama diferenciada de versões. Há como uma das consequências esperadas uma humanização, também marca do drama informativo.

PROFISSÃO REPÓRTER – HOSPITAL DE GUERRA		
Conflito narrativo/social	Objetivo do Programa – Ação-proposta	Discursos na fala dos moradores
1º Bloco	14'30	
Guerra polícia e traficantes Pacientes sob suspeita Feridos que não param de chegar	Mostrar a luta dos profissionais do hospital para salvar vidas	Confirmação desse conflito, mas diferente do JN inserção de outras questões e subjetividades presentes no discurso desses moradores.
Morte de rapaz atingido por arma de fogo da polícia	Tentativa de ouvir os dois lados, de entender o que realmente aconteceu	Confirmação de que era bandido pela polícia. Dúvida por parte da família – mostra o lado humano da vítima de arma de fogo
A rotina de acidentes e atendimentos na sala de trauma.	Mostrar a rotina de atendimentos	Imagens de vítimas. Médicos dão um panorama dos casos mais comuns.
A rotina de atendimentos do hospital	Mostrar o ponto de vista do maqueiro	Dá uma noção de que faz um primeiro diagnóstico para ajudar os médicos
Família com 3 crianças vítima de desabamento do teto.	Mostrar o atendimento e o que aconteceu	Ponto de vista médico Alívio da mãe – todos estão bem
Sobreposição de histórias: Carla que engoliu a moeda e Dr. Sabino	Mostrar a operação da menina e a rotina de trabalho do médico	Sobe sons do sucesso da operação Felicidade do médico

Problemas de falta de medicação	Mostrar o ponto de vista do auxiliar de enfermagem	Crítica à saúde pública e amor à profissão
Vida na cozinha A chegada de pacientes graves na emergência sexta à noite Condições de trabalho Morte de dois policiais por traficantes .Traficante baleado Inspetor Ernesto e Fábio	Oposição aos dramas do 1º andar Mostrar casos graves, o drama dos familiares e vítimas Enfermeira que trabalha em vários locais Mostrar a mudança da rotina com a circulação de vários policiais nos corredores Ouvir o ponto de vista dele Interação polícia morador	Como são feitas as refeições, procedimentos e elogios ao pudim Pedido de ajuda da sobrinha pela tia Sobe som da família pela morte da paciente Tem que trabalhar em vários locais e virar 36 horas ininterruptas pra sobreviver Diretor confirma que essa realidade é rotina Medo do traficante com a chegada da polícia Sobe som de perguntas Fabio com medo de injeção Inspetor Ernesto dá o perfil de quem é bandido
2º Bloco	8`42	
Confronto entre policiais e traficantes no Morro do Alemão História de vítima de bala perdida Rotina dos funcionários Vítimas de balas perdidas	Mostrar a rotina do Hospital em dia de guerra Contar história de Dona Ruth História do maqueiro Rogério História de Alexsandro	Depoimentos de familiares de quem está no hospital Sobe som dos moradores na rua assustados Depoimento da enfermeira sobre estado de saúde dela Como levou a bala Nervosismo dela Opinião médica Rotina do dia-a-dia Rotina dos baleados Uma semana depois a recuperação dela e o bom humor Visão dele do trabalho e das vítimas Perda de amigos e do sobrinho baleado Conta que saia da padaria e levou bala perdida Choro da mãe pela rotina de violência Opinião médica Depoimento dele na saída do hospital
PROFISSÃO REPÓRTER – A VIDA NA LINHA DE TIRO (somente parte do Rio)		
Crise/Narrativa	Objetivo	Discurso na fala dos moradores
1º Bloco	17`06	Rio 5`58

Escalada da violência no Rio e as consequências na população civil.	Mostrar vítimas do confronto com balas perdidas no Rio Vitimização na sala de aula Dia a dia de escola no Morro do Alemão na linha de tiros dos estudantes	Que polícia é essa? (na voz de familiar no telejornal) Medo dos estudantes Como se estivesse numa guerra segundo professor Diretora conta situação de crianças ensanguentadas no confronto Professora conta como escapou do tiroteio e como fez com alunos Estudante atingida por estilhaço Diretora que guarda balas perdidas Tiro impede a professora de continuar a entrevista Diretor que não autoriza filmar
A rotina de violência por armas de fogo nas escolas do Rio	Mostrar a realidade de violência nas escolas e ouvir professores, alunos e familiares	Tatiane fala dos tiros – medo dos filhos serem atingidos Criança conta que chorava de medo O trauma de Roberto que viu um aluno sendo torturado por um traficante – angústia e perda de controle

4.3 O uso de entrevistas nos telejornais: diálogos presentes e ausentes.

A televisão como um espaço público onde a sociedade atual se vê e é reconhecida ganhou importância vital na chamada “arena pública moderna”. É por isso que esse lugar se tornou bastante disputado nas últimas décadas por grupos de diversas ordens, que têm interesses políticos e econômicos. Daí a mudança de perfil das emissoras em todo mundo nas últimas décadas, que passaram a ser dominadas por grandes conglomerados econômicos, ou ainda, como no caso de muitas emissoras no interior do Brasil, na mão de políticos. Exemplos não faltam na Bahia (como é o caso da família de ACM), no Maranhão (com José e Roseana Sarney) e em diversas outras localidades.

Esse interesse vem exatamente, como já dissemos, porque a TV tem papel central na vida de grande parte da população brasileira, pelo chamado grande “share” de audiência e pela grade de programação consolidada, seja através da nossa teledramaturgia consolidada (hoje as novelas brasileiras rodam o mundo como sinônimo de boa qualidade e diversão garantida), seja pelos programas de auditório e também nossos telejornais. Esse último foi desde a década de 70 do século 20 e ainda é hoje uma

das principais fontes de informação de significativa parcela dos brasileiros. Por isso, através das falas, dos textos de um programa jornalístico em rede nacional, as diversas vozes que compõem seu discurso, os chamados “falantes” estariam também em busca de uma visibilidade, de uma espécie de legitimidade pública.

E nada melhor nesse jogo de disputas do que ter seus interesses veiculados num veículo de comunicação de massas hegemônico como a TV Globo, que em muitos momentos é detentora de índices de audiência maiores que todos os outros canais somados. A questão da audiência como fator que ateste ou não a qualidade dos programas ou uma tevê que tenha uma outra alternativa de diálogo para com o telespectador é assunto pra outro momento da discussão nessa dissertação.

É importante ressaltar que as entrevistas exibidas nos telejornais sejam compreendidas e estudadas como expressões de uma disputa por poder de fala, de visibilidade social. Mais do que ser considerada como uma fonte de saber e de informação específicos, a edição de uma entrevista, a inserção de uma fala externa aos narradores globais dos acontecimentos, tem um espaço de destaque nessa representação exibida principalmente no horário noturno da emissora carioca. E como ressalta Coutinho (2001) ao aparecer como “falantes”, terem suas vozes veiculadas no Jornal Nacional ou Profissão Repórter, “os entrevistados assumem uma espécie de co-autoria no texto que se constitui em rede nacional” e participariam daquilo que William Bonner, editor do JN define como “aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia”.

Nesse painel de interesses expresso através das entrevistas de cada matéria haveria ainda discursos que não estariam presentes exatamente na fala desses entrevistados, mas que se manifestariam através do gestual, na organização dos conteúdos, no momento histórico e na forma como a mensagem audiovisual é exibida no telejornal, na forma como é feita a edição, no discurso da emissora e em inúmeros fatores que compõem todo o repertório dos chamados “não ditos” desse contexto.

O conceito de polifonia (DUCROT, 1987) pressupõe que todo texto traz em sua constituição uma pluralidade de vozes que podem ser atribuídas ou a diferentes locutores ou a diferentes enunciativos – como é o caso dos entrevistados - quando se atesta que essas entrevistas podem se inscrever no texto a partir de diferentes perspectivas ideológicas. Dentro dessa perspectiva, é que se define o dito e o não-dito, ou a chamada “voz implícita”.

E é a partir dessas considerações que iremos trabalhar e analisar a partir de agora algumas perspectivas presentes no conteúdo das reportagens nos programas jornalísticos de análise: o espaço dado ao morador como personagem efetivo da trama e o discurso desses moradores versus a autoridades/especialistas; o papel do jornalista como espectador, personagem, e produtor de conteúdo na abordagem dos assuntos; e a edição das matérias.

4.4 O espaço dado ao morador como personagem efetivo da trama e o discurso desses moradores versus a autoridades/especialistas.

A Análise do Discurso (AD) para Márcia Benetti “é especialmente produtiva para dois tipos de estudo do jornalismo: mapeamento das vozes e identificação dos sentidos” (Benetti, 2007, p.107). E isso acontece por 5 motivos, de acordo com a autora.

Compreendemos o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos. De forma sucinta, o jornalismo é um discurso: a) dialógico; b) polifônico; c) opaco; d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e) elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares (Benetti, 2007, p.107).

E como um trabalho de interação entre sujeitos, resultado da percepção de uns sobre outros ele “é constitutivamente dialógico, mas não necessariamente polifônico. Para identificar o seu caráter polifônico ou monofônico é preciso mapear as vozes que o conformam” (Benetti, 2007, p.107). Esses dois tipos de abordagem estão em íntima relação: a partir do momento que identificamos as vozes presentes e ausentes conseguimos apreender boa parte do sentido desse discurso. Bakhtin (1979) diz que toda a linguagem é dialógica; ao jornalismo interessa falar da relação entre discursos e sujeitos. Uma relação sobre o estudo dos sentidos e que é intersubjetiva, ou seja, não existe por si mesma, só existe em um espaço entre sujeitos.

A intersubjetividade nos obriga a refutar a visão ingênua de que o discurso poderia conter uma verdade intrínseca ou uma literalidade. (...) quanto mais naturalizada a ideologia, mais as formações discursivas que dela derivam carregam sentidos que parecem literais. (...) O dizer do homem é afetado pelo sistema de significação em que o indivíduo se inscreve. Esse sistema é formado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário. Dizer e interpretar são movimentos de construção de sentidos, e, assim como o dizer, também o interpretar está afetado por sistemas de significação (Benetti, 2007, pp.108-109).

O jornalismo seria o lugar de fala que oferece potencialmente um mapa desse jogo de significações. Isso acontece numa reportagem jornalística, que nada mais é do que um conjunto de significados dentro de uma “formação discursiva”, seja ela polifônica ou não.

Não é novidade que dentro do telejornalismo uma forma bastante utilizada nas reportagens jornalísticas é o chamado “povo fala”. Um recurso que em muitos casos é usado como estratégia de confirmação/ legitimação das afirmações feitas dentro da matéria, por repórter/ edição. Uma maneira dentro desse jogo de significações de dar veracidade ao que foi dito anteriormente ou ao que se vai se dizer após essas entrevistas na reportagem jornalística.

Geralmente o que vemos ao assistir um telejornal como o JN é uma certa padronização desse modelo; são depoimentos curtos e anônimos, que somados vão ter um peso parecido a um coro popular reivindicando ou relatando uma informação. Algo que na maioria dos casos vai justificar a matéria, já que um dos critérios de noticiabilidade de um fato seria exatamente esse “clamor” público ou um misto de sensações e vivências parecidas que ecoariam nessa “arena pública” televisiva. No conjunto audiovisual exibido os diferentes dizerem mostrariam supostamente um clamor popular que evidenciaria o acerto da pauta, e daria a impressão ao telespectador de uma certa polifonia dentro da formação discursiva a que se propõe.

As reportagens do Jornal Nacional que retratam os moradores da Rocinha e do Complexo do Alemão, ao promoverem um debate sobre a questão da violência e necessidade de intervenção nesses locais “bárbaros”, se apóiam no discurso de que essas vozes tem que ser de certa forma “convertidas” aos padrões vigentes para as classes dominantes e produtoras desse discurso. E é nessa relação interdiscursiva que as reportagens analisadas constroem seus sentidos, o corpo de significação.

No programa Profissão Repórter esse debate sobre a violência nessas regiões ganha outro enfoque, porque a discussão se centra nos dramas desses moradores e por consequência dá mais destaque a essas vozes, o que permite ao telespectador construir um mosaico mais “real” do que seria essa participação ao longo do programa. Esse é o caso, por exemplo, de Dona Rute, retratada em dois momentos em um dos episódios analisados: quando entra no hospital vítima de bala perdida e depois uma semana após a sua liberação, quando já está bem e não corre mais risco de morte. Nessa hora entra em

cena a personagem bem humorada, que terá de conviver com uma bala alojada no corpo. Mesmo dando mais espaço ao depoimento dos moradores as reportagens do programa seguem os preceitos do padrão telejornalístico da TV Globo.

Segundo Abramo, esse padrão de reportagem que serve tanto para o JN quanto ao PR tem uma estrutura narrativa dividida em três atos. O primeiro é o da exposição do fato, que “é apresentado sob seus ângulos menos racionais e mais emocionais, mais espetaculares e mais sensacionalistas” (Abramo, 2003, p.35) com imagens do acontecimento. O segundo ato é o da sociedade fala, no qual os personagens envolvidos “apresentam seus testemunhos, suas dores e alegrias, seus apoios e suas críticas, suas queixas e propostas” (Abramo, 2003, p.36). O terceiro ato seria o “da autoridade resolve”, onde essa “autoridade reprime o Mal e enaltece o Bem, e também anuncia as soluções já tomadas ou a tomar, para as duas situações”. Segundo Abramo nos dois casos “a autoridade tranqüiliza o povo, desestimula qualquer ação autônoma e independente do povo, mantém a autoridade e a ordem, submete o povo ao controle dela, autoridade” (Abramo, 2003, p.36). Esse é o padrão usado na grande maioria das reportagens do Jornal Nacional e do Profissão Repórter, analisadas nessa dissertação, e também é evidenciado por Benetti:

A notícia é um dos eixos norteadores dos “consensos” e parâmetros sociais de normalidade e anormalidade. Ao lidar essencialmente com o que é inesperado, incomum ou perigoso, o jornalismo acaba indicando o que seria socialmente desejável, normal ou adequado. (Benetti, 2007, p. 110)

Coutinho reflete sobre a conversão do público em personagem nas narrativas apresentadas no Jornal Nacional, o que ela considera como “um simulacro de sua participação no telejornal” (COUTINHO, 2009, p. 69). Isso porque seus depoimentos/sonoras seriam um recurso usado para confirmar o ponto de vista do próprio jornalista ou a visão editorial da emissora ou do telejornal numa espécie de fórmula pronta que hoje em dia é corrente nas reportagens, principalmente no Jornal Nacional. Um recurso que cabe perfeitamente nesse contexto de “pacificação” dos morros cariocas:

A retomada do território deu esperança a milhares de moradores da Rocinha de que os serviços públicos cheguem à comunidade que ficou abandonada por décadas. É hora de começar uma grande faxina na favela, de onde são retiradas cem toneladas de lixo por dia. Será um desafio, já que, segundo a prefeitura, os caminhões de lixo não têm acesso às ruas onde ficam 80% das casas. “Agora vai ter que dar uma limpeza, dar uma moral para a gente viver a vida em paz”, destaca uma moradora. (Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/retomada-da-rocinha-da-esperanca-milhares-de-moradores.html>)

Ou ainda nesse trecho:

Na favela, já é possível ver novas cenas. “As crianças não vão mais ver o que vinham antes na rua”, diz um morador. “Aqui não pode ter mais bandido. Nunca mais vai ter”, afirma um menino. (Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/policia-do-rio-encontra-arsenal-na-favela-da-rocinha.html>)

É claro que é impossível ouvir todos os moradores dessas duas comunidades em um programa diário. Em termos jornalísticos a apresentação das falas, que seria considerada uma espécie de ação ou expressão de poder, acaba sendo uma amostra desse universo por representação. Uma representação feita geralmente sem nenhum critério evidenciado claramente na edição, já que esses moradores são escolhidos no local onde é coberto o fato e muitos se recusam a fazê-lo às vezes por medo ou mesmo timidez em aparecer na televisão. Por isso, o trabalho do repórter por vezes também é difícil durante a cobertura. Por meio da análise da fala dos moradores dessas regiões queremos identificar que grupo ou setor eles representam dentro dessas comunidades. A identificação dessas vozes é outro fator a ser analisado. Quantos não tiveram seu crédito divulgado? Queremos com isso investigar se há o preceito jornalístico da pluralidade de vozes e seus saberes nas reportagens veiculadas em cadeia nacional e consequentemente se nesses dois programas haveria um consenso narrativo e uma espécie de “democracia eletrônica”.

Também tentamos analisar o encadeamento do discurso ao longo das reportagens. Como o texto dos repórteres se amarrava com as sonoras desses moradores e se eles servem de confirmação para o que foi dito antes ou se foram as falas desses entrevistados que ditaram o que foi dito pela narrativa. A mesma análise serviu para o encadeamento entre as opiniões dos especialistas em relação aos moradores. Quem recebeu maior espaço dentro das matérias e porquê isso aconteceu? A seguir algumas tabelas da nossa análise:

A FALA DOS ENTREVISTADOS NAS REPORTAGENS DO JN						
PERSONAGENS	NÚMERO	TEMPO DE FALA	PROTAGONISMO		TEM CRÉDITO?	
			COM	SEM	COM	SEM
MORADORES/ VÍTIMAS	23	72s	5	18	7	16
ESPECIALISTA	1	10s		1	1	
AUTORIDADE	7	50s	5	2	6	1
OUTROS	2	10s	1	2	1	2

Pela análise das falas no JN é possível notar claramente a diferenciação do telejornal no tratamento entre moradores e autoridades. Nas oito reportagens que tinham foco nos moradores, em média as autoridades conseguiram um tempo de entrevista efetivamente editada de 7,14 segundos por reportagem. Os moradores tiveram menos da metade: 3,13 segundos por fala em média ou apenas 44% do tempo das autoridades. Os entrevistados elencados na categoria outros, 2 turistas, também tiveram tempo maior: 5 segundos em média. Como nosso foco foram as matérias que enfocavam os moradores tivemos apenas um especialista na análise. O tempo de fala dele foi de dez segundos, também muito acima da média dos moradores. É bom ressaltar que dentro desse contexto existiam outras reportagens que não enfocaram os moradores e ouviram exclusivamente os especialistas em segurança.

É importante também notar a questão dos créditos. Cerca de 85% das autoridades tiveram seus créditos com nome e profissão veiculados no telejornal e 71% exerceram um papel protagonismo dentro do recorte de análise. Com relação aos moradores essa análise se inverte: 68% entraram com a fala sem crédito no JN e 81% não exerceram protagonismo, apesar do recorte ter privilegiado reportagens que abordassem a situação dos moradores nessas regiões.

É necessário aqui nesse momento definirmos essa noção de protagonismo adotada ao longo da dissertação. Para Klein quando falamos na “protagonização de sujeitos sociais na mídia depende, por um lado, do lugar que eles ocupam na sociedade e que passam a ocupar nas reportagens” (KLEIN, 2007, p. 4). Uma situação que ao final é uma relação de poder.

Assim esse protagonismo é analisado aqui na perspectiva de Klein, “como a capacidade de exercer o seu poder na relação com os outros sujeitos envolvidos no processo produtivo da reportagem, na perspectiva de estar presente com o seu discurso” (2007, p. 4). Isso nos permite avaliar o tempo de fala desses moradores nas matérias jornalísticas para analisar o seu protagonismo, mas, além disso, é possível entender o gênero discursivo, o tema e o seu desenvolvimento dentro dessa estrutura do telejornal.

O gênero discursivo utilizado pela instituição midiática, em parte, determina o tempo de midiatização em imagem e voz dos sujeitos sociais nas reportagens. As diferentes abordagens nas reportagens podem ser definidas a partir do tipo de evento protagonizado pelos sujeitos midiatizados e/ou pelo tipo de temática proposta pela instituição midiática. (Klein, 2007, p. 4)

Assim identificamos que de forma geral esse espaço dado ao morador é mediado pela fala do repórter/emissora, que, pela análise acima das reportagens, em poucos momentos daria a real chance de verdadeiro protagonismo dentro dessa relação midiática. Segundo Gomes no telejornalismo esse protagonismo somente seria uma forma de humanizar o relato:

O indivíduo comum - o trabalhador, o caminhoneiro, a dona de casa, o empresário, o pai de família – é protagonista da maior parte das reportagens, através da estratégia da humanização do relato. No entanto, as narrativas colocam esses “sujeitos simbólicos” em determinadas posições sociais: o cidadão, o consumidor, o lutador, o trabalhador, o homem honesto etc. (GOMES, 2005, p. 10)

Retomando Deleuze “falar, mesmo quando se fala de si, é sempre tomar o lugar de alguém, no lugar de quem se pretende falar, e a quem se recusa o direito de falar”. (DELEUZE, 2008, p. 56). Ao morador dessas comunidades caberia quase que unicamente o espaço confirmador de um ponto de vista que lhe foi atribuído por essa fala jornalística. Então na maioria das vezes essa oportunidade não é real, não há a tomada de lugar de quem se fala, mas sim o coro de confirmação do que foi dito pelo texto jornalístico. Não se enxerga esse morador na sua totalidade/complexidade. Ele é apenas um instrumento confirmador de uma “realidade”, que em muitos momentos não traduz o que realmente acontece nessas comunidades. E em alguns casos nem a oportunidade de fala é disponibilizada; ela dá lugar à descrição feita pelos repórteres:

“No rosto dos moradores que deixaram a região, desespero e medo” (JN, 27/11/2010 - **Moradores do Complexo do Alemão vivem dia de terror** – Conteúdo disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/moradores-do-complexo-do-alemao-vivem-de-dia-de-terror.html>)

ou

Crianças de uniforme escolar circulam pelas ruas, mas os moradores contam que elas estão sem aulas. A diretora de uma escola já avisou: os estudos só recomeçam na semana que vem. (JN, 10/11/2011 - **RJ: Governador diz que ocupação da Rocinha será concluída até domingo** – Conteúdo disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/rj-governador-diz-que-ocupacao-da-rocinha-sera-concluida-ate-domingo.html>)

É claro que pela dinâmica da cobertura jornalística nem sempre é possível se fazer o ideal quando o assunto é mostrar esses moradores. Algumas vezes muitos se recusam a dar o seu depoimento, seja por medo de represália dos bandidos, seja por timidez, por não querer se envolver na discussão do assunto ou ainda por tentativas frustradas de romper o cerco audiovisual. Nesses casos o repórter tem que descrever a

situação como pode em nome do fato jornalístico. Nas duas passagens acima fica uma pergunta: será que realmente era medo e desespero no rosto dos moradores? Será que a forma como diretora falou era realmente aquela? Não valia ouvi-los nesse caso? O problema é que não se pode dizer exatamente o que aconteceu para que esses personagens fossem dispostos dessa maneira. Mas é fato que a cobertura de casos como esses, em dia de “guerra”, tem suas especificidades e dificuldades para as equipes de reportagem.

Mas de uma maneira geral quando sobrepomos os discursos de moradores versus autoridades percebemos uma clara preferência por quem dirige as ações nessas comunidades, como se o jornalismo presente dentro de um telejornal como o JN desse prioridade a essas falas em detrimento daquelas de moradores.

Vamos falar um pouco mais sobre essas análises na abordagem evidenciada no quadro a seguir, tomando emprestado uma categorização feita por Coutinho (2012):

O DISCURSO DOS MORADORES NAS REPORTAGENS DO JN						
DISCURSO	ROCINHA		COMPLEXO DO ALEMÃO		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CONFIRMAÇÃO	8	80	8	66,7	16	72,7
ELOGIO	5	50	3	25	8	36,4
REIVINDICAÇÃO	2	20	3	25	5	22,7
CRITICA	3	30	2	16,7	5	22,7
SUPERAÇÃO	2	20	2	16,7	4	18,2
RELATO DE VIOLÊNCIA	3	30	1	8,3	4	18,2
TOTAL DE DEPOIMENTOS	10		12		22	

Para efeito da análise desses itens resolvemos agrupar os discursos presentes nas reportagens segundo as áreas geográficas retratadas; comparando a Rocinha e o Complexo do Alemão, até para vermos se realmente há um padrão na cobertura desse tipo de evento, o que foi confirmado pelo quadro anterior. É importante ressaltar que cada fala editada pode ter vários discursos encerrados nela: por isso pode haver em uma declaração de apenas três segundos um elogio e a confirmação da fala do repórter, elogiosa nesse caso. Em outro caso enquadrar-se como reivindicação e crítica, por exemplo.

Podemos ressaltar por esse quadro que grande parte das entrevistas mostradas nas reportagens tem no seu discurso uma confirmação do que foi dito anteriormente pela autoridade e/ou repórter. Isso acontece em 80% dos casos na cobertura da pacificação da Rocinha e em dois terços das entrevistas de moradores na pacificação do Complexo do Alemão, totalizando 72,7% das falas dos moradores no período analisado no JN. Todas se encaixam quase que perfeitamente na ordem do discurso textual, como um “quebra-cabeças” bem organizado. E isso demonstra um pouco da lógica da construção discursiva.

A partir de Deleuze poderíamos dizer que o discurso propagado pela televisão tem mais características de uma ordem, onde “a linguagem é um sistema de comando, não um meio de informação”. Assim, “na TV: ‘Agora vamos nos divertir’..., ‘e logo mais as notícias’” (DELEUZE, 2008, p. 55 e 56). E como num sistema de comando o momento “permitido” para a manifestação da fala desse morador seria exatamente na hora dessa confirmação, o que daria credibilidade e factibilidade ao que estaria sendo veiculado naquele momento. Em sua análise sobre a dramaturgia do telejornalismo Coutinho resalta essa construção do personagem do público:

Assim, as entrevistas surgem na tela como que “embaladas” pelo texto do repórter que, através da edição, parece introduzir cada fala através de uma espécie de introdução, em que o personagem, “representante do público” é apresentado, os chamados “ganchos”. Algumas vezes, especialmente nas matérias de caráter mais investigativo ou que envolvem denúncias, há a criação de momentos de tensão, que normalmente é confirmada por um depoimento de impacto, capaz de provocar reações de choque, repulsa, piedade; de aguçar as emoções dos telespectadores. (COUTINHO, 2012, p. 149)

Segue-se a essa confirmação, conforme evidenciada na tabela acima, outro tom presente nas reportagens principalmente nos dias e meses seguintes a esse processo de pacificação: uma fala que vem em forma de elogio, principalmente à autoridade policial que ocupou essas regiões. No total pouco mais de 36% das falas tinham essa visão, 50% do total nas matérias feitas durante a pacificação da Rocinha. Uma forma de conferir legitimidade a essa invasão, de dar notoriedade às ações feitas nas comunidades e, portanto, confirmar o discurso do Estado, o que se traduz principalmente na esperança de chegada de serviços oferecidos pelo Governo, como veremos em dois trechos das reportagens do JN:

A expectativa pela ocupação policial, que, desta vez, promete ser permanente, é o assunto entre os vizinhos. A realidade está cada vez mais

próxima: “Acho que vai melhorar mais um pouco a vida do morador da Rocinha”, avalia um morador. (JN, 10/11/2011 - **RJ: Governador diz que ocupação da Rocinha será concluída até domingo** – Conteúdo disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/rj-governador-diz-que-ocupacao-da-rocinha-sera-concluida-ate-domingo.html>)

Ou...

Uma família que veio da Paraíba há quatro anos acompanha as transformações na comunidade. Dias atrás, eles tiveram medo. A dona de casa Dorilene Targino mostrou onde os filhos se protegiam. “Espero que daqui pra frente seja sempre assim, com paz e sem violência”, torce Dorilene. (JN, 29/11/2010 - **Moradores do Complexo do Alemão começam a retomar suas vidas** – Conteúdo disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/moradores-do-complexo-do-alemao-comecam-retomar-suas-vidas.html>)

Segue-se a esses relatos os tons de reivindicação, crítica, relatos de superação ou sobre a violência nessas regiões. Estas estão presentes em um número menor e vêm acompanhadas na sua maioria por uma mescla discursiva, travestida na grande maioria das vezes também dentro do contexto da confirmação. Outro destaque que vale a pena ser mencionado nessa análise empírica é o apelo para o cidadão consumidor:

Mas, no local, também existe um comércio vibrante. São mais de 6 mil empresas e empreendedores, só que 90% ainda na informalidade. O mercado de Marcelo faz parte da minoria que funciona na legalidade. Em cinco anos, o comércio prosperou muito: “Eu cheguei aqui, tinha 8 funcionários, hoje eu tenho 38”, conta. O censo empresarial divulgado pelo governo do estado no ano passado descobriu que, na Rocinha, funcionam, por exemplo, mais de 600 bares e lanchonetes. Mais de 300 mercados e mercearias e também salões de beleza. A comunidade tem mais de 180 bazares e papelarias. Além de mais de 90 serviços de informática e lan-houses. A economia cresceu, apesar da falta de serviços básicos. “É muita falta de água, passa de mês sem cair água”, reclama uma moradora. E mesmo assim, Dona Maria de Fátima espera uma grande valorização do imóvel que comprou há mais de 30 anos: “O lugar vai ficar muito bom, fantástico. Se pudesse, eu comprava mais umas dez casas”, diz. (JN, 14/11/2011 – **Retomada da Rocinha dá esperança a milhares de moradores**. Acesso no site <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/retomada-da-rocinha-da-esperanca-milhares-de-moradores.html>)

O discurso da reportagem começa nessa parte com uma relação de oposição, o “mas”, ou seja, apesar de todo o relato de violência, toda barbárie, “também há um comércio vibrante”. E em seguida mostra a história de sucesso traduzida na fala do aumento do número de empregados. Um discurso que se encaixa nas análises de Bucci & Kehl quando analisam a fala desse morador dentro do espaço midiático:

Quando não é reduzido a mais um competidor na massa, o “indivíduo” é tratado como “consumidor”. A operação consiste em apelar para a dimensão do desejo, que é singular, e responder a ela como o fetiche da mercadoria. (BUCCI & KEHL, 2004, p. 50)

Esse cidadão consumidor, capitalista, está pronto para entrar no clube daqueles que consomem e que buscam se enquadrar dentro da lógica de inserção social na visão das elites e donos do discurso: o morador da periferia que busca uma ocupação “aceitável” pela sociedade de consumo. Em sua análise do JN Coutinho considera o telejornalístico como um programa que “se estrutura como uma forma de consumo, privado, de modelos e estratégias para a (con) vivência em uma sociedade capitalista” (COUTINHO, 2009, p. 78). Como nessa outra passagem, quando a reportagem ressalta o “futuro de oportunidades” que está por vir. Como se estas pessoas estivessem antes da ocupação sem chance ou acesso à cidadania, o que só a ocupação da comunidade pela polícia pode trazer.

Quem agora faz cursos de graça também acredita em um futuro de oportunidades. “Tenho 100% de expectativa. Isso é um pontapé para nossa vida profissional”, avisa a garçonete Simone Ribeiro. (JORNAL NACIONAL, 28/12/2010 em matéria exibida <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/12/um-mes-apos-ocupacao-moradores-do-alemao-reclamam-de-pouco-policiamento.html> - consulta em 10/07/2011)

Portanto ao analisarmos as configurações dessa fala dos moradores dentro do discurso do JN tentamos nessa breve análise, seguindo Foucault, “detectar, destacar esses princípios de ordenamento, de exclusão, de rarefação do discurso” (1996, p. 69). Essa abordagem a princípio não desvendaria a universalidade de um sentido, mas mostraria “à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação” (FOUCAULT, 1996, p. 70).

A seguir o mesmo procedimento de análise é adotado em relação às falas ditas no Profissão Repórter, resultando nos dados que integram a tabela.

A FALA DOS ENTREVISTADOS NAS REPORTAGENS DO PR REPORTAGEM “HOSPITAL DE GUERRA”							
PERSONAGENS	Nº	TPO DE FALA	PROTAGONISMO		TEM CRÉDITO?		TPO MEDIO
			SIM	NÃO	SIM	NAO	
MORADORES/ VÍTIMAS	12	181 s	5	7	4	8	15,08 s
ESPECIALISTA	15	169 s	7	8	7	8	11,26 s
AUTORIDADE	3	43 s	2	1	2	1	14,33 s
OUTROS	-	-	-	-	-	-	-
REPORTAGEM “A VIDA NA LINHA DE TIRO”							
PERSONAGENS	Nº	TPO DE FALA	PROTAGONISMO		TEM CRÉDITO?		TPO MEDIO
			SIM	NÃO	SIM	NAO	

MORADORES	9	142 s	5	4	5	4	15,78 s
ESPECIALISTA	1	6 s		1		1	6 s
AUTORIDADE	-	-	-	-	-	-	-
OUTROS	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL							
PERSONAGENS	Nº	TPO DE FALA	PROTAGONISMO		TEM CRÉDITO?		TPO MEDIO
			SIM	NÃO	SIM	NAO	
MORADORES	21	323 s	10	11	9	12	15,38 s
ESPECIALISTA	16	175 s	7	9	7	9	10,93 s
AUTORIDADE	3	43 s	2	1	2	1	14,33 s
OUTROS	0		0	0	0	0	0

Pela análise das falas no Profissão Repórter dá pra ver a diferença no tratamento das falas dos entrevistados. Uma mudança clara e de foco em relação ao JN na abordagem entre moradores, autoridades e especialistas. Nas duas reportagens/episódios do programa, quase 30 minutos de material produzido e que foi ao ar, os moradores/vítimas tiveram o maior espaço de fala: em média 15,38 segundos. Em seguida com um segundo a menos vêm as autoridades com 14,33 segundos e por último os especialistas, com 10,93 segundos em média.

Aí notamos uma clara diferença quando ressaltamos essas falas: não há grandes diferenças quando falamos em tempo. Todos têm uma média bem próxima. Isso se dá por conta do formato do programa, centrado mais na investigação e nos múltiplos lados da história do que um telejornal diário como o JN. É difícil comparar os dois programas devido ao formato e tempo diferenciados e ainda a periodicidade de cada um. Mas é possível perceber que os dramas vividos por esses moradores/vítimas têm muito mais espaço no PR.

As entrevistas ao longo do programa funcionam mais como diálogos entre o repórter/personagem e o entrevistado. É recorrente o formato de uma conversa ou bate bapo em vários momentos, principalmente com pessoas chaves para desvendar a trama dramática dos acontecimentos mostrados. As informações nem sempre vêm prontas, decupadas e deglutidas para o telespectador. É preciso uma análise, uma “malícia”, para entender o subliminar, o não dito. Aliás isso é uma marca forte e por vezes uma intenção do programa, ao desenvolver um diálogo diferenciado pouco presente em telejornais generalistas.

CACO BARCELOS

O suspeito, baleado com três tiros, se recupera na enfermaria masculina. Ele é acusado de ter participado de um tiroteio que levou à morte um dos PMS.

SUPEITO/RAPAZ

Eu falei não quero mais nada disso. Eu quero se regenerar.

CACO BARCELOS

Ele conta que perdeu um irmão e um amigo no tiroteio. E quando descobre que a polícia esta dentro do hospital se desespera.

- Você viu que tem vários policiais ai te procurando ne.

SUPEITO/RAPAZ

Tão me procurando não. Eles vieram aqui reconhecer

CACO BARCELOS

Porque hein?

SUPEITO/RAPAZ

Porque eu já fui preso uma vez

CACO BARCELOS

Você tá com medo não?

SUPEITO/RAPAZ

Muito com medo muito. Tenho medo de acontecer alguma coisa comigo.
(Profissão Repórter – Hospital de Guerra)

Quando analisamos a inserção dos créditos, outro aspecto importante, percebemos outra diferenciação: nem todos os especialistas e autoridades são creditados. Aliás quando falamos nos especialistas apenas 43,75% dos entrevistados aparecem com seus nomes. Percebemos essa diferenciação no formato: por vezes o profissional é abordado muito mais como testemunha do que para dar uma palavra final e definitiva sobre determinado assunto. A ênfase é na vivência, na prática. Por isso esse relato é mais humanizado, o que atende aos preceitos da dramaturgia do telejornalismo.

Os números quase se repetem quando analisamos o protagonismo evidenciado pelos falantes. Cerca de 67% das autoridades tiveram seus créditos com nome e profissão veiculados no telejornal, além de 43,75% dos especialistas. Esses últimos geralmente exercem mais protagonismo em outros telejornais, como é o caso do JN. Quase metade dos moradores retratados nas reportagens tem um papel relevante nas tramas apresentadas, o que permite que atuem como protagonistas. É o caso da Dona Rute, cujo depoimento é mostrado no episódio Hospital de Guerra. Somadas as falas da personagem, vítima de bala perdida, ocupam quase um minuto da edição.

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

- Dona Rute o que aconteceu com a senhora?

DONA RUTE

Levei um tiro

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

- Tava em casa?

DONA RUTE

Tava trabalhando. Meu patrão queria que eu saísse no meio do tiroteio. Eu falei: não, espera cessar, parar.

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA em off

Rute é uma empregada doméstica de 55 anos. Chegou ao hospital trazida por vizinhos.

Dona Rute tá sendo encaminhada agora pro Raio X. Eles não acharam a saída da bala, só o ponto entrada. Provavelmente a bala tá alojada eles vão radiografar.

-Você tá assim porque você tá com frio ou porque você tá nervosa?

Assim identificamos que de forma geral o espaço dado ao morador é mais plural e menos mediado pela fala do repórter/emissora que em outros programas, telejornais. É possível perceber em alguns momentos um protagonismo dentro dessa relação midiática, como no caso do maqueiro Rogério, morador da comunidade e mostra a sua rotina, conta histórias do cotidiano e o drama que já viveu no hospital.

CACO BARCELOS

No hospital de guerra a função do maqueiro vai muito além de empurrar os feridos.

MAQUEIRO ROGÉRIO

- Todo mundo aqui te ajudando

CACO BARCELOS

Na madrugada do nosso plantão no Getúlio Vargas Rogério faz o papel de psicólogo para acalmar Fábio, aquele rapaz que não queria tomar injeção.

Sobe som do choro do rapaz

CACO BARCELOS ANDANDO NO CORREDOR COM O MAQUEIRO

Você sabe que esse aqui é o hospital que mais recebe baleados.

MAQUEIRO ROGÉRIO

É recebe baleado, atropelado, esfaqueado, veneno, cai da ponte, tudo o que o Sr imagina cai aqui dentro

CACO BARCELOS

O maqueiro é sempre o primeiro a saber da notícia ruim. Você já percebe se quando chega se tá vivo ou morto?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Não já chega morto porque não é por exemplo assim ta um buraquinho e quando vc vira as costas...aquele panelão, aquele buraco.

CACO BARCELOS

AQUELE TIRO DE FUZIL

MAQUEIRO ROGÉRIO

Aquele tiro de fuzil, de 762, de pistola...

CACO BARCELOS

Perdeu algum amigo?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Já perdi muito

CACO BARCELOS

Qtos amigos?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Uns dez

CACO BARCELOS em off

Um dia a notícia ruim chegou perto demais de Rogério.

MAQUEIRO ROGÉRIO

Eu peguei o meu próprio sobrinho

CACO BARCELOS

De que jeito foi?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Baleado

CACO BARCELOS

Onde estava o...

MAQUEIRO ROGÉRIO

Dentro do caveirão. Quando eu puxei era ele. A gente não esperava que a gente ia pegar um próprio familiar da gente...tomar aquele choque.

CACO BARCELOS

Rogério mora em uma das favelas do complexo do alemão. Por isso quase sempre é ele quem leva notícia ruim pra comunidade.

MAQUEIRO ROGÉRIO

Eu fui lá e falei com a minha irmã.

Em um diálogo como esse a aproximação entre quem faz o discurso e quem ouve está mais próxima do coloquial, o que nos dá uma sensação de aproximação da realidade.

...na análise de qualquer discurso, é preciso, de saída, compreender que não apenas as coisas ditas contam, pois as não ditas (o “silêncio” é componente importante do discurso) são às vezes tão ou mais relevantes. Importa ter em mente os efeitos diferenciados do discurso segundo a identidade e a posição de poder de quem fala e de quem ouve. (SILVA apud Foucault, 2005, p.XX)

De forma resumida quando sobrepomos e comparamos os discursos de moradores versus autoridades e especialistas dentro do programa percebemos uma certa preferência pelos moradores, o que deixa o formato do programa com uma cara mais documental, sem perder o foco telejornalístico.

A seguir, como foi feito no caso do JN, vamos analisar o conteúdo/ modelo do discurso com relação às vítimas/moradores:

O DISCURSO DOS MORADORES/VÍTIMAS NAS REPORTAGENS DO PR		
DISCURSO	Nº	%
RELATO DE VIOLÊNCIA	16	76,19
CRÍTICA	12	57,14
CONFIRMAÇÃO	9	42,86
SUPERAÇÃO	6	28,57
REIVINDICAÇÃO	4	19,05
ELOGIO	0	0

Quando analisamos as 21 entrevistas presentes nas duas edições do PR fizemos a mesma categorização do JN. E como foi feito por lá é importante ressaltar que cada fala tem vários discursos encerrados nela. Aqui grande parte dos depoimentos tem no seu discurso um relato da violência vivida na comunidades. Isso acontece em 76,19% dos casos na cobertura das duas reportagens, como é o caso de uma das filhas de uma mulher que mora numa região onde acontecem muitos tiroteios no Complexo do Alemão.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Acontecia isso que a mamãe tá falando?

Filha

Acontecia a gente ate chorava de tanto medo

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Na hora que ouvia que que a professora falava pra fazer

FILHA

Falava pra gente ficar calma, mas a minha não ficava a gente chorava aí fazia a gente chorar a gente chorava mais ainda. Aí meu padrasto também ia buscara gente. Não adiantava a gente sempre que tinha um tiroteio aqui todo mundo ficava nervoso.

A crítica à situação vigente nessas comunidades aparece em pelo menos 12 dos 21 depoimentos (57,14%). Ela vem em forma de protesto, de apelo à uma mudança de situação nessas regiões que na época eram dominadas pelo tráfico e por uma polícia que cometia excessos, como foi mostrada na abertura de um dos programas:

CACO BARCELOS em off
Rio de Janeiro. Inocentes mortos em operações policiais.
Sobe som
Sobe som Reportagens da Globo Sandra Passarinho
“Luiz Carlos foi atingido por 3 disparos”
Sobe som vítima na reportagem
Eles vieram pra executar a gente, que polícia é essa?

Nesse caso, como é uma tendência do programa, a crítica serve como alerta ao telespectador, um convite à discussão como é comum dentro da dramaturgia do telejornalismo brasileiro.

Uma das alternativas é a manutenção do problema, com o acirramento das questões o desenho de um *impasse*, também narrativo, a partir do relato de uma situação do cotidiano. A solução final caberia ao telespectador que é, em alguns momentos, convidado a participar de forma mais direta. (Coutinho, 2012, p. 162)

Seguem-se a esses relatos os tons de confirmação à fala dos entrevistados (42,86%), superação de adversidades (28,57%) e reivindicação (19,05%). Assim, o *Profissão Repórter* mostra uma espécie de cena do jornalismo: onde tudo acontece, como se faz para produzir notícia e com quais condições e dificuldades. O que se torna público é um certo lado possível de ser visualizado, sem constrangimentos para o meio de comunicação. E isso serviria para resgatar a confiança e atenção dos telespectadores ao jornalismo. Mas é preciso prestar atenção não só no que é dito.

No espaço de 11 matérias dos dois programas analisados, 43 moradores e/ou vítimas foram entrevistados ou descritos pelas reportagens. No JN foram retratados 22 moradores nas oito matérias que a princípio teriam eles como foco principal. Principalmente no caso do JN o que notamos é um certo protagonismo de outros personagens. O protagonismo na maioria dos casos fica por conta da autoridade ou do

especialista, que inclusive tem muito mais tempo de fala do que os moradores, como veremos no quadro a seguir.

Assim sendo, como ressalta Benetti, essas reportagens apesar de se colocarem na posição de construtoras de um discurso polifônico, aberto a múltiplos pontos de vistas, “tentam na verdade remeter os sentidos para uma determinada *formação discursiva*, de modo que, se outras *formações discursivas* aparecem, são apenas para simular polifonia ou para reificar os sentidos da *formação discursiva* principal da reportagem”. Coutinho também aborda a identidade dos falantes no JN.

Contudo, uma análise da identidade dos “falantes”, dos entrevistados e do tempo e tratamento dispensado a eles na edição do programa nos revela que, para além de funcionar como um espaço efetivamente pluralista, como uma democracia eletrônica, o Jornal Nacional constitui arena audiovisual para confirmação do poder de um grupo social, de sua ideologia e cultura; para a reafirmação da hegemonia dos empresários, da propriedade e da iniciativa privada no Brasil. As demais falas, grosso modo, exceção aqui feita aos depoimentos de experts, são apresentadas como forma de confirmar o discurso do jornalista, de lhe conferir mais credibilidade ou ainda para despertar as emoções da audiência. (COUTINHO, 2012, p. 153)

Isso acontece menos no PR, que diferente do JN tem uma pauta específica, uma discussão sobre determinado tema mais aprofundada e um formato semanal, o que permite um reordenamento sobre questões de forma mais abrangente. Como já ressaltamos por aqui os dois programas podem falar sobre o mesmo tema, mas lógica televisiva do formato vai diferenciá-los e distanciar os enfoques, já que o tempo vai determinar a maneira como esses episódios são descritos. Durante o PR as vítimas são mostradas dentro de um contexto que inclui mais tempo de edição que o disponível na maioria dos telejornais da TV Globo. Mas o importante nesse caso é que um pode servir de parâmetro para o outro. Por que não dar mais espaço aos moradores e ou vítimas num programa como o JN? É possível fazer telejornalismo de qualidade num curto espaço de tempo discutindo realmente as questões? Isso é o que muita gente gostaria de ver num noticiário, cotidianamente.

4.5 O papel do jornalista como espectador, personagem, e produtor de conteúdo na abordagem dos assuntos e as afirmações textuais presentes nas reportagens analisadas

Como já dissemos nessa dissertação a imparcialidade é algo utópico nesse universo do jornalismo, ainda mais na prática cotidiana nas ruas. Por isso abordamos aqui e entendemos ser de fundamental importância o papel do jornalista na construção desse discurso midiático. Afinal é ele com sua visão que vai contar a história, deixar as impressões e ajudar a moldar uma representação daquele momento. Existe um repórter personagem: alguém que foi e é espectador dos processos em destaque nas matérias, por meio de cujas bagagem intelectual e vivências essa história é (re)contada. Como esses personagens se convertem em parte fundamental nesse processo de (re) construção das identidades dos moradores dessas áreas?

Para Benetti “o texto é decorrência de um movimento de forças que lhe é exterior e anterior. O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário. (BENETTI, 2007, p. 111). Uma relação que diz muito sobre a sociedade brasileira, onde os produtores do discurso televisivo, no caso do Rio de Janeiro, saem não dessas áreas, mas principalmente da zona sul carioca e, portanto, relatam uma história que foi contada muitas vezes pelo imaginário de exclusão dessas comunidades.

Cabe ao jornalista o papel de mediador nesse processo de interação entre os falantes da reportagem jornalística e o telespectador. Wolton acredita que “o volume cada vez maior de informações reforça o papel do jornalista como mediador entre o mundo e os cidadãos” (WOLTON, 2004, p. 311).

Para Vizeu o que “os jornalistas fazem diariamente é organizar o mundo procurando torná-lo mais compreensível. Por isso, há uma preocupação pedagógica no jornalismo que se legitima como o lugar de poder mostrar, de poder dizer e de poder analisar”. (VIZEU, 2009, p. 79). Fazer esse processo de mediação é um dos principais desafios desses profissionais no dia-a-dia da reportagem e por isso analisar esse conteúdo dentro das matérias e dos dois programas nos ajuda a entender uma prática estabelecida, como no caso do JN, como ressalta Coutinho:

As narrativas quase sempre buscam o alcance do todo pelo particular, apresentando casos específicos como exemplos que normalmente são acrescidos de estatísticas e de uma significação mais ampla na fala do repórter. Assim, os telejornais acabam por se apresentar como mediação entre a experiência vivida pelo outro, cuja fala aparece na tela e mundo, a vida particular de cada telespectador e suas relações com a sociedade. (COUTINHO, 2012, p. 152)

É certo que esses personagens/mediadores que são os profissionais que fazem o telejornal ou programa de televisão têm que estar intimamente ligados à proposta deste jornalístico. E dele assimilarem as regras e transmiti-las ao público.

São os apresentadores, repórteres e comentaristas, que, paulatinamente, através de sua presença habitual nas edições diárias, conquistam um nível de credibilidade para o telejornal e para cada profissional, reconhecida pelo público. (GOMES, 2005, p. 11)

Por isso dentro desse contexto do JN e PR resolvemos categorizar essa presença, mostrar diferenciações e padronizações discursivas para que possamos compreender melhor esse processo de mediação. Assim queremos avaliar a presença desse personagem nas matérias, na forma como essas afirmações são feitas dentro desses relatos.

Analisando as oito reportagens do JN tomadas como objeto empírico percebemos o predomínio do tom informativo como é de se esperar no principal programa telejornalístico brasileiro. Um exemplo é esse trecho que aborda as consequências da pacificação.

A polícia já recebeu mais de 600 denúncias de moradores. Graças a uma delas, os homens do Batalhão de Operações Especiais (Bope) descobriram ontem um depósito de armas e drogas na Rocinha. Tudo estava enterrado há mais de dois metros de profundidade, embaixo de uma camada de concreto. (JN, <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/policia-do-rio-encontra-arsenal-na-favela-da-rocinha.html>)

Como os episódios da pacificação são narrativos eles também predominam em muitos momentos.

Quando os blindados entraram na favela levando as equipes do Bope, bandidos tentaram impedir com carros pegando fogo, barricadas com pneus queimados. Até caminhões de uma loja de eletrodomésticos foram usados como barreira. Um deles foi incendiado. As chamas atingiram a rede elétrica. Um tanque da Marinha rompeu uma das barreiras. Passou por cima de um carro que tinha sido incendiado por criminosos. (JN, <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/rio-vive-dia-historico-no-combate-aos-trafficantes-de-drogas.html>)

É fato que a grande parte das empresas de comunicação brasileiras que produziram manuais de redação deixam claro que a opinião deve ser evitada, exceto em momentos especiais, como na produção de artigos e editoriais por exemplo. Portanto, a notícia "deve ser essencialmente informativa, evitando o repórter ou redator interpretar

os fatos segundo sua ótica pessoal." (MARTINS, 1990, p. 55). Mas em muitos momentos o jornalista/emissora como produtor de conteúdo deixa passar a sua opinião, como destacamos na tabela a seguir.

AFIRMAÇÕES TEXTUAIS JN	
10/11/2011 - RJ: Governador diz que ocupação da Rocinha será concluída até domingo	
AFIRMAÇÃO TEXTUAL	JUSTIFICATIVA DISCURSIVA
A Rocinha, na zona mais valorizada do Rio, cresceu em direção ao bairro da Gávea. Ao lado de outra grande favela, o Vidigal. Vizinho ao bairro do Leblon, o Vidigal também será ocupado.	Justifica a ocupação por ameaçar uma região nobre do Rio. Pacificar para garantir o bem estar da zona sul carioca. Justificativa econômica: evitar a desvalorização dos imóveis da Gávea.
As favelas estão em posição estratégica: muito próximas das duas vias ligação entre a Zona Sul e a região da Barra da Tijuca. A Avenida Niemeyer e a Autoestrada Lagoa Barra.	Mesma justificativa anterior. O morro que ameaça o asfalto e o domínio da favela traria um bem estar à Zona Sul e Barra da Tijuca, regiões nobres.
Toda a região é cercada de mata, onde estão muitos dos 57 acessos à favela.	Justificativa ecológica: preservar a mata, pacificar para evitar o desmatamento.
12/11/2011 - Moradores da Rocinha estocam comida para evitar sair no domingo	
AFIRMAÇÃO TEXTUAL	JUSTIFICATIVA DISCURSIVA
Todos torcem para que a operação seja tranquila e sem troca de tiros.	Todos os moradores desejam que a pacificação seja tranquila. Quem é de bem aceita pacificamente a invasão.
Este é um momento decisivo que pode representar o antes e o depois para milhares de pessoas que vivem no lugar.	O antes a "barbárie" e o depois a "colonização" do asfalto, do Estado e da autoridade policial.
14/11/2011 - Retomada da Rocinha dá esperança a milhares de moradores	
AFIRMAÇÃO TEXTUAL	JUSTIFICATIVA DISCURSIVA
Retomada da Rocinha dá esperança a milhares de moradores. A comunidade que ficou abandonada por décadas aguarda	Mesma justificativa anterior. Esperança se traduziria no desejo pela chegada do Estado, ratificação do discurso governamental.
Os moradores terão mais oportunidades.	Promessa estatal incorporada no discurso jornalístico.
Mas, no local, também existe um comércio vibrante.	Transformação com a pacificação, lógica capitalista, o cidadão tratado agora como consumidor potencial.
15/11/2011 - Polícia do Rio encontra arsenal na Favela da Rocinha	

AFIRMAÇÃO TEXTUAL	JUSTIFICATIVA DISCURSIVA
Na favela, já é possível ver novas cenas.	Discurso do bem e do mal, maniqueísmo.
25/11/2010 - Rio vive dia histórico no combate aos traficantes de drogas	
AFIRMAÇÃO TEXTUAL	JUSTIFICATIVA DISCURSIVA
O Rio de Janeiro viveu nesta quinta um dia histórico no combate às quadrilhas de traficantes de drogas.	O “histórico” dá um valor de mudança definitiva, de vitória do colonizador sobre o colonizado.
27/11/2010 - Moradores do Complexo do Alemão vivem dia de terror	
AFIRMAÇÃO TEXTUAL	JUSTIFICATIVA DISCURSIVA
O cenário de uma guerra prestes a começar fez muitos moradores deixarem as casas.	O “guerra” dá o valor do confronto a ser traçado.
29/11/2010 - Moradores do Complexo do Alemão começam a retomar suas vidas	
AFIRMAÇÃO TEXTUAL	JUSTIFICATIVA DISCURSIVA
A vida parecia mais tranquila. Mas ainda havia tensão. Um certo receio ainda tomava conta de alguns moradores, mas, com uma manhã sem confrontos, a vida ia voltando ao normal.	Discurso do bem versus o mal: tranquilo x tensão
Luxo que as crianças da região talvez nunca tenham visto de perto.	Luxo como uma coisa exógena ao cenário de uma comunidade. O todo pela parte: noção de ingenuidade, de inocência ao citar crianças.
28/12/2010 - Um mês após ocupação, moradores do Alemão reclamam de pouco policiamento	
AFIRMAÇÃO TEXTUAL	JUSTIFICATIVA DISCURSIVA
A mudança existe nas pequenas conquistas. Liberdade para brincar e também na hora de comprar o gás direto do caminhão, que agora, como muitos outros serviços, entra na favela.	Maniqueísmo bem e mal: conquista, liberdade. Discurso estatal e capitalista.
O medo continua nas expressões dos moradores que se recusam a dar entrevistas.	O bem venceu, mas o mal continua rondando, discurso maniqueísta.
O passado violento mantém suas marcas em um dos pontos mais altos da favela, que agora ostenta a bandeira do Brasil, um dos símbolos da ocupação.	Mal (passado violento) x bandeira do Brasil (bem) simbolizando também a vitória do colonizador

Quem agora faz cursos de graça também acredita em um futuro de oportunidades.	Antes no Estado de “barbárie” o futuro era incerto, agora na incorporação do discurso do colonizador o futuro é de esperança e muitas chances.
-------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Como podemos notar não só nessa análise discursiva da tabela anterior em muitos momentos o JN apresenta um discurso baseado em lógicas de simplificação e de redução. Nem sempre há espaço para a lógica do morador como um ser que transita entre tensões e contradições, mas como pessoas que são “isto ou aquilo”. Há a necessidade de fazer a completa tradução do fato, mastigar e digerir quase que totalmente para o telespectador, entregar a notícia pronta, incluindo aí o ponto de vista dos donos do discurso, notadamente o jornalista/emissora.

É perceptível o tom maniqueísta que algumas afirmações são ditas dentro do espaço das reportagens apresentadas. Como já ressaltamos no quadro e abordamos no discurso do “eu” versus o “outro” há uma contraposição entre a barbárie e a promessa do colonizador, que impõe aí a lógica do “asfalto” sobre o “morro”. Prevalece, portanto, a afirmação do discurso dominante. Uma reflexão de Becker sobre os tensionamentos no jornalismo parece dialogar com a análise:

(...)por mais que o telejornal seja acusado de maniqueísmo ou comprometimento, ele também produz ambigüidade de sentidos. O telejornal ordena e sistematiza o real, mas, ao mesmo tempo, é um texto aberto à interpretação do telespectador e do pesquisador. A comunicação apresenta distorções, temas restritos que ainda ficam obscuros ou abordagens tendenciosas que costumam padronizar a opinião pública. As mídias não atuam apenas como observadores do acontecimento, mas também como atores. (BECKER, 2005. p. 56).

Também analisamos a incorporação do discurso do Estado presente dentro dessas afirmações textuais, algo recorrente dentro de algumas matérias. Uma relação que legitima todo um aparato que justifica a invasão/pacificação. Benetti ao citar Traquina fala das condições de produção e existência do conteúdo jornalístico:

De forma mais ampla, o jornalismo constrói sentidos sobre a realidade, em um processo de contínua e mútua interferência. De forma mais restrita, a notícia é uma construção social que depende basicamente de seis condições de produção ou existência: a realidade, ou os aspectos manifestos dos acontecimentos; os constrangimentos impostos aos jornalistas no sistema organizacional; as narrativas que orientam o que os jornalistas escrevem; as rotinas que determinam o trabalho; os valores-notícia dos jornalistas; as identidades das fontes de informação utilizadas e seus interesses (TRAQUINA, 2002, apud BENETTI, 2007, p. 111-112).

A seguir apresentamos essa reflexão dentro do contexto do Profissão Repórter.

AFIRMAÇÕES TEXTUAIS PR	
REPORTAGEM: HOSPITAL DE GUERRA	
AFIRMAÇÃO TEXTUAL	JUSTIFICATIVA DISCURSIVA
Por sua localização o Getulio Vargas é praticamente um centro de saúde especializado em violência, um hospital de guerra.	Atribuição da violência às comunidades, favelas e ou morros, já que o Hospital fica bem no meio dessas áreas.
Segundo a polícia troca de tiros, mas só um lado foi atingido.	Coloca em xeque o trabalho da polícia e as suas afirmações.
Ninguém conhece esses corredores melhor do que eles, os maqueiros	Dá voz a uma categoria para mostrar um lado pouco explorado do dia-a-dia
Eu fiquei preocupado com ele tava chorando muito quando a gente chegou. Como é que ele ta agora. Como é o nome dele?	Repórter personagem. Alguém que sente, que participa ativamente da reportagem e da cobertura. Algo que diz sou gente também, me importo com os rumos dos personagens que retrato.
O tempo ensinou Andre a conviver com as deficiências da saúde.	Crítica ao sistema público de saúde. O personagem comprova a afirmação.
A cozinha do hospital fica no solo, distante dos dramas do primeiro andar.	Contraposição ao que foi mostrado antes. Pausa para o drama dos pacientes, mostrar um outro lado humano.
24? Mas vc vai pra casa dormir agora? Como vc resiste?	Crítica ao sistema de saúde, que faz com que profissionais precisem se desdobrar e fazer vários plantões pra poder “sobreviver”.
Estranhamos encontrar os corredores do hospital cheios de policia com armas de guerra.	Mostrar uma situação atípica, uma realidade presente nessa região. Ao enfatizar isso chama a atenção para essa relação de poderes singular nesse caso.
O inspetor Ernesto é uma espécie de Xerife do Getulio Vargas. Nos o conhecemos na primeira visita ao hospital. Ele circula com liberdade até na sala de emergência.	Ao enfatizar a palavra xerife remete a uma espécie de barbárie presente tipicamente de westerns americanos, onde a ordem era imposta de “outra” maneira.
- Entra aqui, fica aqui. Tem um monte de médico, tá cheio de médico avaliando. Ela tomou um tiro nessa parte...ela tomou um tiro nessa parte do corpo.	Chama a atenção para a urgência do caso, coloca os repórteres como personagens ativos na configuração de cena – põe vítimas e entrevistadores num mesmo patamar de atuação. Naturaliza e dramatiza a situação.
Impressionante né? A gente tava aqui e ouviu muito barulho dos tiros e é impressionante né e é impressionante. Agora como é um morador, já tá acostumado?	Ao expor as impressões da repórter sobre a cena e ao fato em que ela não está acostumada e a violência que é uma comunidade sitiada pelos tiros ao redor coloca os repórteres como personagens ativos na configuração de cena – põe vítimas e entrevistadores num mesmo patamar de atuação. Naturaliza e dramatiza a situação.

Comunicador, psicólogo, maqueiro. Em troca de um salário de 300 reais.	Ao expor as funções e fazer a comparação com o salário faz uma crítica à situação da saúde não só no hospital, mas no geral. Exacerba o elemento dramático.
Poucos baleados saem daqui no dia seguinte, como Alessandro. Ou podem reagir com o bom humor de Dona Rute.	Mostrar o estado de exceção pra explicar a sorte que os personagens tiveram ajuda a revelar o outro lado dramático da história: o das pessoas que não tiveram a mesma sorte.
O impressionante acho que pra mim e pro Caio é o bom humor da senhora. Que segredo é esse? De onde vem?	Choque de realidades e surpresa dos repórteres/personagens diante da situação. Indignação diante da violência que é encarada pelos moradores como cotidiana.
REPORTAGEM: A VIDA NA LINHA DE TIRO	
- Eu percebo que é difícil pra você falar disso Ele será aposentado. Aos 39 anos!	Repórter/personagem que dá suas impressões e ao mesmo tempo naturaliza e dramatiza ainda mais o discurso.

Pela análise feita acima percebemos claramente que uma das principais intenções do programa é naturalizar o discurso, através da inserção desse repórter/personagem. Alguém que “atua” nesse campo discursivo que é a reportagem. E a partir dessa interação vemos a dramaturgia do telejornalismo sob uma outra perspectiva. Aqui além dos moradores os repórteres também são impactados pela violência à volta. Também são mostrados como possíveis vítimas desse processo. Nesse ponto um recurso também muito utilizado pelo jornalismo “tradicional”: através da participação dos jornalistas o telespectador é instigado a se sentir uma vítima em potencial desse confronto, alguém que também poderia viver essa situação.

Esse discurso muitas vezes retroalimenta essa tentativa de naturalização. Acreditamos que isso por vezes e em determinadas situações pode ser uma arma poderosa como instrumento de manipulação e convergência das subjetividades dos telespectadores em prol de um objetivo comum. Mas de uma maneira geral ao trazer esse “choque de realidades” o programa mostra outras possibilidades que nem sempre podem ser transcritas no telejornalismo de um programa como o JN.

Mostrar como se filma, como se produz uma reportagem, como se faz uma entrevista, pode ser uma forma de naturalizar, por meio da discussão e desmontagem, o lugar do jornalismo como protagonista do ato de contar a atualidade. Pode ser uma forma de restabelecer o vínculo de confiança, neste caso, na capacidade do jornalista de investigar, de checar e, mesmo sendo susceptível de erros, de fazer o possível para levar a informação mais clara e completa para o leitor.

A partir da observação das duas edições do PR, é possível destacar a forte presença dos jornalistas como personagens da reportagem, a condução e direção de Caco Barcellos. Para Bucci na atualidade os personagens dos telejornais são um ingrediente chave nesse processo:

Ele desenvolve com o telespectador um vínculo de familiaridade como se fosse um ator, um astro. Vivemos em um tempo que jornalistas da TV são celebridades, são símbolos sexuais. Enfim, aqui, como no resto do mundo, o público sente desejo pelo programa do telejornal (BUCCI, 2000, p. 29).

O desenvolvimento da reportagem num tempo contínuo, é acompanhado pelo espectador, assim como as condições de execução das matérias (surgimento da pauta, discussões entre os jornalistas, pesquisa, checagem de dados, gravação, condições técnicas, áudio, foco, cenas, edição, conversa com o diretor etc). Em algumas situações, o que vemos não é a reportagem em si, mas o discurso construído pelo *Profissão Repórter* sobre o que é a reportagem. O compromisso com o factual, prioridade na maioria das situações do programa, está nas discussões entre os repórteres para decidir o que vai ser colocado no ar. Isso está presente de forma especial e diferenciada em cada episódio.

A presença do repórter no palco do acontecimento é explorada como uma estratégia de autenticidade e como um símbolo da capacidade de cobertura da equipe jornalística, afirmando, de um lado, que o jornalista pode falhar, se equivocar, colocar sua subjetividade na notícia, mas mesmo assim, ele tenta mostrar, tenta encontrar os caminhos para contar o fato.

O sucesso da proposta levada ao telespectador não está no que é dito, mas na forma como a história é contada. Em algumas situações, há insistência em mostrar o repórter como aquele que conta o que é a realidade (como no caso de da cena em que a repórter está numa escola bem na linha de tiro do Morro do Alemão no Rio de Janeiro). Atesta-se, ainda, que a experiência do fato vai de encontro ao repórter, apontando uma direção (como no desvio da temática dos atendidos no hospital de guerra para a questão dos baixos salários dos funcionários). Porém, especialmente na edição “A vida na linha de tiro”, evidencia-se que boa parte dos assassinatos é de jovens: adolescentes de 15 a 20 anos.

Ainda é evidente e repassa nas duas reportagens a questão da impunidade e falta de controle das autoridades. E, neste sentido, a discussão de que a mídia não apenas representa ou reflete a realidade, mas a constrói, é incorporada, já que os modos

discursivos também são modos de agir, posicionar-se e intercambiar experiências, solicitando dos outros algum tipo de tomada de atitude.

Podemos afirmar, após a análise desse microcosmo de duas reportagens do *Profissão Repórter*, que o programa fala de si mesmo e do jornalismo, que os jornalistas explicam as suas práticas profissionais no decorrer da produção das histórias ali relatadas, com Barcellos sendo a figura que assume, retoricamente, a posição do sujeito que explica para os telespectadores os bastidores e os desafios de se fazer uma reportagem na televisão.

4.6 A edição das matérias – “o dizer e o não dito” e a videoclipagem.

Falar da edição é considerar uma parte extremamente importante no contexto jornalístico de discussão nessa dissertação. Afinal ao mapearmos as vozes desse discurso para entendermos como elas são retratadas e que identidades são atribuídas a elas é preciso olhar atentamente a edição, a disposição destas vozes no contexto da reportagem telejornalística. Não basta só analisar as afirmações textuais, que já dizem muito. Elas são emolduradas por esse processo de construção. Portanto nesse item procuraremos analisar algumas estratégias discursivas da edição de *Jornal Nacional* e *Profissão Repórter*.

De acordo com Gomes “a posição social das vozes das reportagens (personagens) é construída a partir da utilização de diversos recursos: modos de tratamento, efeitos de edição, enquadramentos, cenários e movimento de câmera” (Gomes, 2005, p. 14). A edição e o modo de encadeamento das reportagens dizem tanto ou mais que a ordem textual por muitas vezes. A imagem atribui veracidade ao que está sendo dito. Logo seu poder dentro desse processo é inegável.

Uma imagem nunca está só. O que conta é a relação entre imagens. Ora, quando a percepção se torna puramente óptica e sonora, com o que entra ela em relação, já que não é mais com a ação? A imagem atual, cortada de seu prolongamento motor, entra em relação com uma imagem virtual, imagem mental ou em espelho. (DELEUZE, 2008, p. 69)

Para cada tipo de situação existiriam estratégias para que dentro desse processo de edição se crie uma maior ou menor identificação. E um telejornal com a audiência e importância do JN no nosso país se vale de dezenas delas. Uma das principais que se vale dos enquadramentos é a humanização:

A humanização do relato, como estratégia privilegiada pelo JN, se vale da predominância dos enquadramentos em *close* e planos fechados que evidenciam os “rostos” muitas vezes anônimos do telejornal. O enquadramento próximo e a identificação pelo primeiro nome, precedido do tratamento respeitoso do Português coloquial – seu João, dona Maria – prevêm a identificação com o personagem do brasileiro comum, um personagem sempre bem construído pelo JN, convincente, coerente, comum (cf. Pallottini, 1989) e, sobretudo, necessário à construção da identidade nacional. Tal proximidade também se vale da construção de cenários específicos e da encenação da vida cotidiana. (Gomes, 2005, p. 14)

A função primordial de um telejornal é criar uma atmosfera propícia, constituir-se em caminho da informação confiável, trazer o mundo pra dentro de casa. Mas uma informação com um texto primoroso pode não ter o mesmo efeito se não for acompanhada pelo encadeamento das imagens e sons. Existe um padrão pré-estabelecido e “pactuado” com a audiência, de que se deve ter um tempo chave, segundo alguns autores:

Uma nota entediante de 10 segundos é fatal. O telespectador foge. A cor é obrigatória. O movimento é obrigatório. O retumbante é obrigatório. É por isso que o principal critério da notícia é a imagem. Se não há uma imagem impactante, dificilmente o fato merecerá um bom tempo no telejornal. (BUCCI, 2000, p. 29).

Um processo que começa na redação com a definição da pauta e as marcações. Passa pela rua com a escolha de personagens, entrevistados e imagens de acordo com a vivência dos repórteres e que finalmente chega na montagem, onde o quebra-cabeças, a parte bruta do material é transformada em reportagem telejornalística. Coutinho reflete sobre esse processo de transformação:

Na ilha de edição, laboratório em que se processa a alquimia de reunir texto-somimagem em uma reportagem de TV, o telejornalista lida com a necessidade de ordenar o aparente caos da fita bruta, em que imagens, entrevistas, passagens e o áudio do off são gravados de forma cuja lógica está ligada ao momento de captação dos registros e não à sua estrutura narrativa. Alia-se a isso a questão do tempo disponível, a possibilidade de alteração das informações até o momento de exibição, as diferenças em qualidade e adequação das entrevistas/depoimentos coletados e ainda a linha editorial do telejornal, e mesmo a marca ou padrão estilístico e/ou político da emissora em que aquele programa está inserido. (Coutinho, 2012, p. 157)

É ainda a edição da reportagem que pode derrubar ou levantar uma reportagem que vai ao ar. Esse casamento de som, imagem e texto é fundamental: para o bem ou para o mal. É nessa mesma ilha que pode emergir a criatividade, com o uso de imagens diferenciadas, sobe sons, ritmo lento ou acelerado...Enfim, uma gama de opções que

podem ser oferecidas para enriquecer o material. Ainda nos dias de hoje, onde a edição não linear e a computação gráfica são recursos cada vez mais comuns.

Então como analisar a edição das matérias do JN e do PR dentro desse contexto de moradores/vítimas, de pacificação e conflitos entre autoridades e traficantes nos morros cariocas? Como já abordamos os nós ditos são fundamentais nessa reflexão. Por isso em uma etapa anterior fizemos a decupagem do material analisado, dividindo os offs, sonoras, passagens, sobes sons, cabeças e outros possíveis elementos que fazem parte desse contexto de uma reportagem telejornalística.

A edição no Jornal Nacional

Podemos afirmar que dentro de um programa com a estrutura noticiosa como a do Jornal Nacional, pelo próprio formato, as matérias veiculadas sempre têm um certo limite de tempo. As oito reportagens analisadas têm entre 1 minuto e 36 segundos e 5 minutos e 27 segundos, este último tempo um formato considerado grande para os moldes do programa, que valoriza o tempo e matérias de um minuto a dois. É certo que isso depende da cobertura, da relevância do fato e da “factualidade” do assunto. No caso dos conflitos do Complexo do Alemão o ineditismo da ação pautou essa “factualidade”. Inclusive na época as ações de pacificação mobilizaram o jornalismo da TV Globo, que ficou mais de sete horas na transmissão ao vivo no domingo. Cobertura que valeu à emissora um prêmio Emmy, um dos mais importantes do jornalismo mundial.

A mesma relevância teve a pacificação da Rocinha, a segunda maior favela da América Latina. O aparato usado e a importância da região justificaram outra cobertura diferenciada, com o uso de tecnologia e múltiplos recursos da emissora carioca. A seguir fizemos a medição e o encadeamento da ordem da edição. No quadro temos a transposição em segundos de cada parte das oito reportagens do JN e o encadeamento delas.

MATÉRIAS	CAB		OFFS		S.S		SON		VIVO/ PAS	
	Nº	tpo	Nº	Tpo	Nº	Tpo	Nº	Tpo	Nº	tpo
1ª Complexo Alemão 2'52	1	11s	8	114s	6	17s	3	19s	1	11s
2ª Complexo Alemão 3'28	1	19s	8	87s	5	13s	3	29s	1 (v)	58s
3ª Complexo Alemão 2'13	1	9s	8	82s	2	4s	5	23s	1	15s
4ª Complexo Alemão 1'35	1	8s	6	64s	-	-	5	16s	1	7s
1ª Rocinha 2'22	1	14s	5	94s	2	6s	3	15s	1	13s
2ª Rocinha 1'50	1	9s	4	64s	1	2s	4	22s	1	13s
3ª Rocinha 1'53	1	7s	5	68s	-	-	5	24s	1	14s
4ª Rocinha 2'04	1	11s	4	71s	1	2s	4	25s	1	15s

MATÉRIAS	ENCADEAMENTO
1ª Complexo Alemão	Cab(11)-off(6)-ss(3)-off(8)-ss(2)-off(21)-ss(2)-off(14)-ss(3)-off(7)-ss(2)-off(12)-ss(5)-off(18)-pas(11)-off(28)-son(11)-son(4)-son(4)
2ª Complexo Alemão	cab(19s)-vivo(58s)-off(6s)-ss(3s)-off(3s)-ss(2s)- off(6s)-ss(2s)- off(21s)-son(3s)- off(21s)-son(17s)- off(21s)-son(9s)-off(2)-ss(3)-off(7s)
3ª Complexo Alemão	Cab(9)-off(13)-son(3)-off(9)-son(5)-pas(15)-ss(2)-off(5)-son(6)-off(11)-son(4)-off(23)-son(5)-off(9)-ss(2)-off(7)
4ª Complexo Alemão	Cab(8)-off(9)-son(2)-off(6)-son(5)-off(15)-pas(7)-off(7)-son(2)-off(23)-son(3)-off(4)-son(4)
1ª Rocinha	Cab(14)-off(26)-son(8)-off(29)-ss(4)-off(14)-pas(13)-off(22)-ss(2)-off(13)-son(4)-son(3)
2ª Rocinha	Cab(9)-off(14)-ss(2)-off(16)-son(4)-off(5)-son(10)-son(3)-pas(13)-son(5)-off(29)
3ª Rocinha	Cab(7)-off(10)-son(5)-off(22)-son(8)-pas(14)-off(12)-son(3)-off(18)-son(3)-off(6)-son(5)
4ª Rocinha	Cab(11)-off(25)-ss(2)-off(37)-pas(15)-son(13)-off(2)-son(3)-son(3)-off(7)-son(6)

De maneira geral a estrutura jornalística não permite na maioria dos casos matérias grandes dentro do JN. Fato que é quase uma regra difundida também em outras redações de telejornais brasileiros; subordinados a essa estrutura todos os conteúdos veiculados precisam ter relativamente um tempo definido, maximizado ao mínimo, sob as regras da objetividade e “noticiabilidade” do material jornalístico. Um critério que passa pela seleção do repórter que está na rua, das imagens do cinegrafistas e das

avaliações dos editores e chefes de redação. Por causa disso sonoras são reduzidas dentro da lógica pragmática típica do jornalismo atual.

Percebemos através dessa análise uma estrutura rígida na construção desse material jornalístico: “offs” entremeados por sonoras, sobe sons ou passagens de maneira geral. A cabeça das matérias é curta, variando entre sete e 19 segundos, dando a ideia da necessidade de objetivação dentro do telejornal; as passagens dos repórteres também tem essa padronização e em poucos casos ultrapassam os 15 segundos. Também os sobe sons poucas vezes variam e ultrapassam dois, três, cinco segundos no máximo. Notou-se que no fim das matérias, na maioria dos casos, há uma sonora ou mais de uma. Acreditamos que esse é um exemplo da necessidade de confirmação do ponto de vista exposto na reportagem.

E não é diferente dentro das matérias analisadas. Mas um aspecto é mais típico que os outros e está presente em quase todas elas. Quando a entrevista retrata a realidade dos moradores dessas áreas atingidas – o Complexo do Alemão e a Rocinha – essas identidades simplesmente não têm nomes. Em praticamente todas as entrevistas essas pessoas não têm créditos, ao contrário de fontes policiais e especialistas.

E quando o assunto são as falas dos entrevistados, das vítimas da violência, às vezes nem uma frase completa é colocada. Como na matéria que destaca o dia de terror dos moradores do Complexo do Alemão. Em uma das entrevistas a sonora do rapaz que responde “Tirar minha família daqui” não tem nem três segundos, o que não dá ao menos uma frase como tempo midiático para ouvir sua voz. Uma fala que serve para reafirmar o fato de que as famílias estavam fugindo do local, anunciado pela repórter: “o cenário de uma guerra prestes a começar fez muitos moradores deixarem as casas. Ao longo do dia, famílias inteiras passavam com mochilas e sacolas, carregavam o que podiam.”

Em uma das matérias a preferência é por imagens de moradores de costas. Isso no intuito de proteger essas pessoas do risco de retaliações. Dentro do mesmo contexto e da mesma matéria outros moradores aparecem sem o rosto coberto. Então qual seria o critério para cobrir uns e mostrar outros? O rapaz que diz que irá tirar a família de lá com imagem desfocada está na mesma situação da senhora que diz “Vou pra casa da minha filha depois eu volto” ou da mulher que ressalta “Ah tá horrível lá. A minha casa furou a caixa d’água com o tiro.” Em um outro momento há uma manifestação de moradores pedindo paz. Na imagem as cabeças das personagens são suprimidas, só são mostrados os dizeres na barriga de duas grávidas. Cenas abertas de moradores ratificam

a correria, a pressa de deixar o complexo, o medo, como no texto que encerra a matéria veiculada em 27/11: “No rosto dos moradores que deixaram a região, desespero e medo”. Essa forma de edição reafirma o que já foi evidenciado por alguns autores.

Ao mesmo tempo, a humanização do relato no JN, funciona de modo todo próprio. Ali não aparece o indivíduo, mas aquele que, de fato, personifica o relato. A sua identificação como sujeito individual dotado de uma história particular não importa tanto (podemos não saber sua profissão, sua idade, sua origem). No JN ele é apresentado como sujeito simbólico: Seu João, Dona Maria, um brasileiro. O sujeito comum - o trabalhador, o caminhoneiro, a dona de casa, o empresário – é o protagonista da maior parte das reportagens. Esses “sujeitos simbólicos” são identificados apenas pelo primeiro nome e assumem a posição social que lhes é conferida. (GOMES, 2005, p. 11)

A edição no Profissão Repórter

O programa Profissão Repórter nasceu com uma proposta diferenciada dentro da Rede Globo. Por isso desde o seu começo o que define sua marca, além dessa relação entre um repórter experiente e jovens jornalistas é a edição. Em todas as reportagens alguns elementos são bastante comuns e identificam o formato do PR quando analisamos as imagens: montagens que se fragmentam em planos mais curtos, cortes rápidos e mudanças repentinas de cenários, mas relacionados no contexto da matéria. Na maioria dos casos a passagem de tempo e espaço é conduzida por uma edição de imagens, um *clip* com trilha, ou, então, por um depoimento. O tom dinâmico das imagens beira ao documental. A câmera acompanha...treme...e praticamente reflete as emoções e os movimentos do cinegrafista.

Acreditamos que a marca que define o Profissão Repórter é o olhar dos diferentes planos das montagens. Em muitos momentos os jovens repórteres relatam os resultados das abordagens na rua para Caco Barcellos, que atua como professor e chefe ao mesmo tempo. Em outros, Barcellos assume a direção das reportagens, o que serve de certa forma de modelo da linha editorial do programa.

Logo no começo, na abertura, a marca que define o programa: sobe sons em forma de videoclipe, frases soltas que resumem a edição e por vezes partes de depoimentos que serão mostrados no programa. Barcelos sempre termina essa parte com a frase: “os bastidores da notícia, os desafios da reportagem – agora no Profissão Repórter”. Destaque para o uso dos sobe sons presentes a todo instante e também nos diálogos encadeados, mostrados como uma conversa cotidiana. O intuito nesse caso é

mostrar o processo de elaboração que é a reportagem. A todo momento o repórter está no quadro, interagindo como personagem. Ao contrário de outros telejornais há espaço para pequenos comentários e observações, o que dá um tom de naturalidade, de proximidade e humanização, tática que como já vimos é bastante usada no JN e também aqui. Porém no espaço do PR é o jornalista que sente, que está no meio desse emaranhado de situações.

A edição e os enquadramentos diferenciados conduzem o programa. A câmera não tem que ser como em outros telejornais, exata. Ela também se movimenta e diz algo. Aliás é frequente a participação do cinegrafista, que muitas vezes também faz perguntas ao entrevistado. Os dois repórteres dialogam.

As entrevistas podem ser mais dinâmicas. Como quando Caco Barcelos conversa com um maqueiro andando no corredor do hospital em “Hospital de Guerra”. Acreditamos que esse é um recurso que ajuda na ambientação do telespectador como testemunha, para dar uma espécie de “noção de realidade e veracidade” do que está acontecendo, uma tendência ao longo de todas as reportagens do programa.

O programa também ouve suspeitos de tráfico de drogas dentro do Hospital. Caco Barcelos dá voz a dois rapazes e mostra o lado humano. Um quer se regenerar e está com medo da polícia. Outro que tem medo de tomar uma injeção. O contraponto é o trabalho do inspetor Ernesto, policial que circula até pela sala de emergência à procura de possíveis criminosos e tem uma liberdade e autoridade pouco vista na maioria dos hospitais brasileiros.

Um misto de cenas e sons fortes, enfocando a violência é um recurso bastante utilizado nas duas reportagens analisadas. Uma edição que também é marcada pelo paralelismo das histórias, contadas simultaneamente. Seguem imagens de uma sucessão de mortes na periferia da cidade, mesclada com os relatos de moradores e profissionais envolvidos, que dão o perfil das vítimas: a maioria jovens de 15 a 20 e poucos anos.

Os enquadramentos de câmera que também beiram ao documental seguem por exemplo pelos corredores para mostrar o cotidiano e o ponto de vista dos funcionários como o maqueiro, responsável por levar as vítimas e peça chave na trama para relatar o cotidiano do hospital, linha condutora essencial em parte da narrativa.

Ao mostrar por exemplo a entrada do hospital num dia de confronto entre a polícia e os traficantes os sobes sons são essenciais, dizem muito mais que os offs. A narrativa do drama está na movimentação e os tiros do confronto. No meio dessa história o drama de Dona Rute, personagem que é vítima de bala perdida, é recortado

várias vezes, até o desfecho e o fato de ela ter de conviver pelo resto da vida com um projétil alojado perto da coluna.

Acreditamos que esse misto do que a câmera revela, dos sons em volta, da mudança de paradigmas na cobertura de uma situação de violência com esses sobes sons, ângulos imperfeitos, diálogos mais alongados e preferência pela fala dos moradores/vítimas constituem a marca editorial do programa. Uma edição que pode marcar um ponto de mudança, servir de exemplo para a cobertura telejornalística, mas que apesar das mudanças se serve do mesma fonte dramática do telejornalismo elencada por Coutinho.

A utilização exacerbada dos recursos audiovisuais de sobre som e vinhetas poderia ser considerada como a representação, ou imitação, do canto como elemento integrante da receita dramática, em Aristóteles. Por sua vez, o tom emocional dos textos em geral, com destaque para aqueles lidos pelo apresentador e, sobretudo para seu encadeamento ou paginação da edição exibida, garantem o apelo do espetáculo, aqui noticioso. (...)reforçam a existência de uma estrutura de narrativa dramática como modelo de organização das notícias em televisão (...)uma espécie de teatro eletrônico. que, seja em programas de ficção seja nos noticiários, apresenta a cada noite, os dramas cotidianos de seus personagens. (Coutinho, 2012, p. 187)

A seguir a reprodução textual de uma dessas aberturas que se serve desses elementos de edição evidenciados aqui.

Sobe som da abertura de choro de parentes das vítimas

A repórter sobe a rampa do hospital sem saber o que fazer

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

- A família tá ali e tá chorando muito

CACO BARCELOS em off

Nossos jovens repórteres nunca estiveram tão perto da violência.

Sobe som do choro

Sobe som clipado

É mais um dia de guerra entre a polícia e os traficantes no Rio de Janeiro

Sobe som clipado e de alerta

CACO BARCELOS com mic

Acompanhamos o socorro às vítimas aqui no hospital Getúlio Vargas.

Nenhum outro lugar do Brasil atende tantas pessoas feridas por tiro.

Sobe som clipado

A equipe do PR passou 24 horas no serviço de emergência.

Sobe som

E mostra a luta dos médicos e enfermeiros para salvar vidas no hospital de guerra.

Sobe som

Polícia de plantão

Sobe som

Pacientes sob suspeita.

Sobe som do policial “tem qtos anos”

CACO BARCELOS

Feridos que não param de chegar.

Sobe som

Sobe som moradora “minha cabeça tá doendo”

CACO BARCELOS

Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem. Você vê agora no PR

Sobe som do programa

Sobe som clipado

4.7 O processo de pacificação nos morros cariocas e o discurso presente por detrás dele: as matérias analisadas no JN em destaque

Como já discutimos em alguns momentos desta dissertação as justificativas da barbárie, da ação policial e intervenção do estado estão entre os elementos do eixo central das discussões telejornalísticas que ordenam para o público a necessidade de intervenção nessas comunidades. Mas como se desenrolam os processos por trás dessa história? Que mecanismos são comumente usados para alavancar o apoio do telespectador e desenvolver o discurso do dominante?

(..) a violência parece funcionar como uma linguagem de atuação contrastiva, delimitadora de identidades coletiva e reivindicadora (de modo implícito, não deliberado) de uma visibilidade pública que – considerando-se o retraimento contemporâneo da vida comunitária e as formas de sociabilidade emergentes nos novos modos de organização nas grandes cidades – talvez deva ser melhor entendida como “midiática”. (Sodré, 2006, p.22)

Vemos aí a reprodução de padrões que necessariamente não são novos dentro desse contexto social. Um discurso que se assemelha às estratégias usadas entre colonizadores e colonizados. Basta analisar algumas afirmações, alguns pontos de vista veiculados nas matérias (pra melhor entendimento vale voltar no quadro do item 4.5 quando discutimos o papel dos jornalistas e emissoras na construção desse processo). A própria palavra “pacificação” é travestida de um caráter mítico. Haveria, na visão dominante, os que necessitariam serem convertidos por uma nova ordem, de controle do Estado e da repressão policial. Por conta disso a forma discursiva chama o telespectador e estimula os moradores dessas regiões a exercerem uma certa passividade, a incorporarem naturalmente essa dominação ou conversão moral, como destaca Mendonça:

No caso das pacificações do Rio de Janeiro, vimos uma dupla ameaça que se oferece aos moradores travestida em boas notícias. De um lado, há o apelo discursivo da manutenção desses sujeitos no status de 'espectadores passivos' dos momentos históricos de sua salvação, cujos protagonistas são os policiais, o Estado e a imprensa; e de outro, há a imposição do desempenho de 'atuações' que reproduzam a expectativa moral (e disciplinada) de acordo com as imposições dos projetos de urbanização e de transformações dos espaços da cidade. (MENDONÇA, 2011, p. 14)

No caso das pacificações dos morros cariocas notamos que imprensa e Estado durante e após esse processo caminham quase que instintivamente lado a lado, propagando a mesma ideologia: a da necessidade da “retomada” desses territórios, de “reordenação” da vida nessas comunidades e da “conversão” desses moradores até então excluídos dos processos de tomada de decisão dentro do espaço da cidade “organizada” por um status quo presente no universo das regiões mais ricas e abastadas. Estando sob essa lógica a promessa é de inclusão dessas comunidades e moradores num contexto global, transformados assim em “civilizados”, longe da “barbárie”, como é reforçado no trecho de uma das oito reportagens analisadas.

O passado violento mantém suas marcas em um dos pontos mais altos da favela, que agora ostenta a bandeira do Brasil, um dos símbolos da ocupação. Do alto de um penhasco, a construção mais antiga do bairro recebe mais turistas. E cariocas, como Telma, registram a primeira visita à Igreja da Penha. “Antes a gente ficava com medo de vir”, admite um carioca. Uma festa com 20 mil pessoas vai acontecer no santuário. Será o Réveillon da Paz. Para Seu João, morador da favela há 42 anos, o momento é mesmo de esperança. (Jornal Nacional, 28/12/2010 – consulta no site - <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/12/um-mes-apos-ocupacao-moradores-do-alemao-reclamam-de-pouco-policiamento.html>)

Claramente a Bandeira do Brasil representa a presença e a imposição do Estado, que se afirma no ponto mais alto da comunidade, como um aviso de quem “manda” a partir de agora. A Igreja da Penha também é símbolo, um lugar a ser visitado a partir de agora, onde cariocas registram a sua primeira visita na vida, apesar de serem moradores da cidade. Um discurso que é confirmado pela entrevista de um morador e pela história de esperança de outro. Um discurso que se incorpora à política do Estado, que junto com o aparato policial realiza as ações de repressão para manutenção da ordem. Mendonça destaca esse processo de visões conjuntas entre Estado e imprensa:

É constante a preocupação na produção de imagens que materializem, de modo emblemático, a pacificação dos territórios. Não por acaso, atualizam-se nas peças publicitárias do governo do Estado as imagens 'jornalísticas' retiradas da cobertura 'independente' dos veículos de comunicação. (MENDONÇA, 2011, p. 14)

Toda essa lógica de retomada de territórios é apresentada em um momento histórico importante no contexto nacional e mundial: a proximidade de grandes eventos desportivos – notadamente a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Daí “a iminência dos eventos esportivos mundiais e a proximidade entre as *áreas de risco* e os *locais* dos jogos são argumentos discursivos reiterados constantemente pelo jornalismo local nos dias de hoje” (Mendonça, 2011, p. 3). A necessidade de uma unidade foi

reforçada dentro desse espaço urbano do Rio de Janeiro. Por conta dessa visibilidade criou-se uma demanda urgente pela incorporação desse espaço que ao mesmo tempo sempre foi tão perto - vizinho das áreas nobres da Zona Sul - e tão longe, por estar numa “outra ordem”.

Ao enquadrar a favela com uma conotação violenta, como se o crime fosse inerente àquele espaço, a imprensa indica aos moradores do asfalto o que temer – não apenas o espaço, mas também seus habitantes. A mídia conseguiria dar aos indivíduos da classe média um afastamento do “povo” que vive nos morros, uma superioridade que dividiria a cidade entre “nós” e os “outros”. (ROCHA, 2010, p. 15)

Melo ao falar da periferia no universo do visível destaca esse olhar que foi sendo criado ao longo dos anos na cidade do Rio de Janeiro. Um olhar que diz muito sobre a lógica da sociedade brasileira e não só a carioca.

Se por um lado a classe média se sente ameaçada pela periferia demonstrando medo e buscando manter distância desta os indivíduos marginalizados tem consciência de que os “outros” os olham como ameaça. (Melo, 2006, p. 64)

E aí instaurado entre clima entre ambas as partes cria-se um confronto social não declarado, uma divisão de lados que só quem vive a rotina entende como ela se processa. E muitas vezes essa separação transparece nas matérias analisadas, principalmente quando há uma justificativas para a intervenção: a ameaça às áreas chamadas “nobres” ou ecológicas, como nesse trecho de uma das reportagens.

A Rocinha, na zona mais valorizada do Rio, cresceu em direção ao bairro da Gávea. Ao lado de outra grande favela, o Vidigal. Vizinho ao bairro do Leblon, o Vidigal também será ocupado. As favelas estão em posição estratégica: muito próximas das duas vias ligação entre a Zona Sul e a região da Barra da Tijuca. A Avenida Niemeyer e a Autoestrada Lagoa Barra. Toda a região é cercada de mata, onde estão muitos dos 57 acessos à favela. (JN, 10/11/2011 – acesso em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/rj-governador-diz-que-ocupacao-da-rocinha-sera-concluida-ate-domingo.html>)

A matéria justifica toda a ordem discursiva não só do Estado, mas também das classes mais ricas. Rocinha e Vidigal crescem em direção à Gávea e Leblon, bairros de classe média alta. Outra justificativa seria a localização estratégica em áreas importante de ligações da Zona Sul com a Barra da Tijuca, outra área bastante valorizada. Por fim a justificativa para a ocupação fala da área de mata, o que poderia ameaçar essa floresta. Vaz, Sá Carvalho e Pombo falam dos elementos da construção da diferença para elaborar um discurso do “lugar outro”.

No caso das favelas a criminalidade – e a diferença histórica no modo como esta é concebida – de seus moradores, estará associada a diversas outras marcas, geográficas ou não, na construção da alteridade. (...)Um dos critérios maiores para constituir um lugar como diferença é a separação entre o próximo e o longínquo, que costuma se sobrepor às diferenças entre o centro e a periferia, conhecido e desconhecido, controlável e aventureiro. (Vaz, Sá-Carvalho e Pombo, 2006, p. 236)

Segundo os mesmos autores quando a favela passa a se caracterizar pela barbárie do crime organizado, duas atitudes maiores, não excludentes, irão conviver: de um lado tornar efetivamente a favela um território outro e controlar policiamento e fluxo dos seus habitantes. De outro lado separar o crime organizado dos moradores da favela, estendendo a estes a posição de vítima que se tornou o atributo principal a caracterizar o “nós” dos moradores do asfalto.

Destacamos a seguir em uma das matérias analisadas um trecho que traduz bem o imaginário coletivo sobre esses moradores que ainda prevalece no discurso jornalístico atual, a visão “bárbara” que muitos jornalistas têm desses moradores.

No alto do Coqueiral, moradores saquearam a casa de um traficante da região. “Provavelmente os moradores sabem que é de vagabundo que fugiu e estava saqueando”, disse um policial. Eletrodomésticos, móveis, tudo foi levado pelos moradores. Um morador tirou até o chuveiro. Em poucos minutos, a casa ficou completamente alagada, porque até torneiras foram levadas. No terraço, tem mesa de sinuca, churrasqueira, uma casa fora dos padrões da comunidade. Luxo que as crianças da região talvez nunca tenham visto de perto. (JORNAL NACIONAL, 29/11/2010 em matéria exibida <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/moradores-do-complexo-do-alemao-comecam-retomar-suas-vidas.html> - consulta em 10/07/2011).

Isso exatamente reafirma a identidade de moradores dessas áreas carentes como pessoas desprovidas de uma certa civilidade, que quando se deparam com uma realidade de luxo e ostentação são capazes de voltar a um período de barbárie, retirando até as torneiras e o chuveiros. Para Vaz, Sá-Carvalho e Pombo (2006) “as narrativas jornalísticas costumam estar ordenadas por uma indagação contrafactual: um sofrimento é apresentado como tendo origem numa dada ação ou contexto social”. Se por um lado o fato mostra uma espécie de vingança e de libertação contra a opressão dos traficantes, por outro passa uma imagem pejorativa dessa comunidade.

Apesar dessa distância, dos “nós” e do “eles” pela primeira vez nas últimas décadas os espaços da favelas são reconhecidos pelo discurso dominante como verdadeiros espaços da cidade. E o olhar tem se voltado para essas regiões. Mais do que antes agora nos noticiários dos telejornais começam a surgir desde esse movimento das

pacificações olhares outros, o que também incluem seus moradores. Já se fala por exemplo em “comércio vibrante” dessas comunidades.

São mais de 6 mil empresas e empreendedores, só que 90% ainda na informalidade. O mercado de Marcelo faz parte da minoria que funciona na legalidade. Em cinco anos, o comércio prosperou muito: “Eu cheguei aqui, tinha 8 funcionários, hoje eu tenho 38”, conta. O censo empresarial divulgado pelo governo do estado no ano passado descobriu que, na Rocinha, funcionam, por exemplo, mais de 600 bares e lanchonetes. Mais de 300 mercados e mercearias e também salões de beleza. A comunidade tem mais de 180 bazares e papelarias. Além de mais de 90 serviços de informática e lan-houses. A economia cresceu, apesar da falta de serviços básicos. (14/11/2011 – disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/retomada-da-rocinha-da-esperanca-milhares-de-moradores.html>)

E vários meios de comunicação mostram que a especulação imobiliária tem subido o morro, onde a visão para esse “Rio Zona Sul” é privilegiada. Algumas regiões viraram atração turística oficial, como é o caso do teleférico do Morro do Alemão mostrado exaustivamente na Novela Salve Jorge, logo em seguida ao JN, num casamento que como destacam vários autores caracteriza a TV brasileira.

O dueto afinado que a telenovela e o telejornal entoam até hoje não se restringe, evidentemente, a uma repartição do horário nobre. Ele vai mais fundo: telenovela e telejornalismo pactuam entre si uma divisão de trabalho para a consolidação discursiva da realidade. Por vezes, trocando de sinais. (...) Assuntos que eram tabu no noticiário ganharam o debate público pela porta da telenovela. (BUCCI & KEHL, 2004, p. 225)

Outras reportagens mostram estrangeiros que se mudaram para as favelas. Enfoques que fogem do olhar sobre a violência e a vitimização dos moradores. Portanto essas regiões aparecem mais em outras editoriais além da “geral”, como economia e turismo. Mas essa visão ainda seria condicionada à visão do “colonizador” do asfalto, como destaca Kléber Mendonça.

Vivemos um momento em que, pela primeira vez em muito tempo, as favelas são consideradas - nas ações do Estado e nos discursos jornalísticos - 'espaços legítimos' da cidade. O direito de seus habitantes de usufruir de tal reconhecimento, estabelecendo dignamente sua vida em tais localidades, estará, no entanto, condicionado ao julgamento midiático (e moral) de suas trajetórias pela cidade. Deslocamentos, estes, que serão, cada vez mais, impulsionados pelas ações estatais e pela visibilidade midiática. (Mendonça, 2011, p. 10)

Portanto é importante um olhar atento a todo esse processo que ganha notoriedade não só no Brasil, mas no mundo inteiro, com as notícias dessa pacificação. É preciso ficar atento a essa lógica que repetidas vezes exclui os moradores dessas comunidades desse processo. Um processo que é imposto pelas classes dominantes em favor de seus interesses e suas visões, que nem sempre refletem os pontos de vista vigentes nestas comunidades. Uma história que já se repetiu no passado, com o processo de urbanização do início do século XX, na época de Pereira Passos.

Na medida em que a proposta de (re)urbanização do Rio de Janeiro, implícita nas pacificações, parece não inverter as direções dos processos históricos de expulsão e deslocamento dos mais pobres para as periferias (e a explosão da especulação imobiliária na cidade é a maior evidência da manutenção do *status quo*), voltar nossos olhos para o que está sendo 'posto abaixo' pelos 'choques de ordem' talvez seja, de fato, uma forma de colaborarmos para a construção de trajetórias e sentidos outros, que prenciem futuros ainda mais justos do que aquele que parece, cada vez mais, imposto como inevitável pela cobertura jornalística aqui analisada. (Mendonça, 2011, p. 15)

Raboy reflete sobre a necessidade de mudanças nesse padrão jornalístico, quando fala da liberalização das regras de propriedade das mídias.

(...)há necessidade de casamento entre as propostas de reformas da mídia dominante e da mídia alternativa, com intervenção política, pesquisa e educação (...) regulação precisa ter como objetivo fornecer um modelo capacitador dentro do qual as mídias possam florescer e contribuir para a vida pública democrática e para o desenvolvimento humano, e ampliando a liberdade de expressão e o direito à comunicação. (RABOY, 2005, p. 194 e 197).

Afinal, como ressalta Ramos “o direito à comunicação, que podemos considerar de quarta geração, mas que está ainda muito longe de ser reconhecido como tal” (RAMOS, 2005, p. 245).

CONCLUSÕES

Durante toda essa dissertação tentamos entender como funciona o processo que retrata as identidades dos moradores e ou vítimas das favelas, das comunidades e dos morros cariocas. Discutimos a implicação desse processo dentro do espaço telejornalístico nacional e as suas singularidades. E agora que esse trabalho chega ao fim a visão sobre os conteúdos analisados não é mais a mesma de quando começamos esse trabalho. Hoje olhamos a tevê de uma maneira mais crítica e podemos entender um pouco mais esse processo de construção das notícias dentro de um veículo de comunicação hegemônico como a TV Globo.

Então podemos concluir por aqui que a premissa básica do jornalismo que inclui aí a televisão – a de inserir todas as vozes, de ser plural no seu discurso – não é necessariamente a tradução de uma verdade efetiva na prática. Entendemos que a própria estrutura de uma emissora de televisão e de seus programas com múltiplos formatos de certa forma já nasce pré-determinada por uma mediação que vem da própria sociedade, que é reflexo dela dentro desse espaço catódico, desse veículo de comunicação de massas. Mais do que em muitas nações a tevê no Brasil faz a cabeça de milhões de espectadores e mais: define identidades, resume subjetividades que não poderiam ser reduzidas, que são limitadas pelo tempo de exibição. Por isso resolvemos entender melhor esse processo identitário.

Na tela da tevê, nos programas analisados, no JN e no PR, essas subjetividades se mesclam em dois tipos diferenciados de exibição. Primeiro no JN, onde pela importância tomada ao longo das décadas e pelo pacto firmado com milhões de brasileiros as notícias têm que vir prontas, decupadas de uma forma clara e objetiva pra que todo mundo entenda em poucos segundos o que está sendo dito. E é aí que está o perigo. Será que essa visão dos fatos traduz a realidade dos moradores retratados? Concluimos que isso pouco acontece, que na maioria dos casos esses moradores ou

estas vítimas acabam sendo instrumento de manipulação, de confirmação do ponto de vista do discurso dominante dos jornalistas, da emissora, do imaginário que cerca essas comunidades e de quem vê essas pessoas com um olhar estrangeiro, distante muitas vezes do que eles próprios vivem ou gostariam/ poderiam de mostrar. E isso retroalimenta essa visão falseada na tela da tevê e da mais força a essa visão.

No fim das contas um telejornal como o JN, que é visto pelo brasileiro médio, tem que mastigar e deglutir a informação, entregar tudo pronto – inclusive na questão da ideologia. E aí entender isso, captar as mensagens subliminares e às vezes nem tão sub assim, depende do jogo de poder dentro dessa sociedade, depende de como estão articuladas as questões, as diferenças, as identidades... Grupos hegemônicos geralmente definem padrões, estabelecem os espaços da moral e muitas vezes as verdades e mentiras dentro desse universo social. Assim há os moralmente aceitos e os que têm de ser “guiados”, colonizados dentro desse espaço. Essa espécie de geografia da moral torna a cidade por vezes dividida, zoneada e algumas vezes algumas regiões são vítimas das outras, como é o caso de asfalto e morro na cidade do Rio de Janeiro. Ou pelo menos precisam ser retradas assim dentro dessa dramaturgia do telejornalismo, onde os conflitos têm que estar bem definidos, onde há “mocinhos” e “bandidos”. Um maniqueísmo que não traduz os lados, que não define essas subjetividades identitárias. Mas que por conta dessa constituição, dessa “ágora eletrônica” que é o universo de um telejornal como o JN, moldam milhões de telespectadores e definem o que é moral ou imoral, o certo do errado, num jogo que conduz quem assiste a ter um pensamento médio, uma opinião pré-concebida sobre os assuntos, sem um aprofundamento necessário.

No caso da pacificação dos morros cariocas como já abordamos anteriormente devemos ficar atentos aos interesses desse processo. A favela sempre foi para muitos cariocas e brasileiros um território “outro” e por isso duas atitudes eram necessárias: controlar essa massa através do aparato da repressão policial e separar o joio do trigo – definir quem é bandido e colocar os moradores como vítimas desse processo. Uma atitude típica de quem está fora dessas comunidades, de quem se acostumou a ver essas regiões e pessoas como desprovidas de uma civilidade, de uma cidadania e, portanto, de uma igualdade.

Por isso resolvemos mapear esse processo, um mecanismo discursivo que se anuncia ou promete inclusivo, mas que já nasce num contexto de exclusão. Acreditamos que o jornalismo faz parte desse jogo, ao retratar as vítimas e moradores como foram

mostradas nas oito matérias analisadas que falam da pacificação e que tentam mostrar a situação dessas pessoas. É preciso ficar atento aos reais objetivos dessa história. Por trás dessa nova ordem, a da “territorialização” das comunidades cariocas, também há interesses econômicos, de valorização de áreas nobres e que pode num futuro próximo transformar essas regiões em áreas onde não haverá mais espaço para esses moradores.

Apesar dessa crítica não vamos “demonizar” por aqui o principal telejornal do país. Ele está aí pelo esforço de profissionais, de uma visão de Brasil que dá certo há muito tempo. O que questionamos é a linguagem, a forma como isso é dito e o reforço dos estereótipos. Estamos num momento de questionamento desse padrão, exatamente pelas mudanças econômicas e de atração de grandes eventos midiáticos. Pela primeira vez as favelas e os morros estão sendo incorporados nesse discurso midiático como parte da cidade.

Num segundo momento de nossas conclusões cabe aqui falar de outras propostas para a televisão brasileira atual, de novas linguagens e alternativas de mostrar estes moradores e ou vítimas nesse contexto. E aí entra a proposta do Profissão Repórter, um programa que nasceu baseado na experiência singular do jornalista Caco Barcellos. A ideia rendeu frutos e já formou hoje vários profissionais que atuam em outros programas da emissora.

Trazer o repórter como personagem e mostrar a maneira de elaborar uma reportagem jornalística é algo relativamente novo, que faz sucesso e que está mudando a própria maneira da emissora de fazer seu jornalismo. Tanto que isso já transparece em outros programas. O caminho seguido ajuda a humanizar os relatos, torná-los mais próximos do espectador. Mas como toda boa proposta que nasce também há que se tomar cuidado. É preciso antes de tudo entender essa nova estratégia midiática e onde ela pode chegar.

Com a proliferação dos *reality shows* na última década a mania que é presumível fórmula de sucesso das televisões é mostrar uma outra realidade. No caso do PR essa realidade é a que emerge das ruas, do confronto de visões entre os entrevistados e quem produz o discurso. Consideramos isso uma evolução na forma de se fazer televisão hoje em dia. Esse padrão naturaliza mais a informação, deixa a tevê mais próxima de um real, se é que é possível discutirmos o que é realidade nessa breve conclusão. Mas como tudo essa forma de mostrar os acontecimentos pode ser usada também para manipular a audiência. No fim cabe a nós pesquisadores, repórteres, formadores de opinião e os

telespectadores em geral discutirmos a questão, analisar, criticar e buscar uma televisão mais igualitária e plural para todos os brasileiros.

Num país com o monopólio de uma única rede de televisão, que mantém um índice de audiência em muitos momentos maior do que todas as outras somadas, os ecos de uma cobertura como essa são enormes e as visões de mundo veiculadas pela emissora contribuem e muito para a consolidação de identidades e definição de estereótipos de norte a sul do Brasil. Kucinski fala sobre o papel da TV Globo na instituição da história do país, na determinação dos rumos da nação, na criação de “uma realidade impostada” que, “em várias ocasiões, assumiu a vanguarda na arte de falsear e até substituir a realidade”. Essa, segundo o autor, seria uma consequência do fim do regime militar. Quase três décadas já se passaram e esse monopólio ainda é forte, mesmo com advento da internet e com a democratização das mídias. E até por essa imposição que a grade de programação vem sofrendo mudanças, assim como o formato dos programas telejornalísticos.

Nos anos 90 a emissora reforçou o que denominou então de jornalismo comunitário e ainda segue essa tendência, mas de forma diferenciada. Há mais espaço para o improvisado e os jornalistas estão mais soltos, menos “engessados” pelo formato televisivo. Mas em grande parte da cobertura realizada as mudanças não se refletem na forma como essas comunidades são abordadas. Elas ainda têm pouco espaço, poucas falas e são retratadas no principal telejornal do país nesses momentos específicos. Nem sempre há espaço para a manifestação dessas identidades em outros momentos, o que nos deixa um questionamento importante no contexto atual do telejornalismo brasileiro: até que ponto há o incentivo ao exercício da cidadania e do direito à participação nas matérias veiculadas diariamente?

Acreditamos na construção de uma outra alteridade e defendemos que todas as pessoas devem estar representadas e serem tema de matérias exibidas nos telejornais, em prol do exercício dos seus direitos e deveres. Uma produção de mensagens que deveria evitar o repasse de preconceitos, por mais que isso em alguns momentos seja uma visão ingênua ou utópica em certos aspectos.

Como um dos principais laços sociais da cultura individual de massa a televisão deveria considerar que a construção das identidades é marcada pela diferença. A realidade de exclusão da maioria pela minoria gera uma relação de opressão. Sob o olhar dessa maioria, o outro, minoria, se apresenta muitas vezes com uma conotação negativa.

A busca por esse direito, de voz e representação, nos leva em direção a um jornalismo mais igualitário, passando pelo direito de comunicar, receber comunicação e ser informado. O papel da comunicação nas sociedades contemporâneas é hoje decisivo para o exercício da cidadania. É preciso refletir, mudar olhares, desfazer mitos, reconstruir a maneira como os fatos são ditos e analisar se é essa a televisão que vai mostrar o retrato do nosso cotidiano e que vai continuar consolidando identidades num país continental e tão multifacetado e diverso como o nosso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1 ed., 2003.

ABREU, Aida Penna Campos. **O docudrama brasileiro: Cidade de Deus, Carandiru e Tropa de Elite**. Chapel Hill, 2009. Tese de doutorado.

ALDÉ, Alessandra. **A construção da política: cidadão comum, mídia e atitude política**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1945.

ARANTES, Haydêe Sant' Ana, MUSSE, Christina Ferraz **Profissão Repórter: Os Desafios da Nova Reportagem Investigativa na Tv** – artigo apresentado XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010

Bakhtin, Mikhail Mikhailovich, et al. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BATISTA; Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BARCELLOS, Caco. **Abusado: o dono do Morro Dona Marta**. Rio de Janeiro: Record, 2003

BARRETO, Paulo. **A alma encantadora das ruas**. Edição da Organização Simões, 1951.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. 1999

BECKER, Beatriz. **Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.

_____ ; VIANA, Taisa Gamboa. **Essas reportagens são muito legais!**

Por que? Trabalho em pdf apresentado no 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo em 2007.

Disponível em

http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coordenada_4_.beatriz_becker_e_taisa_viana.pdf

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos**. In: *LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes (2007): 107-122.*

BERGER, P. T., LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Oeiras: Celta, 1997.

BUCCI, Eugênio; Kehl, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Brasil em tempo de TV**. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades – ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução: Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Vol 1. 3. ed. Trad. Roneide Venancio Majer. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

CAVALCANTI, Mariana. **Demolição, batalha e paz: favelas em manchete**. Escola de comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2001.

CORNIANI, Fábio. **Afinal, o que é Folkcomunicação?** São Paulo:

<www.folkcomunicação.com.br>, 2008.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora/MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

_____. **Democracia eletrônica e televisão no Brasil: Os telejornais como espaço de disputa por hegemonia política e cultural**. *Anais do XI Congresso da Compós*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

_____; MUSSE, Christina Ferraz. **Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 5., Aracajú. Anais. Aracaju: SBPJor, 2007)

_____; MATA, Jhonatan Alves Pereira. **Sentidos e sujeitos em cena na notícia em TV: A incorporação da análise do discurso nos estudos de telejornalismo**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia • Ano VII Nº 1 • Janeiro a Junho de 2010. Artigo em PDF

CURADO, Olga. **A notícia na TV, o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

DALTOÉ. **Teorias da notícia: uma tentativa de construção**. 2004. Artigo em PDF apresentado no 7º Congresso Brasileiro de Folkcomunicação.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Trad: Peter Pál Perbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

_____. **Diferença e repetição**. Roda d'água. 2000.

_____. **Conversações**. São Paulo: Editora 34. 2008.

DUCROT, Osvald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FECHINE, Yvana. **Espaço urbano, televisão, interação**. In: PRYSTHON, Ângela (org.). *Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **Ditos e escritos**. São Paulo: Forense Universitária, 2006. V.4

França, Vera Veiga. **O objeto da comunicação/A comunicação como objeto.** In: *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.* Petrópolis: Vozes (2001): 39-60.

GENTILLI, Victor. **Democracia de Massas: Cidadania e Informação.** Dissertação apresentada à ECA-USP – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1995.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.

GOMES, Itânia. **Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise.** E-compós, Brasília, v. 8, 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/issue/view/8>> Acesso em: 08 out. 2008.

_____. **Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão.** Trabalho apresentado XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Ensino e Pesquisa em Comunicação 5 a 9 de setembro de 2005, no Rio de Janeiro. Texto em PDF

HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade;** Rio de Janeiro: DP&A, 4 ed., 2000.

HAMBURGUER, Ester. **Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano.** In: História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea (vol. IV)/coordenação geral da produção Fernando A Novais; org. do volume Lilia Moritz Schwarz . São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

KLEIN, Otavio José. **A midiatização do tema caingangue no telejornalismo da RBS TV.** Revista Midiaticom. São Leopoldo, 2007. Artigo em PDF disponível no site http://projeto.unisinos.br/midiaticom/conteudo/artigos/2007/artigos_externos/Artigo_OtavioKlein.pdf

KLEIN, Eloísa Joseane da Cunha; BASTIAN, Mariana. **A quem fala o *Profissão Repórter*? Modos de endereçamento do programa que mostra “os bastidores da notícia”**– arquivo em pdf no site projeto.unisinos.br

KUCINSKI, Bernardo. **Mídia da exclusão.** In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1995, Aracaju-SE. Resumos. São Paulo-SP : Intercom, 1995.

_____. **A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 1998.

KNEIPP, Valquíria Passos. **Características do telejornalismo brasileiro dos anos 80.** Artigo apresentado ao Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007

MATA, M. C. **Comunicação e cidadania: problemas teórico-políticos e sua articulação.** Revista Fronteiras: estudos midiáticos, São Leopoldo, RS, v.8, n.1, p. 5-15, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.

_____, Jesús. **La educación desde la comunicación.** Vol. 18. Editorial Norma, 2003.

_____ & REY, German. **Os exercícios do ver - Hegemonia audiovisual e ficção televisiva.** São Paulo: Senac, 2001.

MARTINS, Eduardo. **O Estado de S. Paulo: manual de redação e estilo.** São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1990.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras**. Paulus, 2006.

_____ ; SATHLER, Luciano (Orgs.). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: Editora Umesp. 2005.

MEMÓRIA GLOBO. **Profissão Repórter**. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-268972,00.html>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

MENDONÇA, Kléber. **Entre as áreas de risco e a localização privilegiada: o jornalismo carioca “descobre” as favelas**. artigo em pdf apresentado na sbpjour – associação brasileira de pesquisadores em jornalismo - VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (Universidade Federal do Maranhão, São Luís), novembro de 2010. Consulta em 15/12/2012

_____. **O RJTV e a (re)urbanização do Rio: uma cartografia da violência no discurso telejornalístico de pacificação**. Artigo apresentado no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Artigo em PDF - acesso em 15/12/2012

_____. **As Delinquências do Imperador: os percursos urbanos do jogador Adriano em tempos de “pacificação” do Rio de Janeiro**. *Em Questão* 18.1 (2012).

Misse, Michel. **Acusados e acusadores: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações**. Artigo em PDF (2008).

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 2002.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercícios de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Tese de doutorado.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. **Música e vida urbana: encontros e confrontos na cidade do Rio de Janeiro (1990-2008).** Trabalho em pdf do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em

<http://www.corpocidade.dan.ufba.br/arquivos/resultado/ST1/AnitaLoureiroOliveira.pdf>

PARK, Robert E. **Notícia e poder da imprensa.** In: BERGER, Christa e MAROCCO, Beatriz (org.). *A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa.* Volume 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PORCELLO, Flávio. **Mídia e poder: os dois lados de uma mesma moeda – A influência política da TV no Brasil.** In: VIZEU, Alfredo (Org.) et al. *A sociedade do telejornalismo.* 1ª ed. Petrópolis, Vozes, 2008, p. 46-79.

_____. **Mídia e poder: o que esconde o brilho luminoso da tela da TV?.** In: *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia* 1.31 (2007).

PRYSTHON, Ângela (org.). **Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

RABOY, M. **Mídia e Democratização na Sociedade da Informação.** In: MELO, J. M.; SATHLER, L. (Org.). *Direitos à comunicação na sociedade da informação.* São Bernardo do Campo, SP. Editora Metodista. 2005.

RAMOS, Murilo César Ramos. **Comunicação, direitos sociais e políticas públicas.** In: MELO, J. M.; SATHLER, L. (Org.). *Direitos à comunicação na sociedade da informação.* São Bernardo do Campo, SP. Editora Metodista. 2005.

RESENDE, Fernando. **Discursividade e Narratividade: vértices redimensionados no jornalismo.** *Revista Fronteiras*, 2007.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Cidade desigual ou cidade partida. Tendências na metrópole do Rio de Janeiro.** Trabalho em pdf no site

http://www.observatoriodasmetrolopolos.ufrj.br/download/cidade_desigual_ou_cidade_partida.pdf

ROCHA, Daniella Guedes. **Da Batalha à Guerra do Rio: uma abordagem espaço-temporal da representação das favelas na imprensa carioca**. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010

SANTOS, Thiago. **Infotainment na TV: as estratégias de endereçamento do Profissão Repórter**. In: GOMES, Itânia Maria Mota (org). *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo*. Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Tomás Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005. p.73-102.

SILVERSTONE, Roger. *Televisión y vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **Sociedade, mídia e violência**. Vol. 22. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

SOUSA, Monica. **O Rio de Janeiro e suas leituras possíveis. Artigo apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XVI**

Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo – SP. Artigo em PDF. Consulta em 14/12/2012

TEMER, Ana Carolina P. *Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo*. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005.

VAZ, Paulo; Sá-Carvalho, Carolina; Pombo, Mariana. **Da pobreza à barbárie: a mudança na imagem da favela no noticiário do crime**. In: PRYSTHON, Ângela (org.). *Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. Companhia das Letras, 1994.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Trad. Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. *Florianópolis: Calandra* (2005).

_____, PORCELLO, Flávio; COUTINHO Iluska. **Anos de Telejornalismo em rede nacional: olhares Críticos**. *Florianópolis: Editora Insular* (2009).

_____. **Telejornalismo, audiência e ética**. 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf> - consulta em 14/07/2011

_____. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. In: Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 40, dezembro de 2009. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6321/496>

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e terror: comunicação e violência política**. São Paulo: Paulus, 2005.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**. Uma teoria crítica da televisão. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

_____, and Pedro Elói Duarte. **A outra globalização**. Difel, 2004.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In SILVA, Tomás Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2005. p.7-72.

Páginas de Internet das matérias analisadas

Profissão Repórter



Hospital de guerra

Data: 24/06/2008

<http://g1.globo.com/videos/profissao-reporter/v/de-cara-para-a-violencia/846269/>

<http://g1.globo.com/videos/profissao-reporter/v/mulher-atingida-por-bala-perdida-mostra-forca-e-bom-humor/846261/>

A Vida na linha de tiro

Data: 22/07/2008

<http://g1.globo.com/videos/profissao-reporter/v/a-vida-na-linha-de-tiro/859076/>

Jornal Nacional

Pacificação Complexo do Alemão

Reportagem 1.

Data: 25/11/2010

<http://www.youtube.com/watch?v=pom1CuarS2k>

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/rio-vive-dia-historico-no-combate-aos-trafficantes-de-drogas.html>

Reportagem 2.

Data: 27/11/2010

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/moradores-do-complexo-do-alemao-vivem-de-dia-de-terror.html>

Reportagem 3.

Data: 29/11/2010

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/moradores-do-complexo-do-alemao-comecam-retomar-suas-vidas.html>

Reportagem 4.

Data: 28/12/2010

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/12/um-mes-apos-ocupacao-moradores-do-alemao-reclamam-de-pouco-policiamento.html>

Pacificação Rocinha

Reportagem 1.

Data: 10/11/2011

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/tj-governador-diz-que-ocupacao-da-rocinha-sera-concluida-ate-domingo.html>

Reportagem 2.

Data: 12/11/2011

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/moradores-da-rocinha-estocam-comida-para-evitar-sair-no-domingo.html>

Reportagem 3.

Data: 14/11/2011

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/retomada-da-rocinha-da-esperanca-milhares-de-moradores.html>

Reportagem 4.

Data: 15/11/2011

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/policia-do-rio-encontra-arsenal-na-favela-da-rocinha.html>

Anexo: o texto das reportagens analisadas no Jornal Nacional e no Profissão Repórter.

Textos pacificação Complexo do Alemão

Reportagem 1.

Data: 25/11/2010

<http://www.youtube.com/watch?v=pom1CuarS2k>

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/rio-vive-dia-historico-no-combate-aos-trafficantes-de-drogas.html>

Rio vive dia histórico no combate aos traficantes de drogas

Mais de 170 homens do Bope usaram sete veículos blindados e ainda carros de assalto da Marinha para ocupar a Vila Cruzeiro, uma área estratégica no conjunto de favelas da Penha.

Cabeça:

O Rio de Janeiro viveu nesta quinta um dia histórico no combate às quadrilhas de traficantes de drogas. Uma das regiões mais violentas da cidade foi ocupada pela polícia. Foram usados armas e blindados especiais da Marinha.

Off:

Um longo comboio da tropa de elite da polícia do Rio a caminho da Vila Cruzeiro. Era o primeiro sinal de como seria o dia.

Logo depois da passagem dos policiais, um carro roubado foi incendiado por bandidos na Avenida Brasil, num acesso ao bairro da Penha, para onde a polícia se dirigia.

Aos pés da igreja da Penha, no coração do bairro, a Avenida Brás de Pina se transformou na base recuada das forças policiais. Era onde as tropas do Bope recebiam as últimas orientações antes de começarem a ação na Vila Cruzeiro.

Eram mais de 170 homens do Bope, o Batalhão de Operações Especiais. Eles usavam sete veículos blindados e ainda carros de assalto da Marinha. De carretas desembarcaram os carros especiais dos fuzileiros navais.

Quando os blindados entraram na favela levando as equipes do Bope, bandidos tentaram impedir com carros pegando fogo, barricadas com pneus queimados. Até caminhões de

uma loja de eletrodomésticos foram usados como barreira. Um deles foi incendiado. As chamas atingiram a rede elétrica.

Um tanque da Marinha rompeu uma das barreiras. Passou por cima de um carro que tinha sido incendiado por criminosos. As imagens foram registradas pelo Globocop.

De outro helicóptero, flagramos o início da movimentação dos bandidos. Eles estavam fortemente armados.

Às 15h, um grupo de bandidos começou a fugir por uma rua de terra que dá acesso à favela vizinha, a do Alemão. Uma quantidade impressionante de homens.

Moradores ficaram acudados dentro de casa e começaram a acenar com panos brancos, pedindo paz na comunidade.

A Vila Cruzeiro fica no conjunto de favelas da Penha, ao lado do conjunto do Alemão. O batalhão da Polícia Militar responsável pela área calcula que nas 40 comunidades da região vivam cerca de 400 mil pessoas. A área é tão grande que abrange dez bairros da cidade.

Foi na Vila Cruzeiro que o repórter Tim Lopes foi assassinado em 2002. Tim tinha recebido a denúncia de moradores de que traficantes faziam bailes onde, além da venda de drogas, havia exploração sexual de meninas, menores de idade.

Tim foi capturado, torturado e executado. A investigação provou que tinha sido a quadrilha de Elias Maluco a responsável pelo crime.

Os bandidos foram presos e condenados, mas a região da Vila Cruzeiro continuou como um reduto dos criminosos e, mesmo atrás das grades, numa penitenciária fora do Rio, Elias Maluco manteve o controle sobre o tráfico na região.

A Secretaria de Segurança afirmou nesta quinta que a ocupação da favela é o início do processo de instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora.

A área é considerada estratégica, até porque era para onde fugiam os bandidos de outras comunidades com ocupação permanente de policiais.

“Está havendo confrontos em vários pontos, mas estamos conseguindo avançar no terreno, o que é importante. Está ficando claro quais são os lados, o lado do bem e o lado do mal. E a população sempre vai escolher o lado do bem”, declarou Paulo Henrique Moraes, comandante do Bope.

“A gente não pode chegar numa janela, chegar num portão. Isso tem que acabar”, pede um homem.

“A gente espera melhora sempre. Acho que dessa vez algo tem que acontecer”, acredita uma mulher.

Reportagem 2.

Data:27/11/2010

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/moradores-do-complexo-do-alemao-vivem-de-dia-de-terror.html>

Moradores do Complexo do Alemão vivem dia de terror

A Polícia Militar deu um ultimato para que os bandidos se entregassem antes de invadir o conjunto de favelas no Rio.

Os bandidos encurralados no conjunto de favelas do Alemão, no Rio, estão perdendo o prazo dado pela PM para se entregar. Tropas da polícia militar e das forças armadas, apoiadas por equipamentos pesados de guerra, estão prontas para ocupar uma das maiores e mais violentas favelas da cidade. A repórter Lilia Teles falou, ao vivo, do ponto marcado pela polícia para a rendição dos criminosos.

Esse, desde o começo da operação, é o dia mais tenso de todos. A equipe se encontrava exatamente no ponto marcado pela polícia para que os bandidos se rendessem. Então, havia uma grande movimentação o tempo todo no local. Carros blindados do Exército e viaturas da polícia se concentram a depois saem correndo para subir o morro.

A polícia orientou, inclusive, que a equipe não passasse muito daquele ponto para que não se tornasse vulnerável, porque os traficantes ficam no alto da rua e de lá eles têm uma visão privilegiada, colocando-os em risco.

No ponto foi escolhido, a polícia se concentra e faz um quartel general. Durante a tarde, houve uma grande concentração no loção. Foi visto, inclusive, um carro blindado do Exército já dentro do morro do Alemão que foi dar apoio aos policiais durante um tiroteio. Houve um intenso tiroteio durante a tarde.

O ponto foi escolhido pela polícia para ser o quartel general e também para que os bandidos se rendessem, mas até às 20h15, nenhum deles se entregou. Todos os detidos que saíram do local em dois micro-ônibus eram pessoas suspeitas de envolvimento com o crime. Todo mundo que passa pelo local é revistado e, se suspeitam de envolvimento com o crime, é conduzido para a delegacia.

Balas traçantes partiam da favela do Alemão em direção às policiais militares que patrulhavam os acessos à comunidade. A madrugada foi tensa: suspeitos eram revistados e as ruas estavam desertas.

Quando amanheceu, os traficantes voltaram a atirar. Comerciantes não conseguiram abrir os bares. Soldados do Exército revidaram.

O cenário de uma guerra prestes a começar fez muitos moradores deixarem as casas. Ao longo do dia, famílias inteiras passavam com mochilas e sacolas, carregavam o que podiam.

Todo mundo que descia do morro, passava por uma revista. Quem fica, acompanha das janelas, ou de perto, com pedidos que se repetem: paz.

Na Vila Cruzeiro, ocupada pela polícia na quinta-feira, o clima é diferente. Moradores tentam retomar a rotina. **“Por enquanto está bom. É normal, vamos ver se continua assim”**.

Ônibus circulando e comércio aberto, um contraste com as ruas vazias do Morro do Alemão.

De manhã, dois homens foram presos. À tarde, vários suspeitos foram detidos quando tentavam sair da favela do Alemão.

O Exército apreendeu uma mochila com US\$ 30 mil, com uma criança que deixava a favela.

O comandante da Polícia Militar Mário Sérgio Duarte deu um ultimato aos bandidos escondidos no Alemão: “Nós estamos com tudo pronto para fazer o resgate daquele território, por isso, estamos ordenando aos criminosos que se entreguem enquanto é tempo. Os criminosos que quiserem se entregar que levem suas armas. Nós os estaremos esperando na Rua Joaquim de Queiroz para encaminhá-los ao cárcere, depois que a polícia entrar, a situação será muito difícil”, declarou.

O ponto marcado para a rendição dos criminosos é Estrada do Itaraté, esquina com a Rua Joaquim Queiroz. Lá a Polícia Militar montou uma espécie de base. Dois micro-ônibus ficam à disposição dos bandidos que se renderem até delegacia.

Três criminosos se entregaram, mas não no ponto de rendição. Um segurança do chefe do tráfico no Alemão foi preso.

Um dos bandidos que se entregaram, era conhecido como Mister M. Ele foi levado pela mãe à polícia: “Falei: ‘Diego vamos com mamãe para casa. Ele disse: ‘Não, mãe. Se ficar em casa, eles vão lá me prender. Então você vai comigo e seu irmão, que eu vou te apresentar na delegacia’”, relatou ela.

Pouco depois, os tiros recomeçaram. Há muitos jornalistas no local. Todo mundo se abaixou. Momento de bastante tensão.

No rosto dos moradores que deixaram a região, desespero e medo.

Reportagem 3.

Data: 29/11/2010

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/moradores-do-complexo-do-alemao-comecam-retomar-suas-vidas.html>

Moradores do Complexo do Alemão começam a retomar suas vidas

A maioria das lojas do Complexo do Alemão, no Rio, abriu as portas nesta segunda-feira (29). Em meio ao vai e vem dos moradores, os policiais continuam a fazer seu trabalho nas comunidades.

Depois da ocupação do Conjunto de Favelas do Alemão, os moradores começam a retomar a rotina. Nossos repórteres acompanharam esse primeiro dia na comunidade libertada.

Nas ruas desertas da madrugada, nada passava despercebido. Um embrulho na mochila, uma caixa de óculos. As cenas se repetiam e foram acompanhadas de perto pelo repórter Tiago Eltz, que passou a primeira noite no Morro do Alemão, depois da ocupação das forças de segurança.

“Eu não esquento, não, quem não deve, não teme”, afirmou um morador.

A vida parecia mais tranquila. Mas ainda havia tensão. Um certo receio ainda tomava conta de alguns moradores, mas, com uma manhã sem confrontos, a vida ia voltando ao normal.

“As notícias anteriores eram diferentes, agora está dando uma esperança pra gente”, disse um jornalista.

A maioria das lojas abriu as portas. Esta segunda-feira foi de dia de renovação, de mudança para muitos moradores. Segundo a polícia, desde os primeiros confrontos na semana passada, a preocupação é com a segurança dos moradores.

Durante a transmissão ao vivo, era possível ver a manifestação dos moradores da região.

O comentarista de segurança da TV Globo, Rodrigo Pimentel, orientava os moradores do Alemão.

“Vi na televisão, falando pra ficar em casa e fiquei. Voltei para casa. Tinha saído de casa na sexta feira e voltei ontem”, contou uma moradora.

Nesta segunda, as portas se abriram para nossa equipe. Uma família que veio da Paraíba há quatro anos acompanha as transformações na comunidade.

Dias atrás, eles tiveram medo. A dona de casa Dorilene Targino mostrou onde os filhos se protegiam.

“Espero que daqui pra frente seja sempre assim, com paz e sem violência”, torce Dorilene.

Vinte e uma escolas municipais e três estaduais da região não funcionaram. Cerca de dez mil crianças ficaram sem aulas. A Prefeitura informou que vai reabrir as escolas nesta terça.

Em meio ao vai e vem de moradores, policiais civis e militares continuavam a trabalhar. Faziam a chamada varredura: entravam em becos e casas à procura de armas, drogas e bandidos. Num buraco, foram encontradas três pistolas.

No alto do Coqueiral, moradores saquearam a casa de um traficante da região. “Provavelmente os moradores sabem que é de vagabundo que fugiu e estava saqueando”, disse um policial.

Eletrodomésticos, móveis, tudo foi levado pelos moradores. Um morador tirou até o chuveiro. Em poucas minutos, a casa ficou completamente alagada, porque até torneiras foram levadas.

No terraço, tem mesa de sinuca, churrasqueira, uma casa fora dos padrões da comunidade. Luxo que as crianças da região talvez nunca tenham visto de perto.

Reportagem 4.

Data: 28/12/2010

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/12/um-mes-apos-ocupacao-moradores-do-alemao-reclamam-de-pouco-policciamento.html>

Um mês após ocupação, moradores do Alemão reclamam de pouco policiamento

No Rio de Janeiro, os moradores do Conjunto de Favelas do Alemão estão completando o primeiro mês de uma vida diferente, sem a ameaça de criminosos em cada esquina.

No Rio de Janeiro, os moradores do Conjunto de Favelas do Alemão estão completando o primeiro mês de uma vida diferente, sem a ameaça de criminosos em cada esquina.

A mudança existe nas pequenas conquistas. Liberdade para brincar e também na hora de comprar o gás direto do caminhão, que agora, como muitos outros serviços, entra na favela.

“Ainda está mais barato”, diz um morador.

O medo continua nas expressões dos moradores que se recusam a dar entrevistas. Alguns reclamam de pouco policiamento.

“É bem difícil estar em todas as áreas ao mesmo tempo. Mas nós estamos circulando, sim”, explica o general Fernando Sardenberg, comandante das Forças de Paz.

Primeiro, a polícia, com o apoio das Forças Armadas, tomou a Vila Cruzeiro. Os bandidos partiram em fuga desesperada para o Complexo do Alemão, que três dias depois, também foi ocupado.

Posições estratégicas, antes usadas por bandidos armados, hoje são postos de observação de soldados.

O passado violento mantém suas marcas em um dos pontos mais altos da favela, que agora ostenta a bandeira do Brasil, um dos símbolos da ocupação. Do alto de um penhasco, a construção mais antiga do bairro recebe mais turistas. E cariocas, como Telma, registram a primeira visita à Igreja da Penha.

“Antes a gente ficava com medo de vir”, admite um carioca.

Uma festa com 20 mil pessoas vai acontecer no santuário. Será o Réveillon da Paz.

Para Seu João, morador da favela há 42 anos, o momento é mesmo de esperança. Ele criou cinco filhos no Alemão, e a família viu a casa ao lado passar por muitas obras. Era o refúgio de luxo de um traficante, hoje, uma casa abandonada.

Um dos desafios agora é ocupar imóveis como aquele e transformá-los em espaços que sirvam à comunidade. Os próprios moradores têm sugestões e desejos para o lugar no ano novo.

“Pode ser posto de saúde, creche para comunidade, escola”, sugere o vigia João de Brito.

Quem agora faz cursos de graça também acredita em um futuro de oportunidades.

“Tenho 100% de expectativa. Isso é um pontapé para nossa vida profissional”, avisa a garçonete Simone Ribeiro.

Textos pacificação Rocinha

Reportagem 1.

Data: 10/11/2011

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/rj-governador-diz-que-ocupacao-da-rocinha-sera-concluida-ate-domingo.html>

RJ: Governador diz que ocupação da Rocinha será concluída até domingo

A Rocinha é uma das maiores favelas do país. A partir dos anos 70, traficantes armados estabeleceram uma dominação violenta do ponto que se tornou fundamental para o negócio da droga na Zona Sul carioca.

A retomada do território da favela da Rocinha tem sido preparada há meses pelos serviços de inteligência da Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro e da

Polícia Federal. Nesta quinta-feira (10), o governador do Rio afirmou que a ocupação da comunidade será concluída até domingo (13).

Na hora de chegar ou sair da Rocinha, é preciso passar por uma vistoria rigorosa, que examina cada detalhe. Oitenta homens do Batalhão de Choque atuam em cinco pontos de bloqueio.

Crianças de uniforme escolar circulam pelas ruas, mas os moradores contam que elas estão sem aulas. A diretora de uma escola já avisou: os estudos só recomeçam na semana que vem.

A preparação para a retomada deste território já começou. O governador Sérgio Cabral anunciou que recebeu autorização do Governo Federal para convocar os fuzileiros navais.

“Até o final dessa semana, nós teremos concluído este processo, é um processo de integração das polícias com forças armadas. É um trabalho que não tem mais volta”, garantiu o governador.

O espaço aéreo será fechado a partir de sábado (12). A Rocinha é uma das maiores favelas do país. Ganhou o nome, porque no começo do século passado, era uma área rural. A partir dos anos 70, traficantes armados estabeleceram uma dominação violenta, com exibição do poder de fogo e sem limites para a crueldade. A Rocinha virou um ponto fundamental para o negócio da droga na Zona Sul carioca. Um dos poucos lugares no Brasil onde se encontrou um laboratório de refino de cocaína tão equipado. Várias vezes, tiroteios deixaram em pânico os motoristas presos no túnel que passa embaixo da favela.

Dênis, Brasileirinho, Dudu, Bem-te-vi: gerações de bandidos se sucederam no comando do tráfico na favela. Nem foi o que durou mais tempo. No ano passado, o bando dele entrou em conflito com policiais. No meio do tiroteio, dez bandidos invadiram e fizeram 35 reféns em um hotel no bairro de São Conrado.

Hoje, cerca de 70 mil pessoas vivem na área de 860 mil metros quadrados. A Rocinha, na zona mais valorizada do Rio, cresceu em direção ao bairro da Gávea. Ao lado de outra grande favela, o Vidigal. Vizinho ao bairro do Leblon, o Vidigal também será ocupado.

As favelas estão em posição estratégica: muito próximas das duas vias ligação entre a Zona Sul e a região da Barra da Tijuca. A Avenida Niemeyer e a Autoestrada Lagoa Barra. Toda a região é cercada de mata, onde estão muitos dos 57 acessos à favela. As casas foram construídas avançando em direção às partes mais altas do morro. É uma favela vertical, e também com vários prédios e vielas estreitas, onde o caveirão, do Bope, encontra dificuldades.

A favela foi mapeada pela polícia, que deve usar helicópteros com sensores noturnos e câmeras na operação do próximo fim de semana. A expectativa pela ocupação policial,

que, desta vez, promete ser permanente, é o assunto entre os vizinhos. A realidade está cada vez mais próxima:

“Acho que vai melhorar mais um pouco a vida do morador da Rocinha”, avalia um morador.

“Tomara que a polícia venha e esteja aí com a gente”, diz uma moradora.

Reportagem 2.

Data: 12/11/2011

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/moradores-da-rocinha-estocam-comida-para-evitar-sair-no-domingo.html>

Moradores da Rocinha estocam comida para evitar sair no domingo

Moradores das comunidades que serão ocupadas e dos bairros vizinhos às favelas vivem momentos de expectativa.

Moradores das comunidades que serão ocupadas e dos bairros vizinhos às favelas vivem momentos de expectativa. Todos torcem para que a operação seja tranquila e sem troca de tiros.

Na véspera da ocupação, a polícia intensificou as ações ao redor das favelas da Rocinha e do Vidigal, na Zona Sul do Rio. Helicópteros faziam voos rasantes. Nos acessos à Rocinha, policiais faziam revista em motos, carros e ônibus. Estão atentos à movimentação no alto do morro.

Um hotel em São Conrado, vizinho à Rocinha, foi invadido em agosto de 2010 por bandidos da quadrilha do traficante Nem em uma tentativa de fuga. Hoje, na recepção, a informação é de que a operação anunciada não afastou os turistas. Um casal chegou nesta sexta-feira (11) de Santa Catarina. Fez passeios normalmente neste sábado. Já neste domingo...

“Amanhã a gente programou passeio fora. Vamos para Búzios”, conta a psicóloga Gabriela Eli.

Quem mora na região não quer correr riscos. Muitos já sabem como vão passar o domingo.

“Eu acho que realmente o mais seguro seria todo mundo nas suas residências, assim como eu vou fazer. Acho que vai ser muito mais seguro. A gente ano sabe qual vai ser a reação deles nessa invasão”, opina o designer de interiores Alex Hamilton.

“Sem sair. Só em casa, torcendo para que dê tudo certo”, acrescenta um morador.

Como será a ocupação? Haverá conflitos entre bandidos e policiais? E os moradores de bem terão finalmente a paz e a liberdade que sempre sonharam? Este é um momento decisivo que pode representar o antes e o depois para milhares de pessoas que vivem no lugar.

“Se for para o bem dos moradores, que seja bem-vinda. E a gente vai aceitar, vamos confiar”, conta um morador.

O comércio na Rocinha continua com as portas abertas na noite deste sábado. Muitos moradores correram aos supermercados para estocar comida para evitar sair de casa no domingo. Em torno da região da Rocinha e Vidigal, serão oito os pontos de bloqueio a partir da madrugada. A Secretaria de Segurança informou que as vias só serão liberadas quando não houver mais perigo.

A fiscalização nas principais saídas do Rio terá o apoio de policiais rodoviários federais de outros estados. As secretarias estadual e municipal de Saúde reforçaram as equipes de plantão para o atendimento de eventuais feridos nas operações.

Reportagem 3.

Data: 14/11

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/retomada-da-rocinha-da-esperanca-milhares-de-moradores.html>

Retomada da Rocinha dá esperança a milhares de moradores

A comunidade que ficou abandonada por décadas aguarda, agora, uma melhoria dos serviços públicos. A Rocinha chegou aos 70 mil habitantes, segundo o IBGE, sem planejamento.

A retomada do território deu esperança a milhares de moradores da Rocinha de que os serviços públicos cheguem à comunidade que ficou abandonada por décadas.

É hora de começar uma grande faxina na favela, de onde são retiradas cem toneladas de lixo por dia. Será um desafio, já que, segundo a prefeitura, os caminhões de lixo não têm acesso às ruas onde ficam 80% das casas.

“Agora vai ter que dar uma limpeza, dar uma moral para a gente viver a vida em paz”, destaca uma moradora.

Os moradores terão mais oportunidades. Cursos e cultura em uma biblioteca e em um centro de referência para os jovens. Obras já concluídas que esperavam a pacificação para começar a funcionar. No ano que vem, o plano inclinado, que já existe em outras favelas pacificadas, vai levar 3 mil pessoas às partes mais altas do morro, onde 14 mil metros de mata farão parte de um parque ecológico.

Defensores públicos vão mediar conflitos no núcleo de prevenção à violência. “Conflitos entre vizinhos, os casos de violência contra mulher, maus tratos à criança e ao adolescente, ou seja, é a possibilidade de consolidar o estado democrático de direito”, afirma Rodrigo Neves, secretário de Estado, Assistência Social e Direitos Humanos do RJ.

A Rocinha chegou aos 70 mil habitantes, segundo o IBGE, sem planejamento. De acordo com Secretaria de Saúde do Rio, a incidência da tuberculose é pelo menos cinco vezes maior do que a média nacional, resultado da aglomeração de casas, que atrapalha a circulação do ar e a entrada da luz.

Mas, no local, também existe um comércio vibrante. São mais de 6 mil empresas e empreendedores, só que 90% ainda na informalidade. O mercado de Marcelo faz parte da minoria que funciona na legalidade. Em cinco anos, o comércio prosperou muito: **“Eu cheguei aqui, tinha 8 funcionários, hoje eu tenho 38”, conta.**

O censo empresarial divulgado pelo governo do estado no ano passado descobriu que, na Rocinha, funcionam, por exemplo, mais de 600 bares e lanchonetes. Mais de 300 mercados e mercearias e também salões de beleza. A comunidade tem mais de 180 bazares e papelarias. Além de mais de 90 serviços de informática e lan-houses.

A economia cresceu, apesar da falta de serviços básicos. **“É muita falta de água, passa de mês sem cair água”, reclama uma moradora.**

E mesmo assim, Dona Maria de Fátima espera uma grande valorização do imóvel que comprou há mais de 30 anos: **“O lugar vai ficar muito bom, fantástico. Se pudesse, eu comprava mais umas dez casas”, diz.**

Reportagem 4.

Data: 15/11/2011

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/policia-do-rio-encontra-arsenal-na-favela-da-rocinha.html>

Polícia do Rio encontra arsenal na Favela da Rocinha

Graças a uma denúncia, homens do Batalhão de Operações Especiais (Bope) descobriram um depósito de armas e drogas.

Nesta terça-feira (15), a polícia conseguiu encontrar uma grande quantidade de armas na Favela da Rocinha. Desde domingo (13), quando a comunidade foi ocupada pelas Forças de Segurança, mais de 70 fuzis já foram apreendidos.

O que os bandidos esconderam, aos poucos, a polícia encontra. Até agora, foram retiradas da Rocinha 129 armas. A maioria fuzis. Uma metralhadora apreendida hoje é capaz de derrubar um avião de pequeno porte. A polícia já recebeu mais de 600 denúncias de moradores. Graças a uma delas, os homens do Batalhão de Operações Especiais (Bope) descobriram ontem um depósito de armas e drogas na Rocinha. Tudo

estava enterrado há mais de dois metros de profundidade, embaixo de uma camada de concreto.

Só depois dessa varredura é que os policiais com treinamento comunitário irão para instalação da nova Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). A primeira UPP, inaugurada no Morro Dona Marta em Botafogo, completa três anos no mês que vem. E com ela chegaram também outros serviços, como saneamento e cursos profissionalizantes.

Um milhão de pessoas vivem hoje em favelas no Rio, segundo a Secretaria de Segurança. Com as ocupações da Rocinha e do Vidigal, quase 40% desse total estão agora em áreas pacificadas. Um cerco de proteção que começa a se formar na cidade.

Mas algumas regiões ainda estão vulneráveis, como a Zona Oeste, atendida por enquanto por apenas duas UPPs e com várias zonas de conflitos entre traficantes e milicianos.

O Rio tem 18 Unidades de Polícia Pacificadora, que já garantem um corredor de segurança na Zona Sul, Centro e Zona Norte. Não há UPPs na Região Metropolitana, onde os índices de criminalidade são altos, nem no interior do estado. A previsão é chegar a 40 áreas com UPPs até a Copa do Mundo de 2014.

“Eu acho que a UPP é elo da corrente, não é solução de todos os problemas e nem vai fazer com que o mundo fique colorido amanhã. A UPP é um dos projetos. Um programa de redução de índices de criminalidade e um programa de metas também influem muito nisso”, avalia o secretário de Segurança do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, que subiu a pé hoje o Morro do Vidigal. A primeira visita após as ocupações.

Na favela, já é possível ver novas cenas.

“As crianças não vão mais ver o que vinham antes na rua”, diz um morador.

“Aqui não pode ter mais bandido. Nunca mais vai ter”, afirma um menino.

A dona de casa Vânia dos Santos tinha ido embora da Rocinha com medo do tráfico. Voltou há poucos meses e agora aposta em uma nova história.

“É muito difícil ficar com criança em um lugar onde não tem liberdade para nada. Mas agora, com certeza, tudo vai mudar”, comenta.

TEMPO DE MATERIAL 29'06**HOSPITAL DE GUERRA PARTE 1 – TOTAL 14'26**

Sobe som da abertura de choro de parentes das vítimas

A repórter sobe a rampa do hospital sem saber o que fazer

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

- A família tá ali e tá chorando muito

CACO BARCELOS em off

Nossos jovens repórteres nunca estiveram tão perto da violência.

Sobe som do choro

Sobe som clipado

É mais um dia de guerra entre a polícia e os traficantes no Rio de Janeiro

Sobe som clipado e de alerta

CACO BARCELOS com mic

Acompanhamos o socorro às vítimas aqui no hospital Getúlio Vargas. Nenhum outro lugar do Brasil atende tantas pessoas feridas por tiro.

Sobe som clipado

A equipe do PR passou 24 horas no serviço de emergência.

Sobe som

E mostra a luta dos médicos e enfermeiros para salvar vidas no hospital de guerra.

Sobe som

Polícia de plantão

Sobe som

Pacientes sob suspeita.

Sobe som do policial “tem qtos anos”

CACO BARCELOS

Feridos que não param de chegar.

Sobe som

Sobe som moradora “minha cabeça tá doendo”

CACO BARCELOS

Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem. Você vê agora no PR

Sobe som do programa

Sobe som clipado

CACO BARCELOS em off

Por sua localização o Getulio Vargas é praticamente um centro de saúde especializado em violência, um hospital de guerra.

Sobe som

CACO BARCELOS com mic

- 9h40 da noite acabam de chegar aqui duas viaturas da polícia. Policiais com armamento pesado...Tudo indica que seja a primeira pessoa baleada nesse plantão de sexta feira à noite.

Sobe som

CACO BARCELOS em off

O hospital fica na penha, zona norte do Rio, perto do Complexo do Alemão. 21 favelas cercam o Getúlio Vargas

- Paciente homem, ferido a bala. Que caso é esse aí tenente podia explicar pra gente? A gente tá acompanhando o plantão do hospital hoje.

LUCIANO ATANIS - TENENTE PM

Correto a gente não pode dar muita informação não. Foi só uma informação que a gente foi verificar e...

CACO BARCELOS

Resistência?

LUCIANO ATANIS - TENENTE PM

Foi houve houve.

CACO BARCELOS

Uma pessoa ferida vcs trouxeram

LUCIANO ATANIS - TENENTE PM

Isso isso uma pistola calibre 9 mm

CACO BARCELOS

De onde que ele veio de que lugar

LUCIANO ATANIS - TENENTE PM

Vigário geral

CACO BARCELOS

Caso de que, de tráfico

LUCIANO ATANIS - TENENTE PM

Isso de tráfico. Tava no trafico, não comprovado tava no trafico a gente chegou e trocou tiros e pegamos...

CACO BARCELOS

Segundo a policia troca de tiros, mas so um lado foi atingido. Os repórteres **GABRIELA LIAM** e **FELIPE GUTIERREZ** estão com os médicos.

Sobe som ANA BÁRBARA DELFINO - CIRURGIÃ

Ta estranho cara...ta estranho...não tem pólvora, ta esquisito.

FELIPE GUTIERREZ em off

Pelo menos três tiros atingiram o homem, um deles na cabeça. A equipe não tem nada a fazer.

ANA BÁRBARA DELFINO - CIRURGIÃ

Esse paciente já chegou aqui deu entrada cadáver e a gente tem que preencher a papelada do IML porque é uma morte violenta tem que passar pelo iml e fazer necropsia.

FELIPE GUTIERREZ

É comum chegar morto aqui?

ANA BÁRBARA DELFINO - CIRURGIÃ

Hoje em dia tem muita arma de alta velocidade, que a gente chama de projétil de alta velocidade, tipo fuzil. E aí nestes casos as lesões são mais graves. Entao aumenta a incidência de pacientes que já chegam cadáveres, já dão entrada cadáveres.

Sobe som choro da família**CACO BARCELOS** em off

Os repórteres **JULIA BANDEIRA** e **CAIO GAVECCHINI** ouvem gritos

Sobe som

Eles estão em frente ao necrotério do hospital

Sobe som família chorando muito**REPÓRTER JULIA BANDEIRA**

Tentamos nos aproximar da família do rapaz morto

Sobe som de choro

Voz em off “não vai falar nada não”

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Depois de algum tempo a irmã aceita gravar uma entrevista

IRMÃ DA VÍTIMA

Falaram que ele estava na casa de um amigo dele que é envolvido e que ele estava lá e a polícia invadiu e saiu metendo tiro em cima dele e do outro.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Leonardo pinho tinha 22 anos. Era soldado da aeronáutica

IRMÃ DA VÍTIMA

- Eu falei pro meu irmão. Se afasta disso porque ele tinha uma carreira linda na aeronáutica

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

O que que ele era?

IRMÃ DA VÍTIMA

Ele ia ser sargento

Sobe som choro

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Ele ta deixando filhos, ele...

Sobe som

IRMÃ DA VÍTIMA

Ele tem dois filhos

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Pequenos?

IRMÃ DA VÍTIMA

É...

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Ele era novo né eu vi.

IRMÃ DA VÍTIMA

Ele vai fazer 23 anos em dezembro

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

23 anos?

IRMÃ DA VÍTIMA

Agora eu to passando na pele o que eu vejo na televisão

Sobe som de sirenes

CACO BARCELOS

Logo na entrada do setor de emergência fica uma sala conhecida como traigem.

Sobe som

É lá que são selecionados os casos mais urgentes.

Sobe som

Os doentes vão para o setor verde do Getulio Vargas com salas separadas para homens, mulheres e crianças. As vítimas de tiros e acidentes são levadas para a sala de trauma, onde nossos repórteres seguem o plantão.

Sobe som

REPÓRTER CAIO GAVECCHINI

Os médicos estão falando com um outro paciente que acabou de chegar. Uma mulher, ela ta consciente e é uma queda de moto como a gente viu aqui.

MEDICO 1

- Tem falta de ar? Dói o peito? Tipo os pacientes que a gente mais vê aqui. E o paciente com queda de moto, sem uso de capacete. A maioria das vezes com uso de bebida alcoólica.

REPÓRTER CAIO GAVECCHINI

Nem bem os médicos terminam um atendimento começa outro

ENÉAS BARREIRA – CIRURGIÃO

Muito acidente de carro, muito atropelado e baleado também

Sobe som “to com Dor de cabeça”

ENÉAS BARREIRA – CIRURGIÃO

A historia e que ela caiu. Não sabe mais nada. Fica uma coisa difícil NE.

Sobe som de alerta

EURI SABINO – MÉDICO CIRURGIÃO

Isso aqui é uma criança que engoliu uma moeda

REPÓRTER CAIO GAVECCHINI

Engoliu uma moeda?

EURI SABINO – MÉDICO CIRURGIÃO

É. Tem uma moeda parada aqui. A gente vai tentar se consegue tirar.

Sobe som do programa

CACO BARCELOS

As repórteres **TAÍSE TAQUINA** e **NATÁLIA FERNANDES** passaram essas 24 horas de plantão nos lugares onde pacientes não tem acesso.

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

Ninguém conhece esses corredores melhor do que eles, os maqueiros

Sobe som

Vcs tão levando esses pacientes aonde?

MAQUEIRO RAMON ROSA

Pra ultrasonografia

Sobe som

Ramon trabalha há oito anos aqui. No caminho ele já vai tentando ajudar os médicos

MAQUEIRO RAMON ROSA

Você não sabe às vezes como ele ta se quebrou alguma coisa ne. Ai vc tem que saber, Ate se ele tiver lúcido vc pergunta ele pra pegar e tudo ne. Tá doendo aonde? Né, que ai ele mesmo fala.

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

Tem casos que vcs tem que andar rápido ne.

MAQUEIRO RAMON ROSA

É quando é, normalmente quando chega um baleado uma coisa assim ai normalmente tem que pegar logo e ir correndo ne.

Sobe som no hospital “maqueiro na sala de trauma; maqueiro sala de trauma”

CACO BARCELOS

Uma família inteira acaba de dar entrada no hospital. Pai, mãe e três filhos. As crianças são levadas para a pediatria.

- O senhor ta examinando duas crianças

MEDICO

É. Duas crianças que acabaram de chegar agora eles foram vitimas de desabamento do teto. E todos apresentam escoriações.

CACO BARCELOS

O terceiro filho esta no raio x, também sendo examinado.

Sobe som dos gritos de choro dele

CACO BARCELOS

Felizmente nenhum deles teve fraturas graves

- como é que a senhora esta agora?

MÃE

Agora aliviada

CACO BARCELOS

É? Foi um acidente que a senhora sofreu?

MÃE

Foi. A laje caiu, a gente tava dormindo.

CACO BARCELOS

Eu fiquei preocupado com ele tava chorando muito quando a gente chegou. Como é que ele ta agora. Como é o nome dele?

MÃE

Ta melhorzinho. Alan.

CACO BARCELOS

Os dois não chegaram a sofrer nada.

MÃE

Não não

Sobe som de alerta e de mudança

REPÓRTER CAIO GAVECCHINI

A menina que engoliu a moeda ta aqui ela ta sendo operada. A gente não pode chegar muito perto, porque vai atrapalhar na cirurgia.

Sobe som da operação

REPÓRTER CAIO GAVECCHINI

Em 16 anos de plantões no Getulio Vargas doutor Sabino se especializou em operar vitimas de tiros.

Sobe som

Este caso é um desafio para a equipe medica.

Sobe som enfermeira “Pegou, de dez centavos” (risos)

REPÓRTER CAIO GAVECCHINI

Pegou?

ENFERMEIRA

De dez centavos a moeda. Corpo estranho, vou botar num saquinho

Sobe som dos médicos se parabenizando

EURI SABINO – MÉDICO CIRURGIÃO

Graças a deus sucesso que bom, a gente fica feliz.

REPÓRTER CAIO GAVECCHINI

Carla tem apenas dois anos

Sobe som do programa de mudança

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

A correria do hospital afeta diretamente este lugar: a farmácia. Mais de 350 remedios diferentes ficam estocados aqui.

Sobe som enfermeiro

Nenhum dos 3?

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

Não tem?

ENFERMEIRO

Nenhum dos 3!

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

E agora

ENFERMEIRO

Comprar na farmácia...

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

É comum acontecer isso?

ENFERMEIRO

Não de vez em qdo acontece. Nem sempre entendeu?

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

O tempo ensinou Andre a conviver com as deficiências da saúde.

ENFERMEIRO ANDRE DA SILVA agora identificado

Você tem que amar a profissão. Que só gostar é pouco. A remuneração é nenhuma. O reconhecimento nenhum. Então se você não tiver um pouco de amor trabalhar so porque você precisa trabalhar você não fica na área da saúde.

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

E aí você chega em casa e como que é?

ENFERMEIRO ANDRE DA SILVA

Chega em casa ainda tem esposa e filho querendo a sua atenção. E vc tem que tentar conciliar tudo isso.

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

A cozinha do hospital fica no solo, distante dos dramas do primeiro andar.

- estão sendo preparados alguns legumes aqui...

Off

Daqui saem refeições para mil pessoas por dia, incluindo pacientes e funcionários. Tudo muito organizado.

FUNCIONARIA DA COZINHA 1

Todos são embalados individualmente

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

O que vc ta fazendo?

COPEIRA

Um pudim diet para os pacientes diabéticos

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

Alguém já te elogiou alguma vez

A agora identificada **CECÍLIA GOMES – COPEIRA**

As pessoas costumam aqui gostam bastante

REPÓRTER TAÍSE TAQUINA

É?

CECÍLIA GOMES – COPEIRA

Principalmente dos pudim. (risos) eu faço como se estivesse fazendo pro meu filho.

Sobe som de mudança

MORADORA

Vimos aqui pra ver se faz alguma coisa pela minha tia pelo amor de deus!

CACO BARCELOS

Sim. É sua tia?

MORADORA

É minha tia to cuidando dela.

CACO BARCELOS

Coitada

MORADORA

Ai meus Deus do céu vê vocês se faz alguma coisa pela minha tia pelo amor de Deus.

CACO BARCELOS em off

Numa sexta-feira à noite como esta os pacientes chegam de todo jeito, o tempo todo.

Sobe som de alerta

- bom parece que é uma situação grave.

Sobe som

- Bom realmente parece que a movimentação das enfermeiras...estão muito preocupadas, já providenciando uma respiração artificial.

Sobe som da reanimação

CACO BARCELOS em off

Os médicos tentam fazer o coração da mulher funcionar. Sem sucesso

Sobe som da moradora chorando “morreu”

CACO BARCELOS

No fim deste plantão o Getulio Vargas atendeu a 248 pessoas na emergência. Quatro pacientes morreram.

- tá acabando o seu plantão?

ENFERMEIRA FABIANA ARAUJO

Já acabou graças a deus. Chegou a minha rendição. Agora a gente ta indo porque ainda vou pro outro ainda.

CACO BARCELOS

Que outro?

ENFERMEIRA FABIANA ARAUJO

Eu trabalho no hemorio

CACO BARCELOS

Aonde?

ENFERMEIRA FABIANA ARAUJO

No Hemorio

CACO BARCELOS

Que é um outro hospital

ENFERMEIRA FABIANA ARAUJO

É um outro hospital publico

CACO BARCELOS

Vc virou 12 horas aqui

ENFERMEIRA FABIANA ARAUJO

Virei 24

CACO BARCELOS

24? Mas vc vai pra casa dormir agora?

ENFERMEIRA FABIANA ARAUJO

Não eu trabalho.

CACO BARCELOS

É mesmo?

ENFERMEIRA FABIANA ARAUJO

Olha a bolsinha?

CACO BARCELOS

Como vc resiste?

ENFERMEIRA FABIANA ARAUJO

Não tem como resistir tem que trabalhar

Sobe som de mudança

CACO BARCELOS

Nossa equipe voltou ao Getulio Vargas na semana passada quando dois policiais militares foram mortos em confrontos com traficantes

Sobe som de alerta

Estranhamos encontrar os corredores do hospital cheios de policia com armas de guerra.

Sobe som

O diretor vê a movimentação com naturalidade

DIRETOR MARCELO SOARES

É comum é comum. Sempre temos aqui a presença da policia aqui no hospital. Estão fazendo uma prisão agora. Reconheceram algumas pessoa sque entraram aqui e ela é uma pessoa que foi reconhecida aqui e ta sendo auttuada e vai ser presa agora

CACO BARCELOS

O suspeito, baleado com três tiros, se recupera na enfermaria masculina. Ele é acusado de ter participado de um tiroteio que levou à morte um dos PMS.

SUPEITO

Eu falei não quero mais nada disso. Eu quero se regenerar.

CACO BARCELOS

Ele conta que perdeu um irmão e um amigo no tiroteio. E quando descobre que a policia esta dentro do hospital se desespera.

- vc viu que tem vários policiais ai te procurando ne.

SUPEITO

Tão me procurando não. Eles vieram aqui reconhecer

CACO BARCELOS

Porque hein?

SUPEITO

Porque eu já fui preso uma vez

CACO BARCELOS

Você tá com medo não?

SUPEITO

Muito com medo muito. Tenho medo de acontecer alguma coisa comigo.

POLICIAL

Muitos que entram como se fosse uma pessoa normal e depois vai ver que é um bicho papão. A gente vai gentilmente e grampeia.

CACO BARCELOS

O inspetor Ernesto é uma espécie de Xerife do Getulio Vargas. Nos o conhecemos na primeira visita ao hospital. Ele circula com liberdade até na sala de emergência.

Sobe som do inspetor

-tem qtos anos? Qtos anos o Sr tem?

RAPAZ

-Eu?

INSPETOR ERNESTO

- Ih pensou muito.

- Cade teu documento?

ENFERMEIRA

Fica calmo rapaz

RAPAZ

Me larga

CACO BARCELOS em off

Fabio foi baleado no braço. O atendimento vira um problema porque ele tem medo de injeção

RAPAZ FABIO agora identificado

Aí tia eu vou começar a quebrar tudo aqui dentro

INSPETOR ERNESTO

A gente vai te algemar. Eu vou te algemar.

Sobe som do Fabio gritando e depois enfermeira “você vai cair rapaz, você vai cair”

Sobe som grito “eu não quero...eu não quero

INSPETOR ERNESTO

-Marceloooo

CACO BARCELOS

Mais calmo, Fabio explica que tem um trauma de infância.

-porque vc não gosta de hospital?

RAPAZ FABIO

Por causa de que minha mãe morreu num hospital quando eu era pequeno

CACO BARCELOS

-A sua mãe morreu num hospital quando você era pequeno

Para o inspetor o trauma de Fabio é conversa de bandido

Qual o perfil mais ou menos do baleado?

INSPETOR ERNESTO RAIMUNDO FILHO

Primeira coisa sem documento. Segunda coisa: diz que foi bala perdida. Terceira: não te encara nos olhos

Sobe som

CACO BARCELOS

No próximo bloco: um dia de guerra entre polícia e traficantes

Sobe som

“e muito tiro cara, não é pouco não”

CACO BARCELOS

Nossa equipe testemunha o espanto dos médicos

MEDICO

A bala ta aqui ó

CACO BARCELOS

E a força de dona Rute

DONA RUTE

Só ta dolorido aqui

Comercial...

HOSPITAL DE GUERRA PARTE 2 – TOTAL 8’42

Sobe som da porta do hospital

CACO BARCELOS em off

Nossa equipe voltou ao Getúlio Vargas num dia de guerra no Complexo do Alemão.

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA com câmera CAIO

- Dá pra ouvir o barulho do tiro?

Sobe som do tiro

Sobe som do funcionário do hospital com o câmera

- Fica lá cara que é melhor

CACO BARCELOS em off

Os repórteres Júlia Bandeira e Caio Gavecchini estão na porta do hospital. São 11 da manhã.

MORADORA 1

- Michel é muito tiro cara não é pouco não

CACO BARCELOS em off

O confronto acontece a 200 metros dali

Sobe som dos tiros

MORADORA 2

- Desde sexta feira minha irmã está internada aqui em estado grave e por conta disso a gente tem assistido essa... essa rajada de tiro todos os dias.

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

- O carro do Bope e o caveirão acabou de descer, desceu da vila cruzeiro

Sobe som

MORADORA 3

- Vão borá! Não quero saber de tiro, quero saber de ir pra casa.

Sobe som musical

CACO BARCELOS em off

Três horas da tarde chega um mulher baleada. Nossos repórteres agora estão na sala de emergência.

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

- Entra aqui, fica aqui. Tem um monte de médico, tá cheio de médico avaliando. Ela tomou um tiro nessa parte...ela tomou um tiro nessa parte do corpo.

ENFERMEIRA 1

Tem só um orifício de entrada, não tem de saída, então vamos ter que fazer outros exames pra poder saber se tem indicação cirúrgica ou não.

Sobe som musical

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

- Dona Rute o que aconteceu com a senhora?

DONA RUTE

Levei um tiro

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

- Tava em casa?

DONA RUTE

Tava trabalhando. Meu patrão queria que eu saísse no meio do tiroteio. Eu falei: não, espera cessar, parar.

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA em off

Rute é uma empregada doméstica de 55 anos. Chegou ao hospital trazida por vizinhos.

Dona Rute tá sendo encaminhada agora pro Raio X. Eles não acharam a saída da bala, só o ponto entrada. Provavelmente a bala tá alojada eles vão radiografar.

Você tá assim porque você tá com frio ou porque você tá nervosa?

MÉDICO 1

Tem um projétil que penetrou, projetiu de fuzil.

Tá atrás do corpo dela provavelmente tá subcutâneo por trás da pela atrás junto à coluna. Então o cirurgião vai tomografar também a gente vai confirmar que não teve nenhuma outra lesão.

Sobe som

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA e MÉDICO 1

- Aqui o projétil tá bem aqui

MÉDICO 2

- Isso tá bem localizado perto da coluna um processo espinhoso

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

E com a tomografia vocês foram averiguar se tinha danos em outros lugares do corpo, é isso?

MÉDICO 1

Sim, um líquido, se te ar, tudo isso.

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

E tem?

MÉDICO 1

No momento não.

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

Impressionante né?

MÉDICO 1

É! Essa aí nasceu.

MÉDICO 2

Tá sentindo alguma coisa?

DONA RUTE

Não só tá dolorido aqui. Só aqui na beiradinha mesmo, só um pouquinho só. O resto nada mais dói.

MÉDICO 2

No meio é o canal medular. A bala tá aqui ó. Bem lateral, então o trajeto dela deve ter sido aqui.

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

Então um centímetro pra cima isso poderia?

MÉDICO ANTÔNIO BELLAS - CIRURGIÃO

Um centímetro pra cima, um centímetro pro lado, UM CENTÍMETRO PRA DENTRO, UM CENTÍMETRO PRA FORA...Passou onde tinha que passar

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

Nenhum problema em viver com isso?

MÉDICO ANTÔNIO BELLAS - CIRURGIÃO

Isso aí não. Faz mais estrago em tirar essa bala do que ela própria provocou.

Sobe som

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

A gente tava aqui e ouviu muito barulho dos tiros e é impressionante né e é impressionante. Agora como é um morador, já tá acostumado?

DONA RUTE

Isso é coisa de rotina. Coisa que acontece mesmo, do dia a dia.

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

Tá cada vez mais comum?

MÉDICO ANTÔNIO BELLAS - CIRURGIÃO

Vivo menos comum, baleados mais comum. Com certeza. Ontem foram 18 né.

MEDICO 3 e MÉDICO ANTÔNIO BELLAS - CIRURGIÃO

Nove mortos

Sobe som

CACO BARCELOS

No hospital de guerra a função do maqueiro vai muito além de empurrar os feridos.

MAQUEIRO ROGÉRIO

- Todo mundo aqui te ajudando

CACO BARCELOS

Na madrugada do nosso plantão no Getúlio Vargas Rogério faz o papel de psicólogo para acalmar Fábio, aquele rapaz que não queria tomar injeção.

Sobe som do choro do rapaz

CACO BARCELOS ANDANDO NO CORREDOR COM O MAQUEIRO

Você sabe que esse aqui é o hospital que mais recebe baleados.

MAQUEIRO ROGÉRIO

É recebe baleado, atropelado, esfaqueado, veneno, cai da ponte, tudo o que o Sr imagina
cai aqui dentro

CACO BARCELOS

O maqueiro é sempre o primeiro a saber da notícia ruim. Você já percebe se quando
chega se tá vivo ou morto?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Não já chega morto porque não é por exemplo assim ta um buraquinho e quando vc vira
as costas...aquele panelão, aquele buraco.

CACO BARCELOS

AQUELE TIRO DE FUZIL

MAQUEIRO ROGÉRIO

Aquele tiro de fuzil, de 762, de pistola...

CACO BARCELOS

Perdeu algum amigo?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Já perdi muito

CACO BARCELOS

Qtos amigos?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Uns dez

CACO BARCELOS em off

Um dia a notícia ruim chegou perto demais de Rogério.

MAQUEIRO ROGÉRIO

Eu peguei o meu próprio sobrinho

CACO BARCELOS

De que jeito foi?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Baleado

CACO BARCELOS

Onde estava o...

MAQUEIRO ROGÉRIO

Dentro do caveirão. Quando eu puxei era ele. A gente não esperava que a gente ia pegar
um próprio familiar da gente...tomar aquele choque.

CACO BARCELOS

Rogério mora em uma das favelas do complexo do alemão. Por isso quase sempre é ele quem leva notícia ruim pra comunidade.

MAQUEIRO ROGÉRIO

Eu fui lá e falei com a minha irmã.

CACO BARCELOS

Sua irmã?

MAQUEIRO ROGÉRIO

É. Fabiano acabou de falecer agora.

CACO BARCELOS

Voltou pro trabalho?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Voltei pro trabalho.

CACO BARCELOS

Vc conseguiu trabalhar mesmo assim?

MAQUEIRO ROGÉRIO

Tem que trabalhar, fazer o que?

CACO BARCELOS EM OFF

Comunicador, psicólogo, maqueiro. Em troca de um salário de 300 reais.

Sobe som de corte

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

Nessa sala aqui há 3 rapazes que foram vítimas de ferimentos por bala.

OFF

Um dos jovens passou por uma cirurgia para reconstruir o braço. Ao lado está Alexandro de 17 anos.

ALEXSANDRO ALVES – AJUDANTE DE PEDREIRO

Quando eu saí com o pão na padaria, quando eu saí com o pão eu só senti aquela dor nas costas? Aquela dor e aquela pancada que começou a arder quando botei a MÃO, e quando botei a mÃO começou aquela buracão aqui na frente...e pensei que ia morrer né.

Na hora falou pô sou novo, vou morrer e penso na minha mãe né.

MÃE CHORANDO

Muita violência

MÉDICO 4

A radiografia de hoje ele tá normal, não tem nenhum sinal de lesão pulmonar nem nada então eu to...vou reavaliar ele agora, vou auscultar ele direitinho a gente deve dar alta pra ele

ALEXSANDRO ALVES – AJUDANTE DE PEDREIRO

E eu vou respirar um pouco o ar. Porque ficar dentro do hospital não dá não.

Sobe som da saída

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA EM OFF

Poucos baleados saem daqui no dia seguinte, como Alexandro. Ou podem reagir com o bom humor de Dona Rute.

DONA RUTE

Bala não anda não, não vai me prejudicar mais tarde não?

Médico bellas

Bala tem perna?

DONA RUTE

A minha deve ter

MÉDICO ANTÔNIO BELLAS - CIRURGIÃO

Bala tem cara, tem perna.

DONA RUTE

Mas a minha deve ter

MÉDICO ANTÔNIO BELLAS - CIRURGIÃO

Tá nega. Então vamo dormir aí hoje e amanhã toma café e vai pra casa.

DONA RUTE

Tá

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA NA RUA

Será que ela vai reconhecer a gente?

Sobe som

Bom a dona Rute já recebeu alta e agente veio encontrar ela aqui. A gente não pode subir na casa dela nem onde ela trabalha porque não dá pra entrar na comunidade então a gente vai ficar esperando ela aqui nessa esquina. Olá Rute...

DONA RUTE

Tudo bem?

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

Como foi a recuperação?

DONA RUTE

Ah foi ótima menos de uma semana já estava andando pintando e fui até trabalhar.

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

O impressionante acho que pra mim e pro Caio é o bom humor da senhora. Que segredo é esse? De onde vem?

DONA RUTE

Ah sei lá. É que eu fui nascida e criada aqui né. Nascida e criada. Então eu to acostumada com tudo, com os fatos que acontecem então eu já estou acostumada com tudo.

CAIO GAVECCHINI PERGUNTANDO

Depois do tiro que a senhora tomou quantos tiroteios já teve lá?

DONA RUTE

Depois do meu? Só um só. Só um tiroteio só

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

O que que a sra faz agora quando ouve?

DONA RUTE

Ah eu fico nervosa corro pra debaixo da cama...(risos)

REPÓRTER JÚLIA BANDEIRA

A sra só sente dor quando?

DONA RUTE

Ah quando o tempo muda. Vamos supor...vai chover...aí me dá aquela dorzinha enjoada, fico sentindo aquela dorzinha enjoada assim. É sou a previsão do tempo (risos). A bala perdida.

O pessoal me chama de bala perdida.

Sobe som

CACO BARCELOS em off

As balas da guerra urbana no Rio de Janeiro levaram 300 pessoas ao Getulio Vargas nos primeiros meses do ano.

Sobe som

Em nenhum outro hospital do país os médicos atendem a tantas vítimas de tiro

Sobe créditos

Nossa equipe está nas ruas para gravar as próximas reportagens. Se vc quiser sugerir um tema para o PR acesse o nosso site. Participe. Até terça feira que vem.

A VIDA NA LINHA DE TIRO PARTE RIO DE JANEIRO – TOTAL 5’58

CACO BARCELOS em off

Uma cidade sitiada. O drama de quem vive entre fogo cruzado entre polícia e traficantes no Rio de Janeiro

Sobe som

PROFESSORA MOSTRANDO BALAS

Isso aqui são 23 anos nesta escola.

CACO BARCELOS

Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem. Agora no PR
4’20

Depois do sobe som de mudança

CACO BARCELOS em off

Rio de Janeiro. Inocentes mortos em operações policiais.

Sobe som

Sobe som Reportagens da Globo Sandra Passarinho

“Luiz Carlos foi atingido por 3 disparos”

Sobe som vítima na reportagem

Eles vieram pra executar a gente, que polícia é essa?

Outra reportagem Bete Lucchese

E um motoboy que descia a rua para comprar doces para as filhas caiu morto.

CACO BARCELOS em off

Policiais mortos no trabalho

Outra reportagem Fabiano Vilela

Os vizinhos ouviram mais de 15 disparos

CACO BARCELOS em off

Nas salas de aula alunos e professores com medo de morrer

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Vocês tem medo

ALUNO 1

Porra tem né

ALUNO 2

Deram uns tiro todo mundo ficou assustado assim apavorado gritando

CACO BARCELOS em off

A repórter **JULIA BANDEIRA** mostra o dia a dia das crianças na linha de tiro entre policiais e traficantes.

PROFESSORA DIRETORA

Cada hora eu via mais uma chegar na minha sala com sangue

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Mais de 200 escolas estão em áreas consideradas de risco.

PROFESSOR

Como se você estivesse numa guerra.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

No Rio de Janeiro e na baixada fluminense 75 pessoas foram vítimas de balas perdidas nos três primeiros meses deste ano e de janeiro a abril 500 morreram nas mãos da polícia.

Sobe som

Esta escola aqui ela fica bem no na entrada do complexo do alemão. Em 2006 ela foi alvo, ficou na linha de tiro num conflito que teve entre policiais e traficantes e muitos alunos aqui da escola foram feridos a bala.

Sobe som de polícia

DINALVA GURGEL – DIRETORA DA ESCOLA

E de repente começou muito tiro. Houve um confronto e nós estávamos aqui, com 150 crianças. Foram os 15 minutos mas o suficiente pra deixar 17 crianças feridas.

Sobe som

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Sandra dava aula de matemática quando os tiros começaram

SANDRA MENEZES– PROFESSORA

Aqui tem uma marca, a gente pintou, mas mesmo assim ainda tem aqui e aqui no chão olha. Aqui bem... bem próximo rente ao chão. Nos jogamos pela sala um ABRAÇADO com o outro bem baixinho. Achávamos que no chão estaríamos fora da linha de tiro. Mas foi justamente no chão é que fomos atingidos.

KARINY SANTANA – ESTUDANTE

Aí veio só pavor na minha cabeça. Comecei a chorar, todo mundo começou a chorar.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Tem a marca, você ficou com a marca.

KARINY SANTANA – ESTUDANTE

Tem. Foi aqui na minha Mao.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Foi um estilhaço

KARINY SANTANA – ESTUDANTE

Foi. E eu também fiquei toda queimada no rosto, na perna, porque estourou perto de mim.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA em off

Foi o caso mais grave na história da escola.

- o que dá pra falar disso aqui?

SANDRA MENEZES– PROFESSORA

Isso aqui são 23 anos nesta escola que a gente recolhia.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA em off

23 anos de balas perdidas.

-porque que você guarda?

SANDRA MENEZES– PROFESSORA

É recolher pra não deixar a vista das crianças pra que eles não vivam essa realidade que já é tão forte na vida deles né.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA em off

300 alunos estudam aqui. O risco é diário.

SANDRA MENEZES– PROFESSORA

A tecnologia deles ficou mais apurada. As armas que a gente vê passar por aqui são imensas.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA em off

Tanto que durante nossa reportagem...

SANDRA MENEZES– PROFESSORA

Eu dei aula assim que passei no concurso

Sobe som

Oh isso aí é um problema

REPÓRTER JULIA BANDEIRA em off

Um tiro fez a professora Sandra interromper a entrevista

Sobe som voltando a fita e repete

SANDRA MENEZES– PROFESSORA

Eu dei aula assim que passei no concurso

Sobe som

Oh isso aí é um problema

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

O que que é?

SANDRA MENEZES– PROFESSORA

Voce escutou um barulhinho?

Sobe som de mudança aos 7`30

Volta 9`02

PROFESSOR

Eu não posso, eu não posso, não pode filmar. Tá? Eu preciso de autorização da coordenadoria.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Gravar nas escolas cariocas que ficam na mira dos tiros foi difícil. Fomos barrados ate mesmo neste colégio desativado há mais de um ano na zona norte do rio de janeiro. Mesmo sem poder entrar é fácil notar as marcas nas paredes.

-prazer, tudo bem?

As três filhas de Tatiana estudavam aqui.

- Você tirou justamente porque tava tendo muito...

TATIANA

Tiroteio

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

-Você mora aqui do lado

TATIANA

-Moro

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

A casa da senhora também tem marca de tiro?

TATIANA

Sim.

Sobe som de alerta

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Tem duas ne daqui da pra gente ver.

TATIANA

No muro aqui também bastante tiro

Sobe som de alerta

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Acontecia isso que a mamãe tá falando?

Filha

Acontecia a gente ate chorava de tanto medo

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Na hora que ouvia que que a professora falava pra fazer

FILHA

FALAVA PRA GENTE FICAR CALMA, mas a minha não ficava a gente chorava aí fazia a gente chorar a gente chorava mais ainda. Aí meu padrasto também ia buscara gente. Não adiantava a gente sempre que tinha um tiroteio aqui todo mundo ficava nervoso.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

O que que passa na cabeça da mãe?

TATIANA

Medo...nossos filhos ser atingidos, né, de acontecer alguma coisa.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

A violência que atinge os alunos também afeta os professores.

- Roberto você deu aula nesta escola quantos anos?

PROFESSOR ROBERTO

Dois anos e três meses por aí

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Aqui foi a última escola que você deu aula

PROFESSOR ROBERTO

A última. Foi a última escola.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

A escola fica em Duque de Caxias na baixada fluminense

Sobe som

Em 2004 Roberto viu uma cena que gostaria de esquecer

- Eu percebo que é difícil pra você falar disso

PROFESSOR ROBERTO SERRANO

É. É difícil, inclusive, você não consegue encontrar as palavras ne pra iniciar. Ficou como se fosse um bloqueio.

Sobe som**REPÓRTER JULIA BANDEIRA**

Ele viu um aluno sendo torturado por um traficante.

PROFESSOR ROBERTO SERRANO

Foi até um dia que eu fui até o médico, eu não tava mais dormindo

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

E nunca se recuperou.

PROFESSOR ROBERTO SERRANO

É uma sensação de pânico, de medo, de impotência, de tudo. E aí você chega no local de trabalho e você começa a sentir aquele cala frio, aquela angústia. Você perde o controle.

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Roberto precisa tomar 4 remédios, todo dia.

PROFESSOR ROBERTO SERRANO

Ai me afastei, ai entrei de licença e isso tem quase dois anos de licença. É a perícia disse que eu não tinha condições de voltar

REPÓRTER JULIA BANDEIRA

Ele será aposentado. Aos 39 anos!

PROFESSOR ROBERTO SERRANO

As pessoas olham pra você e dizem. Esse cara não tem nada, ele tá bem. Tá andando, tá corado, tá forte. Mas o seu interior não tem como ver isso né.

Sobe som 11´44